

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ENDERSON MEDEIROS

A história de Goiás segundo Zoroastro Artiaga

Goiânia
2016

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS (TEDE) NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **Dissertação** **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação

Autor (a):	Enderson Medeiros		
E-mail:	enderbass@hotmail.com		
Seu e-mail pode ser disponibilizado na página?	<input checked="" type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não	
Vínculo empregatício do autor	Servidor público		
Agência de fomento:		Sigla:	
País:	UF:	CNPJ:	
Título:	A história de Goiás segundo Zoroastro Artiaga		
Palavras-chave:	História de Goiás, Imprensa, Intelectuais, Regionalismo, Zoroastro Artiaga, Nacionalismo, Memória.		
Título em outra língua:	The history of Goiás as Zoroaster Artiaga.		
Palavras-chave em outra língua:	History of Goiás, Press, Intellectuals, Nationalism, Memory.		
Área de concentração:	História, memória e imaginários sociais.		
Data defesa: (dd/mm/aaaa)	03/03/2016		
Programa de Pós-Graduação:	História		
Orientador (a):	Noé Freire Sandes		
E-mail:	noefsandes@uol.com.br		
Co-orientador (a):*			
E-mail:			

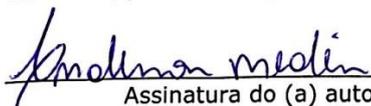
*Necessita do CPF quando não constar no SisPG

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF ou DOC da tese ou dissertação.

O sistema da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações garante aos autores, que os arquivos contendo eletronicamente as teses e ou dissertações, antes de sua disponibilização, receberão procedimentos de segurança, criptografia (para não permitir cópia e extração de conteúdo, permitindo apenas impressão fraca) usando o padrão do Acrobat.


 Assinatura do (a) autor (a)

Data: 15 / 03 / 2016

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ENDERSON MEDEIROS

A história de Goiás segundo Zoroastro Artiaga

Linha de pesquisa: História, memória e imaginários sociais

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Noé Freire Sandes

Goiânia
2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

M488a Medeiros, Enderson, 1983-
A história de Goiás segundo Zoroastro Artiaga [manuscrito] /
Enderson Medeiros. – Goiânia: [s.n.], 2016.
170 f.: fig.; graf.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Goiás,
Depto. de História, 2015.

Orientador: Prof. Dr. Noé Freire Sandes.

1. História de Goiás. 2. Memória. 3. Historiografia. 4. Nacionalismo. 5.
Imprensa. 6. Artiaga, Zoroastro. I. Sandes, Noé Freire. II. Universidade
Federal de Goiás, Faculdade de História. III. Título.

CDU: 94(817.3)

ENDERSON MEDEIROS

A história de Goiás segundo Zoroastro Artiaga

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de Mestre em História. No dia 03 de março de 2016, às 16:00 horas, a Banca Examinadora passou a julgamento, em sessão secreta, tendo o candidato sido APROVADO.

Prof. Dr. Noé Freire Sandes
Universidade Federal de Goiás (Presidente)

Prof. Dr. Cristiano A. Arrais
Universidade Federal de Goiás (UFG)

Prof. Dr. Eliézer C. de Oliveira
Universidade Estadual de Goiás (UEG)

Aprovada em: 03/03/2016

Local de defesa: Mini auditório Faculdade de História

A Eliana, Cauã e Lana, razões singelas de meu viver.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao mestre Raimundo Irineu Serra Juramidam por ter me ensinado amar a Deus no silêncio profundo de meu viver. Gratidão!

Ao professor dr. Noé Freire Sandes por acreditar em meu projeto e ter sabiamente me orientado. Gratidão eterna, mestre!

À minha esposa Eliana, fina flor que acalma e torna todos os meus dias mais felizes. Gratidão por me acompanhar nesse plano terreno!

Aos diversos amigos que me auxiliaram, entre eles, o grande historiador de Goiás, Antônio César Caldas Pinheiro; o filósofo que honra seu título cotidianamente, Marcos Antonio Batista de Sousa; o anarquista legítimo do cerrado, Mauro Cruz; a doce professora de língua portuguesa, Gabriela Carvalho Carneiro; e a talentosa soprano, Paula Arnez. Gratidão eterna!

Aos membros do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, fundamentalmente, ao presidente Geraldo Coelho Vaz pelas frutíferas conversas.

Aos colegas de trabalho por compreenderem a dimensão do saber histórico.

Enfim, às diversas pessoas que, generosamente e de várias maneiras, me estenderam as mãos. Sem vocês, esta dissertação não se integralizaria. Recebam, pois, minha gratidão no terceiro nível de São Tomás de Aquino.

Por fim, aos meus amados filhos, por me ensinarem todos os dias como se vive aqui na Terra!

RESUMO

As obras escritas e designadas como história de Goiás, elaboradas por autores goianos da primeira metade do século XX, foram produzidas no esforço de representar a história da região, primando pela preservação e documentação do passado do povo goiano. Tais obras sublinham a formação de um sentimento de identidade que passa por uma constante negociação entre memória e história. Seus autores se tornaram referência para o estudo da história regional e semearam, no conjunto de suas obras, as representações políticas e culturais da sociedade goiana. Partindo dessas considerações, a investigação desta dissertação centrou-se na escrita de história de um dos partícipes dessa geração de intelectuais goianos, Zoroastro Artiaga, principalmente, em seus artigos publicados no jornal *Folha de Goiaz*, cujo recorte se deu entre os anos de 1967 e 1968. O objetivo geral foi compreender como as narrativas sobre o passado de Goiás escritas pelos intelectuais goianos da primeira metade do século XX se transformaram em História de Goiás. Permeando questões sobre o sentido da atuação do referido autor na representação da história da região e os interesses presentes na publicação de uma coluna diária acerca da história de Goiás, a pesquisa buscou caracterizar a trajetória de Zoroastro Artiaga, tentando compreender como o autor se projetou como intelectual goiano e, depois, como historiador. Esse processo foi explorado no exercício de interrogar-se sobre o que tornou possível e pensável a trajetória de Zoroastro Artiaga em um dado contexto, examinando e empreendendo a crítica da lógica interna do discurso/documento e comparando com os discursos dos outros atores que escreveram sobre esse agente histórico. Ao focar o contexto de vinculação da personalidade de Zoroastro Artiaga com uma geração de intelectuais que demarcavam na imprensa seu espaço de publicação, a investigação percorreu a configuração da coluna diária História de Goiás publicada no jornal *Folha de Goiaz*. Desse modo, o eixo de reflexão procurou localizar uma lógica interna nos modos de produção desses escritos e na concepção de pensar a história. Além disso, discute como a representação da história goiana construída por Zoroastro Artiaga selecionou um conjunto de temas voltados para se pensar a história da região, enfatizados por valores políticos e culturais e mediados pelo olhar para o passado com vistas no presente.

Palavras-chave: História de Goiás, Imprensa, Intelectuais, Regionalismo, Zoroastro Artiaga, Nacionalismo, Memória.

ABSTRACT

The written works referred to as ‘History of Goiás’, developed by local authors during the first half of the twentieth century, were produced in an effort to represent the history of the region, striving to preserve and document the past of the people of Goiás. These works emphasize the formation of a sense of identity, running through a constant negotiation between memory and history. These authors have become references in the study of the regional history and the collection of their works has seeded the political and cultural representations of Goiás society. Based on these considerations, the focus of this dissertation took special interest in the written history of one of the participants of this generation of Goiás intellectuals, Zoroaster Artiaga, mainly his articles published in the newspaper “Folha de Goiaz”, covering a period between 1967 and 1968. The overall goal here was to understand how the narratives about the past of Goiás, written by intellectuals of the first half of the twentieth century, have become ‘History of Goiás’. Permeating questions about the meaning of the said author’s role in the representation of the region’s history and the interests involved in the publication of a daily column about the history of Goiás, the study seeks to characterize the trajectory of Zoroaster Artiaga, trying to understand how the author projects himself as a Goiás intellectual, and then as a historian. This process is explored by an exercise of imagining what made possible and understandable Zoroaster Artiaga’s trajectory in a given context, examining and undertaking the review of his internal logic in discourse / document, as compared it with the discourses of other actors who have written about this same historical agent. By focusing on the context of linking Artiaga Zoroaster’s personality with a generation of intellectuals who demarcated their public action through the press, the present investigation covers the setting of the daily column “History of Goiás”, published in newspaper “Folha de Goyaz”. Thus, the axis of the reflection here tries to locate an internal logic in the mode of production of these writings and a way of thinking about history. Furthermore, it discusses how the representation of Goiás history built by Zoroaster Artiaga selected a set of themes, related in order to think about the history of the region, emphasized by political and cultural values, and mediated by looking at the past with a view on the present.

Keywords: History of Goiás, Press, Intellectuals, Nationalism, Memory.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 ZOROASTRO ARTIAGA: ENTRE O ESPAÇO PÚBLICO E O PRIVADO	19
1.1 Zoroastro Artiaga: a imagem do homem público	20
1.2 O homem público e a imprensa	31
1.3 Um intelectual a serviço do estado	44
2 HISTÓRIA, INTELECTUAIS E IMPRENSA	57
2.1 Como se escreve a história de Goiás: de Americano do Brasil a Zoroastro Artiaga	73
2.2 Imprensa goiana: intelectuais, poder e política	82
2.3 A coluna de história de Zoroastro Artiaga no <i>Folha de Goiaz</i>	92
3 CONCEPÇÕES DA HISTÓRIA DE GOIÁS SEGUNDO ZOROASTRO ARTIAGA	99
3.1 Fundação de Goiás	101
3.2 Política e administração do estado de Goiás	115
3.3 Fundação de Goiânia	128
3.4 Construção de Brasília e a transferência da capital	132
3.5 Construção biográfica de grandes vultos culturais e políticos para a história goiana	134
3.6 História da Igreja Católica em Goiás	137
3.7 Zoroastro Artiaga: visão de história e legado histórico	140
CONSIDERAÇÕES FINAIS	148
FONTES	152
REFERÊNCIAS	160

INTRODUÇÃO

Os registros da história goiana efetuados por autores como Zoroastro Artiaga, Colemar Natal e Silva e Antônio Americano do Brasil, difundidos em livros e periódicos no intuito de preservar e documentar o passado do povo de Goiás, sublinham a formação de um sentimento de identidade que passa por uma constante negociação entre memória e história. Tais autores se tornaram referências para o estudo da história regional e semearam, no conjunto de suas obras, as representações políticas e culturais da sociedade goiana. Nessa construção da identidade regional, nota-se o emparelhamento sobre os conceitos de nação e região na construção de uma narrativa¹ em que a região requisita para si a atenção do poder do Estado.

A necessidade de edificar um sentido para o presente faz da memória matéria-prima para a imaginação regional. Essa necessidade, segundo Sandes (2002), remete ao século XIX, momento em que as representações regionais buscam “marcos de fundação capazes de atribuir homogeneidade ao essencialmente diverso” (SANDES, 2002, p. 17). O passado escolhido e vivido é dado a ler no plano coletivo, e o esforço realizado para interpretá-lo nos coloca diante da complexa relação entre a história e a memória.

Sobre a questão da memória histórica, Eric Hobsbawn pontua que

Todo ser humano tem consciência do passado (definido como o período imediatamente anterior aos eventos registrados na memória de um indivíduo) em virtude de viver com pessoas mais velhas. Provavelmente todas as sociedades que interessam ao historiador tenham um passado, pois mesmo as colônias mais inovadoras são povoadas por pessoas oriundas de alguma sociedade que já conta com uma longa história. Ser membro de uma comunidade humana é situar-se em relação ao seu passado (ou da comunidade), ainda que apenas para rejeitá-lo. O passado é, portanto, uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana. O problema para os historiadores é analisar a natureza desse “sentido do passado” na sociedade e localizar suas mudanças e transformações (HOBSBAWN, 1998, p. 22).

Sabemos que o conhecimento do passado e seu sentido têm servido muitas vezes para legitimar relações de poder ou mesmo para justificar reivindicações sociais. Contudo, em última instância, ele é matéria básica para a construção de identidades individuais e coletivas definidoras do pertencimento do indivíduo em um grupo.

Assim, ao questionarmos sobre como essas imagens do passado se formam em nós, seguramente nos aproximaremos das relações entre a história e a memória como suportes da

¹ A ideia de narrativa é utilizada aqui como um discurso sobre o passado no qual o narrador tem a pretensão de apresentar os fatos e eventos como realmente aconteceram.

construção de uma identidade coletiva. É notório que, em cada um de nós, a recordação se altera sob o peso das influências do presente; isso porque, com o transcurso do tempo, as imagens que guardamos sobre o passado comumente se modificam. Tal perspectiva também se encontra no âmbito do conhecimento histórico, uma vez que a história pode ser concebida como um produto cultural das sociedades humanas em constante criação e recriação.

Para Sandes (2002), a memória traduz um sentido de comunidade afetiva capaz de criar identidades. Candau (2011), por sua vez, relata que

A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa (CANDAUI, 2011, p. 16).

Nessa perspectiva, a memória não é somente fonte para história, uma vez que é uma das ferramentas que repõem, no espaço público, o indício e o rastro de um complexo mapa criptografado com base na ordenação de uma cultura histórica². Nessa mesma direção, Sandes (2002) indica importantes pistas capazes de detectar a maneira pela qual a historiografia goiana, desde o século XIX, refletiu acerca de sua identidade:

[...] a formação de uma história nacional assumiu o objetivo de redimensionar as identidades locais em torno de um projeto narrativo com capacidade de agregar a diversidade das experiências sociais e de fixar uma temporalidade que expressasse a passagem da ordem colonial a nacional (SANDES, 2002, p. 18).

Tais premissas são oportunas e estimulantes para o início de nossa pesquisa acerca do modo como os homens de letras do início do século XX se propuseram a refletir e registrar a escrita do passado de Goiás³.

Nesse sentido, buscamos compreender como as narrativas sobre o passado goiano, escritas pelos intelectuais⁴ da primeira metade do século XX, assumiram nova feição e se transformaram em história. Interessa-nos, portanto, demarcar o centro de nossa investigação,

² Ao nos apropriarmos do conceito “cultura histórica”, estamos nos remetendo a Le Goff (1990), que o compreende como o modo de os homens construir e reconstruir seu passado, ou seja, o lugar ocupado pelo passado nas sociedades e como elas refletem sobre esse passado e expressam o que pensam.

³ É importante considerar que a produção histórica não é exclusiva dos historiadores profissionais, uma vez que outros sujeitos se dedicam a reconectar, ordenar, narrar e transmitir distintas versões do passado.

⁴ O conceito de intelectual está sendo empregado com base nos estudos de Sirinelli (2003), que apresenta duas acepções do intelectual: uma ampla e sociocultural, englobando os criadores e os “mediadores” culturais, e outra mais estreita, baseada na noção de engajamento. No primeiro caso, estão tanto o jornalista quanto o escritor, o professor secundário quanto o erudito. No segundo caso, estão os atores, que, pela notoriedade e especialização reconhecida pela sociedade em que vivem, legitimam sua intervenção no debate da cidade, no qual o intelectual se põe a serviço da causa que defende.

qual seja: a produção de um passado para Goiás, com especial interesse pela escrita de Zoroastro Artiaga. A questão incide em sublinhar o sentido da escrita de Artiaga no espaço de negociação entre memória e história com base, principalmente, em seus artigos publicados no jornal *Folha de Goiaz* entre os anos de 1967 e 1968⁵.

A escolha desse autor se fundamenta em dois fatores: o primeiro decorre da estreita relação entre sua expressiva produção intelectual e a escrita da história da região. O segundo relaciona-se às seguintes indagações: quais os interesses presentes na publicação de uma coluna diária sobre a história de Goiás? Que peso tem a atuação do referido autor na representação da história local?

Junto a essas questões, é imprescindível destacar a presença de uma memória histórica⁶ na região, que se desenvolve numa continuidade linear e progressiva. Memória e história se entrelaçam, assim, na complexidade de uma escrita do passado demarcada por uma ação política em determinado tempo e espaço. Nesse sentido, a memória histórica ordena quadros de representação do tempo, que se impõem ao mundo social pelo reconhecimento de um saber produzido por intelectuais e difundido na imprensa ou no restrito mercado de bens simbólicos da região. Por fim, esses esquemas mentais encontram, nos manuais escolares, uma forma de ampla difusão no meio social. O esquema abstrato de representação do tempo histórico assume, dessa maneira, um sentido coletivo e ordenador das identidades regionais e nacionais.

O alargamento dessa concepção, aliado ao conceito de memória coletiva apregoado por Halbwachs (2006), contribui para uma apreensão acurada da intenção memorial presente nos artigos de Zoroastro Artiaga. Tal intenção se apresenta quando esse autor utiliza sua vivência na época como estratégia para a difusão de valores e de ações dirigidas pela sua própria geração; por exemplo, a construção de Goiânia e a mudança da capital federal para Brasília. Paralelamente, Zoroastro constrói uma ponte com o passado ao dialogar com Americano do Brasil e Colemar Natal e Silva. Artiaga assume, enfim, o papel de divulgador de um conhecimento sobre Goiás nas páginas do jornal *Folha de Goiaz* e em seus livros de história, retomando o terreno da tradição e avançando para a leitura do presente, sempre, contudo, munido de lentes conservadoras.

⁵ Os artigos do *Folha de Goiaz* de 1968 utilizados e citados como fonte de reflexão nesta dissertação virão em uma ordem autor, ano, mês e dia, visto que o acréscimo de letras minúsculas, em ordem alfabética, conforme recomenda a NBR 10520, não pode ser seguido por conta do número de documentos citados exceder o alfabeto.

⁶ A expressão “memória histórica” remete aqui aos estudos de Sandes (2011), que elucida a expressão como espaço de negociação em torno do passado ao recriar representações capazes de remontar narrativas que ordenam a cultura histórica.

Em Goiás, nas primeiras décadas do século XX, o papel de uma escrita da história se entrelaça a uma configuração memorialística na construção da identidade goiana, por meio da apropriação⁷ de um passado pautado sobre interesses que se erguem no presente e se dirigem ao futuro. Assim, invenções, polêmicas e manipulações não faltam para que se alcance o objetivo de forjar uma “verdade” histórica que edifique uma memória histórica. Exemplos desse tipo de abordagem se fazem presentes nas buscas genealógicas, que tentam legitimar o lastro da “família goiana”. Decorrem dessa abordagem o interesse de Victor de Carvalho Ramos (1925) em demarcar a data de criação do estado e a preocupação de Derval Alves de Castro (1933) em identificar o fundador da cidade de Itaberaí numa narrativa que difere de toda a documentação a respeito da fundação da cidade, como nos mostra o estudo de Pinheiro (2010). A disputa pela “verdade histórica” com base em prova documental envolve, ainda, a obra de Taunay, *Primeiros anos da Província de Goiaz*, publicada em 1950, na qual menciona, como referência, autores goianos, entre eles Colemar Natal e Silva, Americano do Brasil, Henrique Silva e o cônego José Trindade, ainda que no intuito de refutar seus argumentos.

É nesse âmbito que procuramos compreender como a história de Goiás foi representada no discurso de Zoroastro Artiaga. A preocupação é identificar os marcadores discursivos presentes em sua escrita a fim de refletir sobre a narrativa dos eventos que contribuíram para a construção e formação de Goiás.

Para Machado,

[...] as concepções de história reafirma[m]-se no princípio da indissociabilidade entre contexto social vivido/capital cultural simbólico e as motivações para escrever (traduzindo-se nas articulações entre poder e cultura), que se materializa na busca de elementos de identificação e diferenciação, guiada pela consciência histórica de elite cultural, visando à construção de identidade de coletividade e lugares pela escrita da história (MACHADO, 2001, p. 66).

Uma consideração vital a respeito da historiografia é que a própria historicidade da disciplina história pode ser vítima das artimanhas do tempo presente e do peso, do “fardo da memória” (REVEL, 2011, p. 249).

Nessa complexa relação entre a memória e suas “re-presentações” sobre o passado, devem-se ressaltar as demandas e contingências do tempo presente, conforme pontua Fernando Catroga:

⁷A ideia de apropriação acompanha os pressupostos de Chartier (2001, p. 67) “[...] apropriar-se é estabelecer a propriedade sobre algo [...]. Desta maneira, o conceito de apropriação pode misturar o controle e a invenção, pode articular a imposição de um sentido e a produção de novos sentidos”.

Tanto a recordação como a historiografia constroem re-presentificações a partir da interrogação de indícios e traços; e fazem-no dentro de uma experiência de tempo que é indissociável da memória e das expectativas. O que implica a existência, em ambas, do mesmo intento de ordenar (retrospectivamente) o caos dos acontecimentos. E, como tudo isso é mediado pelo presente, o recordar e o historiar oferecem ao passado um mundo aberto de possibilidades (CATROGA, 2001, p. 57).

Com base nesse argumento, podemos afirmar que nenhuma existência escapa da condição inexorável do tempo; contudo, a memória carrega marcas de um passado que exige interpretação. Candau (2011) avalia que, por meio da retrospectão, o homem aprende a suportar a temporalidade, reunindo vestígios do que foi para construir uma nova imagem que poderá talvez ajudá-lo a encarar sua vida presente.

Percebe-se, nesse exercício de retrospectão, a presença de um conceito fundamental: o de representação. Roger Chartier analisa esse conceito com base em sua eficácia simbólica ao precisar sua ação como o “modo em que diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 17).

Com base nessa observação de Chartier, é possível acompanhar a ideia de destino presente na escrita de Zoroastro Artiaga, que tem como intuito ordenar as balizas do tempo e da história da região que expressam um sentimento de identidade⁸. Um sentimento em que a relação nação e região exprime um laço cultural e político, que une numa só “comunidade política todos aqueles que partilham uma terra de origem e cultura histórica” (SMITH, 1997, p. 29).

Assim, a proposta de se escrever história formula, de maneira persistente e contínua, a ideia de unificar discursos em prol de uma memória (nesse caso, goiana), uma tradição, um sentimento de pertencimento, uma relação com o lugar, naquilo que Anthony Smith denomina de “territorialization of memory”, que indica um processo no qual o território se torna um referente para a recordação e para o sentimento de identidade nacional (SMITH, 1999, p. 151).

⁸ Os conceitos de identidade nacional e nacionalismo vão ser pautados com base nos pressupostos de Smith (1997), que trabalha a concepção de identidade nacional como fenômeno social coletivo, implicando numa consciência de comunidade política, que, por sua vez, subentende pelo menos algumas instituições comuns e um único código de direitos e deveres para todos os membros da comunidade. Sugere também um espaço social claro, um território bem demarcado e limitado, com o qual os membros se identificam e ao qual sentem que pertencem. Já o nacionalismo, como linguagem e simbolismo, é trabalhado por Smith (1997) como um fenômeno de elite, um movimento ideológico para alcançar e manter a autonomia, a unidade e a identidade de uma nação, em que os intelectuais desempenham um papel preponderante.

Sendo assim, o passo inicial da pesquisa se voltou para a necessidade de selecionar um repertório de fontes⁹ com base nos locais de sua produção e na natureza dos acervos em que se encontram os escritos de Zoroastro Artiaga, sendo selecionados onze locais físicos e quatro bases de dados virtuais. Segue a relação desses locais:

a) **Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG)**: nesse local, encontram-se parte dos escritos do autor publicados no jornal *Folha de Goiaz*, atas das reuniões de quando Zoroastro foi presidente do IHGG e um artigo autobiográfico publicado na revista do IHGG, n.14, de 1980.

b) **Museu Estadual Professor Zoroastro Artiaga**: nesse local, recuperamos parte de sua bibliografia publicada, além de bonecos de livros escritos por ele e não publicados. Encontramos, ainda, fotos, recortes de jornais com matérias sobre Zoroastro Artiaga, cartas e um *curriculum vitae* do patrono da instituição, produzido pelo próprio museu.

c) **Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central (IPEHBC)**: esse local abriga parte de sua bibliografia publicada, jornais microfilmados com publicações de Zoroastro, fotografias, livros nos quais contemporâneos e outros autores escreveram pequenos esboços biográficos de Zoroastro Artiaga, além de revistas com publicações do autor.

d) **Academia Goiana de Letras (AGL)**: encontramos, nesse local, uma pasta contendo o *curriculum vitae* do autor, que, segundo informações do servidor da confraria, foi produzido pelo próprio Zoroastro Artiaga, além de uma porção de recortes de jornais contendo relatos biográficos do autor, publicados, em sua maioria, após seu falecimento.

e) **Hemeroteca Digital Brasileira**: nessa base de dados digitais, a pesquisa foi efetuada considerando-se a relação dos jornais listados por Zoroastro em seu *curriculum vitae* encontrado na AGL. Como não havia registro da data da publicação nos jornais relacionados à busca, foi executada uma pesquisa pelo verbete “Zoroastro Artiaga” nas datas que correspondiam à trajetória de vida do autor. Esse procedimento foi feito em todos os periódicos arquivados na base. As maiores incidências de resultados foram nos seguintes jornais: *Correio da Manhã* (RJ), *Correio Paulistano* (SP), *A Noite* (RJ), *Diário da Noite* (RJ), *Diário da Manhã* (RJ), *Goyaz: órgão do partido liberal* (GO), *Lavoura e Commercio* (MG), *O Estado de Goiaz* (GO), *O Paiz* (RJ), *A Manhã* (RJ) e *O Planalto* (GO). Nesses periódicos, localizamos matérias que tinham Zoroastro Artiaga como autor da manchete, outras

⁹ Os artigos de Zoroastro Artiaga escritos no jornal *Folha de Goiaz* estarão presentes em todos os capítulos deste trabalho, de modo que sempre dialogaremos com seu conteúdo e faremos conjecturas sobre suas conexões com outras fontes. No entanto, outras obras que compõem a bibliografia de Zoroastro Artiaga, bem como obras de outros autores pares de sua produção, serão arroladas na reflexão como recurso para pensar questões relacionadas à autoridade de produção discursiva, contexto político, imprensa e os modos de mobilizar uma escrita da história de Goiás.

continham entrevistas com ele e, na grande maioria, notícias em que seu nome aparecia como parte do assunto relatado (economia em Goiás, geologia goiana e notícias políticas em Goiás).

f) **Acervo digital dos jornais *Estadão* (SP), *Folha de S.Paulo* e *O Globo* (RJ):** nessas bases de dados, a pesquisa foi feita da mesma forma que na Hemeroteca Digital Brasileira, sendo seu resultado também semelhante.

g) **Estante do escritor goiano da Biblioteca do Sesc da Rua 19, Centro, Goiânia (GO):** nessa biblioteca, encontramos grande parcela da obra publicada de Zoroastro Artiaga, bem como obras de outros autores que citam e relacionam seu nome em assuntos correlatos à história de Goiás, a personalidades de destaque na cultura goiana e a membros de confrarias do estado de Goiás.

h) **Biblioteca Central da Universidade Federal de Goiás:** nessa biblioteca, encontram-se pequena parcela da bibliografia publicada de Zoroastro Artiaga e grande quantidade de obras e periódicos que trabalham a historiografia goiana.

i) **Arquivo Histórico Estadual:** nessa instituição, foram encontrados parte da coleção do jornal *Novo Horizonte* dirigido por Zoroastro Artiaga na década de 1920 e outros jornais em que ele era colunista.

j) **Arquivo da Fundação Cultural Frei Simão Dorvi, Rua da Abadia, Centro, Goiânia (GO):** nesse arquivo histórico, tivemos acesso ao jornal *Imprensa*, um dos jornais em que Zoroastro foi colunista entre 1909-1914.

k) **Museu da Imagem e do Som, Centro Cultural Marieta Telles Machado Praça Cívica, Centro, Goiânia (GO):** nesse local foi efetuada a pesquisa de fotografias do período de 1920 a 1972.

l) **Museu Pedro Ludovico Teixeira, R. Dona Gercina Borges Teixeira, Centro, Goiânia (GO):** local de pesquisa da documentação de 1930 a 1955, compreendendo correspondências oficiais e pessoais e relatórios de governo em que o nome de Zoroastro Artiaga estava arrolado.

m) **Grupo Jaime Câmara / CEDOC, Rua Thomas Edison, Setor Serrinha, Goiânia (GO):** nessa instituição, a pesquisa foi feita em exemplares do jornal *O Popular*, publicados entre os anos de 1930 e 1972, os quais continham um volumoso número de notícias que aludiam ao nome de Zoroastro Artiaga, bem como artigos escritos por ele.

De posse do material coletado, buscamos construir um roteiro de escrita para a dissertação. Assim, no primeiro capítulo, procuramos caracterizar a trajetória de Zoroastro Artiaga, tentando compreender como o autor se projetou como intelectual goiano e, mais tarde, como tecnocrata do Estado Novo em Goiás. A investigação se pautou na busca de

informações sobre o biografado em fontes primárias e secundárias, procurando, ao máximo, não ser seduzido por elas a fim de evitar replicar estereótipos de uma imagem construída de antemão e dada a ler. Nesse processo, foi explorado o exercício de interrogar-se sobre o que poderia ter tornado possível a trajetória de Zoroastro Artiaga em um dado contexto, examinando e empreendendo a crítica da lógica interna do discurso/documento e comparando com os discursos de outros atores que escreveram sobre esse agente histórico. O foco permeou a ideia de procurar se afastar da “ilusão biográfica” (BORDIEU, 1996, p. 183-191), na qual repousa o sentido unitário da vida em sua lógica orgânica, unidirecional estendida entre um nascimento e uma morte, para obter o resultado mais objetivo possível dentro dos limites da questão. Assim, o exame das fontes foi feito, primeiramente, sobre informações dadas pelos contemporâneos de Zoroastro a seu respeito em jornais, livros e revistas. O intento era compreender, inicialmente, o modo como Zoroastro Artiaga fora percebido pelo olhar dos que conviveram com ele para, paralelamente, identificar e selecionar as fontes de sua autoria (matérias de jornais, artigos de revistas, livros, relatórios, cartas etc.) no intuito de mapear, pelo seu próprio discurso, a maneira como ele enxergava e explicitava a realidade, ou seja, buscamos localizar, em sua escrita, a expressão de sua consciência por meio da conexão entre sua expressão literária e a influência de seu contexto histórico. O foco desse capítulo se resume, pois, em pensar a questão: como e por quem a região é representada?

No segundo capítulo, procuramos apresentar a figura de Zoroastro Artiaga como historiador, tentando localizar seu lugar na geração de goianos que buscaram escrever a história de Goiás no início do século XX. Nessa direção, algumas questões são relevantes, como: que referência Zoroastro usa para representar a história goiana? Como o autor se dirige aos leitores e que argumentos emprega para construir seu discurso acerca da história de Goiás? Qual o contexto político em que o autor se insere e que a ele proporcionou o reconhecimento público como historiador? Buscamos compreender, com isso, como se configura a escrita da história dessa geração, tentando localizar uma lógica interna nos modos de produção desses escritos e na concepção de pensar a história. Nesse aspecto, pretendemos apresentar como a representação da história goiana construída por Zoroastro Artiaga selecionou um conjunto de marcos de fundação voltados para um sentido integracionista, que deveria aproximar a região dos fluxos econômicos nacionais. Tal perspectiva já se apresentava na obra de *Americano do Brasil*, que configurou os esquemas mentais definidores

da região. Além disso, tentamos fazer uma incursão dos vínculos da imprensa¹⁰ como espaço de publicação de uma geração de goianos em que permeava questões de política e poder.

A reflexão sobre os documentos jornalísticos foi desenvolvida com base nas discussões de Capelato (1988), Barbosa (2010), Bezerril (2011), Araújo (2008) e Luca (2005 e 2013), autores que advertem para a especificidade de uso do jornal no trabalho da escrita da história, bem como na preocupação dirimida por Jeanneney (2003), que apresenta alguns parâmetros de atenção para esse tipo de investigação:

A história política dos meios de comunicação deve enriquecer-se com um estudo da “socialização” dos homens, da formação de suas opiniões ao longo de seu itinerário particular. Ela deve dedicar especial atenção às gerações unidas pelas mesmas lembranças, que acarretam (frequentemente, mas nem sempre...) solidariedades instintivas. [...] É preciso sobretudo prestar atenção aos vínculos múltiplos que aproximam os atores da mídia de todos os outros (JEANNENEY, 2003, p. 222-223).

Nesse sentido, empenhamo-nos em discutir como a coluna de Zoroastro Artiaga se articula a uma concepção de escrita de história implícita em seu contexto. Em síntese, o argumento desse capítulo sublinha interrogações associadas ao meio de produção intelectual em que a região pode ser imaginada¹¹.

No terceiro capítulo, procuramos desenvolver uma investigação acerca da obra de Zoroastro Artiaga, especificamente dos artigos publicados no jornal *Folha de Goiaz*, com base em uma orientação metodológica que objetiva reconstruir um quadro histórico em que se insere a sua geração. Em outras palavras, nosso intuito é reconstituir as concepções de história que orientaram sua escrita, sua seleção de fatos passados. Que temas foram desenvolvidos? Como a tensão entre presente, passado e futuro foi trabalhada no processo de construção de sua história? Como o passado de Goiás é dado a ler na formação de um pensamento representativo da região? Para tanto buscamos fazer um exame das fontes relacionando os títulos dos artigos que se interligavam por meio dos temas que Zoroastro privilegiou em sua escrita sobre o passado de Goiás. Compreendemos que assuntos como a fundação de Goiás, a história política do estado, a construção de Brasília e a transferência da capital federal foram pautas em sua escrita que concentravam uma ordenação explicativa para o passado goiano e

¹⁰ Consideraremos, ao longo do trabalho, as categorias imprensa e jornalismo como sinônimos de práticas contextualizadas num tempo em que a referência à divulgação sistemática de notícias em seus diversos temas era feita por jornais e revistas e compreendidas como atividades de imprensa.

¹¹ Como assinala Anderson (2008), “o jornal como um produto em que a comunidade imaginada pode ser representada é uma ‘forma extrema’ do livro, um livro vendido em escala colossal, mas de popularidade efêmera. Será que podemos dizer: best-sellers por um dia. [...] Sabemos que as edições matutinas e vespertinas vão ser maciçamente consumidas entre está e aquela hora, apenas neste, e não naquele dia. [...] o leitor do jornal, ao ver réplicas idênticas sendo consumidas no metrô, no barbeiro ou no bairro em que mora, reassegura-se continuamente das raízes visíveis do mundo imaginado na vida cotidiana” (ANDERSON, 2008, p. 67-68).

portanto, forneciam pistas significativas para discutirmos como Zoroastro apresenta e constrói sua concepção de história.

O momento particular da história do Brasil em que seus textos foram escritos e publicados e o alinhamento político do autor com a nova conjuntura política marcada pelo golpe de 1964 não foram ignorados. Os artigos de Zoroastro Artiaga no jornal *Folha de Goiaz* estão marcados pela preocupação em demarcar um sentido para a história goiana, bem como em definir as características que um historiador deve ter; tais questões se vinculam diretamente ao pensamento de Americano do Brasil. O esforço imenso desses homens na construção de uma história geral da região – uma história envolvida pela memória – é o ponto de partida para a abertura de um campo amplo de questões e temas referentes à historiografia regional, que talvez venha despertar o interesse de outros pesquisadores para novos horizontes de pesquisa no escopo da história goiana.

CAPÍTULO 1

ZOROASTRO ARTIAGA: ENTRE O ESPAÇO PÚBLICO E O PRIVADO

É factível admitir que, nas primeiras décadas do século XX, no Brasil, houve intensas turbulências políticas, transformações culturais e uma constante inquietação por parte dos homens que buscavam refletir sobre os destinos do Brasil como nação. Em Goiás, Americano do Brasil e Henrique Silva foram baluartes de uma geração que se propôs a repensar a região retirando da centralidade as ideias de atraso e decadência como fatores decisivos para a compreensão da realidade regional. Além das vozes desses intelectuais, outras – entre as quais a de Zoroastro Artiaga – se levantaram na defesa da integração da região com o restante do país e produziram discursos, publicados em jornais e revistas, no intuito de minimizar o fardo da herança política e econômica de um passado que remontava ao século XVIII. Com base nesse cenário intelectual e político, propomos esboçar a trajetória de Zoroastro Artiaga, um intelectual que ganhou notoriedade como historiador nas primeiras décadas do século XX.

O debate a respeito dos intelectuais de uma região carente de um sistema de produção cultural visa dar visibilidade a textos pouco lidos e a autores quase esquecidos, como é o caso de Zoroastro Artiaga. Nesse sentido, faz-se necessário sublinhar alguns traços de sua biografia para, em seguida, adentrar no pensamento e no contexto que marcaram sua produção intelectual. O objetivo não é escrever uma biografia que avance nos feitos, fatos e nas ideias do intelectual, registrando e confirmando o que se apresenta nos esboços biográficos já produzidos. Nosso propósito consiste em, por meio da análise de sua trajetória intelectual, compreender o vínculo geracional que aproxima sua produção intelectual à de Americano do Brasil, com base na atenta observação ao modo, ao lugar e aos procedimentos presentes na escrita de Zoroastro Artiaga acerca da história de Goiás.

Assim, na tentativa de compreender esse intelectual em seu tempo, dividimos sua trajetória em dois momentos distintos, mas interligados: primeiro como jornalista, depois como intelectual e tecnocrata do Estado. O vínculo entre esses dois papéis ocupados por Zoroastro é sua reflexão sobre a região antes, durante e após o Estado Novo em Goiás. A unidade dos aspectos de sua atuação pública culminou na construção da imagem do historiador, imagem esta que ficou colada a sua trajetória pessoal e a sua inserção na vida política de Goiás.

1.1. ZOROASTRO ARTIAGA: A IMAGEM DO HOMEM PÚBLICO

Eu desejava servir muito ao nosso querido Estado, valendo-me da generosidade de meus contemporâneos, que sempre me estimularam e me ajudaram. Sinto-me plenamente compensado por ter me esforçado com acrisolada dedicação, amor e sacrifícios ao nosso amado torrão (ARTIAGA, 1970, p. 1).

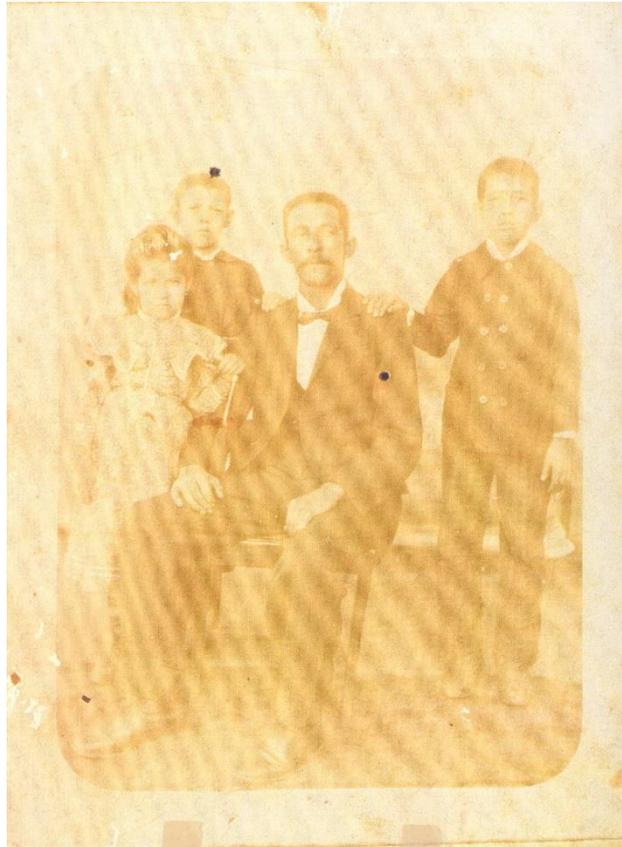


Foto 1. Virgílio Artiaga (sentado) com seus filhos Zoroastro (à direita) e Horácio e Ana (à esquerda). Ano 1905. Fonte: Arquivo da Academia Itaberina de Letras e Artes.

A historiografia goiana escreveu pouco a respeito de Zoroastro Artiaga, embora sua trajetória envolva sua atuação como jornalista, técnico e autor de vários livros – sobre os quais pouco se tem notícia – acerca da história, da geografia, da economia e da geologia¹² de Goiás.

Há alguns esboços biográficos sobre o autor, publicados em livros, jornais e revistas, escritos por seus contemporâneos, que registraram a importância de sua obra e de sua presença nas confrarias tradicionais de Goiás (Academia Goiana de Letras e Instituto

¹² Em 2010, a pesquisadora Giovana Galvão Tavares defendeu uma tese dentro do campo epistemológico da Geociências, em que apresentou o trabalho e a atuação de Zoroastro como publicista das coisas de Goiás. TAVARES, Giovana Galvão. **Zoroastro Artiaga: o divulgador do sertão goiano (1930-1970)**. 2010. f. 205. Tese (Doutorado em Geociências) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, 2010.

Histórico e Geográfico de Goiás). Essas pequenas biografias publicadas – sobretudo após seu falecimento e caracterizadas mais como discursos acerca do currículo e de sua vida pública – são destaques nas publicações de Crispim Sobrinho (1957), Ramos (1968), Goyano (1970), Borges (1977), Vaz (1984), Campos (1985), Bittencourt (1992), Gomes (1994), Teles (2006) e Martins (2007).

Nascido em 29 de maio de 1891, na cidade de Itaberaí (GO), Zoroastro Artiaga – ou professor Zoroastro, como muitos gostavam de chamá-lo – era filho de Virgílio Pereira Artiaga, comerciante e rábula de profissão, e Jovita Inocência de Lima Artiaga. De origem humilde, sua ascendência não pertence a uma família ligada ao poder político do estado de Goiás, apesar de sua ligação parental indicar alguma influência dos nomes de sua família no âmbito da cultura e política goiana. Os dados listados no *Escorço genealógico da família Lima e Artiaga de Itaberaí*, de Antônio César Caldas Pinheiro (2012), apresentam registros que confirmam essa relação.

Segundo Pinheiro (2012, p. 2), seu avô materno, Hermenegildo Raimundo do Nascimento Lima, casado com Honorata Inocência Furtado, “foi professor de primeiras letras em Jaraguá (GO) e Deputado Provincial em várias legislaturas, [e] desfrutava em sua cidade natal de um largo convívio social”. Seus avós paternos eram Sacerdote Pereira de Artiaga, comerciante, e Ana Pereira de Abreu, filha do Comendador Antônio Pereira de Abreu e irmã do Desembargador Antônio Pereira de Abreu Júnior. Zoroastro teve ainda um tio materno, Osvaldo Raimundo de Lima, que, segundo Pinheiro (2012), é tido como fundador de Iporá (GO), e um tio paterno, Antônio Pereira Artiaga, que foi professor e Diretor da Escola Normal em Uberaba (MG) em 1885. Sua prima materna, Leodegária de Jesus, filha de Ana Isolina Furtado de Lima, casada com José Antônio de Jesus¹³, foi renomada poetisa goiana no início do século XX. Os estudos de Basileu Toledo França (1996) informam que Leodegária de Jesus foi uma das redatores do jornal *A Rosa*, ao lado de Cora Coralina, em 1907, e autora de dois livros de poesia *Coroa de lyrios* (1906) e *Orchideas* (1928).

Ainda segundo Pinheiro (2012), Zoroastro Artiaga é primogênito entre três irmãos: Horácio Artiaga, falecido em 1924 de gripe espanhola, e Ana Artiaga, falecida em Uberlândia (MG) em 1974. Sobre a infância de Zoroastro, Tavares (2010) relata, em seu estudo biográfico, que este foi

¹³ Segundo Itami Campos e Arédio Teixeira Duarte (1998), deputado provincial em três legislaturas, de 1895 a 1898.

[...] um jovem interiorano que participava praticamente de todos os eventos locais, seja como cantor ou músico, seja como poeta ou orador. As peripécias realizadas por nosso biografado estavam atreladas a sua própria necessidade de sobrevivência social e econômica. E seus relatos refletem sua preocupação em produzir a imagem do indivíduo pobre e interiorano que conseguiu romper barreiras e, às custas de seus próprios esforços, a tão almejada ascensão social e, ou cultural (TAVARES, 2010, p. 30).

Sobre sua alfabetização e atividades escolares, o próprio Zoroastro informa,

Em Goiás só havia um Colégio: o Liceu Goiano, e não tinha internato. Apareceu na cidade um goiano da capital, professor, desejando fundar um Colégio, e não conseguindo, abriu uma sala de aula. Ensinou português, francês, aritmética e geografia. Foi com este professor que estudei em companhia de outros jovens e também homens feitos desejosos de saber. [...] Meu pai não me dava tempo para estudar porque era eu seu braço direito na loja. Estudava de madrugada e a noite e muitas vezes em viagem, estudava em cima do animal em que viajava e estudava nas fazendas onde pernoitava (ARTIAGA, Ficha Biobibliográfica. Goiânia: Academia Goiana de Letras, s/d).

Em 1910, Zoroastro casou-se com Araci Monteiro, filha do jornalista Benedito Monteiro Guimarães, irmão de Honestino Guimarães, que foi deputado provincial em Goiás de 1918 a 1922. Segundo o próprio Artiaga (1968, 20 out.), ambos irmãos tiveram projeção na vida social e política do estado de Goiás e juntos fundaram os jornais *A Verdade* e *O Monitor*, em Palmeiras de Goiás, *Voz do Sul*, em Bela Vista, e *A Tribuna*, em Goiás. Zoroastro Artiaga teve três filhos do seu casamento com Araci: Otávio Monteiro Artiaga, casado com Ana Lôbo Artiaga; Floraci Monteiro Artiaga Mendes, casada com o médico Luiz da Glória Mendes, e Geralda Monteiro Artiaga, casada com o bacharel em Direito e bancário José Calazans de Moura.

A respeito de seu filho Otávio Monteiro Artiaga, a edição de *O Popular* de 12 de abril de 1970 registra, sob o título “Goiano recebe comenda em B. Horizonte”, o seguinte:

Otávio Monteiro Artiaga nasceu na Cidade de Goiás, a 26 de abril de 1915, filho do professor Zoroastro Artiaga e de d. Araci Monteiro Artiaga. Fez seu curso primário em Catalão, no educandário dirigido pela d. Rosentina de Santana e Silva, e o secundário no Liceu de Goiás, bacharelando-se, em 1933, em Ciências e Letras. Formou-se, 5 anos depois, pela Faculdade de Direito, em Goiânia. Ingressou nos quadros de Fiscal de Consumo da Delegacia Fiscal do Tesouro Nacional em Goiânia, tendo servido, depois, em Cuiabá e Porto Alegre, e, por algum tempo, nesta Capital, como Secretário da Delegacia, quando organizou os serviços da repartição. De Porto Alegre foi transferido para Belo Horizonte, sendo homenageado pelos seus colegas, que lhe ofereceram, na despedida, um cartão de ouro e um documento elogioso do Delegado Fiscal. Em Belo Horizonte, serviu como Chefe de Fiscalização e, depois, foi nomeado Delegado Fiscal. Atuou por alguns anos, conseguindo estima dos seus jurisdicionados e normalizou todos os serviços. Posteriormente, organizou e instalou a Delegacia de Rendas Internas de Minas Gerais, com as novas diretrizes e normas exigidas pelo Ministério, cargo que exerceu até 1969, quando solicitou sua volta à Fiscalização, que foi atendida por

motivos de saúde. Nessa oportunidade, recebeu convite para o cargo de Delegado Fiscal em Nova Iorque (*O POPULAR*, 1970, p. 17).

Sobre sua filha, a professora Floraci, Rubia-Mar Nunes Pinto (2013) registra que ela foi importante na cena educacional em Goiás, ao lado de Amália Hermano Teixeira, Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro e Julieta Fleury.

Retornando a Zoroastro, pelos dados de sua biografia encontrados entre os vários autores citados, sua carreira se inicia como funcionário público, no cargo de Escrivão da Repartição Geral dos Telégrafos na antiga capital de Goiás. Em meados da década de 1910, ele migra, com seus pais e sua família, da antiga Curalinho, hoje Itaberaí, para Catalão em busca de melhores condições de vida. Em Catalão, ele e seu pai coordenam o jornal *Novo Horizonte*, que terá papel de destaque na ascensão de sua carreira pública, conforme relatamos linhas à frente. Em 1929, com 38 anos, portanto, retorna à antiga capital de Goiás e inicia seu curso de Direito na Faculdade de Direito da antiga capital goiana, formando-se em 1934. As décadas de 1930 e 1940 são de grande intensidade em sua vida pública, tanto que, nesse período, ele alcança notoriedade no espaço político e cultural. É também nesse intervalo de tempo que ele faz diversos cursos especializados sobre geologia, mineralogia, paleontologia, história natural, estatísticas, geografia, economia, pedagogia, didática e rádio atividade no Rio de Janeiro e em São Paulo, os quais direcionaram sua atuação no espaço público.

Zoroastro, considerado pelos seus biógrafos como grande polígrafo, é descrito como participante ativo da vida intelectual de Goiás e atuante intensivo na luta pelo progresso¹⁴ de seu estado. Seu nome é sempre lembrado e relacionado pela sua atuação nas instituições intelectuais de Goiás, como membro da Academia de Goiana de Letras (AGL) e cofundador do Instituto Histórico Geográfico de Goiás (IHGG). Acerca dessa referência, Sirinelli (2003) afirma que todo grupo de intelectuais se organiza também em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes,

¹⁴ Para os biógrafos de Zoroastro Artiga, a expressão “progresso” está associada ao caráter patriótico do termo que remonta ligações nacionalistas de dedicar a vida a serviço de Goiás e do Brasil. Nas formulações discursivas de Zoroastro Artiga, a ideia de progresso passa por duas conotações de sentido. Quando associada a sua escrita de história, o ponto de vista remete aos pressupostos positivistas que fizeram escola nas gerações de intelectuais do século XIX, por isso a concepção tem caráter da “ideia de um crescimento e de um desenvolvimento do gênero humano, a noção de perfectibilidade do homem e de sua natureza alterável e modificável; a ideia de uma história unitária e universal do gênero humano; os discursos da passagem da ‘barbárie’ à ‘civilização’, sobretudo a afirmação de constantes ‘leis’ operando no processo histórico” (ROSSI, 2000, p. 95). Quando operada no contexto econômico, a conotação aparece alinhada a uma teoria desenvolvimentista, que defendia o pretenso crescimento econômico do Terceiro Mundo. “Nessa teoria, a Europa (mas agora também os Estados Unidos) era o modelo a ser seguido, e os países não industrializados deveriam se sentir “atrasados” diante do estágio alcançado pelo Capitalismo norte-americano e europeu” (SILVA & SILVA, 2009, p. 134).

que fundam uma vontade e um gosto de conviver. A expressão dessas afinidades em Goiás acontece na criação da AGL e do IHGG. O respaldo institucional dessas entidades evidenciam a carreira dos intelectuais goianos, portanto, não é de se estranhar que grande parcela dos homens dispostos a pensar e refletir acerca de Goiás ocuparia assento nessas instituições, entre eles Victor de Carvalho Ramos, Leo Lynce, Americano do Brasil, Henrique Silva, Albatênio Caiado de Godoy, Vitor Coelho de Almeida entre outros.

Zoroastro Artiaga, além de servidor público e jornalista, exerceu cargos de suma importância na burocracia estatal, os quais são repetidamente descritos pelos seus biógrafos, com destaque para sua atuação nos conselhos técnicos criados no bojo do Estado Novo brasileiro (1937-1945), tais como: o exercício de mandato no Conselho Nacional de Geografia, Conselho Administrativo e Conselho Técnico de Economia e Finanças (Região Centro).

Pelo seu patriotismo e civismo ao Brasil, principalmente por serviços prestados à cultura, Zoroastro recebeu alguns prêmios, entre eles a medalha Clovis Beviláqua, do Ministério da Educação e Cultura.

Atuou como fundador e diretor do Museu Estadual de Goiás, criado pelo Decreto-Lei n. 383, no período de 6 de fevereiro de 1946 até 1957, voltando a ocupar o cargo em 1971¹⁵. Em 16 de maio de 1965, de acordo com a Lei n. 5.770, o museu passou a se chamar Museu Goiano Zoroastro Artiaga. Essa homenagem eternizou o nome de Zoroastro no conjunto de edifícios do centro administrativo de Goiânia, na praça cívica.

Zoroastro aposentou-se depois de 42 anos de função pública como elemento ativo na execução de várias obras importantes para Goiás, entre elas a ligação ferroviária de Catalão (Goiás) a Patrocínio (Minas Gerais), a execução da construção da ponte sobre o Rio Corumbá – de importância vital para o prosseguimento da estrada ferroviária, que caracterizou o processo de modernização e integração vivido em Goiás– e a instalação do Colégio Santo Agostinho.

Além dessas ações, Zoroastro se envolveu no debate acerca da transferência da capital federal para o Planalto Central, por meio de artigos publicados na imprensa e em outros meios de divulgação, atuando junto aos poderes competentes, integrando comissões regionais e nacionais¹⁶. Foi atuante ativo também de dois partidos: o PSD (Partido Social Democrático)

¹⁵ Em 20 de agosto de 1980, esse museu sofreu nova alteração em seu nome, pelo Decreto-Lei n. 1.788, passando a ser denominado Museu Estadual Professor Zoroastro Artiaga (MZA).

¹⁶ Dados retirados da Ficha Biobibliográfica e do *curriculum vitae* de Zoroastro Artiaga disponibilizados pela Academia Goiana de Letras (AGL) e pelo Museu Estadual Professor Zoroastro Artiaga (MZA). Além dos cargos descritos, Zoroastro Artiaga faz, em sua ficha biobibliográfica da AGL, uma observação interessante sobre sua

na década de 1940, do qual, segundo manchete política de *O Popular*, recusou a ser candidato, e o PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), na década de 1950.

Foi professor da Faculdade de Direito na Cidade de Goiás e da Faculdade de Filosofia de Goiás; nesta última, lecionou, por nove anos, disciplinas de história e geografia. Além de lecionar, sua participação no cenário universitário compreende o livre acesso a sua biblioteca para estudantes do Centro de Estudos Brasileiros ligado à Universidade Federal de Goiás, como relata Gilberto Mendonça Teles em matéria de *O Popular*, de 15 de novembro de 1964:

Conforme consta da ata do Conselho Universitário (reunião que criou o Centro de Estudos Brasileiros), esta unidade se localizaria no prédio do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, de cuja adaptação e reforma a Universidade cuidaria. Iniciando as suas atividades em 1962, funcionava pela manhã em salas cedidas pelo Conservatório de Música. Nesse ano, em certas ocasiões, chegou o Curso de Estudos Goianos a ministrar suas aulas na residência de professores, por falta de local adequado, uma vez que as obras de reforma não ficaram prontas como na data prevista. A pesquisa e o estudo eram feitos nas bibliotecas particulares, quer dos professores, quer de pessoas como o dr. Altamiro de Moura Pacheco **ou Zoroastro Artiaga, que as franquearam aos alunos do Centro de Estudos Brasileiros**. No ano seguinte, 1963, passou o Centro a funcionar no local onde hoje se acha, isto é, na sede do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás. Como só havia uma sala para aulas, nela funcionava o Curso de Estudos Brasileiros, pela manhã, funcionando na parte da noite o Curso de Estudos Goianos (TELES, 1964, p. 13, grifo nosso).

Zoroastro é descrito como um “homem modesto, bom, cordial e humilde” pela então deputada Ana Braga (1959), que lhe rendeu homenagem na Assembleia Legislativa de Goiás em 1959, pela sua enérgica atuação no cenário cultural à frente do Museu que, anos seguintes, ganhou seu nome. Declieux Crispim Sobrinho¹⁷ (1957), ao falar do trabalho de Zoroastro Artiaga à frente do Museu, relata:

Há alguns anos atrás, meteram na cabeça do então governador Coimbra Bueno a estranha ideia de retirar o Museu do prédio onde se encontra e transportar o material lá existente para outras partes. O prédio seria cedido à Faculdade de Direito. O professor Zoroastro, diretor do Museu, ignorava a trama. Chegou lá na hora do expediente e topou com operários já se preparando para carregar os objetos por ele colecionados em mais de 30 anos. A sua indignação foi tamanha que se muniu de uma velha metralhadora existente na casa (da revolução de 30) e apontou-a ao peito

atuação pública: “cumulativamente, porém recebendo um só ordenado desempenhei outras funções consideradas ‘serviço relevante’, e que em Goiás não tem sentido nem consequência”. De forma crítica, mas ao mesmo tempo demonstrando seu patriotismo, Zoroastro referia-se aos cargos que assumira que não tinham vitrine política, por isso não era valorizado em Goiás (Conselho de Educação do Estado, Comissão de Política Agrária, Comissão de Defesa Nacional no Estado de Goiás e organizador de mapas dos municípios goianos).

¹⁷ Declieux Crispim Sobrinho, falecido em 13 de agosto de 1962 em Brasília, foi, segundo o editorial do jornal comunista *Terra Livre* de setembro de 1962, advogado e jornalista, lutador das causas sociais comunistas, dirigindo jornais que imprimiam esses ideais. Militou e foi um dos fundadores do jornal *Tribuna Popular* e colaborador em vários jornais cariocas e paulistas, tendo participado também das organizações de jovens lavradores e assalariados agrícolas como estudioso dos problemas do campo e ligado às lutas dos camponeses pela reforma agrária e diminuição da miséria no país.

dos homens dizendo-lhes: “Ponham-se daqui para fora! Digam ao governador que venha ele se entender comigo!” E o velho professor passou o dia todo no Museu com a arma de guerra nas mãos. Foi assim que se impediu a consumação de inominável atentado contra a cultura em Goiás. [...] Ainda no quadriênio de governo do Sr. Coimbra Bueno [...] certos auxiliares do governador entenderam do “descuido”, de suprimir o cargo de Diretor do Museu. A Assembléia Legislativa reagiu energicamente contra o golpe baixo. Outra vez, o governador foi induzido a convidar uma comissão do Museu Nacional do Rio de Janeiro, para vir a Goiânia fazer reclassificação dos materiais existentes no nosso museu. Vieram uns rapazes do Rio, examinaram o trabalho do Professor Zoroastro, acharam tudo em ordem, e ao se despedirem disseram ao governador mais ou menos isto: “O que nos admira é que o professor Zoroastro ganha apenas mil e quinhentos cruzeiros para realizar um trabalho dessa importância”. Coimbra percebeu então a “rata” em que havia caído (CRISPIM SOBRINHO, 1957, p. 3).

Zoroastro permanece no governo, ligado à pasta de cultura do Estado de Goiás, mesmo depois da redemocratização em 1945. Em 1957, no entanto, no governo de José Ludovico de Almeida (1955-1959), ele se aposenta. Segundo o próprio Zoroastro, em entrevista ao jornal *Cinco de Março* de 1968, essa aposentadoria acontece arbitrariamente, o que gerou certo desentendimento entre o intelectual e o governo pessedista. Em matéria intitulada “O museu virou múmia: a mancada de Juca”, Zoroastro relata o seguinte:

Em 1957, o então governador José Ludovico cismou com o Museu. Achava que aquilo era uma grandíssima bobagem, devia ser destruído. Reivindicava o prédio para a Secretaria da Segurança Pública. Foi além: começou a perseguir o diretor do Museu e finalmente o demitiu [...] Depois de 42 anos de serviços prestados ao Estado fui aposentado. O Museu era para mim como um filho dileto um primogênito, uma obra de amor. Destruíram-na e com ela todas as ilusões que mantinha. [...] Depois do episódio, por uma questão de amor próprio, não mais pus meus pés naquela casa (ARTIAGA, 1968, 18 mar., p. 1).

Esse desencontro entre o intelectual, que sempre fora moderado no discurso, e o governo rendeu matérias na imprensa de ataque à política de José Ludovico de Almeida. Fazendo uso de seu “capital social” (BOURDIEU, 1998, p. 67) e do prestígio que tinha no âmbito da botânica pelo trabalho realizado no espaço político do Estado Novo¹⁸, Zoroastro escreve, em 1958, no *Jornal de Notícias*, cujo proprietário era Alfredo Nasser¹⁹, a respeito da concessão feita pelo então governador José Ludovico para a exploração de mogno em Goiás:

O lado jurídico do despacho deferido pelo governador do Estado [José Ludovico] carece de fundamento, pois ao governador não compete alienar bens e propriedades públicas, o que é sem dúvida da competência do Poder Legislativo, não podendo, portanto, estabelecer relações de direito entre o Estado e a empresa concessionária [...]. Essa concessão é inconstitucional por ter prescindido da manifestação do Poder

¹⁸ Este assunto será aprofundado adiante.

¹⁹ Alfredo Nasser e Zoroastro Artiaga, anos antes, nas décadas de 1930 e 1940, ocuparam lados opostos no cenário político goiano, como será apresentado adiante.

Legislativo, a quem cabe e cabia a competência para legislar (ARTIAGA, 1958, p. 1).

Ainda nesse jornal de oposição ao governo, Zoroastro denuncia o descaso da política praticada em Goiás com a cultura. Em matéria de 5 de janeiro de 1958, pouco tempo depois de ser aposentado, ele registra a situação em que a Biblioteca Pública do estado de Goiás se encontra. Com argumentos críticos, ele informa: “Como repartição pública, a nossa Biblioteca está mal. Conheço bem a má vontade que existe em nosso meio contra a sabedoria e a cultura” (ARTIAGA, 1958, p. 3). Zoroastro, que nos idos anos 1940²⁰ havia sido companheiro de militância de José Ludovico pelo PSD, deixa registros de sua indignação com a política de governo de seu antigo companheiro, demonstrando certa mágoa por ter saído da estrutura de governabilidade do estado. Tal sentimento foi, contudo, suprimido de todas as narrativas biográficas do intelectual.

Bourdieu (1996) alerta que o registro da trajetória de vida de uma pessoa acaba assumindo, ainda que de modo ilusório, um conjunto coerente e orientado que dá sentido ao relato. Contudo, tal relato retira de cena a descontinuidade e a diversidade próprias ao desenrolar de uma trajetória. Talvez seja por isso que nenhum biógrafo tenha relatado a ausência da figura de Zoroastro Artiaga na autobiografia de Pedro Ludovico²¹ intitulada *Memórias*, publicada em 1973. Nesse livro, em que o político Pedro Ludovico busca apresentar um registro oficial da construção de Goiânia e de seu governo como Interventor no Estado Novo varguista, o autor registra:

Na parte intelectual e material do meu Governo, colaboraram demasiadamente, infatigavelmente, os jovens Celso Hermínio Teixeira, José Ludovico de Almeida Venerando de Freitas Borges, Vasco dos Reis Gonçalves, Inácio Bento de Loiola, José Honorato da Silva e Sousa, Colemar Natal e Silva, João Monteiro, Nero Macedo, Claro de Godói, Heitor Fleury, João Teixeira Alvares Júnior, Ernani Alves Ferreira, José Ferreira dos Santos Azevedo, Oscar Campos Júnior, Solon de Almeida, Elísio Taveira, João Licínio de Miranda, Abel Soares de Castro, Benjamim Vieira, João de Abreu, Inácio Xavier da Silva, Frederico Medeiros, Domingos Juliano, Antônio Queiroz Barreto, Manoel Gomes Pereira, Valério Xavier Brandão, Getúlio de Sá, Paulo Augusto de Figueiredo, Gerson de Castro Costa, Hildebrando Veloso do Carmo, Humberto Ludovico de Almeida, Diógenes Sampaio, João Augusto de Melo Rosa, Galena Paranhos, Dario Cardoso, Cônego José Trindade da

²⁰ Segundo o jornal *Folha de Goiaz* de 16 de agosto de 1945, Zoroastro Artiaga disponibilizou sua própria moradia para o PSD como escritório eleitoral a fim de prestar assistência em matéria de qualificação de eleitores. “A Secretaria do Partido Social Democrático, Seção de Goiaz, tem o prazer de comunicar aos interessados que estão instalados, nesta capital, os seguintes Escritórios Eleitorais aos que se acham habilitados a prestar toda assistência em matéria de qualificação de eleitores: [...] Residência do Sr. Zoroastro Artiaga – Rua 15 nº 15” (*FOLHA DE GOIAZ*, 1945, p. 3).

²¹ Pedro Ludovico Teixeira, como apresentaremos linhas à frente, é a grande liderança política de Goiás no período do Estado Novo varguista (1937-1945), época em que Zoroastro Artiaga foi seu grande aliado e um dos principais partícipes de sua equipe de gestão.

Fonseca e Silva, Misach Ferreira Júnior, Nicanor Brasil Gordo, Jarbas Jaime, Aldemar Andrade Câmara, Alípio Gonçalves, Antônio Juruena Di Guimarães, Almir Turisco de Araújo, Segismundo de Araújo Melo e Benedito Silva (TEIXEIRA, 1973, p. 45).

O “esquecimento” do nome de Zoroastro Artiaga no registro memorial de Pedro Ludovico sugere o afastamento do político da figura do intelectual. Zoroastro voltou à estrutura do estado em 1971 pelas mãos do governador Leonino Di Ramos Caiado (1971-1975), e finalizou sua carreira paradoxalmente aliado ao grupo político do qual, na década de 1930, fora antagonista. Faleceu em 26 de fevereiro de 1972 em Goiânia, cidade que ajudou fundar próximo de completar 81 anos de vida. Morreu pobre, como relata o deputado federal (1971-1975) pelo MDB, José Freire: “[...] Zoroastro Artiaga, como comumente acontece aos homens de bem, morreu pobre como pobre viveu. Mas, deixou uma grande herança de um homem público inatacável, incansável na luta pelos mais altos interesses da comunidade e da Pátria” (FREIRE, 1972, p. 4).

O seu velório, como informa o jornal *O Popular* (1972), foi custeado pela Secretaria de Educação de Goiás. O governador Leonino Di Ramos Caiado posteriormente autorizou um projeto de lei que concedia pensão à viúva Araci Monteiro Artiaga:

Foi enviado o Projeto de Lei do Governo concedendo uma pensão especial de C\$ 700,00 mensais à senhora Araci Monteiro Artiaga, viúva do professor Zoroastro Artiaga, devendo a matéria ser brevemente submetida à apreciação dos deputados. Anteriormente, o Governo já propusera essa pensão, mas com bases inferiores, o que levou o governador Leonino Caiado a declarar, em sua mensagem ao Presidente da Assembleia, que “dei-me conta de que a importância proposta para a referida pensão é insuficiente para atender às mínimas necessidades de sua beneficiária” (*O POPULAR*, 1972, p. 3).

Zoroastro, que recusara a suplência a senador e o cargo de vice-governador nas eleições de 1945²² pelo PSD, autodenominava-se estudioso patriótico, desinteressado em ser representante político. Essa postura de recusa a cargos políticos se repete em 1953, quando militava no PTB:

[...] nome como candidato a presidência da Comissão Executiva do PTB goiano, na próxima convenção deste partido, o professor Zoroastro Artiaga procurou-nos para dizer que, a despeito de valorizar muito a consideração que os seus companheiros lhe dispensam, não poderá aceitar tal indicação, desejando continuar como simples soldado trabalhista. Disse que se isso acontecer renunciará imediatamente. Declarou

²² Em matéria veiculada em 16 de agosto de 1945, em *O Popular*, relata-se “[...] Segundo fomos informados o professor Zoroastro Artiaga acaba de ser convidado para aceitar a suplência de senador, na chapa encabeçada pelo sr. Pedro Ludovico, tendo recusado. Afirmou-se ainda que o conhecido homem de estudos recusou também a candidatura que lhe foi oferecida pelo PSD a vice-governador (*O Popular*, 1945, p. 1).

que o seu candidato é o sr. Geraldo Rodrigues para quem está trabalhando e em quem encontra qualidades de comando, inteligência e ponderação. O homem, finalmente, disse que não se candidatará a coisa alguma, de vez que não tem pretensões eleitorais, desejando unicamente fortalecer o PTB e ver cumprido o seu programa (*O POPULAR*, 1953, p. 1).

Tal como no pleito das eleições de 1945, em que foram eleitos, pelo PSD, os cargos a governador e senador, o candidato apoiado por Zoroastro a líder do PTB, Geraldo Rodrigues, foi eleito deputado federal nas eleições de 1954.

Aparentemente desprendido da vaidade política e do acúmulo de riquezas, Zoroastro é biografado por seus contemporâneos como legítimo patriota. Em entrevista ao jornal *Oiô* em 1957, ele justifica suas escolhas:

Perguntamos ao professor Zoroastro se é verdade que ele foi convidado a trabalhar para os americanos que lhe ofereceram polpudos ordenados, e ele nos respondeu com simplicidade. – Sim, é verdade. Fui várias vezes convidados a empregar-me com firmas importantes norte-americanas. Desde que a imprensa do Brasil divulgou os meus estudos, fui insistentemente convidado a trabalhar para eles. Recusei-me a aceitar os convites porque, não fora a ocasional descoberta, tão conhecida no Brasil de minérios atômicos, eu jamais seria convidado, pois reconheço a minha incapacidade e mesmo falta de preparo técnico para ser convidado a trabalhar com celebridades. O que eles queriam, estou certo, era o segredo, que só revelarei ao meu governo, a bem do Brasil (CRISPIM SOBRINHO, 1957, p. 2).

Com discurso patriótico de amor ao Brasil e a Goiás, Zoroastro alinha seu discurso a preceitos nacionalistas de dever com a causa pública e, apesar de se abster de cargos de representação política, seu trabalho como intelectual não o impedia de pensar o Brasil e, conseqüentemente, Goiás. Em 1970, quando indagado sobre a criação do estado do Tocantins, Zoroastro responde com a autoridade de um homem que não apenas pensou, mas também agiu na política:

[...] sobre a criação do Estado do Tocantins. Eis a resposta: A sua pergunta muito me agradou, pois toda a vida fui favorável à redivisão política e administrativa do nosso amado país; e isto desde os tempos de Teixeira de Freitas. Sou partidário da criação do Estado do Tocantins e lutarei por tal medida. O Norte lucrará imensamente, porque é rico e seus filhos são patriotas. O Estado terá sobrevivência com os seus próprios recursos nos três reinos da natureza (*O POPULAR*, 1970, p. 1).

É curioso que um homem que lutou por ideais de progresso econômico para sua pátria tenha morrido pobre. Entretanto, alguns indícios de sua atuação na imprensa sugerem que suas escolhas podem ter sido derivadas de sua crença e de sua visão espiritualizada de mundo. Um exemplo que corrobora esse pressuposto encontra-se em matéria intitulada “Sinal dos tempos”, publicada em *O Popular*, de 1970, em que Zoroastro, como homem religioso

temente a Deus e aos preceitos espiritualistas, comovido com a onda de calor que assolava Goiás, desvela sua fé e sua explicação para o fenômeno:

Já observam a diferença que existe entre o polo-geográfico, alteração que tem sido registrada desde milênios pelas profecias dos livros sagrados e confirmada pelo Apocalipse. Para humanidade atual, significa o fim desta civilização caduca, que mostra, desde muito sinais de ter atingido já o seu fim como tem acontecido, muitas vezes, a cada verticalização do eixo da Terra. Trata-se de um movimento de rotina do nosso planeta quando atraído por um grande astro que emite um magnetismo grosseiro e muito primitivo quando se aproxima do nosso sistema solar. Esta é a razão do excessivo calor, das mudanças atmosféricas, dos terremotos, dos vendavais e maremotos que estamos registrando de anos a esta parte. No terceiro milênio já não estarão na nossa crosta terrestre os demônios e maus elementos que perturbam os seres humanos porque o magnetismo desse astro como gigantesca bomba de sucção atrairá para si todos os seres mortos que aqui não foram capazes de atingir um bom grau de perfeição moral e espiritual durante a aprendizagem na Terra. [...] **Muitas criaturas egoístas, materialistas, corruptas em matéria de moral e de religião, ou não, tomam conhecimento das coisas sagradas ou entregam-se a devassidão e aos gosos materiais indiferentes a ideia de que seremos brevemente julgados pelas nossas obras assim exerce a sua ação magnética sobre as criaturas para que ponham as unhas de fora para que sejam julgados como são. Muito bem os sinais estão aí; e quem tiver olhos que vejam e quem tiver ouvidos que ouçam!** Entretanto, o pior surdo é o que não quer ouvir. Ainda temos um tempinho para que se convertam! Para vos dizer a verdade ninguém se perderá e todos veremos a glória de Deus, uns daqui a milhões, e outros apenas milhares de anos na outra oportunidade que por bondade do Altíssimo, nos serão concedidas (ARTIAGA, 1970, p. 1, grifo nosso).

Ligado à doutrina kardecista, Zoroastro apresenta sua esperança no poder de Deus que julgará o mérito das obras praticadas na existência humana; segundo ele, egoísmo, materialismo e corrupção não encontrarão a verdade e a glória divina. Em outro artigo publicado em *O Popular* de 1966, sob o título de “A benção do sofrimento”, Zoroastro complementa essa convicção ao relatar:

As criaturas humanas, quando são atingidas por uma dor crucial, não tem a devida resignação e a paciência para suportar a provação que caíra como uma faísca elétrica sobre sua alma, seu coração e todo seu espírito, parecendo fulminá-lo. São sujeitas às emoções que os seres presos à matéria tem que sofrer **para sua purificação moral e espiritual durante a trajetória que fazem neste planeta**. A verdadeira virtude consiste em resignar-se à vontade Divina; porque quando regressamos a Terra para uma nova existência que solicitamos a Deus, recebendo as bênçãos de uma reencarnação, já sabemos dos espinhos, e abrolhos que irão atravessar em nosso caminho, isto porque, o único caminho que nos conduz à glória é o da dor. É pela dor que nos libertamos das nossas impurezas e subimos ao céu já redimidos e livres para a eternidade luminosa. [...] A conformação trás o consolo; a resignação é virtude; a fé em Deus é potência e nos anima a prosseguir na vida (ARTIAGA, 1966, p. 12, grifo nosso).

A complexa trajetória de Zoroastro Artiaga revela a imagem de uma personalidade multifacetada, produto de um contexto e de um tempo. Seu legado intelectual registra a

personalidade do homem público, que procurou refletir sobre sua região e seu país no intuito de compreender o processo de inserção da região no corpo da nação. E é partindo desse quadro que procuramos explorar e problematizar sua trajetória, tentando encontrar o sentido dessas ações no entrelaçamento de suas funções como jornalista e tecnocrata²³.

1.2 O HOMEM PÚBLICO E A IMPRENSA

Militei igualmente em todos os jornais da capital e do Triângulo. Jamais abandonei o jornalismo, apesar dos prejuízos e sofrimentos. (ARTIAGA, 1970, p.1)



Foto 2. Zoroastro Artiaga (terceira pessoa sentada da esquerda para direita) com grupo de jornalistas em Catalão, ano provável 1928. Fonte: Acervo fotográfico do Museu da Imagem e do Som-GO.

Os primeiros passos de Zoroastro Artiaga no campo intelectual se deram por meio de sua atuação no jornalismo. Essa trajetória pode ser considerada uma tradição no Brasil desde o século XIX. Ângela de Castro Gomes (1996) qualifica a inserção por meio dessa mídia no seguinte sentido:

²³A expressão “tecnocrata” está sendo empregada nesta reflexão para designar a atuação massiva de Zoroastro Artiaga nas câmaras, assembleias especializadas e conselhos técnicos integrados à administração do estado de Goiás, durante 1937-1945.

[...] os jornais e também as revistas constituem os “novos e amplos” salões, exibindo os homens de letras a um público inusitado, e permitindo uma nada desprezível fonte de renda. Os jornais representavam, assim, uma forma de ingresso no mercado de trabalho intelectual, uma profissionalização que expandia contatos, sendo em alguns casos um passaporte para mundos políticos e sociais maiores (GOMES, 1996, p. 45).

Em 1906, Zoroastro, com 15 anos de idade, já publicava poesias no jornal *O Fanal de Bela Vista* (GO) e era correspondente do jornal *Folha do Sul* (GO).

Em 15 de junho de 1907, a redação do *Folha do Sul* registrava, na primeira página, a seguinte mensagem:

Passou a 29 de maio findo o anniversario do distincto jovem Zoroastro Artiaga, nosso activo correspondente em Currallinho. Zoroastro Artiaga é umas das mais promissoras intelligencias da nova geração goyana. Á sua lúcida intelligencia, Zoroastro Artiaga reúne a bondade de seu coração bem formado, razão porque é estimadíssimo por todos que o conhecem. Com desvanecimento, levamos nossos effusivos saudaes ao Zoroastro Artiaga, desejando-lhe uma longa existência, toda dedicada ao serviço da nossa terra (*FOLHA DO SUL*, 1907, p. 1).

Como informa Gomes (1996, p. 46), “o jornal é um ‘emprego’ e uma tribuna; o local do início da carreira e também um palco de consagração e de veiculação sistemática da produção intelectual”. E, de fato, é esse o papel que esse estabelecimento desempenha na carreira de Zoroastro: o jornal é seu grande nicho de produção.

Em 1908 funda, com seu pai, um jornal de vida curta, *O Repórter*, cuja referência consta na ficha biobibliográfica escrita pelo próprio Zoroastro, a qual se encontra na AGL, e também em uma nota do *Norte de Goyaz* (1908), que menciona o respectivo periódico de Currallinho (Itaberaí) como um “jornal científico e noticioso”.

Após a revolução de 1909, liderada pelo coronel Eugenio Jardim contra a política de governo exercida pelo grupo político de Xavier, Zoroastro, ainda moço, desempenha função de colunista crítico da política do coronel João Caldas, bulhonista que dominava a cidade de Currallinho, atual Itaberaí:

Si há neste Estado, uma cidade que tem se imposto a consideração das cidades ótimas, está se destaca não só pelos elementos que vão colhendo dia a dia, como também pela evolução de suas numerosas classes sociais e pela educação moral de certos vultos proeminentes que cooperam imensamente para o desenvolvimento de almejados ramos de atividade social, para o progresso desta adorada parte do país, que muito lhes interessa. Não aludo-me a nenhum chefe político como deveis pensar pela ordem natural das causas e devido a praxe da nossa terra, onde o chefe chama para si toda a responsabilidade dos atos conscientes ou não dos seus submissos, cabendo-lhe a gloria do adiantamento material da cidade por si administrado ainda mesmo, que tais obras sejam daqueles Romeus [...] Porem a nossa Currallinho está cheia de homens independentes, que desfraldam a augusta bandeira da liberdade, não sendo para isso, preciso agir de acordo com homens políticos para fazer valer a

sua influência sob todos os pontos de vista. Currallinho progride, dizem todos (ARTIAGA, 1910, p. 2).

Essa matéria rendeu-lhe uma nota de ataque do polêmico jornalista Moisés Santana, amigo do dito coronel, no jornal bulhonista *O Goyaz*. Na publicação, Moisés Santana não se identifica, mas é possível afirmar que foi ele o autor da nota, porque, em uma tréplica, acaba por assinar seu nome:

A Imprensa [jornal que circulava em Goiás nas décadas de 1910 e 1920, criado inicialmente pelo governo Xavierista após a revolução de maio de 1909, passa por um período independente e depois vai ser mantido pelo Partido Democrata] dessa capital tem publicada, sob a epigraphe “Impressões” umas pretenciosas linhas de um pretencioso fedelho tardio, que aqui vive. Numa de suas “lorotas” esse individuo entendeu que devia talhar uma carapuça a ver se colocava na cabeça do nosso caro amigo e distinto chefe coronel João Caldas. Sem mais aquella, a titulo de descrever o progresso de Currallinho, o Sr. Zoró disse que “chefe político chama a si os loiros de todos os benefícios públicos, de todo movimento progressista”. Não cabe a carapuça ao coronel Caldas. Currallinho, até 1903 imperando o mandonismo retrogrado do Sr. Belisario era villa mal ordenada, de costumes acanhados, tendendo a tapera. De 1904 para cá, dois factores vieram agitar a nossa vida: de um lado, uma administração municipal honesta e operosa e de outro lado a reação politica iniciada pelo coronel Caldas, que compreendeu que a sua terra não podia continuar como um burgo podre, ajojada à vontade e aos caprichos de um esperto qualquer. [...] Para isso, muito concorreu o coronel Caldas, rodeado de um valente grupo de fiéis e denodados amigos, nunca porém, ele pretendeu usurpar alheios loiros e nem se confunde com o pedante e atoleimado borra-linhas que, depois do celebre fiasco do “Reporter” [referindo-se a Virgílio Artiaga, pai de Zoroastro, que junto com ele fundou o jornal *O Repórter* em 1908], deveria ter tomado juízo e não continuar a se meter a sebo, como um papalvo, que não conhece dez reis de gramática e comete o desfrute de se dizer literato. Deixe-se o Sr. Zoroastro de sandices [...] toma tento, seu Zoroastro, Belizario [antigo coronel da política em Currallinho] sabe como ninguém manejar instrumentos. Inimigos acérrimo do bulhonismo e dos bulhonistas [qual o coronel João Caldas era correligionário] tem prazer em ver em campo os bobos, atacando a politica dominante, que venceu [referindo-se à deposição do presidente do grupo de Xavier de Almeida] que se impôs por seus méritos, pelo valor dos seus chefes e soldados. Toma tento, seu Zoroastro; mas – se é mesmo incorrigível, deixe-se de carapuças, use de linguagem franca e terá resposta positiva, que fará com recolha de vez o sacco a esfrangualhada viola que saiu dos escombros do “Reporter”. Vá chupar baratas, menino (*GOYAS: ÓRGÃO DEMOCRATA*, 1910, p. 3).

Seu pai, Virgílio Artiaga, que, conforme já mencionado, era rábula, veio em defesa do filho uma semana depois da publicação de Moisés Santana, no mesmo jornal:

Desde que retirei-me da atividade politica, deixei de ler os jornais da capital, e ontem chamaram-me a atenção para um amontoado de insultos dirigidos ao meu filho Zoroastro Artiaga e um pouco a minha pessoa, nos “A pedido do Goyaz”. Depois de acentar a sua tenda começou o articulista a dizer, que era eu o guia que sugestionava ao meu filho nas suas “Impressões, que ontem era caldista hoje belisarista por mera conveniência [...] Posso garantir ao público que não sei, si nas impressões, ofendeu ele [Zoroastro Artiaga] ao cel. Caldas. É possível que o tal autor do anonimato não tenha compreendido direito o que quis exprimir e

interpretado o assunto envenenando-o para ser agradável ao seu credor cel. João Elias da Silva Caldas” (ARTIAGA, 1910, p. 4).

Jornalista reconhecido pelo gosto pela polêmica, Santana não podia deixar de fazer a tréplica, explicitando, de forma direta, sua opinião sobre Zoroastro Artiaga, dessa vez na seção “A pedido”, em artigo com o título “O fedelho”, tendo seu nome registrado ao final:

O fedelho Zoroastro, ou melhor – Zoroasno, acorvandando-se, como seu feitor, no justo receio do bacalhau do coronel Caldas, a quem tanto tem ofendido, ladiou e me veio pedir que lhe puxe as orelhas. Pesa-me domar um cabrito que ainda não igualhou e que, portanto, ainda não aguenta o relance das rédeas. É muito desfrutável, bobo, pretencioso, ridículo, suinamente papalvo o Zoroastro. De tal pai tal filho se esperava. Estou pronto a dar capim ao pai. Ao filho, por enquanto não. Ainda é fedelho e catinga muito. Cresça e apareça (SANTANA, 1910, p. 3).

A seção “A pedido” era uma tradição do jornalismo em Goiás no início do século XX. Zoroastro Artiaga, em seu livro *História de Goiás – 2.º Tomo*, ao descrever em linhas gerais a história da imprensa goiana, critica esse posicionamento, presume-se, por ter sido vítima dessa situação:

O povo adorava os brigadores e irreverentes, os que usavam em maior escala termos pejorativos e frases insultuosas. Não havia punição, senão o desforço pessoal, quando a polêmica excedia os limites toleráveis. Quase todos os jornais usavam a seção “A Pedido”, que excluía a responsabilidade da redação (ARTIAGA, 1961, p. 74).

Zoroastro²⁴, apesar desse percalço, continua a exercitar sua vocação jornalística e seu nome aparece com recorrência nos jornais do estado. Entre estes, estão o jornal *O Planalto*, da cidade de Santa Luzia Goiás, no qual era correspondente, e o periódico *A Imprensa*, que, a partir de 1914, transformou-se no jornal do partido democrata chefiado pelos Caiados, em que Zoroastro volta a publicar matérias de opinião, agora sem cunho político explícito.

Segundo Campos (1983), o pacto e o compromisso entre os coronéis tinham, nos jornais, o meio de expressão dos acordos e tensões presentes nas relações entre os municípios, os estados e a União. Zoroastro, com base em sua experiência no jornalismo goiano, relata o sentimento presente na imprensa do período:

²⁴ Em 1961, Zoroastro, no livro *História de Goiás – 2.º Tomo*, já comendo o mesmo espaço de prestígio intelectual que Moisés Santana conquistara, escreve o seguinte texto ao homenagear o literato goiano: “Ele [Moisés Santana] era, talvez, uma das mais possantes e completas organizações de jornalista do interior, tornando-se pela sua índole combativa, uma vítima de si mesmo. Dotado de uma memória prodigiosa, trazia de cor, nos seus mínimos detalhes, toda a História do *hinterland* brasileiro, que ele conhecia de vista na sua peregrinação que parecia não ter fim, mas que ia assinalando com os fulgores de sua pena inconfundível. Como jornalista, foi um guerreiro que só contou vitórias”.

O século vinte encontrou a imprensa do Estado ainda vivendo a sua infância, em plena incipiência, lutando com toda a sorte de dificuldades e percalços. O jornalista tinha que ser compositor, paginador, revisor e impressor e tinha que fazer a expedição do jornal, durante a noite, para colocar no correio pela manhã. Tinha que fazer de novo a distribuição de tipos e escrever o número seguinte. Os amigos não pagavam o exemplar que se lhes mandavam por ser praxe no tempo, não se cobrar dos amigos e correligionários, e os adversários não pagavam assinaturas, porque não as haviam solicitado, e não se achavam na obrigação de financiar jornais alheios. O jornalista era sempre olhado com cautela, como elemento perigoso, capaz de desfazer reputações. Tinha prestígio o jornalista que mais adulava, o que mais “cupincha” se mostrasse (ARTIAGA, 1961, p. 74).

Assim, atuar em jornais era, de alguma forma, participar das discussões políticas que delineavam a identidade dos órgãos de imprensa. Nas biografias escritas, a figura de Zoroastro Artiaga aparece com destaque ligada ao governo de Pedro Ludovico, personalidade política que agitou o cenário de contendas e intrigas contra “os Caiados”, a oligarquia estabelecida em Goiás, protagonizando, juntamente com o líder oligarca, senador Antônio Ramos Caiado (Totó), várias páginas de jornais, tanto locais como nacionais²⁵.

Essa ligação de Zoroastro Artiaga com a figura política de Pedro Ludovico marcou, sem dúvida, sua trajetória pública. Entretanto, na década de 1920, em pleno vigor da oligarquia caiadista, Zoroastro se colocava como correligionário da situação. Em 1921, no *Correio Oficial*, com Getúlio Vaz, José Netto e Manoel Dias dos Santos e outros ligados diretamente à política caiadista em Catalão, faz a seguinte declaração para o recém-empossado governador de Goiás, coronel Eugenio Jardim, político de destaque do partido democrata chefiado pelo senador Totó:

Temos honra de manifestar V. Exa. [Eugenio Jardim] nossa intendência só júbilo ao auspicioso acontecimento de posse do governo Estado desejando que V. Exa. possa continuar livremente a obra de progresso que vem dirigindo de modo brilhante como político largo e descortino, imprimindo orientação inteligente que fecunda todos os ramos da administração pública. Estamos certos de que o governo de V. Exa. trará grandes melhoramentos morais e materiais a todo estado. Hipotecamos a V. Exa. inteiro apoio, solidariedade e fazemos melhores votos de felicidade ao governo (*CORREIO OFFICIAL*, 1921, p. 3).

²⁵ O jornal *Correio da Manhã* (RJ), de 19 de janeiro de 1928, citava a seguinte notícia sobre a política em Goiás: “Eleição em Goyaz, é coisa que não tem a menor importância. É uma formalidade perfeitamente dispensável, visto como naquela longínqua província perdida nos confins do planalto brasileiro, só dá preço aquilo que o Sr. Caiado considera de valor” (*CORREIO DA MANHÃ*, 1928, p. 4).

Em carta endereçada ao senador Totó Caiado, um ano antes da Revolução de 1930, no dia 14 de setembro de 1929 – encontrada curiosamente²⁶ no arquivo do Museu Pedro Ludovico –, é possível perceber a relação entre Zoroastro Artiaga e o meio político da época:

Ilustre Chefe e Amigo [...] O Coronel Abílio me disse que tinha se lembrado do meu obscuro nome para uma colocação [Tabelião de Notas do 2º Ofício na cidade de Goiás] onde se acha um inimigo nosso e que depende do Governo Federal. Agradei-lhe pela grande gentileza, penhorada por haver merecido do partido essa distinção. Devo declarar ao Sr. que não solicitei esse lugar, que foi o Cel. Abílio quem teve a ideia, pois eu sempre solicito é ao Sr., e quero ser sempre seu candidato. Se puder ser, muito bem, senão puder, eu esperarei outra oportunidade, **mas em política eu acompanho é ao Sr. como tenho acompanhado desde nossa mocidade**” (ARQUIVO PEDRO LUDOVICO, pasta 3, p. 68, grifo nosso).

Em sua pesquisa, Freitas (2009) revela que muitos correligionários que antes apoiavam os Caiados mudaram de lado com a Revolução de 1930. Mas o que vale destacar desse movimento é que sua posição política na década de 1920 está enquadrada num projeto partidário. Nesse sentido, o jornal *Novo Horizonte*, fundado na década de 1920, em Catalão, um hebdomadário noticioso, político e literário com o objetivo – segundo o próprio Artiaga (1961) – de lutar pela variante de Estrada de Ferro de Patrocínio a Goiandira e pela mudança da capital federal para o planalto de Cruls, tinha um comprometimento com a política situacionista dos Caiados.

Rosa (1974), ao analisar a figura de Zoroastro como proprietário do jornal *Novo Horizonte*, informa que o semanário era dedicado à defesa do caiadismo e reafirma o paradoxo de o jornalista ter mudado de lado quando Pedro Ludovico ascende ao poder do estado.

²⁶ Segundo Freitas (2009) “a residência de Totó Caiado foi invadida [...] queimaram documentos pessoais e do Partido Democrata [...] o que foi salvo do arquivo de Ramos Caiado – não se sabe por quem, nem por quê – parece ter sido entregue ao próprio interventor [Pedro Ludovico]” (FREITAS, 2009, p. 95). Passado mais de meio século, a documentação foi localizada no Museu Pedro Ludovico, misturada a papéis do fundador de Goiânia [entre os documentos se acham duas cartas escritas por Zoroastro Artiaga endereçadas ao senador Antônio Ramos Caiado].



Foto 3. Zoroastro Artiaga e Virgílio Artiaga (pai de Zoroastro) junto ao senador Ramos Caiado, Catalão, 1929. Zoroastro, quarta pessoa, na segunda fileira, da esquerda para a direita. Senador Antônio Ramos Caiado, quarta pessoa na primeira fileira da esquerda para a direita. Virgílio Artiaga, sétima pessoa na primeira fileira da esquerda para a direita. Fonte: Arquivo pessoal de Zoroastro Artiaga depositado no Museu Zoroastro Artiaga.

Apesar desse envolvimento partidário, o jornal *Novo Horizonte* tinha, em seu bojo, um projeto de caráter integracionista voltado para a organização da economia goiana e para a expansão de sua capital por meio da ferrovia e da mudança da capital federal. Nesse sentido, foi um espaço de grande importância na trajetória de Zoroastro como jornalista e intelectual envolvido nas propostas de desenvolvimento de seu estado.

Ao percorrer as páginas da coleção incompleta do *Novo Horizonte* que faz parte do acervo do Arquivo Histórico Estadual, nota-se o comprometimento de Zoroastro na integração de Goiás pela ferrovia. Na edição de 14 de fevereiro de 1926, o jornal *Novo Horizonte* estampava em sua capa uma matéria com a seguinte manchete: “Estrada de Ferro Central do Brasil: Pirapora – Formosa: trabalhemos pelo prosseguimento”. Com um discurso marcado pela defesa da nação, Zoroastro estimulava o anseio público pela obra que traria “progresso industrial, comercial, econômico e financeiro para Goiás”. No final da matéria, como forma de justificar o pedido, exclamava o diretor do jornal, “[...] um pouco de estrada de ferro e depois assombraremos o mundo com a nossa produção e operosidade” (ARTIAGA, 1926, p. 1).

Em 1924, o jornal *Novo Horizonte*, que era, em Catalão, o correspondente da revista *A Informação Goyana*, publica uma matéria com um discurso quase pedagógico de como o Estado deveria tratar a organização do trabalho nas lavouras:

Não há especialização entre os nossos lavradores; em qualquer fazenda da menor a mais prospera, encontra-se de tudo; cultivam o arroz, feijão, milho, algodão e ao mesmo tempo que criam porcos e vacas. [...] Seria um ótimo serviço que o governo

goiano prestaria ao município de Catalão se, por sua conta própria, montasse aqui uma fazenda modelo, mas onde se ensinassem de verdade os modernos processos de agricultura (*NOVO HORIZONTE*, 1924, p. 14).

Nesse discurso, estão circunscritos o papel de intelectual que “se preocupa em diagnosticar o que era o atraso na sociedade brasileira e as fórmulas de sua superação” (AVELAR, 2007, p. 207). Para o autor da matéria, a agricultura de subsistência representava um atraso para o modelo de produção rural em Goiás. As sobrevivências do passado colonial representadas nesse modelo de produção rural eram sinais evidentes do longo caminho que Goiás tinha de percorrer até que atingisse os níveis de desenvolvimento, experimentados pelas nações de capitalismo avançado. A saída apontada por Artiaga no mesmo artigo para romper o baixo desenvolvimento da região se encontrava na ação do Estado, representado diretamente pelo município, que teria o papel de transformar as formas tradicionais de plantio.

É notório, nas diversas matérias do jornal *Novo Horizonte*, o alerta para o papel do Estado como solução para os problemas da economia goiana levantados por Zoroastro. Essa linha de raciocínio também se fez presente na revista *A Informação Goyana*, especialmente no que diz respeito ao estabelecimento de políticas capazes de promover o desenvolvimento regional. Segundo Maria de Araújo Nepomuceno (2002), a revista teve papel importante no que diz respeito à promoção das riquezas da região.

[...] o grupo de intelectuais que produziu *A Informação Goyana* pretendeu por meio dela imiscuir-se na vida prática com intenções que ultrapassavam o âmbito da divulgação de uma visão de Goiás. Dizer isso significa afirmar que a revista, apesar de insinuar-se apenas como informativa, era de fato uma revista de opinião, ou seja, o que ela pretendia não era apenas informar, mas principalmente formar uma certa consciência sobre Goiás. Assim, defendeu que este estado era apenas possibilidade, e, sobretudo, promessa para os que dispusessem de recursos e que quisessem com eles contribuir para o seu progresso social, e, por conseguinte, para o progresso do País (NEPOMUCENO, 2002, p. 3-4).

Dessa forma, assuntos como economia, meios de comunicação, agricultura, transporte e a transferência da capital eram palavras-chave das matérias. As abordagens sobre política apareciam em segundo plano, uma vez que não se pretendia ferir acordos ou pactos com a política regional. Nesse sentido, as argumentações da revista se distanciavam do foco partidário, e temas de maior ambição política, como a defesa da mudança da capital federal, surgiam, assim, em suas páginas como um anseio consensual entre os políticos de Goiás e os intelectuais que escreviam na revista.

Zoroastro, aproveitando-se dessa expectativa que reunia políticos e intelectuais do *hinterland*, explorou bastante o tema “Mudança da capital federal”, questão recorrente tanto

nas páginas de *A Informação Goyana* como no jornal *Novo Horizonte*. Um exemplo interessante dessa articulação aparece na edição de abril de 1926 de *A Informação Goyana*, que publica uma matéria de seu correspondente em Catalão, o jornal *Novo Horizonte*, intitulada “A capital e o planalto: a mudança: uma ficção constitucional”:

O Brasil não é esse Rio de Janeiro faustoso e palpitante que vive fascinando pela beleza de seus aspectos todos os estrangeiros que nos visitam. Não podemos viver eternamente manietados por essa volúpia de faustos e de grandezas que o luxo e a vaidade dominam, trocando o progresso do sertão pelas frases de galanteria dos peregrinos europeus e americanos. Não podemos e não devemos. [...] O objetivo principal da mudança, previsto pelos fundadores do Pacto Constitucional, foi o ponto de vista militar, aliado a vantagem de expansão de um centro d’onde irradiasse benefícios para os lados [...] O prolongamento da E.F. Central do Brasil resolve os dois problemas: da capital e da defesa nacional (*NOVO HORIZONTE*, 1926, p. 62).

Um mês antes dessa edição, Zoroastro publicou uma matéria em seu jornal com o mesmo título, mas com algumas diferenças:

Alguns países mudaram a capital para o centro do território. Fizeram-no a seu modo mais com rapidez, por serem melhores que as nossas condições financeiras. E tiveram o unanime apoio do povo, que pressentiu ser uma necessidade nacional imperiosa e inadiável. Façamos também nós brasileiros, a nossa mudança levemos nossa capital para o *hinterland*. [...] Tratem os pois, da mudança da capital, que é o meio prático de por termo as situações de desespero que o congestionamento da população das grandes capitais traz como sua logica e consequência (*NOVO HORIZONTE*, 1926, p. 1).

Observe que, na designação das duas matérias, está implícita a ironia: seria a mudança da capital brasileira para o planalto apenas discurso constitucional? Na revista publicada no Rio de Janeiro, Zoroastro oportunamente critica a cidade “maravilhosa” e sua cultura cosmopolita, cuja posição geográfica representava um risco para a segurança da nação, argumento presente nos escritos de Varnhagen,²⁷ no século XIX. Nessa linha de raciocínio, Zoroastro, em seu jornal interiorano, defende a ampliação da ferrovia Central do Brasil e faz

²⁷ A revista *A Informação Goyana*, que já vinha trabalhando desde os seus primeiros números com matérias que tratavam do tema “mudança da capital”, no ano de 1926, em que houve eleições presidenciais, veiculou e explorou praticamente em todos os seus números publicados matérias que faziam apelo da urgência de mudar a capital federal. Com o pronunciamento dos resultados eleitorais em 1º de junho de 1926, dando a vitória a Washington Luís como presidente do Brasil, a revista, na edição de outubro do mesmo ano, chegou a veicular uma matéria em que se dizia “estamos positivamente informados que um dos primeiros actos administrativos do Sr. Washington Luís será referido a mudança da capital federal para o planalto do Brasil” (SILVA, 1926, p. 23). Ainda em 1926, na edição de novembro, *A Informação Goyana* dedica um número exclusivo ao tema “Mudança da Capital” em que estampava na matéria de capa a imagem de Marques de Pombal, José Bonifácio e Adolpho Varnhagen seguida da frase “As grandes opiniões – os três maiores vultos da nossa história. [...] Os três grandes defensores da Capital Central” (*A INFORMAÇÃO GOYANA*, 1926, p. 1). No decorrer dessa edição, foram transcritos e enfatizados excertos da obra de Varnhagen, em que há o explícito discurso de se mudar a capital federal para o centro do Brasil, bem como os benefícios que isso traria à nação brasileira.

uma espécie de pedido a seus interlocutores, com um requinte de patriotismo e nacionalismo: “ façamos também nós brasileiros a nossa mudança, levemos nossa capital para o *hinterland*”.

Para diferentes públicos, o jornalista Zoroastro Artiaga constrói uma representação de Goiás para os goianos e para os brasileiros, mas com o cuidado de não criar melindres entre os grupos políticos em disputa na região.

Na revista *A Informação Goyana*, publicada e editada na então capital federal, Rio de Janeiro, e com um raio de alcance nacional, Zoroastro deixa sua crítica em destaque e ainda faz *lobby* em função de um projeto regional. Em Goiás, no jornal confeccionado dentro de sua própria residência e com alcance municipal, Zoroastro pedagogicamente instrui o seu leitor sobre a necessidade de lutar pela mudança da capital federal. É nesse ínterim que o jornalista constrói sua imagem de intelectual.

Como aponta os estudos de Tavares (2010), Zoroastro desempenhou o papel de “informar e formar os goianos”, e o *Novo Horizonte*, nesse momento, era o instrumento para expor seu entendimento acerca da região goiana.

Pecault (1990), em sua obra que reflete a trajetória da intelectualidade no Brasil entre 1920 a 1982, explica que, para os intelectuais justificarem suas pretensões, era necessário que mostrassem títulos; no entanto, tais títulos não advinham de diplomas profissionais, mas, sim, da posse de um saber reconhecido e valorizado pela sociedade. Na década de 1920, ainda não havia se consolidado, no Brasil, o ensino superior. Em Goiás, havia somente uma faculdade de Direito, a qual enfrentou dificuldades financeiras no período²⁸. Assim, conforme Gomes (1996) o intelectual se apresentava como homem de cultura e tinha, no jornalismo, o meio de formação da opinião pública.

Conforme já dito, a participação de Zoroastro Artiaga no jornal *Novo Horizonte* expressava seu compromisso com o sudoeste goiano. Contudo, em 1929, o periódico sofreu uma reformulação que resultou em seu afastamento: a direção do jornal foi assumida por Luiz Sampaio²⁹, e a redação, por Randolpho Campos. Nesse ano, o periódico entrava explicitamente na briga política, o que culminou na saída definitiva de Zoroastro do jornal.

Getúlio Vaz, líder do diretório do Partido Democrata em Catalão, em 11 de dezembro de 1929, dois meses após a carta supracitada de Zoroastro ao senador Antônio Ramos Caiado (“Totó Caiado”), faz a seguinte menção à família Sampaio, que, no momento, dominava a política em Catalão:

²⁸ Ver: ASMAR, José. Notas para uma história dos cursos jurídicos em Goiás. **Revista da UFG**, Goiânia, Ano VIII, n. 2, dez. de 2006.

²⁹ Luiz Sampaio é o mesmo homem identificado pelos estudos de Freitas (2009) como assassino de Salomão de Paiva, intendente de Catalão assassinado em 7 de setembro de 1924.

Prezado amigo e Chefe Senador Ramos Caiado. Conforme o telegrama que transmiti ontem a V. Ex., o Tribunal, pelo voto de Minerva, concedeu *habeas corpus* ao João e Diogenes Sampaio, que estavam presos por uma sentença do Juiz em Comissão e já com o sumário de culpa terminado, tendo de tudo ciência o Tribunal. [...] Cada vez mais me convenço da justiça da causa que V. Ex., com todo ardor que lhe é peculiar, defendia contra os vendilhões do Templo da Justiça. Todo esse trabalho é culpa do Sr. Otavio Monteiro, e agora com ação do Claro Godoy fica mais do que justificado o ponto de vista dos Sampaio, que nunca foram e nem serão amigos da atual situação política. [...] (Carta de Getúlio Vaz ao Senador Antônio Ramos Caiado em 11 de dezembro de 1929, Documentos Avulsos do Arquivo Pessoal de Pedro Ludovico, Pasta 3, p. 75-75).

Segundo Nasr Chaul (1994), a família Sampaio mantinha, em Catalão, um frágil apoio político aos Caiados, tanto que, quando eclodiu a Revolução em 1930, apoiaram Pedro Ludovico. Getúlio Vaz era caiadista e líder do diretório do Partido Democrata em Catalão, e Zoroastro, correligionário desse partido, mantinha o jornal *Novo Horizonte*, um periódico de apoio aos Caiados na cidade.

No Tribunal de Justiça em Goiás, havia resistência ao “mando” caiadista. Arrais (2013) informa que o Tribunal chegou a enviar ao presidente da República um pedido de intervenção federal no estado, em virtude do controle político praticado pelo grupo de Totó, por isso a expressão utilizada por Getúlio Vaz “vendilhões do Templo da Justiça”. Estava instalado em Goiás um clima de conspiração e intrigas. O Jornal *Novo Horizonte*, na cidade de Catalão, achava-se envolvido por essa atmosfera.

Em 27 de janeiro de 1929, meses antes do processo eleitoral estadual, reverberando o clima daquele ano, Randolpho Campos, redator do jornal semanal e que vinha escrevendo a coluna “A brecha”, de conteúdo altamente político e agressivo, expõe:

Conosco deve estar todo cidadão livre, se algum porventura pode aqui haver em quem não resida a liberdade de colaborar nessa nobre cruzada que nos impusemos, para a emancipação deste futuro município das garras de uma política sem princípios, mesquinha e anarquizadora dos direitos do povo. Assim quer o presidente do diretório local, em quem faltam sentimentos de civismo para obedecer as normas de uma boa política de paz e equidade. O Sr. Getúlio Vaz, investido, por fatalidade, em tal posto, não soube corresponder à confiança dos que para aqui o encaminharam, na boa fé de bem servir os interesses do partido. Muito logo manifestou seus ódios e pôs em prática os seus processos de encontro as bases do Partido Democrata, desrespeitando mesmo a boa direção traçada pelo nosso chefe comum, Sr. Senador Caiado (CAMPOS, 1929, p. 1).

As trocas de acusações ocorriam de ambos os lados e fica visível, pelo discurso de Randolpho Campos, que o jornal local estava em atrito com o Partido Democrata, embora continuasse ancorado sob a égide caiadista. Entretanto, é indubitável também que existia, por parte da nova direção do jornal, certa inclinação à oposição aos Caiados, que de fato se

concretizou quando o nome de Zoroastro deixou de aparecer em sua administração e a facção política local rendeu apoio a Pedro Ludovico na Revolução de 1930.

A versão escrita por Zoroastro Artiaga acerca desses eventos que levaram a seu afastamento do jornal sugere que o fato se deu em razão de sua simpatia com a causa de Pedro Ludovico:

Pela imprensa tanto do Rio Verde como de Uberaba, o médico [Pedro Ludovico] explorava o que achava errado com veemência própria dos homens corajosos, enfurecendo, a cada dia, os donos do lugar, que passaram a persegui-lo. [...] Sei destes fatos porque na mesma ocasião eu também mantinha um jornal em Catalão [*Novo Horizonte*] e simpatizava-me com a causa publicamente. Também eu sofria violências e perseguições a ponto de ver o meu jornal empastelado (ARTIAGA, 1968, 03 ago., p. 6).

Essa versão escrita *a posteriori* procura legitimar a ligação do autor com a figura política de Pedro Ludovico. Entretanto, é possível afirmar que, na iminência da Revolução de 1930, Zoroastro renovava sua estreita relação com os Caiados como correligionário. Em 26 de abril de 1930, após ter saído do *Novo Horizonte*, Zoroastro encaminha uma carta ao senador Caiado parabenizando o “chefe” pela vitória na eleição de 1.º de março de 1930 como senador e por seu candidato à Presidência da República e reitera seu apoio à oligarquia: “Sr. Senador. Vimos apresentar ao eminente amigo e chefe os nossos parabéns pelo seu reconhecimento na dupla vitória que corresponde ao nosso mais ardente desejo” (Carta enviada por Zoroastro Artiaga ao Senador Antônio Ramos Caiado em 26 de Abril de 1930. Documentos Avulsos do Arquivo Pessoal de Pedro Ludovico, Pasta 3, p. 168).

No processo da pesquisa, contudo, não conseguimos encontrar nenhuma referência feita nas obras de Zoroastro escritas após o governo de Ludovico que mencione sua ligação com o caiadismo em Goiás. Ao contrário, quando Zoroastro se remete a esse período histórico, tece comentários negativos sobre a presença da família Caiado na região:

[...] direi que **as causas do nosso atraso**, por tantos anos, **foram devidas aos seguintes fenômenos sociais**: 1) Colonização do tipo primário lusitano; 2) Oligarquia aos Meneses; 3) Oligarquia da família Bulhões; 4) **Oligarquia dos Caiados**. [...] Não considero os Ludovico uma oligarquia, porque eles nos deram um avanço inusitado na estrada do progresso, vitalizando as energias que antes estavam aniquiladas (ARTIAGA, 1968, 11 abr., p. 4, grifo nosso).

Assim, Zoroastro Artiaga, diante de sua inserção no tempo presente, reformula a própria percepção do tempo que lhe era anterior. O passado é matéria que se dobra aos

negócios da política, portanto, sua ligação com Ludovico tinha de ser reforçada, enquanto os vínculos com a família Caiado deveriam ser esquecidos.

Nos esboços biográficos de Zoroastro Artiaga confeccionados por seus contemporâneos, há um silêncio sobre os motivos que levaram ao fechamento do jornal e ao seu envolvimento com os Caiados. Apenas uma autora catalana, Maria das Dores Campos (1976), escreve, sem muitos detalhes, o que ocorreu com o jornal *Novo Horizonte*:

Viveu [Zoroastro] em Catalão por quase 20 anos numa vida ativa prestando relevantes serviços ao município. Dirigiu por muitos anos o jornal “Novo Horizonte”, numa época de política sem escrúpulos que não aceitava comentários. Pela atitude reta e independente de seu jornal, este foi destruído e empastelado. [...] Este jornal [*Novo Horizonte*] por combater desmandos e arbitrariedades da política atuante, foi invadido a altas horas da noite e empastelado por elementos, a mando de Diógenes Sampaio (CAMPOS, 1985, p. 37).

Campos (1976), em poucas linhas, descreve o fechamento do jornal, mas silencia quanto ao vínculo entre Zoroastro e a família Caiado:

Novo Horizonte – fundado por Manoel Dias dos Santos. Passou por várias fases tendo os seguintes diretores. 1º Manoel Dias dos Santos; 2º Virgílio Artiaga, diretor, e Zoroastro Artiaga, seu filho, redator; 3º Zoroastro Artiaga passou a ser seu diretor e redator. Nesta 3ª fase [...] o jornal atravessou um período de grande projeção, circulando pelas cidades das regiões vizinhas. Com a Revolução em 1930 este jornal passou para a direção política de Luiz de Paiva Sampaio e redação de Randolpho Campos, tornando-se órgão oficial da “Redação Municipal” (CAMPOS, 1976, p. 152).

No que diz respeito às informações de fundação descritas sobre o histórico do jornal, elas diferem das registradas por Zoroastro, que anota: “em 1925 apareceu o *Novo Horizonte*, em Catalão, hebdomadário noticioso, político e literário, de Z. Artiaga, que durou oito anos” (ARTIAGA, 1961. p. 75). Esses dados são também contraditórios com a ficha que o próprio Artiaga depositou na AGL, na qual consta o ano de 1923 como a data de fundação do jornal.

Pina Filho (1974), em sua obra *Goiás: história da imprensa*, registra outra data de criação “no ano de 1922, a 30 de agosto, apresentou-se o jornal *Novo Horizonte*, sob a direção de Zoroastro Artiaga”. Vaz (1984) informa que “no ano de 1926 [Zoroastro Artiaga] funda o jornal *Novo Horizonte*”. Ramos (1984), em seu estudo sobre Catalão, relata que o jornal *Novo Horizonte* foi fundado em 30 de agosto de 1918 por Manoel Dias dos Santos e, posteriormente, dirigido por Virgílio Artiaga, pai de Zoroastro. Esse autor é enfático ao afirmar que o jornal teve maior projeção sob a administração de Zoroastro Artiaga e que foi o semanário de maior importância e duração no município.

Como não tivemos acesso à coleção completa do jornal³⁰, não é possível afirmar a data exata de sua fundação, nem se realmente Manoel Dias dos Santos foi o fundador. O que se pode apresentar são as informações registradas em um exemplar do jornal de 1925, o mais antigo depositado no Arquivo Histórico Estadual de Goiás. Em seu cabeçalho dessa edição consta Ano 5, ou seja, ele existia há cinco anos. Isto faz presumir que tenha sido fundado em 1921. Como citado anteriormente, em 1920 o nome de Manoel Dias dos Santos aparece relacionado ao de Zoroastro Artiaga ao fazer votos à política de Eugenio Jardim; todavia, a menção a essa relação não é suficiente para afirmar que Manoel tenha tido algum envolvimento com Zoroastro na produção do jornal. Em suma, há certa confusão entre os anos de fundação e do fim do jornal *Novo Horizonte*, muito embora se apresente a ligação entre Zoroastro e o jornal durante os supostos oito anos em que foi o seu principal mentor.

Em todo caso, independentemente da data exata da publicação desse periódico, a atividade jornalística de Zoroastro, fundamentalmente no *Novo Horizonte*, proporcionou a sua imagem uma projeção dentro do cenário político intelectual goiano que será aproveitada por ele após a Revolução de 1930 em outra perspectiva. Os laços partidários mantidos antes desse período são silenciados; o passado pré-1930 é abafado, suprimido ou negociado para que o intelectual redefina sua posição diante de outro tempo de uma nova dinâmica política que a Revolução de 1930 instaurou em Goiás.

1.3 UM INTELECTUAL A SERVIÇO DO ESTADO

Zoroastro Artiaga nunca exerceu nenhum cargo eletivo, mas era um homem ligado ao Estado e agiu na política³¹. Sua imagem pública dentro do governo goiano remonta ao cenário político construído por Getúlio Vargas no Brasil dos anos 1930. Como explica Sandes (2012), a Revolução de 1930 redefiniu a temporalidade da história nacional e regional, lançando ao esquecimento a experiência política da Primeira República. Nesse processo, laços partidários

³⁰ Durante o processo de pesquisa, não conseguimos encontrar informação de nenhuma instituição em Goiânia, Catalão e na Cidade de Goiás que tivesse a coleção completa do jornal.

³¹ Apesar de nunca ter exercido um cargo eletivo, Zoroastro foi militante e correligionário na década de 1920 do Partido Democrata em Catalão (dado compilado das edições do jornal *Novo Horizonte* entre os anos de 1926-1928), chefiado por Antônio Ramos Caiado, e, na década de 1930, foi correligionário do Partido Social Republicano (declaração dada pelo próprio Zoroastro Artiaga: ARTIAGA, Zoroastro. História de Goiás: Marcha para a constitucionalização. **Folha de Goyaz**, Goiânia, p. 7, 7 ago. 1968), que tinha Pedro Ludovico como mentor. Na década de 1940 foi um dos fundadores e militantes assíduos do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) em Goiás, sendo vice-presidente do diretório estadual do partido na década de 1950, período no qual Getúlio Vargas foi candidato à presidência do Brasil e mantinha a defesa do governo federal na região por meio do jornal *Gazeta Trabalhista*, que circulou em Goiás em 1954 (dados compilados com base nas edições do periódico *Gazeta Trabalhista*, no ano de 1954, mantido pelo PTB).

do passado foram modificados por outros acordos, com os quais havia uma oportunidade de enquadramento:

O Presidente do Estado Pedro Ludovico, de seu Palácio do Conde dos Arcos, construção do século XVIII, convocou um dia oito homens de confiança; entre eles encontrava-se o doutor Zoroastro. “Convoquei os senhores porque preciso de um grupo decidido para enfrentar comigo os obstáculos e vencê-los seja como for”. Via, mesmo em pensamento as ruas quietas, os casarões cinzentos, a estagnação da vida local, e lembrava as inflamadas frases que lera no “Novo Horizonte”. “Nasci aqui, nesta velha e querida cidade de Goiás. Mas que é preciso que se faça deve ser feito”. Dirigiu-se diretamente ao doutor Artiaga, lembrou que tinham sido adversários políticos, mas confiara tanto no seu desejo de contribuir para o progresso do estado natal e o bem-estar do país, que não hesitara em convocá-lo também. A resposta foi clara: “Estarei com os senhores até a hora da vitória final” (STANDARD OF COMPANY BRAZIL. Mensagem de honra ao mérito a Zoroastro Artiaga, 1952).

Inserido no ambiente político oligárquico, marcado pelo domínio familiar, Zoroastro enxerga, no movimento político advindo da Revolução de 1930, a oportunidade para mudanças que propiciariam o desenvolvimento regional. Em 1933, com a fundação do Partido Social Republicano (PSR), ele engrossa as fileiras do grupo de sustentação do novo governo implantado por Ludovico juntamente com outros intelectuais da cultura goiana, entre eles Colemar Natal e Silva³².

O primeiro cargo de impacto que ocupou no governo Ludovico foi o de Diretor da Imprensa Oficial (DIP), em 1936. Em meio à disputa política travada em função da transferência da capital de Goiás, o DIP, como relata Asmar (1989), asfixiava qualquer crítica ao governo de Ludovico. Segundo os estudos de Arrais (2013), “qualquer vestígio de clara oposição ao governo estava realmente descartado. Os jornais oposicionistas praticamente se extinguíram. Os sobreviventes foram amputados de qualquer coluna com olhar mais enviesado acerca do governo”. Ludovico, tal como Vargas, buscou aproximar-se dos intelectuais como forma de controlar as possíveis críticas dos órgãos de imprensa:

e falou, então o Interventor Pedro Ludovico [...] os intelectuais não influem na esfera política, porém, criam ambiente desfavorável aumentam as dificuldades, e tramam surpresas desagradáveis a cada momento. Alguns residindo em meio culto valem-se de suas relações para obstinarem aquilo que depende do poder central. Tudo fazem pela imprensa para que não se concretize o sonho de Rodolfo Paixão, Miguel Lino de Moraes, Couto de Magalhães, e por último um imperativo da revolução outubrista que hei de cumprir se Deus quiser (ARTIAGA, 1968, 25 ago., p. 4).

³² Colemar Natal e Silva, fundador da Universidade Federal de Goiás, como aponta os estudos de Arrais (2013), também foi um intelectual que mudou de lado quando eclodiu a Revolução de 1930. Antes caiadista, compunha, juntamente com Zoroastro Artiaga, o lado político de Pedro Ludovico.

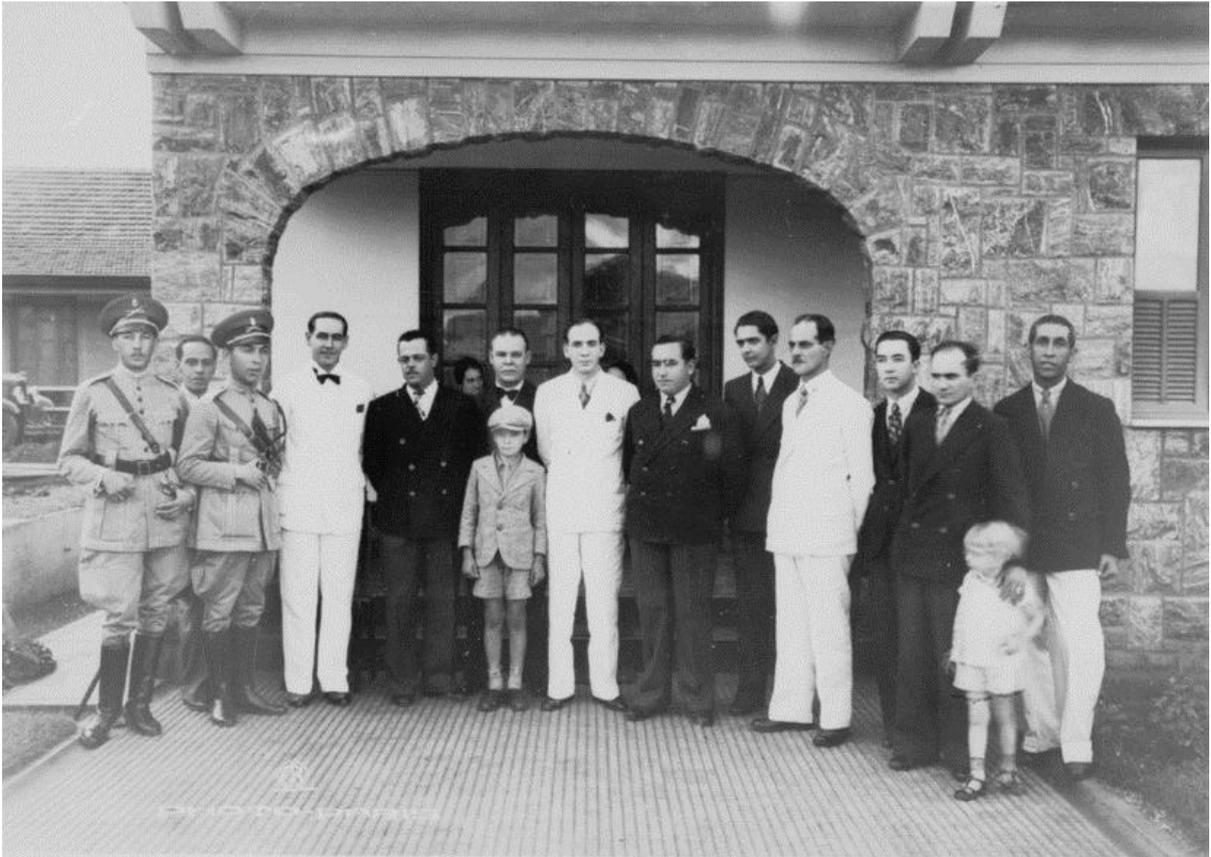


Foto 4. Equipe de auxiliares de governo em frente ao Palácio provisório, ano 1937. Aparecem na foto, da esquerda para a direita, cap. Sebastião Braz, major Albuquerque, dr. Sólton de Almeida, dr. Irani Alves Ferreira, interventor Pedro Ludovico com seu filho Paulo, dr. Oscar Campos Jr., prefeito Venerando de Freitas Borges, dr. Antônio Gomes Pereira, dr. Abel de Castro, dr. Câmara Filho com seu filho Tasso e Zoroastro Artiaga Fonte: Acervo fotográfico do Museu da Imagem e do Som-GO.

Os intelectuais que não foram cooptados pelo governo de Ludovico se viram impossibilitados de fazer oposição por meio dos jornais. A construção de Goiânia e a mudança da capital mobilizavam a elite política e dividiam as opiniões; além disso, havia um forte interesse de ajustar a economia no estado ao projeto de governança de Vargas. Nesse escopo, a presença do intelectual no estado dava corpo às ações de governo. Em 1934, Zoroastro Artiaga, desempenhando esse papel em Goiás, denota, na revista *A Informação Goyana*³³, a situação das estradas do estado:

Vários problemas estão sendo resolvidos ao mesmo tempo, no sentido de melhorar as nossas condições de transporte. De vários pontos afluem ao nosso estado atenções para novas iniciativas que, de futuro, terão influência decisiva na vida comercial e econômica de Goyaz. [...] Exultemos, pois, diante da perspectiva de um fundo lisonjeiro que nos virá [...] (ARTIAGA, 1934, p. 72).

³³ A participação de Zoroastro na revista *A Informação Goyana* se dá em dois momentos. O primeiro está ligado a sua atuação no jornal *Novo Horizonte* até 1929, em que seus artigos aparecem assinados com o nome do jornal como correspondente de Catalão. Após sua saída do periódico, ele continua escrevendo para a revista, agora assinando não mais como *Novo Horizonte* e, sim, como Zoroastro Artiaga.

A economia se torna o grande mote da ação do tecnocrata Zoroastro Artiaga, conforme se comprova neste trecho extraído de um artigo publicado em *Correio da Manhã*:

A 20 de janeiro do ano vindouro [1936] terá início em Goiânia a nova capital de Goyaz, sob os auspícios do Departamento de Expansão Economia deste Estado, uma semana ruralista, cujos trabalhos serão organizados e dirigidos pela Sociedade dos Amigos de Alberto Torres. O projetado certame que é o primeiro no gênero a se verificar no Estado terá lugar conjuntamente a uma exposição, na qual Goyaz patenteará, pelos produtos expostos, as incomparáveis possibilidades econômicas das riquezas de seu solo e sub-solo. [...] Existe no nosso Estado uma plêiade [Pedro Ludovico expressando] de moços que muito vem se esforçando pela nossa construção econômica dentro das nossas realidades. São eles Benjamin Vieira, Celso Herminio Teixeira, Gercino Monteiro, Venerando de Freitas, **Zoroastro Artiaga** [...] (*CORREIO DA MANHÃ*, 1935, p. 12, grifo nosso).

Ora, se no jornalismo Zoroastro Artiaga identificava os problemas da região, certamente poderia, no interior do estado, responder com rapidez e eficácia a essas questões e empreender propostas para que, de fato, a região se integrasse ao eixo econômico brasileiro. Nesse âmbito, duas frentes principais exemplificam seu grau de influência como tecnocrata:

- a) sua atividade como economista conselheiro dos colegiados técnicos ligados ao poder executivo;
- b) e seu papel como cientista/propagandista das riquezas de Goiás orientado por sua atuação como geólogo, geógrafo e botânico.

É nesse ramo que sua produção discursiva vai atuar quase que num plano doutrinário de desenvolvimento econômico para Goiás. A “riqueza” do planalto central aparece como palavra de ordem em suas formulações ao mobilizar todos os recursos propagandísticos para descrever o que a região tinha a oferecer à nação. Nesse aspecto, nota-se uma aproximação de sentido em seus argumentos com o discurso de riquezas naturais do Brasil que tem raízes na geração de ufanistas do século XIX, tendo, na obra de Affonso Celso³⁴, *Porque me ufano do meu país*, o papel de destaque no que diz respeito à educação do caráter nacionalista.

Tal alusão impulsionou os intelectuais goianos na propaganda de riquezas naturais, a qual será atacada veementemente pelos opositoristas. No jornal *Diário Carioca*, em pleno governo de Getúlio, sai uma matéria de cunho pessimista que contraria o pressuposto ufanista da riqueza natural e confronta diretamente a política econômica varguista intitulada “Penhor da boa fé”, sem autoria assinada:

³⁴ Martins (1978) explica que o ufanismo não é um fenômeno exclusivamente nacional e tampouco foi inaugurado por Affonso Celso; entretanto, considera que o autor criou a terminologia de uma atitude mental em que as grandes nações nada se distinguem das pequenas.

Ninguém mais nos círculos da vida mental brasileira ousa concorrer para o prolongamento da burla dolorosa que representa essa história, positivamente pueril, de sermos uma nacionalidade rica. Praticamente, verdadeiramente somos pobres, visto como tem de repousar em bases firmes, positivas, concretas, o conceito da riqueza. Simples possibilidades ou perspectivas de grandeza material não autorizam devaneios, nem permitem vaidades, acabam definindo-se, tão somente como sinais de megalomania coletiva de paranoia. O Brasil precisa cogitar de se enriquecer, mas de fato, de verdade. [...] as ideias sobre que fizeram tantas variações empolgantes os propagandistas mais prestigiosos do movimento cujo triunfo pleno se consumou a 24 de outubro de 1930, por entre aplausos da grande maioria do povo, perfeitamente apercebida de que se fazia necessariamente uma reforma radical, e absolutamente confiante em quem prometia e esboçava tão benemérita obra. Infelizmente ainda não se realizaram esses planos grandiosos [...] (*DIÁRIO CARIOCA*, 1933, p. 6).

A oposição ao governo insistia que, apesar dos indicadores de crescimento da economia na década de 1930, o país ainda vivia o drama de uma economia dominada pela atividade agrícola e que seria preciso um longo caminho para a industrialização. E é conjecturando a perspectiva industrial que, em 1936, em entrevista ao jornal carioca *Correio da Manhã*, numa matéria intitulada “Goyaz: cresce o movimento de exploração de minas no estado”, Zoroastro Artiaga faz a seguinte declaração sobre a “riqueza” mineral de Goiás:

[...] tem sido crescente o movimento de exploração das minas de Goiás [...] Por esse motivo fomos ouvir o Dr. Zoroastro Artiaga que há tempos a esta parte vem estudando com bastante interesse a geologia goiana, tornando-se, por isso mesmo, uma reconhecida autoridade no assunto. [...] O Dr. Zoroastro Artiaga atendeu-nos prontamente e, como logo de início o abordássemos sobre a conhecida mina de Castelinho, começou dizendo que era motivo de júbilo seu, poder cooperar na campanha que se vem fazendo em Goiás pela divulgação das suas possibilidades econômicas que representam um imenso futuro para o Brasil (*CORREIO DA MANHÃ*, 1936, p. 12).

A opção de publicizar a exploração do potencial econômico das jazidas minerais de Goiás está intimamente alinhada com o seu papel de pesquisador (geólogo), exercido concomitantemente com sua atividade de tecnocrata do estado. Zoroastro, contextualizado aos movimentos do governo federal, busca, nessa publicidade das jazidas minerais de Goiás, aproximar a região do desenvolvimento industrial siderúrgico preconizado em 1931 quando Vargas, no início de seu governo, procurou definir uma política específica para a siderurgia nacional³⁵ na expectativa de nacionalizar as reservas minerais do país.

Ainda no *Correio da Manhã*, em 16 de maio de 1936, três meses depois de ser entrevistado sobre o crescimento de minas em Goiás, Artiaga defende, com a devida autoridade de um tecnocrata, as vantagens da produção de trigo em Goiás, buscando, com

³⁵ Criação da Comissão Nacional de Siderurgia em 1931.

isso, chamar a atenção de investidores de produção agrícola para a região por meio da imprensa lida na capital.

Attendidos pelo Dr. Zoroastro Artiaga, espírito dado ao estudo dos problemas econômicos goyanos, fizemos-lhe a nossa primeira pergunta. Queríamos saber em primeiro lugar da possibilidade de cultura do trigo na Chapada dos Veadeiros. Adeantounos: é motivo de prazer falar sobre a cultura do trigo no hinterland brasileiro, cuja região, para esse fim, se apresenta privilegiada e onde essa gramínea vem sendo cultivada desde os tempos coloniais. Pode-se dizer, que a Chapada de Veadeiros é uma região européia encravada no centro do Brasil. [...] o trigo de Veadeiros é melhor do que o do estrangeiro, o sabor e a pureza que as melhores farinhas argentinas não possuem. (CORREIO DA MANHÃ, 1936, p.13)

Nas asserções de Zoroastro percebe-se que o denominador comum é colocar Goiás nos quadros da economia nacional. Contudo, enquanto o tecnocrata promovia o discurso propagandista de Goiás para o Brasil, o governo de Ludovico sofria resistência para concretizar Goiânia em um cenário político regional que persistiu até 1937, momento em que é decretado, por Vargas, o fim do poder legislativo, enfraquecendo com isso a ação política oposicionista em Goiás. A Assembleia Legislativa, então palco das discussões da resistência e oposição à construção de Goiânia e mudança da capital do estado, deixou de existir, e Pedro Ludovico, novamente confirmado em Goiás como chefe de Estado, efetiva a mudança da capital. Zoroastro testemunha ocular dos acontecimentos políticos da época relata:

O Estado Novo em Goiás foi benéfico e profícuo. Pedro Ludovico foi confirmado no governo, podendo então realizar medidas para sua mudança da capital que, em regime constitucional, lhe seriam muito penosas e assim facilitou a conclusão, das obras, naquela fase tão combatidas [...] (ARTIAGA, 1968, 27 ago., p. 9).

O Estado Novo de Vargas de fato constituiu um novo arcabouço político-institucional que, no caso de Goiás, aumentou seu poder interventor no estado, além de expandir sua capacidade de incorporação no sistema político vigente. Em 1942, nos festejos da inauguração da cidade de Goiânia, Vargas lança a chamada “Marcha para o Oeste” como uma diretriz política de integração territorial para o país. A cidade que acabava de nascer era representante direta do desejo de integrar e povoar todo o território brasileiro.

Paulo Figueiredo³⁶ (1984), tecnocrata que esteve ao lado de Pedro Ludovico na vigência do Estado Novo no Cargo de Presidente do Departamento Administrativo³⁷, relata:

³⁶ A figura de Paulo Figueiredo, segundo os estudos da Schwab (2010), aparece no governo de Ludovico indicado por uma carta de recomendação de Quintiliano Jardim, dono do Jornal *Lavoura e Commercio* de Minas Gerais, que tinha Odorico Costa, amigo de Zoroastro Artiaga, como seu redator. Segundo a pesquisa de Gomes (1996), Odorico Costa foi o personagem de Goiás que mais escreveu na revista *Cultura Política*, matriz

Batamos na mesma tecla: é preciso povoar o Brasil. [...] precisamos reiniciar o movimento bandeirante. Mas em outro tom. Um bandeirantismo estatal. O bandeirantismo cujo veículo natural seria, sem dúvida, o Brasil politicamente redividido [...] Nossa assertiva não é vã: firma-se na experiência da redivisão municipal, de resultados tão benéficos em todos os Estados. E firma-se, sobretudo, em Goiânia [...] Bem sei que tais previsões chocam os indivíduos superficiais, desencantados de Goiânia porque nela lhes faltou água no banheiro, ou um pouco de lama lhes respingou nas calças bem engomadas [referindo as críticas que Goiânia recebeu na ocasião do Batismo Cultural]. Mas Goiânia – repitamos pela milésima vez – não vale pelo que é, mas pelo que significa; não é coisa para ser vista, mas para ser compreendida [...]. Proclamar Goiânia em verdadeiro símbolo do Brasil Novo [é] uma afirmação inequívoca da Marcha para o Oeste, um incitamento poderoso à aventura da redivisão política do Brasil (FIGUEIREDO, 1984, p. 187-188).

Na direção apontada pelo articulista, a conexão entre a nova capital e a Marcha para o Oeste se beneficiam mutuamente.

No âmbito do Conselho Administrativo em Goiás, segundo os estudos de Codato (2008), o estado partilhava de um arranjo estratégico do sistema administrativo (Interventoria Federal, Conselho Administrativo e Presidência da República), que era hierarquicamente regulado. Zoroastro trabalhava em função da política varguista e sua capilaridade no estado e municípios:

Os projetos de leis vinham da Interventoria e o Conselho não tinha iniciativa, porém, podiam apresentar emendas, aceitar ou recusar os projetos por inconstitucionalidade, ou por estar fora das normas instituídas pela Lei que o criou. Esse órgão funcionou durante muitos anos, e cumpriu as suas finalidades com o maior escrúpulo, sendo extinto quando voltou o regime constitucional, que criou de novo Câmara e Senado no âmbito federal; e no Estado, apenas Assembleia Legislativa. O Conselho jamais congelou nenhum progresso e trabalhou tempo integral sendo elogiado no Rio de Janeiro por sua eficiência e presteza, trazendo em dia todo o seu serviço (ARTIAGA, 1968, 27 ago., p. 9).

Completamente mergulhado no discurso progressista promulgado pelo Estado Novo, Zoroastro direciona seu discurso com a concepção de que:

[...] durante o Estado Novo foi que Goiás mais prosperou, pois, Pedro Ludovico fez em tão poucos anos o que não foi feito desde a fundação de Vila Boa, vez que vivíamos uma vida modorrenta e vegetativa. Sem fazer referência à nova capital, basta citarmos o setor de estradas, e ensino público, finanças e saúde. A renda do Estado passou de cinco milhões de cruzeiros para bilhões de cruzeiros, até 1960. O Estado tinha 800.000 habitantes, e agora temos 2.500.000 (ARTIAGA, 1968, 27 ago., p. 9).

intelectual doutrinária do Estado Novo. Tanto Odorico Costa como Paulo Figueiredo tiveram relações próximas com Zoroastro e todos eles, considerados intelectuais em seu tempo, compartilhavam do mesmo ideal político e trabalhavam nesse sentido, formando uma espécie de rede de conhecimento dos preceitos estado-novista.

³⁷ Órgão criado pelo Decreto-Lei n. 1.202 em 8 de abril de 1939, ligado ao Ministério da Justiça para fiscalizar os atos da interventoria. Conforme o Decreto-Lei n. 5.511, de 21 de maio de 1943, quatro anos mais tarde, passa-se a chamar Conselho Administrativo.



Foto 5. Zoroastro Artiaga (terceiro homem da direita para a esquerda) com Pedro Ludovico (sétimo homem da direita para a esquerda) na Sessão do Conselho Técnico de Economia e Finanças, ano provável 1937. Fonte: Acervo fotográfico do Museu da Imagem e do Som-GO.

Em 1940, Zoroastro escreve três artigos para o jornal *Correio da Manhã* e um para o *Estado de S.Paulo*³⁸ com o tema “Economia Goiana”, nos quais o intelectual volta a enfatizar o potencial agrícola de Goiás e o lucro que o Brasil teria com tal investimento. Em 1943, em plena corrida atômica mundial, em artigo escrito para o jornal *Gazeta de Notícias*, Zoroastro afirma existir o minério Radium³⁹ em Goiás:

O mundo econômico e científico do Brasil foi assaltado nesses últimos dias por um verdadeiro movimento de curiosidade em torno das recentes declarações feitas à

³⁸ ARTIAGA, Zoroastro. Economia goiana: reflorestamento. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 6, 29 de julho, 1940.

_____. Economia goiana: reflorestamento. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 7, 2 de junho de 1940.

_____. Economia goiana: a mamona. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 7, 26 de abril de 1940.

_____. Economia goiana: reflorestamento. **O Estado de S.Paulo**, São Paulo, p. 4, 7 de junho de 1940.

³⁹ Em 8 de agosto de 1958, Zoroastro Artiaga aparece na capa do jornal *Folha da Noite* (SP) acusando a empresa americana *American Smelting and Refining Company* de explorar ilegalmente, no período da Segunda Guerra Mundial, a reserva mineral de Niquelândia (GO), onde havia minério Radium. Ainda na matéria, Zoroastro sugere que a bomba atômica de Hiroshima e Nagasaki teria tido como matéria-prima o minério Radium extraído de Goiás. Dez anos depois, em 20 de maio de 1968, o jornal *Cinco de Março* estampa na primeira página: “Autoridades federais confirmaram denúncias de Zoroastro Artiaga sobre contrabando de minérios atômicos”. No decorrer da matéria que elogia a conduta patriótica de Zoroastro Artiaga, o jornal expõe a síntese do relatório da polícia federal confirmando as denúncias dadas por ele em 1958 sobre o contrabando internacional de minérios atômicos dentro do território goiano.

imprensa pelo economista Zoroastro Artiaga membro da Comissão de Fisiografia do Conselho Nacional de Geografia. A notícia de que haviam sido localizadas diversas minas de radium na povoação de Leopoldina município de Goiás, como era de esperar, despertou a mais grata impressão entre os brasileiros de vez que põem relevo mais uma vez as inúmeras riquezas ainda jazentes no território nacional (*GAZETA DE NOTÍCIAS*, 1943, p. 11).

E em 1944, ou seja, três anos após Getúlio baixar, em 7 de maio de 1941, o Decreto-Lei n. 3.236, que ficou conhecido como “Código do Petróleo”, o nome de Zoroastro aparece na imprensa da capital federal (*Gazeta de notícias* 1944, p. 4) na publicação do relatório que afirma ter sido encontrada evidência de petróleo em Goiás. Mais uma vez nota-se o esforço do tecnocrata de chamar a atenção do Brasil para as potencialidades de Goiás.

Sua atividade científica alinhada com sua atuação dentro do estado insistia no projeto de reivindicar a Goiás investimentos, procurando sempre incluir os recursos, fossem eles agropecuários e/ou minerais, na agenda nacional financeira. Atento ao movimento de industrialização fomentado pelo governo Vargas no Brasil, Zoroastro fortalecia seu discurso de divulgar “as riquezas minerais de Goiás para a nação associando o minério a sua utilização na indústria” (TAVARES, 2010, p. 87). No *Jornal do Brasil*, numa matéria intitulada “Onde existe radium no Brasil”, Zoroastro chama a atenção do leitor para a geologia goiana, ao mesmo tempo que reitera o projeto nacional de povoar o país:

A descoberta do radium em Goiás veio confirmar, mais uma vez, a existência desse precioso minério no território brasileiro. Já se tinha notícia da sua presença em terras do Paraná e de Minas, mas só agora esse fato ficou completamente esclarecido. A propósito desses acontecimentos, chegou-nos às mãos uma carta do velho engenheiro mineralogista Giacomo Batista Parmigiani, um dos mais destacados valores das pesquisas realizadas no sul do Brasil, bem como no vale do Rio Doce. [...] Em sua missiva, o engenheiro Giacomo declara que, tendo tomado conhecimento dos esforços do Sr. Zoroastro Artiaga para tornar público as riquezas do subsolo deste Estado, não podia silenciar com relação a um fato que verificou no Paraná, e que tem correspondência com a descoberta feita em São José de Tocantins. Continuando, frisou o missivista que, no Paraná, como em Goiás manifesta-se a mesma estrutura onde se encontra intercalado o mesmo minério de radium, que o economista Zoroastro revelou em suas conferências e que esta entre o níquel e o cobalto. “Havendo guardado reserva do encontro da euxenita, assim como de outros minérios, a revelação da existência do radium no Brasil pertence ao meu colega Zoroastro Artiaga, que a fez para todo o País por intermédio da Asapress [Agência de notícias que alimentava jornais no Brasil]. Hoje o Brasil sabe que, em seu subsolo, existe radium e que, na pauta de sua exportação as leis fiscais salvaguardarão os interesses nacionais [...]”. As surpreendentes revelações do engenheiro Parmigiani causaram profunda impressão. Ouvimos sobre elas o Sr. Zoroastro Artiaga, que assim se expressou: “Só me resta dizer que os minérios de radium aí estão, pedindo exploração, convidando o capital, convocando os técnicos, chamando os geólogos brasileiros, a mobilização, para que ativem suas pesquisas em torno das ocorrências [...]. O radium surge no momento em que o Brasil precisa de lastro [...] está apontando ao homem do litoral o caminho da fortuna, ao mesmo tempo que lhe oferece possibilidades para trabalhar pelo Brasil do amanhã, preenchendo os vácuos demográficos da *hinterlandia* nacional, realizando enfim, a marcha para o Oeste grandioso e rico” (*JORNAL DO BRASIL*, 1944, p. 5).

A prática institucional do Estado Novo ditava as propostas, posturas e argumentos do intelectual. É evidente que há particularidades em sua atividade, pois sua trajetória institucional estava inserida numa política estadual que tinha limitações. Mas é possível assentir a existência de um elo de sua conduta com as correntes de pensamento dos tecnocratas em nível nacional.

Os estudos organizados por Oliveira, Velloso e Gomes (1982) relatam que o Estado Novo contava com vários porta-vozes que, afinados com o nacionalismo, tentavam traduzir o pensamento e os projetos de Vargas para a edificação de um novo Brasil. Em Goiás, essa expressão ganhava contornos na *Revista Oeste*, que replicava a linha editorial da revista *Cultura Política*⁴⁰. Nela podemos visualizar os discursos regionais alinhados com a política estado-novista⁴¹. Dos 23 números publicados, nota-se a presença de Zoroastro Artiaga em quase todas as publicações.

Em 1942, no lançamento da revista, oportunamente publicada na ocasião do Batismo Cultural de Goiânia, o intelectual realizava seu comentário sobre a economia goiana:

A pecuária sempre foi a fonte geradora de riquezas e nela teve a base a fortuna particular, nos sertões, ao ponto de se formar uma verdadeira “aristocracia rural”. Foram sempre os negócios de gado o melhor meio de vida sertanejo. Seja criador, invernista, boiadeiro ou negociante de gado, todos têm a sua parte nos proventos da pecuária e agricultura (ARTIAGA, 1942, p. 22).

A revista *Oeste* consolidava no estado de Goiás uma mentalidade política e também uma ideia de interiorização do Brasil, esboçada na Marcha para o Oeste proposta pelo Estado Novo varguista. Sobre o assunto, Maria Beatriz Ribeiro Costa (1994) informa:

No contexto da consolidação das mudanças promovidas pela Revolução [1930], da concretização da política de interiorização do Governo Vargas, dentro da qual se insere a construção de Goiânia, vários foram os setores engajados no movimento modernizador patrocinado pelo Estado. Dentre eles situam-se os intelectuais – os homens de imprensa que se ligaram à porta-voz da ideologia revolucionária modernizadora de Goiás, a revista **Oeste**. Daí, por fim, ser inegável o papel que a revista teve na consolidação de Goiânia e na divulgação dos ideais de modernização a que se propunha a Revolução – romper o atraso, contrapor o novo ao velho, promover uma sociedade mais justa (COSTA, 1994, p. 137-138).

⁴⁰ Há um número considerável de trabalhos sobre a revista *Cultura Política* que a coloca como difusora de uma ideologia política do Estado Novo, entre estes a tese: CÂMARA, Marcelo Barbosa. **Cultura Política** – Revista Mensal de Estudos Brasileiros (1941 a 1945): um voo panorâmico sobre o ideário político do Estado Novo. 2010. 206 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

⁴¹ Entre eles podemos citar Colemar Natal e Silva, Zecchi Abrahão, Vasco dos Reis Gonçalves, Odorico Costa e Paulo Augusto de Figueiredo.

Artiaga deixou rastros de sua atuação junto do estado em quase todos os periódicos de Goiás e nos principais jornais da capital federal. Mas é na revista *Oeste* que ele registra sua crença política, pautada no ideal desenvolvimentista que o Estado Novo fomentava. O Estado Novo é seu “espaço de experiência e seu horizonte de expectativa” (KOSELLECK, 2006, p. 305-327) e que vai nortear grande parte de sua percepção de passado com vistas ao futuro⁴². Vasco dos Reis, homem de confiança de Pedro Ludovico e amigo de Zoroastro Artiaga, expõe o sentimento comungado pelos intelectuais goianos:

[...] jurando nossa firmeza e nossa dedicação a Pedro Ludovico, o maior brasileiro de Goiás, um dos maiores cidadãos da Pátria, o amigo e companheiro de Getúlio Vargas, antes e depois de 30, antes e depois de 32, antes e depois de 37. Ovacionemos esses dois nomes, entrelaçados em nosso culto de amor e gratidão e deponhamos-los, em espírito, envoltos na Bandeira, sobre o “Altar da Pátria” (REIS, 1943, p. 12).

O lado mítico da figura Ludovico se entrelaçava com a figura do presidente da República no intuito de legitimar a ação do governo em Goiás. Em maio de 1943, no Dia do Trabalho, Zoroastro declara sua opinião sobre o Estado Novo:

Com o advento do Estado Novo, raiou um novo sol resplendoroso que inundou de luz as trevas do obscurantismo. O homem de hoje já não é o de 1937. [...] O Estado Novo redimiu cinco milhões de operários, criou um ciclo novo de vida dando ao indivíduo e à sociedade o equilíbrio preconizado pela encíclica papal *Rerum Novarum*. [...] A insegurança, a tirania o patrão, a vigilância de uma censura hostil, em nome do Estado tão temida, uma eterna espada suspensa sobre a cabeça do operariado, que não via apoio onde acolher-se contra as injustiças, onde abrigar-se nos dias de perseguição, tiveram os seus últimos dias com o golpe libertador [de Getúlio Vargas] (ARTIAGA, 1943a, p. 36).

Zoroastro não economizava adjetivos para elogiar a figura de Vargas – o chefe capaz de fazer “política econômica sem personalismo” (ARTIAGA, 1943b, p. 15) – e tampouco a de Pedro Ludovico. A revista *Oeste* registra o vestígio de sua atuação como conselheiro de economia, confirmando seu envolvimento com a causa:

“OESTE”, esse poderoso farol intelectual que irradia cultura pelo Centro-Brasileiro, não quer dispensar-me do estudo de assuntos econômicos; e, como soldado obediente, não costumo discutir as ordens de comando, razão pela qual e todos os seus números, sempre compareço com artigos massudos cheios de algarismos e de termos técnicos (ARTIAGA, 1944, p. 25).

⁴² Exploraremos esse tema com mais afinco no capítulo 3.

Em 1949, em um livro editado pelo governo federal, *Goiás: uma nova fronteira humana*, o organizador João Gonçalves de Sousa⁴³, assessor técnico do Ministério da Agricultura em problemas de economia rural de 1940 a 1953, faz uma citação a um relatório de Zoroastro Artiaga intitulado “Economia Goiana no setor da agricultura e pecuária”:

O Sr. Zoroastro Artiaga é um dos homens que mais conhecem as condições humanas da lavoura goiana. Tem escrito milhares de páginas acerca destas condições. Cortou o estado, segundo o eixo da bota ou de leste a oeste. Dele este relato: Geralmente o arrendatário se obriga a pagar como arrendamento a meia do total da produção, posta em tulha, compromete-se o arrendatário a entregar-lhe a madeira de roças, a formar pastos, a entregar a área carpida no término da parceria e abastecer-se do que faltar nos fornecimentos da fazenda, o que é feito a preços escorchantes, negócio da China, muito usual entre nós. Quando o arrendatário não tem recursos de financiamento acontece, então, que a produção fica de antemão hipotecada, e nada lhe sobrar, porque os juros da “roça” não têm normas nem regras legais e, às vezes, são impostos com a garantia real e efetiva da força pessoal, do prestígio do proprietário da fazenda que faz bom uso do seu direito de liquidar (SOUSA, 1949, p. 158).

Nesse relatório, Zoroastro denuncia duas situações: a exploração do trabalhador rural pelo latifundiário e a total falta de atenção do Estado em organizar o processo de produção rural em Goiás. É nesse segundo viés que ele vai arrolar sua justificativa para a adoção de uma política de atração de braços por parte do Estado. Corroborando essa direção, o jornal *O Globo* publica:

O Sr. Zoroastro Artiaga, membro do Conselho Administrativo do Estado, em longo memorial apresentado ao Governo sugeriu a possibilidade de Goiás receber, tão logo seja possível, cem mil imigrantes para cuidar dos trabalhos rurais, especialmente das lavouras de arroz e do café que se desenvolvem com intensidade em todo interior (O GLOBO, 1945, p. 10).

Como homem de discurso e ação no Estado Novo em Goiás, Zoroastro estava replicando uma linha de pensamento que os intelectuais inseridos no governo tinham como uma prática institucional. Essa prática é a essência, acreditamos, de todo o alinhamento do discurso de emoldurar Goiás como potencial, tendo como foco a mobilização da estrutura política para a promoção do crédito e investimento, justificados pela perspectiva de integrar a região nos quadros da economia nacional.

O fato é que, resguardando as especificidades, podemos pressupor que a figura do intelectual que permeava a ação política no Estado Novo reverberava em Goiás tanto no que

⁴³ João Gonçalves de Sousa é autor também de:

SOUSA, João Gonçalves de. **O nordeste brasileiro**: uma experiência de desenvolvimento regional. Fortaleza: Banco do Nordeste, 1979.

_____. **Algumas experiências extracontinentais de reforma agrária**. Washington, D.C.: União Pan-Americana, 1964.

se refere a pensar a região integrada à nação, buscando compreender seus problemas, verificando suas necessidades, sugerindo soluções, ajudando a balizar referências para o pensamento social, como a pensar a questão nacional de modo a entender sua cultura, seu povo e sua história.



Foto 6. STANDARD OF COMPANY BRAZIL. Mensagem de honra ao mérito a Zoroastro Artiaga, 1952 Fonte: Arquivo Pessoal de Zoroastro Artiaga depositado no Museu Estadual Professor Zoroastro Artiaga.

CAPÍTULO 2

HISTÓRIA, INTELLECTUAIS E IMPRENSA

Para além das especificidades de visão política que vigorava entre os intelectuais goianos da primeira metade do século XX, observa-se a convergência de perspectivas no sentido de escrever a história do estado como recurso para compreender o passado goiano e redefinir a posição periférica da região no quadro econômico nacional. Assim, o conhecimento produzido pela história representava, para esses intelectuais, o legítimo desejo de ordenar uma reflexão produzida por eles próprios acerca de sua terra e de sua gente.

Dentro dessa perspectiva, a escrita de Zoroastro Artiaga sobre o passado da região ocupa espaços diversos, uma vez que ele pretendia instruir a população e isso foi feito tanto por meio de artigos na imprensa quanto pela publicação de livros voltados para o ensino escolar. Sua atuação como intelectual é evidente e se expressa no desejo de transformar o conhecimento do passado em alavanca para alterar o quadro cultural no qual imperava um sentimento de inferioridade da região em relação aos demais estados da federação.

Em Goiás, houve tentativas de pensar e escrever uma história que desse amparo às indagações a respeito da cultura histórica regional⁴⁴. Em 1932⁴⁵, na primeira edição da obra *História de Goiás*, Colemar Natal e Silva, ao refletir sobre a importância cívica do sentimento de se possuir uma história, questiona: “Por que nós, goianos, não teríamos também a nossa história?” (SILVA, 1932, p.15). É sob esses mesmos auspícios que Zoroastro lança sua primeira obra publicada, *Contribuição para a história de Goiaz*, impressa em 1947⁴⁶ e editada pelo Departamento de Cultura de Goiás, ao qual ele era ligado na época como diretor do Museu Estadual de Goiás.

Até 1947, Zoroastro Artiaga era prestigiado como jornalista, economista, geólogo, geógrafo e até mesmo botânico; com a publicação dessa obra, ele passa a ser conhecido também como historiador. *Contribuição para a história de Goiaz* é um livro síntese da história goiana que abarca, em 75 páginas, a política em Goiás no período de 1727 até 1934. Essa obra é um divisor de águas na carreira de Zoroastro não apenas em relação a sua atuação como personalidade ligada à política goiana, mas também quanto a seu papel no âmbito da

⁴⁴ Americano do Brasil é figura emblemática dessa composição. Sua obra *Súmula da história de Goiás*, publicada em 1931 e reeditada em 1961 e 1982 sem alteração do texto original, retrata com destaque esse esforço.

⁴⁵ Obra reeditada em 2002 sem alteração do texto original.

⁴⁶ No processo da pesquisa, não conseguimos encontrar nenhum artigo em jornal ou revista que relacione a figura de Zoroastro à temática história até o ano de 1947. É recorrente em toda sua produção discursiva a questão econômica, que emoldura grande parcela de sua bibliografia; entretanto, curiosamente, a primeira obra de sua autoria que viria a ser publicada é *Contribuição para a história de Goiaz*, publicada em 1947.

cultura histórica da região. É com esse pequeno livro que Zoroastro Artiaga inicia seu legado de historiador, o qual se perpetua na edição de mais dois títulos: *História de Goiás – 1.º Tomo* (1959) e *História de Goiás – 2.º Tomo* (1961). Os três livros, que, em suma, apresentam características diferentes no que concerne à estrutura dos argumentos e aos esquemas mentais para se pensar a história goiana, são a base do pensamento histórico de Zoroastro Artiaga.

Em *Contribuição para a história de Goiás*, escrito entre os anos 1945 e 1946, Zoroastro formaliza uma escrita didática de pensar a história goiana sublinhada em cronologia de fatos e eventos do acontecimento político como baliza para situar o passado de Goiás. Sua preocupação é delimitar um calendário para a história de Goiás que pudesse ser ensinado nas escolas. Nesse âmbito, sua produção se relaciona ao conjunto de obras produzidas em Goiás entre as décadas de 1930 e 1940, como a *Súmula da história de Goiás* (1932), de Americano do Brasil, e *Goyaz: coração do Brasil* (1934), de Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro, que tinham finalidades precípuas de servir como materiais didáticos para a disciplina de história de Goiás. Já o livro *História de Goiás – 1.º Tomo*, publicado inicialmente em 1958 e, posteriormente, em 1959, em sua segunda edição, é uma obra mais madura do autor, tanto em sua apresentação material – impresso em papel *couchê*, capa dura com imagem colorida, diferenciando-a de muitas publicações da época –, quanto em sua apresentação de conteúdo – em suas mais de 300 (trezentas) páginas, o autor expõe ao leitor sua perspectiva mais interpretativa da história goiana, sem deixar de explorar o trabalho com as fontes documentais e o diálogo com a bibliografia temática, que ele recorrentemente cita e comenta.

Diferentemente de seus antecessores que escreveram sobre a história de Goiás, ele procura, nessa obra, realçar o papel dos indígenas na constituição da região. O argumento passa por uma concatenação de causa e consequência. Para tanto, ele explicita a importância da função dos trilheiros, que conectavam diversos territórios de tribos, desde a região do Amazonas até o cerrado. Segundo o autor, esse movimento favorecera o aparecimento de uma língua geral falada pelos diversos troncos étnicos brasileiros e fora fundamental para a unidade nacional e a ocupação da região:

Os Aruaques utilizavam-se largamente dos trilheiros existentes entre o Amazonas, o Madeira e Rio Negro, que constituíam um grande cruzamento de ligações fluviais, onde excederam eles, uma unidade econômica, vastíssima, que ia do Orenoco e da Guiana até o alto e médio Paraguai. Esta, foi a origem da fusão cultural, fusão de sangue e fusão econômica, entre os tupis, guaranis e aruaques. Das suas convenções resultou a língua geral que foi muito falada em Goiás [...] A unidade brasileira já encontrou a sua gênese nesta unidade nacional, que os lusos souberam manter, legando-nos a unidade geográfica, econômica, cultural e humana. Unidade integral, desenvolvida, maciça, e indivisível [...] Essa rede de trilheiros ajudou a todos os bandeirantes. Ajudou a todos os desbravadores. Ajudou aos sertanistas, garimpeiros, tiradores de borracha, castanheiros e gigantes da colonização pioneira do Brasil

Central. Protegeu-os na escalada dos sertões. Orientou na penetração do progresso e encaminhou pecuaristas e agricultores, até os confins desse anfiteatro, onde iremos buscar elementos para esta descrição, que, objetiva principalmente, a verdade histórica (ARTIAGA, 1959, p. 15).

A descrição da descoberta e da ocupação do território goiano seguem as pegadas de uma tradição histórica paulista pautada na obra de Taunay (1950), em que a epopeia bandeirante engrandece os homens envolvidos no desbravamento do território no Brasil setecentista. Ancorado em uma concepção de tempo histórico linear, Zoroastro Artiaga se dedica também a descrever, nessa mesma obra, a vida política em Goiás, relatando sumariamente os atos de cada governo e seus períodos de vigência.

Em 1961, três anos após a publicação do *História de Goiás – 1.º Tomo* (1958), Zoroastro Artiaga dá sequência a sua escrita da história de Goiás com a publicação do livro *História de Goiás – 2.º Tomo*. Nele, seu empreendimento historiográfico, se resume em sintetizar os relatos de acontecimentos históricos goianos, de 1592 até 1946. Ainda que marcada pelo viés tradicional da história política, essa obra assinala uma nova forma de apresentação do conhecimento histórico ao abandonar a narrativa linear em nome de recortes temáticos mais específicos, que, reunidos, poderiam sinalizar um sentido de totalidade sem o apelo peculiar do relato da crônica local. Sua explicação histórica inicia-se, nessa direção, com recortes de eventos, como a “Morte do Anhanguera”, depois retorna para “Antecedentes do Anhanguera” e salta para a “História da Polícia Goiana”, seguindo então para “História da Educação” e, depois, para a “História do Ensino Jurídico”, passando pela “História dos Nossos Limites”. E continua assim, sucessivamente, registrando uma seleção de eventos que constitui uma mescla de tradição histórica associada à preocupação em narrar a história das instituições goianas que, na perspectiva do autor, representam o todo da história de Goiás.

Além desses três títulos, Zoroastro Artiaga publicou mais oito livros, perfazendo um total de onze obras, sendo seis delas com abordagem estritamente histórica focada em Goiás, e outras cinco relacionadas, em sua maioria, à extensão direta da linha de pensamento que permeou sua atividade institucional dentro do Estado Novo. Segue a relação desses títulos:

- a) *Contribuição para a história de Goiaz* (1947) – edição patrocinada pelo Departamento Estadual de Cultura;
- b) *Geologia econômica de Goiás* (1947) – edição do autor;
- c) *Dos índios do Brasil Central* (1947) – edição patrocinada pelo Departamento Estadual de Cultura;

- d) *Riqueza vegetal: do Planalto Goiano e do Vale do Tocantins* (1947) – edição patrocinada pelo Departamento Estadual de Cultura;
- e) *Monografia corográfica e histórica da nova capital de Goiás* (1949) – edição do autor;
- f) *Geografia econômica, histórica e descritiva do estado de Goiás – 1.º Tomo* (1951) – edição do autor;
- g) *Geografia econômica e história descritiva do estado de Goiás – 2.º Tomo* (1955) – edição do autor;
- h) *Síntese da história e da geografia de Goiás* (1958) – edição do autor;
- i) *História de Goiás – 1.º Tomo* (1958; 1959) – edição do autor (este é o único livro do autor com duas edições);
- j) *História de Goiás – 2.º Tomo* (1961) – edição do autor;
- k) *Riquezas de Goiás: geologia econômica* (1961) – edição do autor.

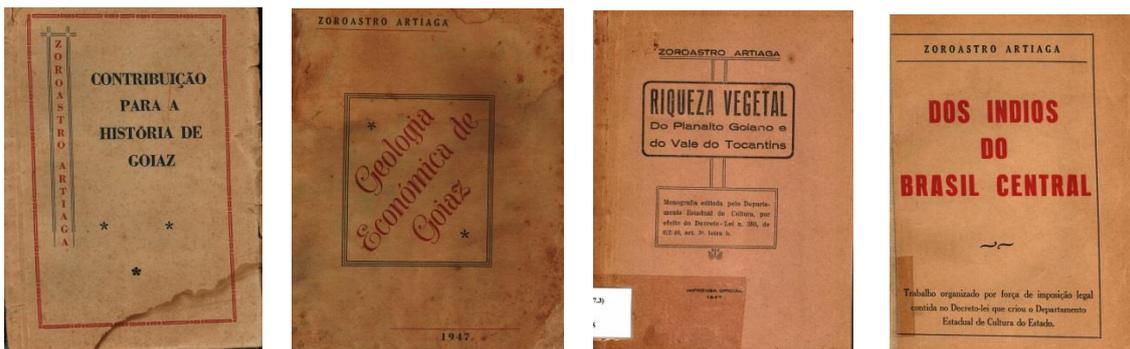


Figura 1 a 4. Da esquerda para a direita, respectivamente: *Contribuição para a história de Goiás* (1947), *Geologia econômica de Goiás* (1947), *Riqueza vegetal do Planalto Goiano e do Vale do Tocantins* (1947), *Dos índios do Brasil Central* (1947).

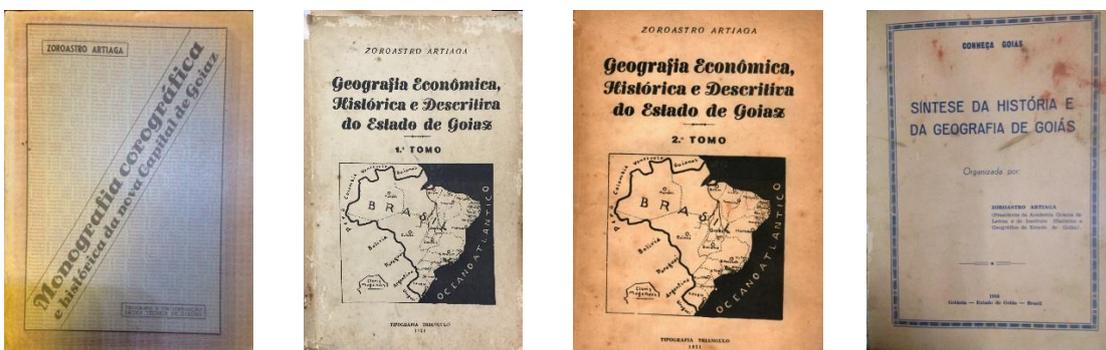


Figura 5 a 8. Da esquerda para a direita, respectivamente: *Monografia corográfica e histórica da nova capital de Goiás* (1949), *Geografia econômica, histórica e descritiva do estado de Goiás – 1.º Tomo* (1951), *Geografia econômica, histórica e descritiva do Estado de Goiás – 2.º Tomo* (1951), *Síntese da história e da geografia de Goiás* (1958).

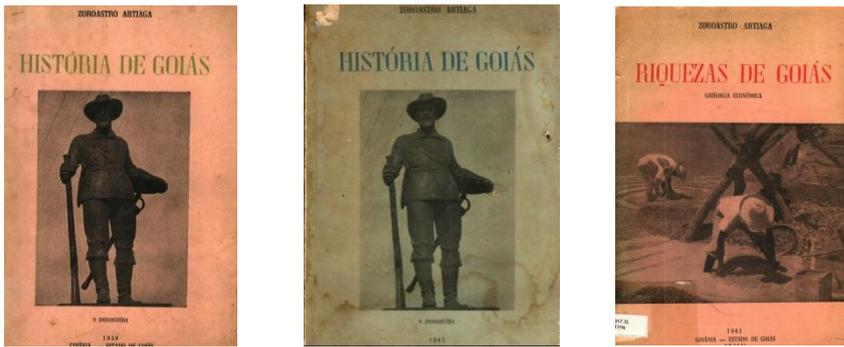


Figura 9 a 11. Da esquerda para a direita, respectivamente: *História de Goiás – 1.º Tomo* (1959), *História de Goiás – 2.º Tomo* (1961), *Riquezas de Goiás: geologia econômica* (1961).

Como se pode observar, a ampla maioria dos livros publicados foram edições do autor⁴⁷, com exceção de três, que registram em sua apresentação o patrocínio público⁴⁸, e de um outro, publicado por uma editora goiana. Tais circunstâncias de editoração refletem, em grande escala, o cenário editorial brasileiro da época.

Alexandre Konder⁴⁹, em artigo publicado pela *Revista Ilustração Brasileira*, adverte para as dificuldades enfrentadas pelo escritor brasileiro no meio editorial para conseguir publicar sua obra. Konder (1949) exemplifica tal dificuldade por meio da referência a uma obra de Zoroastro Artiaga, *História de Goiás – 1.º Tomo*, que só fora publicada nove anos depois de escrita, provavelmente quando Zoroastro consegue levantar dinheiro para custear o próprio livro.

[...] podemos apontar entre muitos dos trabalhos verdadeiramente monumentais que ameaçam ficar para sempre desconhecidos do público por falta de editores – uma “Historia da arte religiosa na Paraíba” da autoria do Dr. Oscar de Oliveira Castro; uma “Historia de Goiás”, do Dr. Zoroastro Artiaga e um delicioso livro de contos da senhora Zenaide Andréia. E porque não aceitam novas obras os nossos editores? Simplesmente porque caíram lamentavelmente na rotina. Ou recebem qualquer

⁴⁷ Crispim Sobrinho (1957), ao relatar essa condição de publicação, cita: “[...] o professor Zoroastro Artiaga tem quatro livros para serem editados. São livros de mineralogia, geografia, história e etnografia. A publicação desses trabalhos interessa muito mais à juventude goiana, ao nosso povo, ao próprio nome do Estado, do que a ele mesmo. Conhecemos, no entanto, as dificuldades com que luta o professor Zoroastro. ‘Para editar cada um de meus livros’, disse-nos ele, ‘tive que vender bens. O custo da edição, presentemente, é de 300 cruzeiros por página’”.

⁴⁸ Segundo Tavares (2010), Zoroastro valeu-se de seu cargo (Diretor Departamento Estadual de Cultura, 1946) para publicar e divulgar suas obras. Na palavra do próprio autor, numa entrevista concedida ao Suplemento Literário de *O Popular* de 6/12/1970, Zoroastro informa: “Jamais encontrarei portas abertas para minhas obras. As editoras temem livros da natureza dos que prefiro. Jamais recebi auxílio do Departamento Estadual de Cultura; publiquei um livro como patrocinado, porém, quem pagou não foi o Estado. Somente para ter um livro publicado na minha administração, com seu timbre. Cada vez que publicava uma obra vendia um terreno para enfrentar a despesa”.

⁴⁹ Alexandre Konder é autor das obras:

KONDER, Alexandre. **Um repórter brasileiro na guerra europeia**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1940.

_____. **Do outro lado da terra...** Rio de Janeiro: Victor, 1939.

_____. **História do Japão**. Rio de Janeiro: Séc. XX, 1942.

trabalho, desde que o seu autor lhes pague a edição, ou imprimem apenas os livros saídos das penas das suas “entourages”. Escravizaram-se às chamadas “panelinhas”, e daí ninguém os tira... (KONDER, 1949, p. 6).

Outro aspecto significativo relacionado a sua bibliografia é que, na maioria dos esboços biográficos acerca de Zoroastro Artiaga, é recorrente a confusão relacionada ao número de livros publicados e não publicados⁵⁰. Em um esboço biográfico feito por Mario Ribeiro Martins (2007), por exemplo, a publicação do autor aparece assim elencada:

Deixou [Zoroastro Artiaga] grandes obras de cunho didático e de inestimável valor histórico. Destacam-se, entre outras, “História de Goiás”, em **3 volumes**; “**Usos e Costumes de Goiás**”; “**Minérios e Minerais de Goiás**”; “**Vida de Dom Eduardo Duarte da Silva em Goiás**”; “**Geografia de Goiás**”, e outros. Dezenas de obras ficaram inéditas, tais como, “Origem dos Índios do Brasil Central”, “Caçadas e Pescarias”, “Fauna Ictiológica de Goiás”, “Fauna Ornitológica de Goiás”, “Valor e Heroísmo do Soldado Goiano” (MARTINS, 2007, p. 77, grifo nosso).

Na biografia de Artiaga escrita por José Mendonça Teles (2006), a relação bibliográfica de Zoroastro também sofre alteração. Conforme se pode notar no quadro a seguir, a primeira relação (elaborada por Martins) diverge da segunda (elaborada por Teles): a primeira coloca no rol de obras publicadas aquelas que o segundo autor diz serem inéditas:

<p>BIBLIOGRAFIA PUBLICADA <i>Contribuição para a história de Goiaz</i> (1947) <i>Dos índios do Brasil Central</i> (1947) <i>Geologia econômica de Goiás</i> (1947) <i>Dos minérios do radium em Goiás</i> (1948) <i>Riqueza vegetal do Planalto Central e do Vale do Tocantins</i> (1948) <i>Monografia histórica e corográfica da nova capital de Goiás</i> (1948) <i>Geografia econômica, histórica e descritiva do estado de Goiás</i> (1951) <i>História de Goiás – 1.º Tomo</i> (1959) <i>Síntese da geografia e da história do estado de Goiás</i> (1960) <i>História de Goiás – 2.º Tomo</i> (1961) <i>Riquezas de Goiás: geologia econômica</i> (1961) BIBLIOGRAFIA INÉDITA <i>Historia de Goiás</i> (3.º, 4.º, 5.º Tomos) <i>Geografia do estado de Goiás</i> <i>Origem dos índios do Brasil Central</i> <i>Caçadas e pescarias</i> <i>Usos e costumes de Goiás</i> <i>Fauna ictiológica de Goiás</i> <i>Fauna ornitológica de Goiás</i></p>	<p>BIBLIOGRAFIA PUBLICADA: História de Goiás”, em 3 volumes; “Usos e Costumes de Goiás”; “Minérios e Minerais de Goiás”; “Vida de Dom Eduardo Duarte da Silva em Goiás”; “Geografia de Goiás”, e outros. Dezenas de obras ficaram inéditas, tais como, “Origem dos Índios do Brasil Central”, “Caçadas e Pescarias”, “Fauna Ictiológica de Goiás”, “Fauna Ornitológica de Goiás”, “Valor e Heroísmo do Soldado Goiano BIBLIOGRAFIA INÉDITA “Origem dos Índios do Brasil Central”, “Caçadas e Pescarias”, “Fauna Ictiológica de Goiás”, “Fauna Ornitológica de Goiás”, “Valor e Heroísmo do Soldado Goiano</p>
--	--

⁵⁰ Sobre todo material relatado como inédito, conseguimos encontrar sob a guarda do Museu Zoroastro Artiaga, localizado na praça cívica da cidade de Goiânia, alguns bonecos que se encaixam com a descrição de alguns títulos arrolados, entre eles: *Origem dos índios do Brasil Central* e a *Revolução do coronel Eugenio Jardim*. O livro *Minérios de Radium em Goiás*, informado em muitas biografias como publicado, foi encontrado apenas como boneco disposto na Estante do Escritor Goiano do Sesc, levando a crer que tenha sido registrado como obra publicada por conta dessa disposição.

<i>Riqueza botânica de Goiás</i> <i>Minérios e minerais de Goiás</i> <i>Valor e heroísmo do soldado Goiano</i> <i>Vida de dom Eduardo Duarte da Silva em Goiás</i> <i>Influências civilizadoras do clero e da Igreja Católica nos</i> <i>Primórdios de Goiás</i>	
---	--

Tabela 1 Livros de autoria de Zoroastro Artiaga, segundo os registros de José Mendonça Teles (coluna 1) e Mario Ribeiro Martins (coluna 2).

Na execução desta pesquisa, conseguimos constatar que até mesmo na ficha biobibliográfica da Academia Goiana de Letras há divergências: o registro feito pelo próprio autor anota doze livros publicados e vinte livros inéditos.

Ainda sobre o número de obras do autor, o jornal goiano *O Popular* (1991), numa reportagem de homenagem na ocasião de seu centenário, relata:

Um grande número de pessoas ligadas ao meio literário de Goiás prestigiou anteontem, a solenidade comemorativa ao centenário do jornalista, historiador, escritor e professor Zoroastro Artiaga, realizada no auditório Jaime Câmara da Academia Goiana de Letras, presidida pelo presidente José Mendonça Teles. Na oportunidade, foi aberta uma exposição que reúne livros, medalhas, títulos e outros objetos de Artiaga, que durante toda a sua vida dedicou-se a estudar e pesquisar principalmente a ecologia do Estado. Para a acadêmica Nice Monteiro Daher, sobrinha de Zoroastro Artiaga, a comemoração do centenário tem uma significação não só emotiva, mas também resgata a memória de um dos mais importantes historiados goianos. [...] Zoroastro Artiaga escreveu **12** livros sobre diversos assuntos, **contudo ainda está em poder dos filhos do historiador um amplo material inédito que resultará em diversas obras** (*O POPULAR*, 1991, p. 7, grifo nosso).

As informações dessa notícia publicadas no jornal *O Popular* também não conferem com a contagem das obras que conseguimos aferir, mas esclarece onde supostamente estariam os “livros” não publicados⁵¹.

A construção dessa extensa bibliografia que Zoroastro legou a Goiás se inicia com o fim do Estado Novo, quando sua atuação se limita a de diretor do Museu Estadual. Nos anos posteriores, com o fim do governo de Getúlio, como aponta Tavares (2010), Zoroastro não

⁵¹ No andamento da investigação, pôde ser constatado que algumas das obras elencadas como como inéditas teriam sido publicadas parcialmente em jornais com que ele mantinha correspondência, entre eles: O jornal *Folha de Goiaz*, de 1966 a 1968; *Quarto Poder*, de 1962-1964, e *O Popular*, de 1964. O *Folha de Goiaz*, por exemplo, nos anos de 1966 a 1968, reúne vestígios significativos dessa suspeita, fundamentalmente na série de artigos com a denominação *História dos Municípios de Goianos* e *História de Goiás*. No jornal *Quarto Poder*, nos anos de 1962 a 1964, há também uma coluna em quase todos os números intitulada “Riqueza Vegetal de Goiás”, escrita por Zoroastro Artiaga, que sugere ser a obra *Riqueza botânica*, e, no jornal *O Popular*, no ano de 1964, foram publicados diversos artigos com o nome *Fauna Ornitológica*, sugerindo ser a obra *Fauna ornitológica do estado de Goiás*. Essas informações indicam a possibilidade de que alguns dos seus trabalhos destacados como não publicados possam estar dispersos em jornais e revistas de circulação em Goiás entre as décadas de 1950 e 1960. Até o final do processo desta pesquisa, contudo, não conseguimos encontrar nenhuma informação de qualquer movimento, seja dos familiares ou institucional, de se publicarem as obras registradas como inéditas.

participa mais das discussões regionais e sua participação em comissões e conselhos diminui sensivelmente. A partir da década de 1950, seu nome reaparece especialmente vinculado aos esforços para “a transferência da capital federal”.

Tavares (2010) faz uma ampla relação de publicações de Zoroastro sobre a justificativa da mudança da capital federal e cita, até mesmo, a publicação de um livro intitulado *A mudança da capital federal*⁵². Esse tema, que foi objeto de sua atenção desde sua atuação como jornalista, retorna em 1968, quando ele publica, no jornal *Folha de Goiás*, uma carta que lhe fora enviada pelo marechal José Pessoa, presidente da comissão de localização da nova capital federal. Com essa publicação, Zoroastro pretendia destacar o papel exercido por ele na transferência da capital federal para o planalto central:

[...] recebi do meu ilustre e saudoso Amigo Marechal José Pessoa, o seguinte comunicado: Dr. Zoroastro Artiaga – Goiânia. Urgente. Acuso o recebimento de sua prezada carta de 10 de Outubro e dos livros que teve a gentileza de ofertar-me, o que muito agradeço. Estou informado da existência nessa Capital [Goiânia] de uma Comissão que supervisiona, há anos, a propaganda em prol da mudança da sede para o Planalto. Assumindo a presidência da Comissão de Localização da Nova Capital Federal, para a qual fui nomeado pelo Senhor Presidente da República, tenho estudado com afinco, as questões referentes á mudança, e não podendo dispensar, a sua colaboração, bem como a de todos os brasileiros de boa vontade, componentes dessa Comissão Estadual, peço ter a bondade de informar-me sobre as atividades e trabalhos de campo, já realizados, não só da mesma corporação como do Serviço de Geografia que o ilustre amigo dirige oficialmente (ARTIAGA, 1968, 18 ago., p. 4).

Com tal publicação – cujo registro ressalta não só a influência dos goianos na transferência da capital, mas a importância da sua participação no processo –, presume-se que Zoroastro fazia questão de se apresentar dentro de um contexto interpretativo da história goiana, explicitando sua posição de autoridade ao definir os fatos que deveriam fazer parte da história goiana. Assim, o homem que lembra é o mesmo que participa dos fatos de “ontem”, como ele mesmo registra. Essa imagem que postula a legitimidade da figura pública é reforçada pela escrita de seus contemporâneos:

Zoroastro Artiaga é um homem medularmente bom e sua posição, das cidades da inteligência e da cultura de Goiás, é de grande preponderância, de justo e merecido relevo. Americano do Brasil, em seu trabalho “Sumula de História de Goiás”, enumera as qualidades que, a seu ver, deverá ter o historiador de Goiás: deverá ser naturalista, etnólogo, democrata, economista, filósofo, erudito, poeta e, **antes de tudo em nosso caso particular deverá ser goiano, como uma copulativa de progresso, de labor e de bem-querença á unidade territorial**. Nessas linhas admiráveis do grande historiador de Santa Luzia, miseravelmente prostrado pelas balas assassinas, está o perfil de Zoroastro Artiaga que possui, ainda aquela virtude

⁵² Não conseguimos localizar esse livro em nenhum local pesquisado e também nenhuma menção a esse material é feita nos esboços biográficos pesquisados.

de que fala Afonso Arinos, a paixão da verdade. [...] Zoroastro Artiaga, mestre de uma geração, sobrepondo-se cada vez mais no nível comum dos homens de seu tempo, ainda possui uma virtude mansa, pacífica, e relevante: ignora que se projeta assim, que se levanta assim, que possui um cômodo alugado entre os homens que prestaram serviços ao Brasil (COSTA, 1959, p. 8-10, grifo do autor).

Sobre essa questão, Pedro Viggiano (1961) destaca:

Zoroastro Artiaga, ou melhor, Mestre Zoroastro Artiaga é autor de vasta obra de importância principalmente para Goiás, obra que tornou seu nome conhecido nos meios culturais do País, e mesmo nos Estados Unidos. [...] Lia alhures, que o historiador e o juiz se encontram no mesmo plano de responsabilidade, quando proferem seus vereditos. Ambos procuram a verdade, na alçada das respectivas competências. Um, a verdade histórica; outro, a jurídica. No desempenho das funções que lhes cabem, o historiador e o juiz são chamados a ditar uma sentença, fundada, tão só, em testemunhos idôneos. [...] Tais considerações vêm a propósito da leitura que acabo de fazer do livro de Zoroastro Artiaga, historiador na extensão lata da palavra: independente, honesto e desinteressado (VIGGIANO, 1961, p. 6).

Por sua vez, Victor de Carvalho Ramos (1968) faz as seguintes considerações sobre o intelectual goiano:

[...] um dos vultos mais proeminentes da intelectualidade goiana, pelo talento, pela cultura, pela operosidade. [...] Escreve em estilo simples como convém a assuntos daquela natureza, mas baseado em documentação impressionante e em observações por ele feitas *in loco*. Zoroastro Artiaga pode ser considerado o Capistrano de Abreu do Brasil Central. Mas se este [Capistrano de Abreu] foi parcimonioso no escrever, Zoroastro é um escritor fecundo, incansável (RAMOS, 1961, p. 134).

As declarações das personalidades⁵³ supramencionadas compreendem o espaço de experiência de uma geração que delineou as representações da região. Conforme comenta Odorico Costa, a figura emblemática de Americano do Brasil enumerou as várias facetas exigidas para os que se dispusessem a escrever sobre a história de Goiás. Esse intelectual demarcou, ainda, uma característica fundamental para tal tarefa: que a história de Goiás deveria se fundamentar na pesquisa de documentos encontrados em arquivos⁵⁴. Por sua vez, Pedro Viggiano propõe que o historiador se aproxima do juiz, uma vez que busca a verdade com base na recolha de provas e evidências alcançadas apenas com a investigação das fontes. E, por fim, Victor de Carvalho Ramos, que, no intuito de legitimar a imagem de Zoroastro Artiaga, aproxima-o de um nome consagrado pela historiografia nacional, Capistrano de

⁵³ Com exceção de Victor de Carvalho Ramos, os intelectuais Pedro Viggiano e Odorico Costa também estiveram inseridos no processo de governança de Goiás no período do Estado Novo varguista.

⁵⁴ A primeira obra de cunho histórico do autor tem o título que resume o sentido do arquivo para a escrita da história: *No convívio com as traças* (1920).

Abreu, destacando que entre os dois historiadores havia algo em comum: o gosto em valorizar as ações de homens que se voltaram para a conquista do interior do Brasil. Nota-se que o argumento é justamente o processo do conhecimento histórico, na formulação de uma escrita para a história de Goiás. Assim, comparar Zoroastro Artiaga ao historiador consagrado Capistrano de Abreu pode parecer um exagero, mas, se observarmos a configuração do pensamento histórico de Zoroastro, volveremos ao início do século XX, quando Antônio Americano do Brasil, então Secretário do Interior e Justiça de Goiás, propõe ao governo de João Alves de Castro (1917-1921) a criação de uma instituição científica de cunho histórico e geográfico. Tavares (2000) informa que essa já era a segunda tentativa de se criar um Instituto Histórico Geográfico em Goiás e que não conseguiu se concretizar. Apesar do insucesso na criação do Instituto Histórico, Antônio Americano do Brasil cria laços estreitos com o IHGB e estabelece uma relação muito próxima com Capistrano de Abreu, que se torna um colaborador da revista *A Informação Goyana*⁵⁵. Ainda sobre a relação entre Capistrano de Abreu e os intelectuais goianos, Tavares (2000) informa que foi o contato de Colemar Natal e Silva com Capistrano de Abreu, na década de 1920, o elemento motivador da implantação do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG) na década de 1930. Nesse sentido, para aqueles homens envolvidos no tempo e espaço de sua geração, comparar Zoroastro Artiaga ao historiador Capistrano de Abreu era um claro indicativo de aproximação dos intelectuais goianos de um modelo de escrita de história fundado pelo IHGB.

No caso das obras de Zoroastro, o modelo proposto pelo IHGB está presente com variações, mas o que se destaca é a instauração de uma matriz explicativa que incide em construir um rosto para a história com base em documentos oficiais localizados nos arquivos. Em síntese, os livros, artigos de jornal e revistas escritos no amparo desse modelo conferiam o reconhecimento ao intelectual, enquanto a pesquisa documental legitimava o historiador e seus procedimentos metódicos. Pensando a história como uma “operação”, tal como sugere Certeau (1982), os documentos eram indicadores de uma prática, e o IHGG, na sua filiação nacional, era o lugar de escrita da história. Estava em evidência o processo de construção de uma escrita da história regional com a tarefa de documentar e explicar o passado com base nas lições de história do IHGB. Segundo Rodrigues (1982), o IHGB teve, como pilar

⁵⁵ Capistrano de Abreu aparece como colaborador da revista *A Informação Goyana* até a edição de 15 de setembro de 1918. Não conseguimos encontrar nenhum artigo seu em todo o período em que aparece como colaborador do periódico, embora, na edição de 15 de novembro de 1918, um artigo intitulado “O estado actual dos índios de Goyaz, pelo dr. Paul Ehrenreich” apareça com a tradução de responsabilidade de Capistrano de Abreu. Na edição de maio de 1928, Colemar Natal e Silva publica na revista um artigo biográfico em homenagem a Capistrano de Abreu, falecido em agosto de 1927, intitulado “Capistrano de Abreu: a gratíssima memória do maior historiador pátrio, meu mestre, meu amigo”.

fundamental, os princípios que acabavam de ser lançados pela chamada escola alemã. Gomes (1996) relata que os grandes historiadores nacionais do século XIX e do início do século XX, sobretudo Francisco Adolfo Varnhagen e Capistrano de Abreu, foram adeptos do culto ao documento escrito e ao rigor do método crítico, o qual assegurava o vínculo entre a verdade histórica e prova documental, método que tem sua gênese associada à figura de Leopold von Ranke. Goulart (2007) faz anotações precisas sobre essa argumentação:

[...] A célebre frase de Ranke “**apenas mostrar como realmente aconteceu**” é tomada como a expressão que resume o “fazer história” proposto por este autor, no qual o historiador não era alguém que reconstruía o passado, mas sim alguém que o apreendia como realmente havia sido. O meio para alcançar tal objetivo seria o rigor metodológico, isto é, o tratamento das fontes a partir de uma série de procedimentos bem sistematizados, os quais consistiriam em o único instrumental de que o historiador poderia e deveria fazer uso, pois qualquer interpretação fora dos documentos seria, nesta perspectiva, necessariamente anticientífica. É necessário perceber que Ranke não excluía qualquer tipo de interpretação, mas sim aquela que não tivesse o documento como origem fundamental. [...] o documento era a fonte fundamental, a origem do conhecimento histórico dizer. A verdade dos fatos, por sua vez, seria seu resultado necessário, ou seja, seu fim. Entre estes dois pontos havia um meio, em ambos os sentidos, pois era parte do caminho e, ao mesmo tempo, a maneira pela qual se deveria percorrê-lo. Este meio era, justamente, o método (GOULART, 2007, p. 44-46, grifo do autor).

Guimarães (1989) explica que a concepção de história adotada pelo IHGB estava pautada em uma

[...] escrita da história em bases científicas [...] o documento original como peça chave e indispensável no trabalho do historiador. Não mais o relato descompromissado, mas sim um relato comprometido com o acontecimento, com a verdade, que deixou o Instituto plenamente de acordo com os princípios àquela altura mais modernos de fazer história: o documento enquanto via de acesso à verdade do acontecimento (GUIMARÃES, 1989, p. 23).

Ora, Zoroastro Artiaga, cofundador do IHGG – instituição que, segundo Tavares (2000), seguiu o modelo do IHGB –, estava engajado em um espaço de experiência que caminhava no mesmo sentido dos que escreviam a história do Brasil dentro do IHGB. A existência de um método se achava, assim, associada a uma ideia de pensar a história além de um simples relato do passado. Evidentemente, a interiorização teve particularizações em Goiás próprias do contexto político e cultural do estado. O distanciamento entre o *hinterland* e a capital brasileira não era apenas geográfico, e a criação do IHGG se estabelecia na aspiração de que o instituto “iria sanar os prejuízos de ordem moral e intelectual que Goiás sofrera até o momento” (IHGG, Ata de 7 de outubro de 1932 *apud* TAVARES, 2000, p. 29).

Chaul (2002), ao comentar a produção historiográfica de Colemar Natal e Silva, ressalta o desafio dessa geração em buscar ordenar o processo histórico regional apesar das enormes carências documentais e metodológicas relacionadas, especialmente, à péssima conservação dos arquivos.

Contudo, mesmo diante da desorganização dos arquivos, havia um interesse em compreender o passado goiano, que pairava como uma sombra sobre os intelectuais da época e afastava a região da ideia de progresso. Zoroastro registra esse difícil desafio do historiador goiano:

[...] direi que são muito raros os documentos sobre História de Goiás, relativos ao período do desbravamento, devido à omissão, relaxamento ou descuidos dos responsáveis de então. Restam papéis esparsos, livros carcomidos pelas traças, já podres pela inclemência do tempo. Os jovens que para aqui se mudaram, ignoram a História de Goiás: não sabem o que fizemos no passado, por falta de compêndios: de vez que o muito que foi escrito nos jornais já desapareceu pela injúria ou descuido funcional. Muitas lacunas irão encontrar nesta narração, mas, ela representa muito sacrifício, muitas noites de vigília, muitos anos de pesquisa, tudo isto por muito amor a Goiás (ARTIAGA, 1968, 18 jan., p. 6).

O comprometimento patriótico e o desejo de narrar a história de Goiás permeavam a ideia de ausência de um saber sobre o passado, que necessitava ser descoberto e memorizado:

Muito pouca coisa encontramos a respeito do Anhanguera, porque, homens iconoclastas, brutos e ignorantes, mãos despudoradas num vandalismo de botocudos, destruíram grandes rumas de papéis velhos dos arquivos das secretárias de Estado, a título de desocuparem lugares e organizarem melhor tais arquivos. Assim aconteceu na antiga Câmara de Goiás, razão pela qual não pude fazer um bom trabalho sobre os deputados e senadores, pelo muito que trabalharam. Por isso mesmo me foi impossível produzir mais e melhor, a respeito do herói que sempre homenageamos e recomendamos a posteridade, pedindo para sua memória veneração que bem merece (ARTIAGA, 1968, 02 fev., p.6).

Dentro do projeto da nação, era preciso escrever um passado para Goiás do qual o povo goiano pudesse se orgulhar, um passado de grandes feitos e de homens nobres. Um passado da região no qual o vislumbre geográfico e histórico enaltecesse sua natureza, as riquezas, seus limites e fronteiras e também os fatos memoráveis de seus melhores filhos. O esquecimento não podia apagar as glórias vividas, pois estas deveriam constituir o quadro da memória histórica goiana. Nesse aspecto, Zoroastro, historiador de mesma matriz de sentido que Americano do Brasil, dita em uníssono com este o predicado desse ofício ao descrever:

O historiador é um produto complexo e seu aparecimento marca uma fase de prosperidade nas letras de um povo. A história é o último livro da evolução social; um país pode ter sábios, filósofos e artistas e não possuir um historiador. Este resume predicados que só se encontram no ponto alto das civilizações acumulados

em um indivíduo. O historiador tem um pouco de naturalista, para na primeira página de seu trabalho gravar a descrição exata da terra, com sua flora, sua fauna, seu clima, em comunhão contínua com o homem; tem de etnólogo para amar os componentes do nosso sangue mestiço e compreende-las na eloquente atividade de seu mourejar, ou na folgança do laser, ditando seus cantos e criando suas lendas para ocultar suas magoas e apurar o misticismo atávico; tem de democrata, para segui-las, nas aspirações entende-las nos anelos para estudá-las aristocráticas e evoluídas nas lutas políticas e frequentar suas palhoças e ouvir suas recriminações para entender-lhes os assomos de liberalismo; tem de economista, para apreciar o povo no trabalho e calcular sua perfeição futura na carta das riquezas; tem de filósofo, para analisar a formação mestiça da Pátria, penetrar seus ideais suas tendências, e guiar suas transformações premidas por novas circunstâncias; tem de erudito, para um completo conhecimento do passado nacional, de suas glórias, de seus anseios inatingidos; tem de poeta para fazer deste complexo um trabalho de vida de seiva, onde palpita o Brasil, antes de tudo e apareça em nosso caso particular, o norte goiano como uma copulativa de progresso de labor e bem querença a unidade territorial, que devem ser desvendada por espírito hábil para apoupar a quizila dos iconoclastas. “Possam essas páginas de amor a Oeste serem úteis à mocidade de minha terra, a quem se destina, possam elas ensinar o melhor caminho no presente, através das coisas e exemplo do passado” (ARTIAGA, 1968, 19 jan., p. 6).

Essa definição nos leva ao texto de Ângela de Castro Gomes (1996), que, em seu estudo sobre a história e os historiadores, aponta que até meados dos anos 1940, no Brasil, a atividade de historiador era exercida por alguns homens bem-nascidos e bem-educados, a quase totalidade com estudos em nível superior. Eram, portanto, intelectuais. Ou melhor, mais do que apenas intelectuais, eram dotados de maturidade intelectual, eram “homens de letras”. Mas não eram somente esses elementos que os tornavam historiadores. Além do caráter intelectual, tais homens tinham um elevado nível de erudição e de familiaridade com arquivos, isto é, tinham conhecimentos consistentes adquiridos não apenas pelos meios formais, mas fruto de um esforço longo, regular e direcionado, além do acesso à documentação tida como histórica e ao manuseio delas. Nesse sentido, Gomes (1996) considera o termo “erudito” a palavra-chave para uma distinção primeira e capital da figura do historiador.

Ora, olhando a figura de historiador apontada por Gomes (1996) e comparando com o modo como o próprio Zoroastro concebe a figura do historiador, sobressai o imprescindível adjetivo “eruditismo”. O historiador brasileiro vivia justamente um momento de tentativa de afirmação desse campo em seu país e buscava, na história, a orientação para o presente no qual se inseria. Não por acaso Zoroastro afirma:

O historiador não é um romancista de ficção que ponha conversar na boca dos personagens de suas obras. Tem que compilar, devorar documentos, consultar gerações, investigar, viver “em convívio com as traças”, e sua obra dever ser semelhante a uma fotografia. O que eu tenho relatado esta copiosamente documentada na Bibliografia deste livro, e também em citações esparsas. Minha tarefa é ingrata em fazer julgamentos daqueles que hostilizaram os sacerdotes

católicos, benfeitores do nosso país e quiçá da nossa querida terra (ARTIAGA, 1968, 11 out., p. 6).

O trabalho de pesquisa documental conferia legitimidade ao trabalho histórico e, portanto, os investimentos nesse sentido deveriam ser intensos, uma vez que o uso de documentos garantia a objetividade necessária à profissionalização do trabalho de historiador. Além disso, é notado um esforço em dar sentido às fontes, envolvendo pressupostos de objetividade e especialização, que eram as bases de uma produção histórica que se relacionava aos interesses políticos e estatais – em especial os que brotavam no Brasil pós 1930 – e favoreceriam o conhecimento da nação e o sentimento de pertencimento a ela. Desse modo, a história abrigava um amplo espaço de atuação, que produzia efeitos diretos na sociedade. Daí a importância conferida aos historiadores e sua relação com governos.

Assim, conjugando tradição e modernidade, Zoroastro, tal como fazia como tecnocrata do Estado Novo, procura, no estudo da história, respostas e soluções para as tensões que caracterizavam sua época.

Tiago Martins Goulart (2007), ao pesquisar os escritores que, de certa forma, representaram a história do Rio Grande do Sul, num período correlato ao que Zoroastro escreveu suas reflexões sobre a história de Goiás, buscou um eixo de análise para a escrita desses autores. Encontramos uma semelhança, uma intersecção de sua pesquisa com a produção historiográfica de Zoroastro, a qual diz respeito a uma mesma prática: a escrita de história feita por autores que objetivavam representar a história de seu local, de sua região. É compreensível que cada coletividade busque, por meio de seus intelectuais, elementos que identifiquem a gênese do mundo social no qual estão inseridos. Isso porque, conforme nos explica Veyne (1971), o fato de pensar a história é pensar “uma resposta a nossas perguntas, porque não se pode materialmente formular todas as questões e descrever todo o devir, porque o progresso do questionário histórico situa-se no tempo” (VEYNE, 1976, p. 55).

Tal observação é pertinente à produção historiográfica de Zoroastro, na qual é notório seu desejo de querer sublinhar e destacar, no passado, eventos que denotam relevância e importância em sua percepção de tempo, como, por exemplo, neste trecho:

A revolução do Coronel Eugênio é um fato histórico importante da História de Goiás. Como testemunha ocular, estou em condições de registrar os acontecimentos, com as cores naturais, para a memória dos pósteros. Ela foi uma nota sensacional na vida patriarcal da nossa terra, e uma página de inusitada sensação na vida goiana (ARTIAGA, 1968, 20 jun., p. 6).

Em sua pretensão de ordenação do passado da região com base em documentos, Zoroastro acabou assumindo uma posição ingênua, como se a fonte – memorial ou documental – revelasse por si mesma a verdade. Essa era a perspectiva de seu tempo. No entanto, é consensual entre os historiadores que o documento é produzido, consciente ou inconscientemente, pelas sociedades do passado, tanto para impor uma imagem desse passado, quanto para dizer “a verdade” (LE GOFF, 1990, p. 54).

Nesse sentido, o gesto de escrever a história de Goiás recebe uma importante dose de “invenção”, o que não deve ser associado à ideia de falseamento, pois, como nos adverte Sandes (2011), a construção da memória histórica se afasta do marco da fidelidade e da vivência social, presentes na concepção de memória de Halbwachs (2006), sem, contudo, contemplar o desejo de objetividade pretendida pelo método científico.

Se o projeto de história visava desenhar um rosto para Goiás a ser divulgado para os goianos e para toda a nação, temos, em *Americano do Brasil*, o esboço primeiro das linhas de força de um pensamento fundado na ideia de evolução ou de progresso. Zoroastro, ao inserir-se nessa corrente, deu seguimento a esse projeto partindo de sua posição institucional. Até 1960, ele era o autor que mais havia publicado livros e artigos com a temática história de Goiás. É essa laboração que o faz ser reconhecido e lembrado como historiador.

Tal reconhecimento é justificado por um sistema de posições auferido pelos autores que escrevem história nesse período, como a própria configuração de “intelectual que mantém relações com o campo de poder, alimentado pelos bens simbólicos produzidos” (GOMES, 1996, p. 42). Joaquim Rosa (1980), ao engendrar sua interpretação do passado político de Goiás na obra que leva o título *De Totó Caiado a Pedro Ludovico*, seleciona a figura de Zoroastro Artiaga entre tantas outras que poderiam ser registradas no esquadro de poder do governo de Pedro Ludovico. Interessante é que seu papel curiosamente será registrado como historiador, mesmo Zoroastro – em todo o governo de Ludovico – não tendo escrito nenhum artigo ou relatório de que se tenha conhecimento sobre a história de Goiás.

A memória histórica na referida obra de Joaquim Rosa é uma fonte preciosa para entender como é percebido o período pós 1930 em Goiás pela oposição do governo de Ludovico. O autor elenca em seu livro cada personagem que julgou importante no quadro da política de Goiás no intervalo de tempo entre a oligarquia dos Caiados até o governo de Pedro Ludovico, segundo o papel que tiveram. Ele inicia com Antônio Ramos Caiado, o chefão; Mario d’Alencastro, o juiz; Domingos Velasco, o banqueiro; Nero Macedo, o financista; *Americano do Brasil*, o intelectual; Alfredo de Moraes, o estadista; Zoroastro Artiaga, o

historiador; Coimbra Bueno, o construtor; Alfredo Nasser, o líder, e termina com Pedro Ludovico, o interventor.

Ao registrar a figura de Zoroastro como historiador, o jornalista indica o ofício exercido por Zoroastro depois do fim do Estado Novo. A presença do intelectual na vida política no Estado Novo poderia ter tido outras indicações, como relatado em linhas anteriores (economista, geólogo, botânico), mas Joaquim Rosa preferiu evocar, em seu livro, o papel do “historiador Zoroastro” por dois motivos que estão interligados: o primeiro e mais óbvio se associa diretamente à referência e ao *status* que Zoroastro alcançara como historiador. Joaquim Rosa escreve em 1980, isto é, mais de quarenta anos havia sido decorrido dos episódios recordados; relacionar a figura de Zoroastro ao papel de tecnocrata, portanto, já não fazia sentido. O passado recordado por Joaquim Rosa se adéqua, assim, a um novo esquema interpretativo que leva diretamente ao segundo motivo, o ressentimento. Havia um ressentimento explícito à figura de Zoroastro por parte de Joaquim Rosa, que ele registra em outra obra sua, *Por esse Goiás afora* (1974):

“O Social” substituiu a “Voz do Povo” como jornal oficioso do governo Ludovico. Durante muito tempo o diretor de “O Ipameri” [Joaquim Rosa] foi marretado em coluna permanente, por um dos maiorais daquele jornal, um tal de Zoroastro Artiaga. [...] Uma ligeira amostra do jornalista e poeta de “O Social” [Zoroastro Artiaga] “Todo mundo vai à missa, E da igreja logo sae... Seu Joaquim Rosa, o bixo enguiça, Empacota, mais não sae...” O jornalista fazia alusão ao fato de o diretor de “O Ipameri” ocupar as funções de promotor público e fazer campanha pela imprensa contra Ludovico e não pedir demissão (ROSA, 1974, p. 178).

Ao se lembrar da experiência, Joaquim revela o clima de agressões ambientado nos jornais, colocando-se no papel de vítima. Por ser Zoroastro o “maioral”, o algoz dos ataques, Joaquim Rosa insulta a imagem de historiador zelosamente construída por Zoroastro. É também Joaquim Rosa o único contemporâneo de Zoroastro Artiaga a tecer severas críticas as suas obras de história de Goiás:

Um verdadeiro balaio-de-gato histórico emerge dos livros aqui apreciados [Joaquim Rosa se refere aos livros *Contribuição para a História de Goiás, Historia de Goiás – 1.º e 2.º Tomos*], um tanto superficialmente. Seu autor, o professor Zoroastro Artiaga comete uma série de deslizes tumultuando as coisas, gerando situações inexistentes que põem de sobreaviso todo trabalho. [...] Sente-se no historiador o desejo de fazer história. De ser útil às letras históricas do Estado. Para o que leu muito, anotou muito, compilou muito e escreveu muito. Faltaram-lhe, contudo, senso crítico, noções dimensionais dos fatos no tempo e no espaço. Faltou-lhe em suma, bossa de historiador. Sua linguagem é corriqueira e descuidada. Pouco resistente a normas mínimas que devem seguir um historiador, sobretudo quando “historiador na extensão lata da palavra” (ROSA, 1980, p. 70).

Como explica Sandes (2011), “lembrar é um negócio mediado pela ambiguidade da representação: presença e ausência se afirmam no registro do passado”. Na expressão da memória histórica de Joaquim Rosa, os argumentos permitem apenas traçar cenários e perfis descontínuos do período que compreende de Totó a Pedro Ludovico, no qual o próprio passado é organizado em um tempo próprio, atualizado pelas lembranças do presente.

Enfim, entre críticos e admiradores, Zoroastro Artiaga difunde um pensamento histórico que conformou a identidade regional. Em 1957, Crispim Sobrinho registra que “entre os nomes de autores mais lidos na Biblioteca Municipal de Goiânia figura com destaque o do professor Zoroastro Artiaga” (CRISPIM SOBRINHO, 1957, p. 1). Segundo Sergio Paulo Moreira (1971), sua obra deve ser considerada como fonte para historiadores. Já Paulo Bertran (1978) adverte em sentido contrário ao afirmar que suas observações são impressionistas. Divergências à parte, em seus escritos históricos circula uma hipótese geral que confere sentido a seu esforço de compilação e análise do passado: a busca de uma resposta à necessidade de se constituir uma imagem da região no qual o passado é mobilizado e disposto como “uma criação do nacionalismo e dos seus patrocinadores” (SMITH, 1997, p. 118).

2.1 COMO SE ESCREVE A HISTÓRIA DE GOIÁS: DE AMERICANO DO BRASIL A ZOROASTRO ARTIAGA

Zoroastro não escreveu a história de que necessitávamos, nem ele nem qualquer outro ainda a escreveu. [...] A verdadeira história de Goiás está por ser escrita. (GOMES, 1979, p. 23).

Segundo Certeau (1982), a escrita da história emerge de necessidades do presente. O olhar para o passado, como operação, exige o estabelecimento de uma ordem, uma “triagem entre o que pode ser compreendido e o que deve ser esquecido para obter a representação de uma inteligibilidade presente” (CERTEAU, 1982, p. 16). Assim, o que foi escrito e nomeado como história de Goiás desde o século XIX até hoje são produtos de uma consciência histórica possível – esclarecendo que, como afirma Proust (2008), consciência histórica é o resultado de uma “prática tanto social como científica” (PROUST, 2008, p. 57), situada no tempo e no espaço.

Em um esforço de refletir sua periodização, a escrita da história de Goiás passa por três momentos que se interligam: as crônicas dos viajantes no século XIX, a percepção dos intelectuais goianos do século XX e a escrita acadêmica, que se consolida na segunda metade do século XX.

O primeiro momento dessa escrita se encontra articulado em torno das obras *Memória sobre o descobrimento, governo, população, e cousas mais notáveis da capitania de Goyaz*, de padre Luiz Antônio da Silva e Souza, publicada em 1849⁵⁶, *Annaes da Província de Goyaz*, de Alencastre (1864), e *Chorographia histórica*, de Raymundo José da Cunha Mattos (1875). Os relatos desses autores do século XIX, que sumariamente registram uma narrativa descritiva dos fatos e acontecimentos ocorridos no território goiano, além de conferirem uma visão da fauna e flora do estado, atribuem uma situação de pobreza e miséria à região.

Chaul (1997), em um estudo preciso sobre a visão desses autores, destaca o papel de suas representações regionais permeadas pela ideia de decadência. Para Chaul, os escritos sobre Goiás provenientes do século XIX – envolvidos pela noção de progresso – foram incapazes de representar a região e sua lógica econômica voltada para a abundância, conforme salienta Paulo Bertran (2011). Assim, a ideia de decadência que descreviam se associava, segundo Chaul (1997), à noção de atraso, o qual se transformou em um estigma para a região.

Sobre esse aspecto, Sandes (2001) alerta que não se pode desconhecer o refluxo da economia mineira que atingiu a região na segunda metade do século XVIII e se fez presente no imaginário regional durante boa parte do século XIX; entretanto, segundo esse mesmo autor, tampouco se pode atribuir ao refluxo da economia goiana a noção de decadência, embora a ideia de decadência tenha permeado as percepções dos autores no século XIX e se mantido como princípio ordenador da representação regional.

Na primeira década do século XX, contudo, o movimento de pensar uma escrita sobre o passado regional adquire uma perspectiva com base em um viés nacionalista que procurava integrar a região nos fluxos econômicos nacionais. Americano do Brasil e Henrique Silva foram os precursores dessa nova fase. Sobre os auspícios desses dois intelectuais foi criada a revista *A Informação Goyana*, que, logo no primeiro número, esclarecia, por meio do editorial, o seu compromisso:

O aparecimento hoje desta publicação se justifica pela própria necessidade que havia de um órgão informativo e de propaganda das incomparáveis riquezas nativas do *interland* brasileiro – essa vastíssima região quasi desconhecida sob todos os seus aspectos e que, no entanto, possui os mais fortes elementos para se encorporar às correntes progressivas das mais prosperas zonas do nosso paiz (*A INFORMAÇÃO GOYANA*, 1917, p. 1).

⁵⁶ Apesar de existir partes deste trabalho no jornal *O Patriota: jornal litterario, politico, mercantil do Rio de Janeiro*, entre os anos de 1813 e 1814, a publicação integral, de acordo com o que conseguimos apurar, somente veio a público na revista do IHGB em 1849. SOUZA, Luiz Antonio da Silva e. *Memória sobre o descobrimento, governo, população e cousas mais notáveis da capitania de Goyaz*. **Revista Trimensal de Historia e Geographia**, Rio de Janeiro, n. 16, p. 429-510, 1849. Disponível em: <<http://www.ihgb.org.br/rihgb.php?s=19>>. Acesso em: 17 de out. 2015.

Percorrendo o mesmo sentimento integracionista denotado na apresentação do periódico *A Informação Goyana*, Americano do Brasil (1982), Henrique Silva (1920), Colemar Natal e Silva (2002), Victor de Carvalho Ramos (1925), Castro (1933), José Bonifácio de Siqueira (1921), Ofélia S. Nascimento Monteiro (1934), Sebastião Fleury Curado (1936) e Zoroastro Artiaga (1947; 1959; 1961), entre outros, salientavam em suas narrativas o gosto em prefigurar as possibilidades de um futuro próspero para a região. Liderados pela figura exponencial de Americano do Brasil, esse grupo de autores estava em sintonia com ideais progressistas e nacionalistas. Cônego José Trindade da Fonseca e Silva, (2006) ao refletir sobre a figura de Americano do Brasil, argumenta:

[...] a história de Goiás veio a mudar de rumo, na exposição, veio a ser estudada, e não mais repetida, harmoniosamente com Americano do Brasil. [...] Americano do Brasil acompanhou Goiás através de todos os pontos na sua vida política, social e econômica. Não repetiu documentos, estudou-os com a filosofia da história. [...] O mais justo entre todos os historiadores anhanguerinos, em face da igreja goiana. Individualmente um sonhador; de alto valor intelectual são as suas produções poéticas. Como tribuno dilatou os horizontes do Estado de Goiás na representação federal (SILVA, 2006, p. 30).

Diferentemente do primeiro e do segundo momento de escrita da história de Goiás, o terceiro momento tem a marca de um historiador profissional, apresentando uma escrita motivada e formalizada em metodologia, teorias e conceitos e vinculada aos ideais acadêmicos, circunscritos a sua natureza institucional. Acerca disso, o trabalho de Rogério Chaves da Silva (2006) registra que a escrita da história profissional em Goiás se consolida com a chegada de Luis Palacín:

Quando Palacín chega à Goiânia na década [de 19]60, tanto para se dedicar ao exercício evangelizador, quanto à licenciatura na Universidade Católica de Goiás e, posteriormente, na Universidade Federal de Goiás, percebeu o pequeno volume de trabalhos sobre *história de Goiás*, dessa forma, dedicou grande parte de seus esforços intelectuais à pesquisa e à edificação de novas análises sobre a “história goiana”. O início da década de 1960 marcou, justamente, o momento de formação das duas maiores universidades goianas: Católica (UCG) e Federal (UFG). Naquele contexto, a história apresentava-se como uma disciplina quase que *incipiente*, pois ligada à geografia, ainda ressentia de um estatuto epistemológico e teórico autônomo. Naquele ambiente, Palacín chegou e se instalou em Goiás. Conhecedor dos *procedimentos metodológicos* em voga no período, Palacín buscou empreender novas visitas ao “passado goiano”, numa tentativa de edificar trabalhos com rigores acadêmicos, pois as obras sobre história de Goiás até então consagradas foram escritas por “proto-historiadores” ou espécies de “historiadores diletantes” (Silva e Souza, *Zoroastro Artiaga*, Americano do Brasil), portanto, análises carentes de preocupações teóricas e metódicas. Por isso, a chegada e permanência de Palacín em Goiás foram fundamentais para a sedimentação de trabalhos preocupados com os rigores de uma disciplina especializada. A inserção de Luis Palacín Gomez no

universo acadêmico goiano representou um novo momento para a *ciência da história no estado* (SILVA, 2006, p. 61-62, grifo nosso).

Silva (2006) é enfático ao detectar na análise dos proto-historiadores – termo usado para descrever os autores que se debruçaram sobre o passado regional no século XIX e início do XX – a carência de preocupações teóricas e metodológicas. Para esse pesquisador, a reflexão de Palacín se afasta da escrita passional dos “proto-historiadores”, muito embora o denominador comum – pensar sobre o passado de Goiás – permaneça como elo nesses distintos momentos de escrita.

Nesse âmbito, para os cronistas do século XIX, pesa o sentido de testemunha ocular (o que foi visto), predominando uma forma de escrever influenciada por um olhar entranhado no passado aurífero, contraposto ao presente decadente e a um futuro sem grandes promessas. Para o segundo grupo, o olhar do cronista é substituído pelo culto ao documento escrito, selecionado e interpretado no anseio de romper com o quadro mental que fazia pesar nos ombros goianos a imagem de um estado pobre. E, para o terceiro grupo, o passado é posto em interrogação com base em questões e problemas distantes do tempo dos cronistas ou dos “proto-historiadores”.

Sobre a questão das fases da historiografia de Goiás, as historiadoras Lena Castelo Branco Freitas e Nancy Ribeiro de Araújo e Silva escreveram um interessante artigo, publicado na revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, em 1989, que dialoga diretamente com a periodização ao tratar das fontes documentais para a escrita da história de Goiás:

As fontes impressas, de interesse para a História de Goiás, inserem-se nas categorias de livros, relatórios, jornais e revistas. Livros – a produção historiográfica inclui obras escritas por historiadores, cronistas e estudiosos que nasceram ou residiram em Goiás, bem como livros produzidos por pessoas que tão somente percorreram a região ou visitaram, seja em missão oficial, seja em caráter particular. Do ponto de vista da metodologia empregada, a bibliografia relativa a Goiás inclui crônicas ou relatos elaborados sem preocupações de natureza científica, ao lado de estudos que deliberadamente se voltam para a pesquisa documental e a consulta a fontes primárias e secundárias. Estes últimos oscilam entre obras de cunho nitidamente factual, na vertente da história historizante (a expressão é tirada a Henri Berr), até a recente produção acadêmica, influenciada pela *École des Annales* ou pela vertente marxista, com a elaboração de teses de doutorado ou dissertações de mestrado, as primeiras predominantemente apresentadas à Universidade de São Paulo, e as segundas, ao Curso de Mestrado em História das Sociedades Agrárias, da Universidade Federal de Goiás. Ensaando a periodização dessa produção historiográfica, poderíamos, grosso modo, delimitar três períodos a saber: a) trabalhos produzidos no século XIX – dentre os quais predominam as memórias, crônicas e relatos de viajantes ou de governantes/autoridades que, de algum modo, residiram ou prestaram serviços em Goiás. b) trabalhos produzidos entre 1900 e 1960 incluindo obras que se preocupam com o registro de fatos, e a transcrição de

documentos. Nessa fase, situam-se, também, estudos genealógicos, que estiveram em voga, em todo o País, na segunda e terceira décadas do século. De igual modo, a obra pioneira de Americano do Brasil, que ensaia vôos elevados e busca as conexões causais da história goiana, foi produzida nesse período. c) trabalhos produzidos a partir de 1960, quando se deu a criação da Universidade Federal de Goiás. O marco inaugural desse período é o livro de Luis Palacín, *Goiás (1722 -1822) Estrutura e conjuntura de uma capitania de minas*, apresentado como tese de Livre-Docência e publicado em 1972. A produção historiográfica passa, então, a apresentar cunho predominantemente monográfico e a privilegiar temas relativos à História Econômica e à História Social, desenvolvidos com rigor científico (FREITAS & SILVA, 1989, p. 96-97).

O argumento das autoras reforça a ideia de que há uma distinção entre os diferentes modos de se formular e compreender uma escrita de história nos diferentes tempos, e que essa compreensão passa pelo sentido de sua relação com o lugar de escrita.

Interessa-nos pensar na conexão existente entre as obras de Americano do Brasil e de Zoroastro Artiaga na elaboração de uma diretriz para a escrita da história de Goiás.

Americano do Brasil é a grande figura intelectual que inaugura, em 1920, uma forma de escrita da história de seu estado, em seu polêmico livro de genealogia, *No convívio com as traças*. Já no título, o autor evoca a legitimidade no modo de escrever história e, ao postular seu percurso metodológico, justifica seu ponto de vista da verdade histórica, associada ao documento como a fonte inequívoca de toda verdade:

Durante a elaboração destas apagadas notas meu espírito sofreu modificações a respeito de um ponto ou outro. Coisa aliás natural de suceder com quem entrava em matéria completamente nova, onde as escolhas das anotações errôneas estavam definidas, mormente no tocante a matéria em questão. Reformei, vários juízos sobre a história que eu próprio interpretara em outra direção mas, neste caso, modificar para melhor é progredir. O resultado a que cheguei, e que está exposto adiante, é a expressão final da verdade histórica colhida em documentos insofismáveis. Tanto quanto possível estudei o sincronismo dos fatos depor com os avanços da genealogia, procurando unicamente no convívio com as fontes melhor informadas. Devo indica-las para ser mais sincero (BRASIL, 1920, p. 10).

Para esse intelectual, a “verdade histórica” apresenta o documento como único e fiel testemunho do passado, com a garantia de confiabilidade fundada na transcrição e registro do documento de arquivo. O “convívio com as traças” indica a relação do autor com o arquivo velho, empoeirado, carcomido por essas larvas.

Em 1925, Americano do Brasil, sob o pseudônimo de José Brasileiro, escreve no jornal *Novo Horizonte*, dirigido por Zoroastro Artiaga, um de seus muitos discursos que fomentavam a falta de arquivos para a escrita da história,

[...] E digna-se também para a satisfação de nosso orgulho de brasileiros, que vários estados já possuem, órgãos detentores das relíquias escritas ou manufaturadas de seus dias passados, atestadores do trabalho do espírito artístico e da fecundidade de seu povo. Infelizmente o estado de Goiaz não está incluído neste número [...] O interessantíssimo arquivo da municipalidade de Goiás é tão somente uma ideia a figurar na imaginação, já não tem o esplendor que lhe emprestaram Silva e Souza e Cunha Mattos. A ferrugem da idade tudo tem consumido e mãos profanas tem feito o resto. O que nos fica hoje dele é quase nada e não vale também coisa alguma. Arquivo? Para que arquivo? [...] para que saber do passado, para se informar do que já não é? (BRASILEIRO, 1925, p. 1).

Na sombra dessa pragmática, outros intelectuais reproduziram seu discurso, entre eles, Colemar Natal e Silva (2002): “[...] De Goiás tudo é escasso. No arquivo do Estado, onde poderia encontrar muita margem para estudos e pesquisas, quase nada me foi dado apurar”. Zoroastro Artiaga, leitor de *Americano do Brasil*, também replica esse argumento em sua escrita.

A verdade histórica estava concatenada, para *Americano do Brasil* (1982), aos mais recentes métodos de escrever a história de um povo. Apesar de não deixar explícito que métodos eram esses nem seus autores, é visível, na leitura de *Americano do Brasil*, a influência das ideias disseminadas pelo IHGB.

Americano do Brasil inicia seu percurso nos estudos de história tendo acesso aos círculos intelectuais da capital brasileira, na escola de medicina. Seu pensamento, segundo Silva (1982), foi marcado pelo organicismo e pelo evolucionismo, ideias fortemente presentes no autor que muito o influenciou, Silvio Romero. Para *Americano do Brasil*, conforme escreve em sua *Súmula de história de Goiás*, Silvio Romero foi o grande exemplo de historiador.

Zoroastro Artiaga, diferentemente de *Americano do Brasil*, foi um autodidata que militou incansavelmente nas redações dos pequenos jornais goianos nos quais trabalhou como correspondente e colunista. Posteriormente, conforme já explicitado, ele se tornou proprietário de um dos jornais. Sua carreira jornalística, sua curiosidade pela ciência e o compromisso com as coisas de Goiás influenciaram sobremaneira sua trajetória intelectual.

A primeira obra de história escrita por Zoroastro foi lançada 27 anos após o livro *No convívio com as traças* (1920) e 15 anos após *Súmula de história de Goiás* (1932), livro póstumo, ambos de *Americano do Brasil*. Nesse intervalo de tempo, outras teorias e acontecimentos em Goiás e no Brasil influenciariam e motivariam a maneira e a forma de escrita de história de Zoroastro Artiaga; entre esses acontecimentos está a fundação do IHGG, como relatado no primeiro capítulo.

O IHGG, criado em 1938 em plena efervescência do Estado Novo em Goiás, foi a terceira tentativa de constituir uma entidade na região que aglutinasse e desse voz aos intelectuais goianos. Segundo Tavares (2000):

[...] A primeira tentativa foi chamada de Instituto Histórico Goiano, buscou sua implantação em 1862 na cidade de Goiás, que era a Capital da província [...] em 1918, no governo de João Alves de Castro (1917-1921), valendo-se de uma proposta apresentada pelo Secretário do Interior e Justiça de Goiás, Antônio Americano do Brasil. Esse concebeu a lei número 629, de agosto de 1918, redigida e aprovada pela Assembleia, criando na capital do Estado de Goiás a primeira instituição científica onde seriam produzidas obras de cunho geográfico e histórico sobre o Estado. [...] na década de 1930 foi retomada a proposta de criação do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás. O retomo da discussão de implantação desta Instituição dar-se-á em 07 de outubro de 1932, pelo então Diretor Geral do Interior do Estado – José Honorato da Silva e Souza. Foram convidados para participar da discussão professores do Lyceu de Goiaz e da Faculdade de Direito, pessoas que naquele momento representavam a intelectualidade goiana. A reunião deu-se na cidade de Goiás, até então capital do estado, e contou com a presença de membros do governo e simpatizantes que solicitavam mudanças, dentre elas as de ordem cultural (TAVARES, 2000, p. 42-46).

Victor de Carvalho Ramos (1925), em seu pequeno livro escrito por ocasião das comemorações do bicentenário de Goiás, reivindica a fundação do instituto na intenção primordial da composição da história de Goiás:

Approveitamos a oportunidade para lançarmos daqui um appello á estudiosa mocidade conterrânea no sentido de se organizar quanto antes, na capital, sob os auspícios do Estado, um Instituto Histórico e Geographico de Goyaz, onde se recolha com carinho tudo o que, atravez do tempo e do espaço, se tem dito e escripto a seu respeito. O Congresso Estadual votaria uma lei creando esse instituto e estabelecendo uma verba annual para a aquisição dos livros necessarios, esgotados e raros quasi todos, de nacionaes e estrangeiros, reeditando-os, divulgando-os, se passivei. Pelos archivos do paiz, de Portugal e mesmo do Vaticano, deve haver muita cousa preciosa, muitos documentos, ignorados do publico e talvez inéditos, que precisam ser copiados e conduzidos para Goyaz. [...] Sejamos patriotas, mais amorosos ao que é nosso, ao que constitue a herança dos nossos antepassados e patrimonio das gerações futuras. Um povo sem historia é um povo sem alma (RAMOS, 1925, p. 14).

O cuidado com documentos e com tudo o que pudesse recompor a história regional é acompanhado pelo sentimento de que uma das principais virtudes para se escrever a história de Goiás era o autor ser goiano. Ter ciência dessa característica é, a nosso ver, crucial para entender as condutas bairristas dessa geração que se abria para pensar a história. A questão da região ocupa o mote privilegiado nas configurações de história desses autores, as quais se entrelaçam intimamente com os temas nacionais. Nesse sentido, o trabalho do historiador que vinha sendo doutrinariamente implantado pelo IHGB chegava a Goiás privilegiando de

maneira incisiva as criações dos marcos fundacionais. Chaul (2002), ao prefaciар a obra de Colemar Natal e Silva, relata:

Há uma linha lógica na construção da obra que segue preocupada com os primeiros aventureiros que penetraram no território goiano, Bandeirantes Paulistas, a chegada do Anhanguera, o estabelecimento de Bartolomeu Bueno, seu retorno a São Paulo e as controvérsias sobre o descobrimento de Goiás e sua importância para nossa identidade. Marcos fundamentais e básicos que também seguiram os autores que lhe foram posteriores (CHAUL, 2002, p. 14).

Recontar a história, a “verdadeira história” de Goiás, era um imperativo para essa geração. Podemos argumentar que, nessa nova perspectiva, essa geração precisou romper com uma narrativa histórica composta por elementos pouco verossímeis, conforme corrobora o seguinte trecho de *Americano do Brasil*:

[...]. Até poucos anos, era ainda discutida pelos cronistas a derrota que seguiu a expedição de Anhanguera através as asperezas do inclemente sertão, ficando uns pontos controvertidos e obscuros outros. Assim é que o pai da historiografia goiana, cónego Luiz Antônio da Silva e Sousa, afirma em sua Memória que os bandeirantes, percorridas grandes extensões dentro dos goiases, foram ter às margens do rio Paranã, fato que o provector autor dos Anais tem em conta de novela mal contada [...]. Afirnam sem base os cronistas de Goiás que o velho Anhanguera, descendo o vale do rio Vermelho, em 1674, deparou com o local da futura Vila Boa. Onde a prova disto? Dizer não é bastante (BRASIL, 1982, p. 28, 32).

A necessidade de romper com a imagem negativa de Goiás busca sedimentar uma narrativa histórica, cuja dimensão afetiva aproximasse o leitor de sua terra e privilegiasse os valores de Goiás, tal como Francisco Ferreira dos Santos Azevedo relata:

A nossa literatura histórica que, por espaço de quase um século, esteve voltada ao mais criminoso descaso e ao mais cruel dos abandonos, começa a ser tomada no devido apreço e já vai tendo seus cultores apaixonados, aos quais necessariamente se ajuntarão outros de igual valia e competência. [...] A Sumula de História de Goiaz, do saudoso Americano do Brasil, os Anais da Comarca do Rio das Pedras, de Derval de Castro, a História de Goiaz, de Colemar Natal e Silva, e o Crime do Cel. Leitão, de Ignacio Xavier da Silva, aí estão para mostrar quanto pode uma inteligência brilhante servida pela ânsia louvável de trabalhar [...] Reconheço que nada sei e nada valho, mormente em Goiaz onde só a política é que engrandece e dignifica o homem mas, mesmo assim, venho com muito prazer trazer aos srs. Derval de Castro, Colemar e Inácio Xavier os meus melhores parabéns pelo inestimável serviço que vêm de prestar a terra goiana, fazendo ardentes votos para que seus trabalhos encontrem o acolhimento de que são merecedores e que os seus autores prossigam a rota que se traçaram, sobranceiros às injúrias insensíveis às mesquinhas e indiferenças às pedradas que lhes atirarem os olhos de todos os tempos e de todos os lugares (AZEVEDO, 1935, p. 1).

A produção desses autores aspirava ordenar um novo quadro de referências capaz de abalar a “indiferença” que deprimia a história goiana, como aponta o próprio Americano do Brasil⁵⁷:

[...] Por hoje aqui ficamos asseverando que o nosso intuito, nas linhas que ficam escritas e nas que se seguirem não é deprimir Goiás, que amamos com todas véras, com nosso próprio torrão natal, berço que é de muitos de nossos filhos, o nosso intuito é contribuir para a sua grandeza sob todos os aspectos, estimulando os goianos para cuidarem de levantar a sua história, legando a geração de hoje as da posterioridade a melhor prova de seu civismo e de sua cultura intelectual [...]. (MINEIRO, 1926, p. 1).

Nessa linha de raciocínio, o passado recordado está relacionado aos projetos identitários e às reivindicações de veracidade dos esquemas mentais, agora documentados, capazes de representar o passado da região:

Faço ponto nestas páginas de veneração a memória dos grandes mortos inconfundíveis. Si uma força benéfica me conduziu até aqui não foi certamente a da egolatria, mas a do amor a verdade e a tradição, tão injustamente maltratadas por aqueles que deveriam ser os primeiros a cultiva-las e a rega-las com os carinhos da realidade para que as duas arvores germeas – tradição e verdade – não se ressequem no pó inconstante das idades. Ao coração daqueles que tremem de emoção diante do passado, de um passado em que foram comparsas do mesmo banquete os avós da genealogia goiana, entrego a leitura desta insignificante plaquette minúsculo preto de homenagem as cinzas dos mortos (BRASIL, 1920, p. 100).

Pensar como essa geração escreve a história passa, assim, pelo estudo categórico da relação entre o regionalismo e o nacionalismo, que circunscreve uma escrita de história em que se encontram:

- o culto ao documento como testemunho da verdade, e a revisão factual nos moldes constitutivos de escrever história dos institutos históricos e geográficos brasileiros;
- a interpretação do passado compromissada com os acordos e engajamentos do presente;
- a reciprocidade da memória e tradição com ênfase na atuação dos indivíduos, uma história exemplar marcada pelo culto ao herói e aos grandes feitos.

⁵⁷ Segundo Humberto Crispim Borges (1982), Americano do Brasil utilizava alguns pseudônimos como Zé Goiano, Chico Azedo e João Goiás. Durante a pesquisa conseguimos constatar mais dois pseudônimos que ele utilizou quando escreveu no jornal *Novo Horizonte*, que eram José Brasileiro e João Mineiro. A identificação se deu por meio da aproximação da temática trabalhada no texto em conjunto com o estilo de escrita. O meio intelectual goiano era formado por poucos autores que tinham domínio para tratar de temas relacionados a história, e Americano do Brasil era um desses e o único a utilizar pseudônimos variados.

O regionalismo, portanto, ultrapassara a fronteira da literatura e adentrara para o pensamento histórico como um sentimento motivador de uma escrita da história voltada para a integração da região ao corpo da nação e para o culto aos valores goianos.

2.2 IMPRENSA GOIANA: INTELECTUAIS, PODER E POLÍTICA

A imprensa foi uma vocação, um setor no qual os goianos se distinguiram, tanto no passado como se distinguem no presente (ARTIAGA, 1951, p. 88).



Foto 7. Intelectuais, jornalistas e literatos que atuavam na e pela imprensa na década de 1960. Da esquerda para direita, respectivamente, jornalista Armando Acioli, Basileu Toledo França, Zoroastro Artiaga, Leodegária de Jesus, Bernardo Elis e Nice Daher. Fonte: Folha de Goiaz 3/2/1980.

Em 1961, Zoroastro Artiaga publica seu último livro: *História de Goiás – 2.º Tomo*. Entre essa publicação e o seu falecimento em 1972, há um intervalo de onze anos sem a publicação de nenhum livro. Tavares (2010) assevera tal fato registrando:

Em 1959, [Zoroastro Artiaga] deixou a presidência da AGL e em 1962 a do IHGG e passou a frequentar as reuniões das instituições, mas não publicou mais em jornais, revistas ou livros. Era visto com maior frequência na Academia, na qual possuía laços afetivos com os membros – como sua sobrinha Nice Monteiro Daher e outros amigos mais próximos, além do que o Instituto Histórico encerrou suas atividades administrativas em 1962 e, apenas retornou no ano de 1972 (TAVARES, 2010, p. 175).

Passaram despercebidos para a autora os registros da vida intelectual de Zoroastro nos jornais de Goiânia entre 1962 e 1972, os quais são inúmeros. Nesse período, ele escreve com bastante frequência nos jornais *O Popular*, *Folha de Goiaz* e *Cinco de Março*, os três periódicos de maior circulação no estado. Sob o amparo de temas relacionados a sua pesquisa

como botânico, geólogo, geógrafo e, fundamentalmente, de sua vocação para a escrita da história, Zoroastro registra no espaço do jornal sua perspectiva sobre o passado da região. Interessa, em nossa pesquisa, indagar quais as razões e o sentido de uma escrita voltada para a história que se fez presente no jornal *Folha de Goiás*, quase diariamente, em uma coluna com o título “História de Goiás”. Nessa direção, buscamos focar o contexto de vinculação da imprensa com uma geração de intelectuais na demarcação de um espaço de publicação e divulgação de ideias.

Observando os poucos estudos sobre a imprensa goiana de autores e instituições que encontramos publicados em livros e artigos de periódicos, entre eles Artiaga (1961), Teles (1989), Sabino Júnior (1957), Pina Filho (1971), Associação Goiana de Imprensa (1980), Melo (1985), Rosa (1992), Borges & Lima (2008) e Arrais (2013), notamos que eles são unânimes em dizer que a imprensa em Goiás, até o final da década de 1930, é marcada pela instrumentalização dos chefes e partidos políticos. Arrais (2013) analisa a produção desse tipo de imprensa e cita a importância dos articulistas, homens com proficiência no debate político e distinta capacidade de oratória, que faziam das páginas dos jornais palco de exposição, debate e confronto de ideias.

Sodré (1999), ao fazer sua reflexão sobre a história da imprensa no Brasil, sintetiza o quadro desse modelo de imprensa que prevaleceu em Goiás até o final da década de 1930:

[...] a preocupação fundamental dos jornais, nessa época, é o fato político. Note-se então não é a política, mas o fato político. Ora, o fato político ocorre, então em área restrita, a área ocupada pelos políticos por aqueles que estão ligados ao problema do poder. Assim, nessa dimensão reduzida as questões são pessoais, giram em torno de atos, pensamentos ou decisões de indivíduos, os indivíduos que protagonizam o fato político. Daí o caráter pessoal que assumem as campanhas, a necessidade de endear ou de destruir o indivíduo. Tudo se personaliza e se individualiza. Daí a virulência da linguagem da imprensa política, ou seu servilismo, como antípoda. Não se trata de condenar a orientação, ou a decisão ou os princípios a política em suma desta ou daquela personalidade, trata-se de destruir a pessoa, o indivíduo (SODRÉ, 1999, p. 277).

Esse cenário da imprensa narrado por Sodré predominou em quatro jornais goianos entre as décadas de 1920 a 1930 e pode ser detectado em *O Democrata* e *Voz do Povo*, na década de 1920, no jornal *A Colligação* e em *O Social*, na década seguinte. A imprensa exercia um forte papel de associação política, e as ideias que percorriam o jornal em Goiás se sustentavam dentro de um escopo partidário que se ligava diretamente à prática política oligárquica vigente no período. Dessa forma, os jornais produzidos dentro do território goiano de alguma maneira reproduziam o comportamento da imprensa da capital do estado, como é o

caso do jornal *Novo Horizonte*, que se fez presente em Catalão durante a década de 1920, com explícita tendência caiadista, e do *Liberal*, publicado em Jataí, no início da década de 1930, que defendeu com veemência o programa político do interventor Pedro Ludovico.

Os inúmeros depoimentos existentes dos jornalistas e literatos que vivenciaram o período das décadas de 1920 e 1930, publicados pela Associação Goiana de Imprensa (AGI) em 1980, descrevem em uníssono o ambiente político que determinava a criação ou a extinção de um jornal. Oscar Sabino Junior, um dos pioneiros da história da imprensa em Goiás, fez em 1957, a seguinte declaração: “[...] A política era sempre a causa determinante da fundação de um periódico. Goiás não tinha, antes, estrutura para manter jornais por muito tempo. Geralmente eles surgiam e desapareciam. A política era o fator principal” (SABINO JUNIOR, 1980, p. 295).

Segundo o estudo de Teles (1989), somente na década de 1920 foram criados em Goiás vinte e seis jornais; na contagem de Sabino Junior (1957) foram dezoito. Adicionam-se a esse número os periódicos que já existiam e ainda circulavam no território goiano, como é o caso de *O Democrata* e do *Jornal de Goiaz*. Um número surpreendente para uma população estimada em 511.000⁵⁸ habitantes e com uma taxa de analfabetismo superior a 78%⁵⁹. Teles (1989) e Rezende (2002) informam que, na década de 1930, havia mais de quarenta periódicos circulando em Goiás. Essa estatística por si indica o papel de destaque da imprensa em Goiás.

Diante desse pequeno mundo letrado, o jornal organizava e consubstanciava a produção discursiva dos intelectuais, poetas e literatos, além de exercer a sua função primária de publicidade política. Zoroastro Artiaga, ao escrever seu pequeno esboço da história da imprensa em Goiás, em 1961, destaca: [...] “nada mais importante, desde os primórdios, para os goianos, do que a imprensa escrita” (ARTIAGA, 1961, p. 72). O jornal compreendido nesse âmbito assume seu papel enquanto representação do pensamento e da opinião de um partido político. Evidentemente, tal representação reafirma a ausência de uma posição neutra ou imparcial no interior dos órgãos de imprensa.

Joaquim Rosa (1992), ao esboçar um histórico da imprensa goiana do início do século XX, destaca o papel dos jornais na política do estado, ao mesmo tempo que sublinha

⁵⁸ Dados retirados do estudo realizado por: CARVALHO, José Murilo de. Os três povos da República. **Revista USP**, São Paulo, n. 59, p. 96-115, setembro/novembro 2003.

⁵⁹ Dados retirados do estudo realizado por: FERRARO, Alceu Ravello; KREIDLOW, Daniel. Analfabetismo no Brasil: configuração e gênese das desigualdades regionais. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 29, n. 2, p. 179-200, jul./dez. 2004.

um modo de fazer imprensa conjugado diretamente a uma prática dos grupos que lutavam pelo poder:

[...] Os jornais defendiam esta ou aquela linha política doutrinária, em função dos interesses imediatos dos grupos. [...] Dos jornais que se destacaram nos velhos tempos dois merecem ser citados. A “Imprensa”, órgão do grupo Xavier de Almeida, com tendências oligárquicas, e o “Goiaz”, pertencente à ala dos Bulhões. O “Goias” foi o de maior duração, mais de vinte anos. A imprensa não tinha sentido informativo ou formativo. Talvez tivesse sentido espinhafriativo. Lida pelos coronéis que sabiam ler e por pequenina camada social, não tinha, por isto mesmo, força para formar opinião, não exercia influência no pensamento coletivo, pelo simples fato de não existir ainda um pensamento coletivo. Aquele que consultar a documentação partidária, mormente os editoriais do “Goiaz” e da “Imprensa”, perder-se-á, sem dúvida, entre afirmações contraditórias, inversão dos fatos, convicções antagônicas, etc. Aquele que consultar apenas o “Goiaz” ficará convicto da honestidade política dos Bulhões e da injustiça de que foram vítimas. O mesmo sentimento nascerá daquele que consultar apenas a “A Imprensa”. Enveredar-se-á pelo caminho das conjecturas, das dúvidas, das objeções, das condenações e absolvições, ao consultar as duas fontes. A verdade para as duas facções era relativa e propositadamente subjetiva (ROSA, 1992, p. 14-15).

A imprensa tinha uma projeção doutrinária, uma vez que o jornal sintetizava os projetos dos grupos que circulavam em torno do controle do estado. Quando os Bulhões e os Xavier saíram de cena, os Caiados e os Ludovicos dividiram os espaços e as intrigas presentes nos jornais.

É nesse cenário que a figura de Zoroastro aparece e constrói o seu valor como jornalista e, mais tarde, com a hegemonia do grupo de Ludovico em Goiás, como tecnocrata. Com o fim do Estado Novo, seu papel ainda na estrutura do Estado se estende até meados da década de 1950, ocupando cargos associados à pasta de cultura. Martins (1978), ao refletir sobre a atuação dos intelectuais no Estado brasileiro, realça a presença destes no escopo do serviço público:

Em 1952, o velho tema do enquadramento social, político e ideológico do escritor reapareceu de repente [...]. Todos pareciam concordar em que o intelectual devia ser um funcionário, se não do Estado ou da Igreja, pelos menos dos institutos de ensino, estando entendido que estes últimos, por necessidade, incluíam-se nas estruturas da Igreja ou do Estado (MARTINS, 1978, p. 301).

Gabriel Paula (2014) em seu estudo sobre Bernardo Élis, escritor goiano que inicia sua carreira em meados da década de 1940, também associa essa premissa da atuação do intelectual no espaço do Estado:

[...] em Goiás no decorrer das décadas de 1940 até meados de 1960. A possível autonomização do campo intelectual em Goiás não foi plenamente operada. Nesse sentido a dependência em relação ao Estado se faz presente de forma perene. Uma relação de reciprocidade entre estado e *intelligentsia* se materializa. O primeiro mediante o mecenato e o segundo com os argumentos necessários para a perpetuação do poder simbólico (PAULA, 2014, p. 14).

Paralelamente a esse lugar do intelectual nas estruturas estatais, havia, no âmbito da imprensa no Brasil, um espaço de atuação no qual eles podiam direcionar suas ideias e suas perspectivas tanto políticas como culturais. O jornal, como veículo e espaço de produção, agregava, assim, intelectuais e escritores na promoção de ideais políticos.

Os trabalhos de Sodré (1999), Abreu (1996), Mota (2002), Barbosa (2010) e Martins & Luca (2013) sobre a história da imprensa no Brasil apresentam informações em que é possível localizar pontualmente tal atuação dos intelectuais brasileiros na imprensa e pela imprensa. Em Goiás, nomes como Americano do Brasil, Henrique Silva, Moisés Santana, Victor de Carvalho Ramos, Randolpho Campos figuram entre as personalidades que utilizavam o espaço da imprensa como estratégia de conquista e prestígio social.

Nessa perspectiva, Cristiane Henriques Costa (2004) sugere haver uma relação de aproximação do escritor/literato com jornal no escasso mercado editorial brasileiro no final do século XIX e início do século XX, e que “[...] aos poucos, os escritores vão se afastando e sendo afastados do jornal. O processo se exacerba [...] entre as décadas de [19]20 e [19]50, que, não por acaso, coincide com o primeiro *boom* do mercado editorial brasileiro” (COSTA, 2004, p. 8). No estado de Goiás, a primeira empresa do ramo gráfico que se coloca no papel de editora foi a Editora Oriente, no final da década de 1960. Mota (2002), em depoimento sobre a aparição dessa editora em Goiás, relata:

[...] na trajetória da cultura goiana destacam-se dois irmãos: Taylor e José Modesto Oriente. Eles devem ocupar um lugar muito especial em nossa história regional e, de forma extensiva, na historiografia da editoração nacional. [...] Espíritos denodados, tudo fizeram para inserir o estado de Goiás no contexto cultural brasileiro, através da edição de inúmeros volumes referenciais. No arquipélago cultural brasileiro, abstraindo-se o eixo Rio-São Paulo, poucos eram os núcleos editoriais em atividade em nosso país. [...] Os demais estados brasileiros viviam na dependência absoluta das poucas editoras que atuavam no país. O que existia era apenas, aqui e acolá, uma série de tentativas tímidas daqueles autores que ousavam editar seus próprios livros em tipografias locais, sob a rubrica das heroicas edições do autor (MOTA, 2002, p. 20).

Parece-nos oportuno pensar, com isso, que, na ausência de editoras, a imprensa se tornara a vitrine e a tribuna, além de trampolim, para que o homem de letras conquistasse posições e cargos. Como relata Miceli (2001), “em termos concretos, toda a vida intelectual

era dominada pela grande imprensa, que constituía a principal instância de produção cultural da época e que fornecia a maioria das gratificações e posições intelectuais” (MICELI, 2001, p. 15). No registro de Basileu Toledo França (1980), o jornal aparece como espaço de publicação e veículo de promoção da seguinte forma “[...] Na *Folha de Goiás* eu divulguei todo o meu trabalho, intitulado Música e Maestros; que é um ensaio de sociologia da arte musical, antes de transformá-lo em livro” (FRANÇA, 1980, p. 133).

Essa relação intrínseca da produção intelectual com a imprensa em Goiás foi também relatada por Gilberto Mendonça Teles:

[...] Não posso esquecer, entretanto, que foi através do jornalismo, através da publicação de poemas e de artigos de crítica literária e, ainda, através da fundação e da participação na fundação de jornais e revistas de vida quase sempre efêmera, que se foram delineando e apurando a minha tendência e o meu gosto para o trabalho intelectual. [...] “O Popular” foi o veículo da divulgação de meus estudos sobre poesia, sobre linguagem, linguística, estilística e vanguarda. Creio que foi a primeira vez que se tratou da crítica linguístico-estilística nos jornais de Goiás. E todo esse material, ainda inédito em livro, fará parte do III volume dos meus Estudos Goianos já em preparo. [...] Na década de setenta, foi bem grande a minha participação com artigos, muitos dos quais hoje enfeixados em livros. Aliás, uma das coisas curiosas, de se estudar, é o espaço que os jornais goianos continuam oferecendo á literatura. Parece que a “aura” literária encontra em Goiás uma refulgência que se vai dissipando noutros lugares. Mas o mais curioso é que o intelectual goiano, chamado ao trabalho jornalístico, também se sente tocado pela “aura” do jornal, da divulgação de seu nome. O dinheiro, que é bom, este não aparece nunca. Nenhum jornal de Goiânia paga artigo ou poema. E o melhor (melhor para os seus proprietários) é que ninguém reclama (TELES, 1980, p. 199-203).

No tocante à produção de Zoroastro Artiaga, é factível pensar que o espaço de publicação decorrente da sua atividade como colunista entre 1962 e 1972 evidenciava o prestígio e a presença de uma rede de relações sociais conquistadas por meio da atividade jornalística. Nessa acepção, é útil refletir a noção de sociabilidade em Simmel (1983) ao destacar que “[...] interesses e necessidades específicas certamente fazem com que os homens se unam em associações e que estas associações se caracterizam precisamente por um sentimento, entre seus membros de estarem associados e pela satisfação derivada disso” (SIMMEL, 1983, p. 168). Tais relações que derivam da noção de sociabilidade estão ligadas às condições inerentes e gestadas pelas múltiplas combinações interacionais acionadas a partir dos indivíduos e grupos.

Sirinelli (2003), ao refletir sobre os intelectuais na operação histórica, disserta que as estruturas de sociabilidade são difíceis de apreender, porém, não podem ser desconsideradas ou subestimadas pelo historiador:

Todo grupo de intelectuais organiza-se também em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes que fundam uma vontade e um gosto de conviver. São estruturas de sociabilidades difíceis de aprender, mas que o historiador não pode ignorar ou subestimar. [...]. O meio intelectual constitui, ao menos para seu núcleo central, um “pequeno mundo estreito”, onde os laços se atam, por exemplo, em torno da redação de uma revista ou do conselho editorial de uma editora. A linguagem comum homologou o termo “redes” para definir tais estruturas. Elas são mais difíceis de perceber do que parece. Entre as estruturas mais elementares, duas, de natureza diferente, parecem essenciais. As revistas conferem uma estrutura ao campo intelectual por meio de forças antagônicas de adesão – pelas amizades que as subentendem, as fidelidades que arrebanham e a influência que exercem – e de exclusão – pelas posições tomadas, os debates suscitados, e as cisões advindas. Ao mesmo tempo que um observatório de primeiro plano da sociabilidade de microcosmos intelectuais, elas são aliás um lugar precioso para a análise do movimento das ideias. Em suma, uma revista é antes de tudo um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade, e pode ser, entre outras abordagens, estudada nesta dupla dimensão (SIRINELLI, 2003, p. 248-249).

Evidentemente, as estruturas de sociabilidade “variam naturalmente com as épocas” (SIRINELLI, 2003, p. 249). Desse modo, é admissível pensar que as características da imprensa goiana, como estrutura de sociabilidade, modificaram-se com o passar do tempo. Essas variações ligadas à prática do jornalismo foram registradas por Telles (1989) ao analisar a história da imprensa goiana, o qual a classifica em cinco divisões de períodos:

- a) de 1830 a 1834, a novidade consiste no aparecimento do primeiro jornal goiano, *A Matutina Meia Pontense*;
- b) de 1834 a 1890 o *Correio Oficial de Goiás* substitui o jornal *Meia Pontense*;
- c) de 1890 a 1936, com o advento da República, inicia-se a expansão dos jornais no território goiano.
- d) de 1936 a 1945, período marcado pela fundação da Agência Goiana de Imprensa em meio a uma nova realidade política marcada pela presença do Estado Novo;
- e) de 1945 em diante, há o retorno do regime democrático e a profissionalização da imprensa sob moldes empresariais, caracterizado nos impressos *O Popular* e a *Folha de Goiaz*.

Essa divisão esboçada por Teles organiza o tempo cronologicamente, deixando de lado os traços de continuidade que por ventura marcaram o campo jornalístico, bem como as redes de solidariedade – e de conflitos – entre os homens de letras e os órgãos de imprensa. Sem abster-nos de considerar tais questões, optamos por pensar que as redes de conhecimento da atividade intelectual na imprensa goiana se dão por meio das solidariedades de sua origem,

nos arranjos de seus articulistas e na concepção de sua tradição, elementos de aproximação a uma ideia de campo intelectual⁶⁰.

A aceção dessa noção passa pelo entendimento de que esse campo se configura como um espaço social no qual circulam os produtores de obras culturais. A interação entre esses pares estrutura códigos e valores que dão sentido ao campo, o *habitus* (BOURDIEU, 1988), que é construído socialmente pelos indivíduos que compõem o campo e, ao mesmo tempo, é elemento gerador de práticas de poder: “Poder de publicar ou de recusar a publicação por exemplo – de capital – o do autor consagrado que pode ser parcialmente transferido para a conta de um jovem escritor ainda desconhecido, por meio de um comentário elogioso ou de um prefácio [...]” (BOURDIEU, 2004, p. 170).

A ação dos intelectuais em Goiás se limita ao círculo de sociabilidade ordenado pela imprensa, conforme registra o jornal *O Popular*, em 6 de novembro de 1971:

Poucas pessoas têm acompanhado a evolução da imprensa goiana como o professor Zoroastro Artiaga. Antigo tipógrafo, ainda do tempo da caixa, aproveitou ontem, uma visita ocasional ao POPULAR, para conhecer o moderno sistema de composição eletrônica de nosso jornal. O professor Zoroastro Artiaga é atualmente o jornalista militante mais velho de Goiás. Desde 1905 colabora nos diversos órgãos de divulgação do Estado, do gênero literário ao político e ao polêmico, como aconteceu à época da mudança da Capital, de que foi sempre um entusiasta. Hoje, membro destacado da Academia Goiana de Letras e uma das figuras mais respeitadas daquela instituição, é um exemplo para os jornalistas jovens, não somente pelas lutas que sustentou em prol de Goiás, através de seus artigos, sempre solicitados, como pela argumentação e conhecimento de causa (*O POPULAR*, 1971, p. 3).

Ainda pensando sobre o relacionamento entre o intelectual e a imprensa, destaca-se o desejo de um grupo que se utiliza dos jornais para demarcar um espaço na memória social de Goiás⁶¹. Note que, após duas décadas da morte do jornalista José Lobo, foi publicado, em 1974, um livro denominado *Goianos ilustres*⁶², de sua autoria, que se caracteriza como uma

⁶⁰ O conceito de “campo intelectual” deve ser lido nessa reflexão partindo dos pressupostos apontados por Bourdieu (1998; 2004).

⁶¹ Nesse caso, o termo “memória” deve ser compreendido como uma ação de confrades que buscam perpetuar a imagem de seus membros ilustres por meio do registro escrito.

⁶² LOBO, José. **Goianos ilustres**. Goiânia: Oriente, 1974. A temática dessa obra, que originalmente teve seu conteúdo publicado no jornal *Correio Oficial de Goiás*, nos anos de 1941 e 1942, é uma alusão à seção da *Revista do IHGB* denominada “Biographia dos Brasileiros ilustres”, na qual, entre os anos de 1839 e 1888, ressaltou 118 personagens que se destacaram pelos serviços dedicados à pátria. José Lobo, utilizando os mesmos argumentos para selecionar sua plêiade de goianos, destaca nomes de personagens goianos que ele classificou como “ilustres” e “patriotas”. Na revista *Oeste*, sob o pseudônimo de J. Lupus, o autor publica quatro artigos, com a temática de referendar e biografar autores e personagens que ele identificava como contribuintes do progresso goiano.

LUPUS, J. Autores Goianos. **Oeste**, Goiânia, Ano 2, n. 4, p. 30, maio 1943.

_____. Patriotas. **Oeste**, Goiânia, Ano 2, n. 5, p. 35, jun. 1943.

hagiografia de um grupo de intelectuais que atuavam na (e pela) imprensa. Essa obra e outras, tais como a *Letras de Goiás*, de Victor de Carvalho Ramos⁶³, publicada em 1968, sintetizam a sociabilidade de uma geração de intelectuais goianos marcada pela imprensa⁶⁴ e que teve em Zoroastro Artiaga um dos seus ilustres representantes. Os 253 artigos produzidos por Artiaga no jornal *Folha de Goiaz*, entre os anos de 1967 e 1968, registram contornos de um trabalho metucioso e tenaz do jornalista, conforme se depreende da leitura de uma notícia publicada no jornal *O Popular*, em 5 de setembro de 1965:

[...] intelectual, mercê do grande trabalho que desenvolve em prol do Estado de Goiás, contando com o apoio da Livraria Brasil Central, lançará, a partir do próximo ano, a terceira edição de seu livro “História de Goiás” agora totalmente refundido e melhorado. A obra em questão, com um total de cinco volumes, será lançada parcialmente, isto é, um volume por cada trimestre (*O POPULAR*, 1965, p. 3).

Esse projeto, ao que tudo indica, não foi adiante e nenhuma outra publicação de Zoroastro Artiaga, depois de 1961, foi levada a público, a não ser seus artigos nos jornais. Durante o processo desta pesquisa, não conseguimos encontrar maiores informações sobre o motivo de não ter acontecido a publicação tal como fora noticiado. Contudo, pelas palavras do próprio Zoroastro, temos um vestígio que pode elucidar a questão:

Não há setor da cultura brasileira que não esteja contaminado ou infeccionado pela cultura estrangeira, imposição de uma minoria atrevida, atuante e de inusitada ousadia. Assistimos aqui o triste espetáculo do aliciamento dos intelectuais, com rara exceção, inteiramente submissos a essa minoria referida, unicamente por que fora da sua panela, ninguém tem vez, fora das igrejinhas ou torres de marfim, ninguém pode, aparecer nem editar livros, nem escrever nos suplementos dominicais dos diários, nem as livrarias aceitam seus livros para os venderem, mesmo percebendo gorda comissão. Sofrem um bloqueio sistemático em toda a parte. Dentro dessa muralha o escritor goiano encontra unicamente portas fechadas, e os que manuseiam seus trabalhos, procuram neles os defeitos, e até erros de revisão! Não apreciam os méritos nem a utilidade do livro e por isso mesmo está desaparecendo o entusiasmo do público pelas coisas de Goiás! (ARTIAGA, 1968, 26 mai., p. 6).

As palavras negativas do autor ao setor cultural apontam para o afastamento entre o intelectual e o mercado editorial, o que levou Zoroastro a legar ao espaço do jornal grande parcela de seus escritos.

_____. Goianos ilustres: professor Manuel Sebastião Caiado. **Oeste**, Goiânia, Ano 3, n. 12, p. 27, jan. 1944.

_____. Goianos ilustres: Dr. Joaquim Xavier de Almeida. **Oeste**, Goiânia, Ano 3, n. 13, p. 29, fev. 1944.

⁶³ Ibidem.

⁶⁴ Em 1980, Humberto Crispim Borges reuniu uma série de artigos de Americano do Brasil publicados nos jornais goianos entre as décadas de 1910 a 1930 e os publicou em um livro intitulado *Pela história de Goiás*. Essa publicação é mais uma evidência do caráter da imprensa como espaço de publicação dos intelectuais goianos.

Sem apoio de editoras, os intelectuais goianos esperavam do estado auxílio para publicar suas obras. Gabriel Paula (2014), ao escrever sobre o campo intelectual goiano, explicita que “em Goiás a autonomia do campo intelectual e artístico não foi realizada em relação ao campo político e econômico” (PAULA, 2014, p. 79). Tal premissa está condicionada à forte atuação do estado frente ao setor cultural⁶⁵. Entretanto, mesmo existindo fatores que levaram esse pesquisador a acreditar “na inexistência de políticas culturais efetivas e sucessivas” (PAULA, 2014, p. 81), o campo intelectual goiano mantinha alguma vitalidade e continuidade por meio da imprensa. Um indício dessa estreita relação entre a imprensa e o campo intelectual foi a criação do jornal *Óio*, em meados da década de 1950. Modesto Gomes, editor do suplemento literário do jornal *O Popular*, na década de 1970, destaca o valor desse jornal para a cultura goiana:

Eu me lembro aqui de um jornal que teve uma repercussão muito grande na época, o Jornal Oió, fundado pelo livreiro Olavo Tormim, que era dono do Bazar Oió, que funcionou até cerca de uns 4 anos atrás. Então, ali por volta de 1955, 56, nasceu esse Jornal em Goiânia, um jornal essencialmente cultural. Era mensário, mas suas matérias eram exclusivamente culturais, todos os escritores da época, os mais em evidência em Goiânia, colaboraram, e ajudaram longamente no funcionamento do jornal, que realmente marcou época; um período que diz respeito à evolução cultural do Estado de Goiás. Posteriormente, por circunstâncias econômicas, Olavo Tormim não teve mais condições de manter o jornal, ficou tudo muito caro e ele custeava o jornal do seu próprio bolso [...] (GOMES, 1980, p. 288).

A fala de Gomes revela as características e dificuldades do campo intelectual definido em torno da palavra “imprensa”.

Segundo Barbosa (2007), “o mundo impresso define formas de pensar e de agir em uníssono” (BARBOSA, 2007, p. 140); nesse sentido, o reconhecimento da publicação de um texto, seja em jornal ou livro, representa um valor para os que buscam notoriedade. Tal notoriedade é almejada por Zoroastro Artiaga, que publica quase todos os dias sua crônica histórica acerca de Goiás no jornal *Folha de Goiaz*.

⁶⁵ Durante o processo desta pesquisa, foi encontrada uma reportagem no jornal *O Popular* em que se reivindica ao governo de Goiás auxílio para a publicação de livros ainda inéditos de Zoroastro Artiaga, como é o caso da reportagem de 30/1/1971, intitulada “Pelo apoio à obra de Zoroastro”, em que se referenda o autor informando que “Seria de grande utilidade se as autoridades educacionais do Estado e do País oferecessem os meios para que aquelas obras [inéditas] fossem editadas. Não é possível esperar que o autor, sozinho continue arcando com todas as responsabilidades dos gastos, num programa de difusão da Cultura que, afinal, interessa a todos, sobretudo às gerações que vem surgindo” (*O POPULAR*, 30/1/1971).

2.3 A COLUNA DE HISTÓRIA DE ZOROASTRO ARTIAGA NO *FOLHA DE GOIAZ*

Sem apoio para publicar suas obras, Zoroastro Artiaga, na década de 1960, faz uso de seu prestígio no âmbito da imprensa goiana para disseminar seus textos. Atuando em diversos periódicos da região, o intelectual divulga seu trabalho, seja como geógrafo, botânico ou historiador. Somente no *Folha de Goiaz* foram mais de 600 artigos, escritos e publicados na década supracitada. O *Folha de Goiaz*⁶⁶ – periódico diário criado em 1939 –, na década de 1960, praticava uma linha editorial sem exageros e paixões políticas, mantendo uma postura menos engajada e mais objetiva, o que evitava maiores problemas com a censura. Adaptado ao espaço restrito definido pelo regime autoritário (Ditadura Militar), o jornal mantinha um padrão de publicação durante a semana em doze páginas e, aos domingos, incluía os cadernos literário e rural. Na disposição de sua diagramação, a coluna diária “História de Goiás”, escrita por Zoroastro Artiaga, ocupava um espaço próprio, quase sempre na página 4 ou 6, e já fazia parte da rotina da produção do periódico, o que, de certo modo, conferia notoriedade ao jornalista.

⁶⁶ Sobre o registro histórico do *Folha de Goiaz*, criado em 1939 e fechado em 1984, o jornal *O Popular*, de 17 de agosto de 1984 noticia: “[...] A *Folha de Goiaz* viveu tempos áureos enquanto esteve sob o comando de Francisco Braga Sobrinho, um discípulo de Assis Chateaubriand. Foram longos anos de projeção junto à opinião pública e expansão no campo comercial. O período de bonança acabou com a morte do Velho Cacique, como era conhecido nos meios jornalísticos Assis Chateaubriand, agravando-se após a saída de Francisco Braga Sobrinho, já na década de [19]70. A partir daí, novas diretorias se sucederam, todas sem compromissos formais com o patrimônio das empresas e com a tradição e respeito público conquistados ao longo dos anos. Deu-se a ruína, já numa fase em que também os Diários Associados a nível nacional entravam em decadência. Não houve outro jeito, senão dispor de parte do patrimônio. Inclusive a venda do Edifício Goianazes, transferindo sua sede para o alto do Setor Universitário, onde funcionou até anteontem quando circulou sua última edição. A transferência de sede coincidiu com a sua pior fase de declínio, que iniciou na gestão de Sebastião Pedro Junqueira, passando depois pela administração de Paulo Alves Ferreira, o último diretor dos Diários Associados. Numa transação surpreendente, as empresas foram adquiridas pelo grupo que tinha à frente Geraldo Luccas, Walter Lucas e Faúse Salomão, no início do Governo Ary Valadão, em 1979. Houve uma ligeira transformação o jornal passou a conquistar maior espaço, mas já estava em dificuldades e não tardou para mergulhar em nova crise financeira. Vendo a impossibilidade de manter as empresas, com mais duas rádios incorporadas, Geraldo Luccas anunciou a venda para empresários do Paraná, mas acabou transferindo o controle acionário das Empresas Reunidas de Comunicação para o grupo Diário da Manhã, dirigido pelo jornalista Batista Custódio e Consuelo Nasser” (*O Popular*, 1984, p. 7).



Figura 12. Exemplar do *Folha de Goiaz* 12/5/1968. Os artigos de Zoroastro Artiaga eram impressos quase sempre na página 4 ou 6, diagramados ao lado direito das colunas “Folha de Goiaz em Anápolis” e a coluna “Municipalismo”. Fonte: Foto tirada durante o processo de pesquisa em julho de 2014 nas dependências do IHGG.

Essa cotidiana aparição dos escritos de Zoroastro Artiaga⁶⁷ no periódico se inicia em 1966 com a coluna “Divulgação da História de Goiás: História dos municípios goianos” e, no ano seguinte, com a série “História de Goiás”, publicada pela primeira vez

⁶⁷ É importante lembrar que Zoroastro Artiaga participou em diversas edições do *Folha de Goiaz* desde sua fundação em 1939; todavia pôde-se observar durante o processo de pesquisa que sua cooperação diária no jornal seria notada somente a partir da edição de 21 de junho de 1966.

em 29 de dezembro de 1967 e finalizada em 20 de dezembro de 1968. A presença contínua das colunas de Zoroastro Artiaga no jornal *Folha de Goiás* expressa um projeto pedagógico cultivado tanto pelo autor quanto pelo periódico. Os artigos seguiam um estilo que pode ser comparado ao de um livro didático, conforme se percebe nas indicações dadas pelo autor no escopo de sua coluna: “A minha descrição virá por ordem cronológica, e linhas adiante falarei sobre a evolução, por etapas sucessivas” (ARTIAGA, 1968, 30 mar., p. 6).

Embora o jornal *Folha de Goiás* não abrigasse uma seção de interlocução com o seu leitor, encontramos nas páginas de seu concorrente direto, o jornal *O Popular*, no caderno Suplemento Literário de 1968, uma referência feita por Gelmire Reis aos escritos de Zoroastro no jornal *Folha de Goiás*. Em seu texto, Reis ressalta o caráter didático dos artigos de Zoroastro publicados no periódico como útil aos professores:

[...] Portanto, não será fora de propósito trazer à baila um assunto, que sempre me chamou a atenção, em vinte anos do magistério. Alunos estudam história e geografia do mundo inteiro, mas não são obrigados a saber essas duas matérias tão importantes das comunas onde frequentam as aulas. Ignorando, nesta particularidade. Decepcionante calamidade estudantil, que poderá ser corrigida mediante providências adequadas pelos Poderes Públicos. Peço, neste sentido, que o nosso caro confrade e nobre deputado Ursulino Leão apresente à Assembleia Legislativa um projeto de lei, tornando obrigatório o ensino específico das duas disciplinas referidas nas escolas urbanas e rurais, de cursos primário, ginásial e normal do Estado, prestando, assim, relevantes serviços à causa cultural de nossa mocidade. Para organização dos exercícios e pontos de aulas, os professores poderão servir-se do excelente trabalho do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, intitulado Enciclopédia dos municípios brasileiros, volume XXXVI, dedicado ao Estado de Goiás, e dos minuciosos e fundamentados artigos que o mestre Zoroastro Artiaga vem publicando no *Folha de Goiás* (REIS, 1968, p. 17).

Esses registros da história goiana, assim compreendida e dada a ler, demarcam, portanto, um propósito de instrução e de socialização do conhecimento sobre a região. O próprio Zoroastro Artiaga acentua esse caráter instrutivo nas formas de recepção de seus textos:

A respeito da série de trabalhos que estou publicando na imprensa goiana sobre os pioneiros fundadores e beneméritos das cidades goianas, recebi daquela cidade [Iporá] por muita gentileza da Livraria Santa Lúcia as seguintes linhas que prazerosamente reproduzo para conhecimentos dos estudantes de História e de Geografia do nosso Estado, que precisam conhecer a História dos Municípios goianos (ARTIAGA, 1968, 12 dez., p. 6).

Nessa direção, a escrita da história de Zoroastro busca evocar um sentimento coletivo capaz de dar unidade ao passado regional que necessitava ser preservado:

[...] O genial Americano do Brasil teve a glória de fazer o melhor trabalho de investigação histórica, nos arquivos de Goiás, sobre a Bandeira do Anhanguera. Avançou também até o tempo de navegação do Araguaia e não pode terminar sua obra. Escreveu “Em Convívio com as Traças”, “História de Goiás” e “Súmula de História de Goiás”. Colemar Natal e Silva fez admirável trabalho de pesquisa, contudo não passou do período colonial. O Cônego José da Trindade Fonseca e Silva limitou-se à História da Igreja em Goiás [...] outros historiadores não se animaram nesse mar imenso de um longo passado não documentado a navegar com destemor. **Propus, então desde minha longínqua mocidade a preencher essa lacuna e vali-me da copiosa bibliografia que consta desta obra, para dar aos moços de Goiás aquilo que eu não encontrei quando estudante** (ARTIAGA, 1968, 16 jan., p. 6, grifo nosso).

O modo como Zoroastro interpreta o passado configura um sentido histórico para a região, delimitado por uma temporalidade marcada pelas mazelas da colonização, pela permanência de uma triste herança e, finalmente, pela esperança de superação do atraso da região, especialmente após o golpe ocorrido em 1930, que encerrou o domínio oligárquico em Goiás, com a ascensão de Pedro Ludovico ao poder.

É importante lembrar que a ruptura com a antiga estrutura de poder resultara no fortalecimento do poder da União que, paulatinamente, reduziu a autonomia dos entes federados. O fortalecimento do Estado central instaurara uma dinâmica centralizadora, que afirmava sua legitimidade ao propor a coesão nacional como chave para o progresso, abandonando, assim, o domínio dos interesses regionais que ameaçavam a unidade nacional e, conseqüentemente, a própria modernização do país.

Releva citar, ainda, que a mudança da capital goiana promovida após a Revolução de 1930 significou uma ponte estendida “entre o tempo real do presente e o tempo escatológico das promessas efetuadas pelos revolucionários” (PALACÍN, 1986, p. 87). Essa modernidade é percebida, pelos seus contemporâneos, como uma vontade de construção de uma nova identidade para a região envolvida pelo ideal nacional que redefinía o escopo do regionalismo. Assim, a partir da referida revolução, firmou-se uma nova representação para o passado, em que a chamada Primeira República logo foi denominada de “velha” e cuja herança era totalmente negativa. Dessa forma, a ideia de unidade nacional defendida pelo Estado após a Revolução de 1930 motivou uma adequação das representações regionais aos novos tempos:

[...] passarei por isso mesmo a fazer uma recapitulação dos acontecimentos, em ordem cronológica, para a memória dos pósteros, por que colaborei desde minha mocidade, na luta em prol da interiorização, que era medida, imprescindível para a sobrevivência nacional. Fiz conferencias em todo o país, nas principais cidades, lutei na tribuna e na imprensa, sustentei a propaganda escrita e falada por muitos anos, e mobilizei os meus prezados conterrâneos para que também trabalhassem e lutassem pelo ideal comum (ARTIAGA, 1968, 11 ago., p. 7).

A “imaginação nacional” (ANDERSON, 2008), para os intelectuais goianos que viveram a experiência da Primeira República, exigia a produção de imagens definidoras de uma nova relação entre a União e os entes federados. Nesse sentido, o jornal *Folha de Goiás* oferecia a seus leitores, por meio das colunas de Zoroastro Artiaga, uma síntese do passado goiano, bem como a abertura para a compreensão de um novo tempo em que o progresso chegaria ao Brasil e, conseqüentemente, a Goiás.

No âmbito da discussão sobre o passado de Goiás, Zoroastro buscou contornar a concepção da identidade regional configurando um discurso de referência que partia de um passado marcado pelo atraso e pela decadência para, em seguida, propor a perspectiva de superação:

Quando uma região está madura para entrar o progresso, os Mentores Siderais colocam nela algum chamarisco para atrair o homem ambicioso, que tem sede de fortuna fácil, e sem grandes sacrifícios, confiando no acaso ou na boa sorte. É sempre o interesse a força que atrai o homem para zonas inóspitas, onde ainda não penetrou o espantinho da competição, da concorrência desleal, e do infortúnio causado por outros homens. Os devassadores dos nossos sertões, não vieram até aqui por interessarem-se pelo progresso científico ou econômico; nem por um objetivo humano e social: vieram procurar riqueza e cativar índios, o que constituía o melhor negócio daquele tempo, ou para arrancar ouro de dentro dos rios, dos cascalhos e nos filões dourados. Raro aquele que aqui veio seduzido pela miragem do El-Dourado, da Fonte Juventude ou da Manôa, que foi, durante muitos anos, um atrativo para reunir habitantes novos. Tais miragens foram apenas “lindos sonhos mirabolantes” que os obcecavam, e viviam eles fascinados a empreenderem grandes viagens sertão adentro. A maioria dos entrantes perdeu a vida e os bons, na arrojada aventura; e outros regressaram com maleita, aniquilados pelas febres silvestres e desiludidos; mas, as fronteiras do sertão foram recuadas para mais longe e algo foi feito como ato de posse de terra proibida. Todos os sertanistas viviam de cabeça dementada e cegos de cobiça, acreditando que teriam tesouros que foram enterrados por ali. Muitos correram atrás das serras de prata, como Robério Dias; outros, viam areias amarelas, ferrando o fundo dos rios, e córregos, onde reluziam ao clarear do sol em magníficas nuances. [...] todos eles estavam ao serviço do progresso, sem o perceberem, cumprindo um desígnio que deveria ser uma missão divina, tal como a do devassamento de regiões preparadas para receber o influxo da civilização e do progresso. Todos conhecem a famosa história da Madeira-Marmoré, que exigiu o sacrifício de milhares de vidas, a troca de um veículo que deveria atrair, para o Rio Madeira, uma grande onda de revitalização. A destinação do Brasil Central deveria ser a de servir ao país em época remota, que agora chegou, de servir ao Brasil, não só produzindo alimentos, como dando exemplo de cultura moral, e cívica já que o litoral estaria prestes a enveredar-se para o terreno do orgulho, do egoísmo e da corrupção. O Grande Arquiteto do Universo valeu-se da cobiça humana para mobilizar valentes e corajosos, já indesejáveis nas cidades, em progresso para zonas onde sua valentia e sua brutalidade estaria a serviço do Brasil em mundo bárbaro primário. **Tudo nos leva a crer que, o desbravamento das áreas amazônicas começará em Goiás, que é uma ponta de lança colocada por aqui, para facilitar o acesso ao inferno verde** (ARTIAGA, 1968, 18 jan., p. 6, grifo nosso).

Conforme já mencionado, Zoroastro percorreu os passos de uma geração que buscava reescrever a história regional com o claro objetivo de instituir uma história confiável e, ao mesmo tempo, encontrar elementos de valorização do passado que pudessem soerguer as expectativas dos goianos quanto ao futuro glorioso de seu estado. Sua coluna no jornal *Folha de Goiaz* é, assim, a expressão de um trabalho que encontra mediação entre sua atuação de jornalista e de historiador. Nesse espaço, Artiaga divulgava as coisas e a história de Goiás, sem se afastar de suas atividades de pesquisa:

[...] sou jornalista desde 1905, quando [...] fundei O Repórter. Militei igualmente em todos os jornais da capital e do Triângulo. Jamais abandonei o jornalismo, apesar dos prejuízos e sofrimentos [...] só escrevo sobre Goiás, procurando revelar suas riquezas e possibilidades. Meus trabalhos são trabalhos de compilação. Raramente me interesso pela poesia ou literatura (ARTIAGA, 1970, p. 1).

Em sua atividade de pesquisa histórica de Goiás, Zoroastro Artiaga compilou imensa quantidade de informações, que resultou na coluna “História de Goiás” do jornal *Folha de Goiaz*, cujo foco principal do projeto era explicar e compreender os fatos e eventos do passado procurando abordá-los num processo de leitura do cotidiano, alcançando, dessa forma, um número maior de leitores.

Durante a década de 1960, Zoroastro pôde aprofundar seus estudos de história realizados para escrever os dois tomos publicados em 1958 e 1961. Focado em contornar um espaço e tempo mais alargado às digressões ao passado goiano, concatenadas a uma ideia de história universal, o intelectual busca ressaltar um projeto definitivo de escrita de história de Goiás. Interessava ao autor o registro de fatos antigos, com o objetivo de transmiti-los às gerações vindouras. Ciente do poder da palavra impressa na formação de opiniões, Zoroastro se tornou propagandista da história e das riquezas de Goiás.

A longevidade de sua coluna sobre Goiás consolidou, assim, sua imagem de homem público, conseguindo atrair algum interesse da opinião nacional, ou seja, dos grandes centros urbanos para as potencialidades de Goiás, especialmente durante o período do Estado Novo.

Confiante no poder da imprensa como formadora de opinião, Zoroastro organiza os textos de sua coluna “História de Goiás” ordenando e mediando a representação do tempo passado, em um veículo de comunicação do tempo presente, tornando públicas sua percepção e sua ideia a respeito de seu próprio tempo. Nesse sentido, a coluna “História de Goiás” responde a critérios de produção jornalística ao mesmo tempo que seu autor exerce, por meio de seus textos, seu poder de julgamento sobre o tempo passado ao determinar as pautas do “lembrar e esquecer”, provenientes das necessidades do presente.

Assim, a escrita de história de Zoroastro no jornal *Folha de Goiaz* configura a percepção de um passado negociado no espaço de experiência de uma geração que partilhou de um tempo de desesperança e que, ao mesmo tempo, assumiu o compromisso de reverter a sensação de habitar em uma região desconhecida, pobre e longínqua.

CAPÍTULO 3

CONCEPÇÕES DA HISTÓRIA DE GOIÁS SEGUNDO ZOROASTRO ARTIAGA

A História de Goiás tem que ser contada juntamente com a de São Paulo, com a do Brasil, e com a de Portugal que são interligadas comparando os acontecimentos e explicando sua gênese, e suas consequências os primórdios de Goiás (ARTIAGA, 1968, 28 jan., p. 4).

Na escrita da história de Goiás produzida pela geração de Zoroastro Artiaga há uma intenção contínua de tecer uma narrativa capaz de enredar uma história que representasse a região de modo positivo para a imaginação dos seus leitores.

Schwarz (2008), dando seguimento às reflexões de Anderson (2008) para as ideias que contornam a noção de “nacionalismo”, registra:

[...] Não se imagina no vazio e com base em nada. Os símbolos são eficientes quando reafirmam no interior de uma lógica comunitária afetiva de sentidos e quando fazem da língua e da história dados “naturais e essenciais”; pouco passíveis de dúvida e de questionamento. O uso do “nós”: presente nos hinos nacionais, nos dísticos e nas falas oficiais, faz com que o sentimento de pertença se sobreponha à ideia de individualidade e apague o que existe de “eles” e de diferença em qualquer sociedade (SCHWARCZ, 2008, p. 16).

O conjunto de artigos que compõem a série “História de Goiás” no jornal *Folha de Goiaz*, escritos por Zoroastro Artiaga, carrega essa carga simbólica a que Schwarz se refere, encontrando terreno fértil em plena década de 1960, em meio à difusão de um nacionalismo autoritário que se instalara no Brasil pós 1964. Zoroastro expõe aos leitores goianos, no segundo jornal mais lido⁶⁸ em Goiás, um repertório de artigos voltados para o debate sobre a integração regional, ponto fundamental de sua narrativa, conforme atesta Tavares (2010):

O material de História de Goiás possui conteúdo de caráter progressista, ressaltando o valor moral do bandeirante, dos chefes de governos, entre outros temas que constroem os heróis regionais e nacionais. Em todo o texto, os heróis foram apontados e homenageados e a cronologia foi utilizada dividindo tempos definidos por mudanças econômicas e políticas sofridas em Goiás. [...] Todos os temas tratados por Zoroastro tiveram, a nosso entender, como pano de fundo, a discussão sobre a integração da região goiana à Nação brasileira. Daí seu principal papel no cenário regional que, de certa forma, somou-se a outras discussões ocorridas em escala nacional; que também consideravam a integração nacional como principal motor das políticas [...] (TAVARES, 2010, p. 170, 181).

⁶⁸ Não conseguimos encontrar registros que figuram índices de circulação dos periódicos em Goiás na década de 1960. O dado apresentado foi compilado com base nos depoimentos que constam no livro da Associação Goiana de Imprensa (1980) e dos dados relatados por um dos seus fundadores Waldemar Gomes de Melo (1985).

A intensidade da força motriz do amor a Goiás encontra no jornal os meios técnicos para representar a “comunidade imaginada” que corresponde à região, como apresenta Anderson (2008).

Os duzentos e cinquenta e três artigos de Zoroastro Artiaga publicados no Jornal *Folha de Goiaz*, nos anos 1967 e 1968, com a restrita denominação “História de Goiás”, representam uma visão sintetizada de seu conjunto de obras com a mesma temática. No jornal, porém, o autor desenvolve seu texto com maior liberdade e acrescenta novos elementos a uma experiência histórica que se encontra mobilizada pelo presente. O estilo de linguagem recorrente em suas obras se estende nas narrativas com a mesma retórica e “maneirismo” de sua geração. De acordo com os argumentos de Silva (1982), os trabalhos são sempre qualificados da seguinte maneira:

[...] imperfeitos, insignificantes ou com adjetivação similar, notadamente diante de uma audiência, que, sintonizada com esse lugar-comum, encoraja o orador com “Não apoiados”. Quase sempre a razão da imperfeição é atribuída à sua elaboração às pressas, ou “de afogadilho”, expressão comum na sua época (SILVA, 1982, p. 41).

A retórica da linguagem complementa o discurso destinado a convencer “a qualidade moral do orador” (CARVALHO, 2000, p. 135), a qual não perde a modéstia e a distinção, qualidades informadas por Sousa (2012) como peculiaridades do discurso dos homens do IHGB, que escreviam a história da nação com a justificativa de um dever patriótico.

Para fazer uma imersão na escrita de Zoroastro Artiaga e buscar compreender como o autor mobilizou os assuntos que balizaram sua representação de história, elaboramos uma lista de seis temas:

- a) Fundação de Goiás;
- b) Política e administração do estado de Goiás;
- c) Fundação de Goiânia;
- d) Fundação de Brasília e transferência da capital;
- e) Construção biográfica de grandes vultos culturais e políticos para história goiana;
- f) História da Igreja Católica em Goiás.

Esses temas reúnem os títulos dos artigos⁶⁹ publicados por Zoroastro Artiaga no jornal *Folha de Goiaz* e serão apresentados em tópicos distribuídos por seis quadros organizados em

⁶⁹ Todos os títulos foram transcritos de acordo com a publicação do jornal, portanto, os erros ortográficos e erros de datas que ocasionalmente possam aparecer, provavelmente seriam da composição de impressão e não foram corrigidos.

duas colunas: a primeira, TÍTULO, relaciona os temas por título do artigo, que predominantemente eram publicados na página 6 do jornal, e a segunda, DATA, indica a data de publicação da edição do periódico. Com os quadros, procuramos encontrar o nexos que ordena a narrativa da história de Goiás segundo Zoroastro e que institui um sentido para os leitores imaginarem o passado e o presente da região, conferindo assim uma identidade para o estado de Goiás, contornada por concepções que orientam sua escrita de história.

3.1 FUNDAÇÃO DE GOIÁS

Goiás surgiu sob o signo das oligarquias. O Ananguera formou, logo de início, a sua familiocracia [...]. Primeiro, foram os cargos principais, depois, as sinecuras e privilégios [...] (ARTIAGA, 1972, p. 24).

TÍTULO	DATA
História de Goiás: Coração de pedra	29/12/1967
História de Goiás: Estirpe de Bueno	30/12/1967
História de Goiás: As sete cidades mortas	03/01/1968
História de Goiás: Entrada da Bandeira em S. Paulo	04/01/1968
História de Goiás: Bandeira do Ananguera Filho	05/01/1968
História de Goiás: A partida da Bandeira	06/01/1968
História de Goiás: Itinerário da Bandeira	07/01/1968
História de Goiás: Itinerário da Bandeira	09/01/1968
História de Goiás: Presente de donzelas ao Ananguera	10/01/1968
História de Goiás: Tentativa de assassinato contra o Ananguera	11/01/1968
História de Goiás: Apenas teve nos anais da História a moeda falsa que se chama glória...	12/01/1968
História de Goiás: A partida da Bandeira rumo a São Paulo	13/01/1968
História de Goiás: Bandeiras diversas	14/01/1968
História de Goiás: Bandeira de Bartolomeu Bueno Pai	16/01/1968
História de Goiás: A hibernação da Bandeira	17/01/1968
História de Goiás: A hibernação da Bandeira	18/01/1968
História de Goiás: A Bandeira reorganizada	20/01/1968
História de Goiás: Estradas históricas	21/01/1968
História de Goiás: Abertura do picadão para Goiás	23/01/1968
História de Goiás: Influência de Minas Gerais na colonização de Goiás	24/01/1968
História de Goiás: Gomes Freire de Andrade	25/01/1968
História de Goiás: Os Emboabas – Movimento de Nativismo	26/01/1968
História de Goiás: Conde de Sarzedas – Sua vinda a Goiás – Missão secreta: morte do conde	27/01/1968
História de Goiás: Caldeira Pimentel – Perseguição aos Bandeirantes	28/01/1968
História de Goiás: Cap. III A dupla Caldeira Pimentel e Sebastião Fernando (1737 até 1831)	30/01/1968
História de Goiás: O tesouro dos irmãos Leme	31/01/1968
História de Goiás: O motivo das Entradas	01/02/1968
História de Goiás: Período de administração do Ananguera (1727-1737)	02/02/1968
História de Goiás: Imperialismo colonial	01/03/1968
História de Goiás: O apelido do Ananguera	19/03/1968
História de Goiás: Navegação proibida	20/03/1968
História de Goiás: A geologia goiana	21/03/1968
História de Goiás: A interdição de estradas	22/03/1968
História de Goiás: O colapso do ouro	23/03/1968
História de Goiás: O colapso do ouro	24/03/1968

História de Goiás:	Roteiro do Urbano	28/03/1968
História de Goiás:	Controvérsias	29/03/1968
História de Goiás:	Fundação de Goiás	30/03/1968
História de Goiás:	Viação goiana no séc. passado	31/03/1968
História de Goiás:	Péssima colonização	08/04/1968
História de Goiás:	Disciplinação política tardia	10/04/1968
História de Goiás:	Um confronto	11/04/1968
História de Goiás:	Caminhos fechados ao Anhanguera (Parte I)	17/05/1968
História de Goiás:	Caminhos fechados ao Anhanguera (Parte II)	18/05/1968
História de Goiás:	Caminhos fechados ao Anhanguera (Parte III)	19/05/1968
História de Goiás:	História da escravidão em Goiás (Parte I)	21/05/1968
História de Goiás:	História da escravidão em Goiás (Parte II)	22/05/1968
História de Goiás:	História da escravidão em Goiás (Parte III)	23/05/1968
História de Goiás:	Efemérides (Parte I)	15/09/1968
História de Goiás:	Efemérides (Parte II)	17/09/1968
História de Goiás:	Efemérides (Parte III)	18/09/1968
História de Goiás:	Efemérides (Parte IV)	19/09/1968
História de Goiás:	Efemérides (Parte V)	20/09/1968
História de Goiás:	Efemérides (Parte VI)	21/09/1968
História de Goiás:	Efemérides (Parte VII)	22/09/1968

Quadro 1. Fundação de Goiás

Zoroastro Artiaga volta a formular sua ideia de fundação de Goiás 21 anos depois de seu primeiro trabalho, *Contribuição para a história de Goiaz* (1947), e 10 anos depois da primeira edição de seu livro *História de Goiás – 1.º Tomo* (1958). Alinhando argumentos que aproximam a memória histórica de Goiás da tradição paulista, Zoroastro escreve a história da “fundação de Goiás” se interrogando sobre os motivos e as razões que levaram os bandeirantes a se deslocarem para o interior no movimento das Entradas pelo sertão brasileiro. Essa repetida digressão de se interrogar sobre a fundação de Goiás está associada a um impasse sobre os marcos cronológicos nas obras que abordavam a questão do descobrimento da região.

Refletir sobre a fundação do estado de Goiás e descrevê-la era uma preocupação constante de toda sua geração. O marco fundador do estado goiano e sua memória histórica foram temas que estimularam diversas publicações e polêmicas em torno da verdade cronológica dos fatos, envolvendo debates vigorosos sobre minúcias acerca dos fatos e acontecimentos que levaram à criação do território goiano. Tal perspectiva ganhou projeção a partir dos questionamentos de Americano do Brasil e Henrique Silva na revista *A Informação Goyana*. Nesse periódico, os dois autores são enfáticos ao apontar novos caminhos para a escrita da história goiana. Sobre o assunto, Henrique Silva (1918), ao transcrever o Roteiro de José Peixoto da Silva Braga, que narra detalhes sobre a viagem da Bandeira de Anhanguera, faz a seguinte reflexão:

O importante e raro documento com o título acima [A bandeira do Anhanguera a Goyaz em 1722] que não chegaram a conhecer os primeiros cronistas de Goyaz, e

que parece ignorado dos ensaístas posteriores, em tratando daquela odysseia, existe em cópia tirada em Evora, entre outros preciosos manuscritos do Instituto Histórico. [...] continua como inédita a interessante carta de Silva Braga ao padre Diogo Soares. Sobre ser o único, é o mais prestadio elucidário das pegadas do legendário aventureiro dos ínvios sertões [...]. Completa-o, constituindo a segunda parte do itinerário da bandeira o roteiro de Urbano do Couto, que também fez parte dela. Outros documentos que consultamos na Biblioteca Nacional e no Instituto Histórico valorizam o nosso trabalho, que se destina a desfazer lastimáveis erros e confusões havidas ainda dos antigos historiadores e que os novos autores continuam a perpetrar [...] (SILVA, 1918, p. 22).

As confusões e erros citados por Henrique Silva estão relacionados à data de fundação do estado de Goiás e a toda uma literatura que já existia com especial contestação aos escritos de Washington Luís na obra *Capitania de São Paulo: governo de Rodrigo Cesar de Menezes* (1918), que especificam uma data de criação do estado pautada no seguinte relato:

Rodrigo César de Menezes, por provisão de 2 de Julho de 1725, aos descobridores fez effectivas as mercês das passagens dos rios Yguatibaia, Jaguary, Mogy, Pardo, Sapucahy, Grande das Velhas, Parnahyba, Guacorumbá, Meia Ponte, e Pasmados, por três vidas, sujeita a lei mental; e, adjacentes a essas passagens, concedeu sesmarias de terras, com seis léguas de testada por outras tantas de fundo para nellas estabelecerem gente, plantas e criação. [...] Bueno e seus companheiros foram louvados em carta regia pela fortaleza de animo com que toleraram os trabalhos e descômodos dessa jornada, e lhes foi prometido que esse serviço inestimável ficaria na real attenção para honrar e fazer mercê aos seus anetores. Depois de ter justamente descansado tendo se recolhido tão derrotado que era necessário muito tempo para guarecer das moléstias experimentadas, em Julho de 1726, partiu de novo Bartholomeu Bueuo para o logar de seus descobrimentos, em o posto de capitão mór regente das minas do arraial de Sant'Anna, hoje termo da cidade e capital do Estado de Goyaz (LUÍS, 1918, p. 125-126).

Leitor dos escritos do então prefeito de São Paulo, Washington Luís, Henrique Silva estava preocupado em refutar seus argumentos com o claro objetivo de constituir uma memória histórica de Goiás, cuja veracidade decorresse da comprovação documental obtida com a descoberta de novas fontes:

Certo que, não poríamos o ponto final nesta reconstrução do roteiro de Silva Braga, para a grande luz da publicidade, sem deixar registrada a imensa tristeza de vermos, como vimos, que nenhum dos inumeros autores das theses apresentadas recentemente ao Primeiro Congresso de História Nacional⁷⁰ mostrasse sequer, o mais remoto conhecimento deste roteiro [...] (SILVA, 1918, p. 43).

⁷⁰ Henrique Silva refere-se ao primeiro Congresso de História Nacional organizado pelo IHGB na cidade de Rio de Janeiro entre os dias 7 e 16 de setembro do ano de 1914, que, segundo Lúcia Guimarães, (2005, p. 155) “foi considerado um dos episódios da nossa história que melhor se prestava para estimular o patriotismo”. Ainda sobre esse evento, Ana Paula Barcelos Ribeiro da Silva (2013) pontua que as discussões sobre as histórias das províncias não tiveram papel de destaque no congresso que privilegiou temas de história política, e provavelmente por isso, o registro de Henrique Silva sobre a ausência de discussões que abordassem o “precioso” roteiro de Silva Braga para narrativas do descobrimento de Goiás.

Contudo, mesmo com a publicidade de Henrique Silva com o documento que, segundo ele, “destinava a desfazer lastimáveis erros”, Joaquim Bonifácio de Siqueira, em 1921, refletindo a matéria em sua obra *A descoberta de Goyaz*, discute a questão e coloca dúvidas sobre a inteligibilidade da fonte transcrita por Henrique Silva:

Em que data se deu o descobrimento de Goyaz? Eis uma das muitas interrogações que inçam a cada passo a nossa história, tão obscura em certos pontos dos seus primórdios, – epopéa que foi de aventuras sombrias, decorridas na bruteza selvagem dos bosques e apenas evocadas, annos depois, no aguçamento de vagas reminiscências, nos **roteiros confusos**. [...] Não é pois de admirar que se não saiba até hoje, e que mesmo não se saiba nunca, em que data se deu o descobrimento de Goyaz. Nem o dia se sabe e – o que é muitíssimo mais grave – nem mesmo o anno (SIQUEIRA, 1921, p. 2-3, grifo nosso).

Americano do Brasil, em 1925, consciente do impasse existente, com a perspicácia e descomedimento que lhe faziam figura ímpar no pequeno meio intelectual goiano, escreve um artigo na revista *A Informação Goyana*, intitulado sugestivamente como “Pobre história de Goiás”, no qual busca elucidar e pôr um ponto-final à interrogação cronológica da fundação do estado de Goiás:

Vejamos, em síntese, a questão da descoberta. [...] aceito a informação do roteiro de Silva Braga, o único documento a respeito. [...] Não é preciso mais pesquisas para a recusa da colocação do bicentenário em 26 de julho de 1926 ou em 1925. A data verdadeira é a de 26 de julho de 1727 que aliás não representa o dia da descoberta, mas sim o da elevação da capela de Vila Bôa, homenageando a padroeira da vila natal de Bueno (BRASIL, 1925, p. 59).

No mesmo ano, buscando refutar as asserções de Americano do Brasil, Victor de Carvalho Ramos, em sua obra *O bi-centenário de Goiás*, escreve:

Approximando-se a data do bi-centenario de Goyaz e como ainda pairam sérias dúvidas sobre esse ponto capital da inédita historia goyana, opportuna é, portanto, a época para se esclarecer o assumpto e nós vamos iniciar o debate na esperança de que alguma luz se fará sobre tão importante descobrimento. A respeito correm três opiniões dispaes que, se combinam quanto ao dia e mez da commemoração, não se accordam quanto ao anno. Assim, querem alguns chronistas que a descoberta se dêsse a 26 de julho de 1725; outros, que foi a 26 de julho de 1726, e, finalmente, um terceiro grupo, com o dr. Americano do Brasil a frente, sustenta que o local da futura Vila Bôa foi descoberto em fins de dezembro de 1726 ou princípios de janeiro de 1727, devendo commemorar-se o bi-centenario a 26 de julho de 1927, que, aliás, não representa a data do descobrimento, mas a da edificação da capella de Villa Bôa. Como se vê, parece difficil chegar-se a uma solução amigável e nós vamos promover a discussão acceitando como verídica a data de 26 de julho de 1725, que se basêa, ao nosso ver, em documentação fidedigna, irrefutavel (RAMOS, 1925, p. 2).

O tema de difícil consenso entre os goianos persistia como questão e instigava novas investigações e, na obra de Zoroastro Artiaga, ele reaparece aproximado dos argumentos apontados por Americano do Brasil com o foco de investigação na incursão dos movimentos das bandeiras, no qual ele delinea, de forma concisa, uma história política e administrativa de Goiás, descrevendo fatos que envolveram os administradores do reino português e a ocupação do território goiano. Nessa perspectiva, ele elucida uma concepção de história recorrente ao contexto tradicional “que perdurou até a metade do século XX” (PEREIRA, 2007, p. 153). Nesses escritos, permanece a visão de história focada nos marcos fundadores, como Pinheiro (2010) sugere nos tempos míticos das fundações das cidades e na fabricação dos heróis.

Zoroastro inicia sua preleção de história fazendo uma análise psicológica da figura do bandeirante herói, cujas conotações de juízo moral amalgamadas aos preceitos cristãos estreitam sua ilação ao tempo presente:

Para o Anhanguera todos os selvagens deveriam ser destruídos. Para tal, nem que fosse preciso fazer secar todos mananciais e haver uma peste que dizimasse todas as tribos da Terra, para que o homem pudesse retirar tranquilo os tesouros do sub-solo. Essa era a mentalidade da época. [...] Não me admiro que o Anhanguera revelasse tanta insensibilidade diante do triste espetáculo que ele provocou, e tanta indiferença ante os padecimentos do próximo, pois ele pertencia a um mundo diferente. Ainda agora em pleno século da civilização e do progresso, quando cruzam o espaço as astronaves da navegação espacial, quando há homens imensamente ricos e há outros imensamente pobres, o mundo ainda não melhorou. O homem luta pelo enriquecimento nem que seja prejudicando, matando e roubando (ARTIAGA, 1967, p. 11).

Nesse primeiro artigo, o autor já apresenta o bandeirante como um dos principais personagens da história de Goiás, mas sem novidade de maior monta. Joaquim Manuel de Macedo, literato sócio do IHGB em 1876, já havia apresentado a seus leitores a mesma mística sobre o “desbravador” de Goiás:

Raça indômita, terrível, capaz dos mais temerários arrojados, raça dos mamelucos provindos do cruzamento, da união de portugueses com as Índias, que João Ramalho muito fomentara, os sertanejos paulistas até então mal e sinistramente empregavam sua bravura, sua audácia, seu ardimento belicoso para em entradas assombrosas pelos sertões atacarem as cabildas de gentio, aprisionando quantos índios podiam para vendê-los em mercado de escravos. [...] Em 1682 Bartolomeu Bueno da Silva já a sonhar com ouro e esmeraldas, organiza uma bandeira; leva nela seu filho do mesmo nome, e que tendo doze anos de idade, não pôde demorar seu tirocinio de sertanejo: avança pelo interior, procurando seguir a direção tomada por Corrêa [...] Ele tinha o valor de Aquiles, e a astúcia de Ulysses: reúne á convite amigo muitos Índios goyazes, manda vir um barril de aguardente, que se despeja tanto quanto é preciso em fundo prato, chega á aguardente uma flama, o liquido arde brilhando em fogo... e o sertanejo exclama terrível e ameaçador – Eu farei assim arder em chamas todos os vossos rios, se não me mostrardes onde existe e se acha o vosso ouro... Os pobres índios bradam espavoridos: — Anhanguera ... [...] **É preciso julgar os**

homens conforme as ideias, os costumes, e a influência da civilização da sua época. Bueno da Silva, o Anhanguera, seria perverso algoz em nosso tempo de hoje, que, aliás, ainda vê homens, que ousam aplaudir a escravidão dos Índios, e que ultrajam todos os princípios de humanidade, de religião, de amor do próximo e de Deus, inocentando e aconselhando a perseguição inepta, e o malvado extermínio dos selvagens. Mas no século décimo sétimo Bueno da Silva fez em Goiás o que faria outro chefe sertanejo igual a ele em ousadia e bravura. Ninguém deixou de invejá-lo pelos escravos que conquistara. E o nome de Anhanguera, como título de herói, ficou gravado na história da pátria. Perdoa a nova civilização a cruel violência de Bueno da Silva, educado e costumeiro sertanejo caçador de escravos índios, e honra-se a memória do romanesco Anhanguera, que se fez acreditar capaz de pôr fogo e consumir em flamas os rios de Goiás (MACEDO, 1876, p. 293-296, grifo nosso).

Joaquim Manuel de Macedo dirigia sua argumentação aos autores que recorriam a tais exemplos históricos para justificar o extermínio de índios, “em plena recrudescência no Brasil do século XIX devido à expansão das fronteiras agrícolas e às pressões fundiárias daí resultantes” (ENDERS, 2014, p. 317), além de sublinhar as façanhas do personagem histórico, do herói quase mitológico, cujos feitos externavam a coragem e a bravura da “raça brasileira”.

Zoroastro Artiaga, diante dos problemas históricos do presente, ratifica a imagem desses personagens na historiografia goiana; mais uma vez, constrói o caráter exemplar da ação dos bandeirantes na ocupação da região. Enders (2014), numa obra que destaca a fabricação dos heróis nacionais na escrita da história, aponta que a expressão “bandeirante” não era empregada para referenciar aos homens desbravadores. Segundo esse autor, como uma invenção nacional, a

[...] denominação genérica de “bandeirantes” – confirma o lugar preponderante ocupado pelo espaço nacional no imaginário patriótico dos brasileiros no início do século XX. [...] O fenômeno historiográfico do bandeirismo e sua popularização é de fato notável, pois conseguiu consagrar como heróis alguns indivíduos que acabaram por encarnar uma coletividade, os eternos paulistas, ou mesmo uma autêntica “raça brasileira” (ENDERS, 2014, p. 312).

Na narração da odisseia bandeirante, Zoroastro reconstitui factualmente o esforço do Anhanguera em construir a “terra goiana”, com destaque para as relações de causa e consequência:

[...] Para esclarecimento, em cada capítulo da História se Goiás, eu decidi incluir alguns trechos da História de Portugal porque são inseparáveis os acontecimentos lusitanos, brasileiros, paulistas e goianos, nos primórdios de Goiás. Quando Portugal esteve dominado pela Espanha no reinado de Felipe III, estava em decadência. Era um doente o seu soberano. Entregou a direção de todos os negócios públicos ao Duque de Lerma, que não tinha a necessária preparação para governar. Portugal estava então reduzido à situação de penúria. Tal situação conduziu os patriotas lusos a lutar pela restauração. Em 1640 foi coroado D. João IV. A consolidação foi

resultado da batalha de Montijo, seguindo-se a nova organização de Portugal, que ressurgia então enfibrado com os sofrimentos e vicissitudes que o domínio espanhol que foi considerado crucial. As primeiras providências foram as de estabelecer tratados comerciais, entre os quais o de Methuen, que colocou a Inglaterra como aliada e protetora da pátria lusa e, por isso mesmo livre das lutas como a que sofrera antes. O ilustre padre Antônio Vieira foi um dos notáveis cortezãos de D. João IV, conselheiro e inspirador do soberano, cuja voz, iluminada com inusitada sabedoria, ajuda o soberano a solucionar os problemas principais para que Portugal fosse recolocado em seu antigo posto entre as nações da Europa. [...] As Bandeiras faziam parte da luta para a recolocação do país em seu lugar que antes fora de esplendor pelas suas conquistas extras territoriais. Estávamos já em 1722 e as rendas lusitanas hauridas em suas aduanas não eram suficientes para os gastos da nação. O povo em pauperismo não tinha capacidade para suportar um aumento na tributação. E foi então que o rei pensou nas Bandeiras que, por certo trariam ao tesouro forte revitalização. Por meios inteligentes foram abordados Antônio Rodrigues Arzão, Marcos de Azeredo, Bartolomeu Bueno (pai) e Fernão Dias Pais Leme, os quais escreveram páginas brilhantes na História das Bandeiras extendendo as fronteiras geográficas do Brasil, como também as fronteiras econômicas (ARTIAGA, 1968, 06 jan., p. 6).

Garantida a interpretação segura do passado com base em uma racionalidade econômica justificadora do movimento bandeirante, Zoroastro busca apresentar a figura desses homens destemidos como fator de coesão social ao definirem os liames das fronteiras nacionais. O bandeirante, consagrado como herói e responsável pela gênese da ocupação do território goiano, é mobilizado, desse modo, na sucessão de acontecimentos que organiza a ideia de totalidade a partir de episódios dispersos e isolados. Nesse sentido, seu texto, que não apresenta novas informações na controvérsia cronológica da fundação de Goiás apontada pelos seus conterrâneos, procura explorar outros focos de sentido. O interesse do autor é enfatizar a história dos personagens e mitificar a figura do bandeirante. Sua investigação percorre, assim, um amplo diálogo com obras que faziam eco a esse propósito de apresentar os míticos heróis bandeirantes, tais como os onze volumes da *História geral das bandeiras paulistas* (1924-1936) e *Primeiros anos de Goyaz* (1950), ambas de Afonso E. Taunay⁷¹, *O bandeirismo paulista e o recuo do meridiano*, de Alfredo Ellis Jr.⁷² (1924), *Bandeiras e Bandeirantes de S. Paulo*, de Carvalho Franco⁷³ (1940) e *Primeiros povoadores do Brasil, 1500-1530*, de João Fernando de Almeida Prado⁷⁴ (1935).

⁷¹ TAUNAY, Afonso de E. **História geral das bandeiras paulistas**: escrita à vista de avultada documentação inédita dos arquivos brasileiros, espanhóis e portugueses. São Paulo: Tipografia Ideal; H. L. Canton & Imprensa Oficial do Estado, 1924-1950. (11 tomos).

TAUNAY, Afonso de E. **Primeiros anos de Goyaz: 1722-1748**. São Paulo: Imprensa Oficial, 1950.

⁷² ELLIS JR., Alfredo. **O bandeirismo paulista e o recuo do meridiano**. São Paulo: Tip. Piratininga, 1924.

⁷³ FRANCO, Carvalho. **Bandeiras e bandeirantes de São Paulo**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.

⁷⁴ PRADO, João Fernando de Almeida. **Primeiros povoadores do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.

Zoroastro busca nessas obras legitimar a percepção de que a ocupação do território goiano deve ser compreendida partindo da ação valorosa dos paulistas. Dessa forma, ao refletir sobre o roteiro de José Peixoto da Silva Braga e Urbano do Couto Menezes, bem como sobre outros documentos que balizaram as escritas da fundação de Goiás, Artiaga cita esses autores no intuito de referendar uma linhagem interpretativa que participa de uma memória histórica da região.

A proposta de Zoroastro enfatiza o que Odorico Costa (1943) aponta como baliza para os estudos da formação territorial de Goiás:

Os historiadores goianos não se aventaram ainda a uma investigação mais ampla e mais minuciosa no sentido de devassar as linhas mestras da formação de Goiás. Não procuraram analisar o espírito predominante nas aventuras iniciais do desbravamento, nos conflitos primitivos que, em certo instante, chegaram a encher do soturno rumor das lutas sangrentas tôda a extensão sertaneja em que surgiam os garimpes, onde o ouro sedutor reunia homens requeimados pelo sol adurente e incendiados pela mesma ambição dos achados. [...] A aventura de Bartolomeu Bueno registrou-se, exatamente, entre duas épocas. Entre um prólogo e um epílogo. Epílogo dos encantados jornadeios bandeirantes, através da terra chucra, epílogo da construção da grandeza territorial do Brasil. Prólogo dos lidadores, dos que se deram em holocausto pela independência da terra, prólogo da construção, na dor e no sofrimento do mais belo patrimônio moral da gente brasileira (COSTA, 1943, p. 3).

No acúmulo de discussões sobre a origem da formação de Goiás, o autor busca uma interpretação para os motivos que levaram à fundação da região, a qual estaria na compreensão das razões e gestos que impulsionaram a formação das bandeiras. Assim, no ímpeto de compilar informações sobre Goiás, Zoroastro Artiaga constrói uma narrativa pautada em pressupostos que não só respondessem a questões cronológicas, mas que explicassem ao leitor os sentimentos e fatos que motivaram a fundação de Goiás na formulação de uma intriga que assume a forma de história. Tece o autor, dessa maneira, seu “discurso fundador” (ORLANDI, 1993, p. 12) enredado nas malhas de uma memória histórica constituída por lacunas e ausências, herança da reflexão de seus predecessores. Ao buscar as razões subjetivas que levaram um grupo de homens liderados pelo bandeirante Anhanguera a se deslocar para o interior do Brasil e fundar um arraial à margem de um rio, Zoroastro ensaia uma justificativa para a ocupação do território pautada em fortes argumentos que se deslocam entre o espaço dos grandes centros (nacional) e o do interior (o sertão), procedimento utilizado para realçar o encadeamento psicológico entre argumentos religiosos – a ideia de predestinação – e a representação épica do bandeirante:

É sabido que todos os descobrimentos, todas as grandes viagens têm uma só origem: a vontade soberana do Grande Arquiteto do Universo. O Anhangüera foi convocado em sua fazenda a organizar a sua Bandeira e objetivou o melhor negócio daquele tempo; prear índios para vendê-los no mercado paulista. Ao fazê-lo, não pensou em aborrecimentos, nas doenças; nas lutas; nos reveses e fracassos, e também nos prejuízos. Pensou unicamente em riqueza, e em poder. Portugal havia proibido as entradas; mas era preciso arranjar, por meio de amigos influentes, uma licença. Em seu favor estava a sua capacidade financeira a sua linhagem; e sua energia, qualidades exigidas para a concessão duma licença. Portugal estava ciente da existência de muito ouro no Brasil Central, e seu tezouro estava muito necessitado, em vista dos grandes gastos de suas aventuras no exterior. Sabia-se na Europa que, no Centro do Brasil; as serras eram de ouro e prata, e o leito de certos rios eram forrados de ouro. Não consideravam o índio como criatura humana, e permitiam a preação para darem braços a S.Paulo, e doméstica às famílias da Bahia, Recife e da terra Bandeirante. O ouro de Minas Gerais tinha já se esgotado porque era aluvionar, e não sabiam ainda que a matriz do ouro é quartzo leitoso. Nas colméias onde outrora garimpeiros felizes eram agraciados com rendimentos espetaculares como aconteceu no garimpo do Batatal, de Pitangui, onde o ouro era tanto que fora colhido como batata agora imperavam grupos desordeiros fazendo revoltas porque o ouro havia acabado. Era preciso incentivar novas descobertas para drenar o precioso metal para o tezouro lusitano. E assim a concessão foi facilitada e deram-lhe a licença [...] (ARTIAGA, 1968, 16 jan., p. 6).

Ao iniciar o texto com incursões no âmbito do religioso, evocando Deus, o “Grande Arquiteto do Universo”, Zoroastro remete à linha interpretativa de Americano do Brasil, que espelha a “força dos valores religiosos tradicionais: da reflexão fundada no divino à reflexão fundada no humano” (SILVA, 1982, p. 17). A retórica presente nas ponderações que convocam o leitor ao sentimento moral e cívico com um destaque importante à condição histórica de Goiás busca legitimar seu esforço em demarcar um passado para a região – passado este que segue a trilha de um sujeito histórico que ordenara o Estado-Nação. Nesse processo, a ação “civilizadora” dos bandeirantes foi percebida como indispensável, conferindo à região sua identidade, apesar do relato de violência e crueldade desses heróis nacionais que tocaram o solo goiano:

Oficialmente Goiás nasceu de São Paulo; mas, seu povoamento originou-se muito mais do polígono das Gerais, [...] Aqui sobrevive à marca do tempo deixado por essa gente boa e religiosa que concorreu para o equilíbrio social, em vista da gente má que procedeu de outros garimpos, e do expurgo lusitano que nos obsequiou com a borra de seus dejetos, de que precisava se ver livre (ARTIAGA, 1968, 27 mar., p. 4).

[...] O povo goiano provinha do índio, ativo e nobre, e do africano conformado e humilde, religioso e fraternal, que tinha orgulho de haver nascido aqui, mas vivia das migalhas que sobravam, numa terra imensamente farta e pródiga, do rei (ARTIAGA, 1968, 01 mar., p. 6).

Nota-se que Zoroastro, em sua concepção de formação racial do goiano, encampa o mito das três raças como elemento gerador de uma personalidade, além de uma clara exaltação ao nativismo brasileiro. Ao suscitar a questão racial na formação da identidade

goiana, o autor segue os estudos de história de sua geração, dialogando com Manoel Bomfim (1996) na questão do debate sobre raça, antilusitanismo e educação. Nesse âmbito, o argumento identitário de Zoroastro está acoplado a uma representação da história nacional – conforme explicita Hall (2005) – orientadora de toda sua escrita acerca da região:

[...] a narrativa da nação, tal como é contada e recontada nas histórias e nas literaturas nacionais, na mídia e na cultura popular [...] fornece uma série de estórias, imagens, panoramas, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais nacionais que simbolizam ou representam as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres que dão sentido à nação (HALL, 2005, p. 52).

Contudo, havia uma interrogação fulcral que Zoroastro precisava responder em sua proposta de reescrita da história de Goiás: o colapso do ouro e a decadência da região. A elaboração de uma história goiana suscitava uma resposta à pobreza do passado goiano. Para tanto, ele se aproveita das interpretações de Alencastre e de Manoel Bomfim (1996)⁷⁵ e atribui à colonização portuguesa a responsabilidade pela decadência da região. O antilusitanismo se constitui, assim, em uma das chaves de sua leitura do passado.

Bomfim (1996), um dos intérpretes do Brasil no início do século XX que mais bem resumiu o sentimento antilusitano, argumenta que o povo brasileiro tem espírito de união, solidariedade patriótica e cordialidade nas relações internas, mas essas atitudes teriam sido degeneradas pela essência portuguesa, que deixara influências nas práticas políticas: “[...] depois de ter sido, durante quase dois séculos, carne viva para a varejeira lusitana, o Brasil acabou incluindo na sua vida o próprio estado que, de lá emigrara, na plenitude da ignomínia bragantina” (BOMFIM, 1996, p. 57).

Nessa linha de raciocínio, os portugueses são percebidos no discurso de Zoroastro Artiaga como a razão do atraso, o que sublinha uma evidente oposição à governança política lusitana no Brasil. Seu posicionamento diverge, assim, do de alguns intérpretes do Brasil, como Varnhagen (1962) e Freyre (2006), que elogiam a colonização portuguesa no Brasil, e se aproxima de uma corrente que, além de Bomfim, tem como o seu principal expoente Capistrano de Abreu (1975). A seguir, foram transcritos enunciados de sua escrita em que se explica o “colapso do ouro” retirando-se dos goianos o foco dessa responsabilidade:

Os líderes lusitanos ciósos de suas prerrogativas martirizavam a gente boa e pacata que deveria escrever uma página gloriosa na evolução da terra goiana, com elemento propulsor de seu progresso (ARTIAGA, 1968, 24 jan., p. 6.).

⁷⁵ Livro publicado originalmente em 1931. BOMFIM, Manoel. **O Brasil nação: realidade da soberania brasileira**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1931. 2 vols.

Os portugueses, muito cedo, manifestaram um inusitado ciúme dos que, vindos de outras terras tentavam a vida no Brasil. Surgiu em São Paulo um regionalismo que muito prejudicou a todos e que deixou graves consequências. O mesmo sentimento manifestavam contra os que nasciam aqui no Brasil, que eram tratados como “nativos”, comparados com índios e negros coloniais, pelo preconceito de que os naturais sempre são os que lutam pela separação e independência de sua terra natal (ARTIAGA, 1968, 26 jan., p. 6).

Nos garimpos de Goiás e Mato Grosso campeava a prostituição, o despudor, a embriagues, a falta de garantias de vida e prosperidade, a desfaçatez, a vida desregrada e escandalosa, a emancebia, o roubo organizado em quadrilhas, o desmentismo pela cupidez do ouro, a corrupção da justiça, e isto porque ninguém vinha despontado para as minas por estar inocente. Os que não vinham exilados, traziam “pecadinhos” perante a justiça lusitana, ou perante o Santo Ofício, que era como a Gestapo, com sua espionagem. Alguns, vinham tocados por adversidades política, por perseguição religiosa ou por um fracasso de família. Outros tiveram fracassos comerciais por falências ou concordata preventiva, o que equivalia a um bilhete de ida para os sertões. Quando chegavam aqui, nivelavam-se. Aqui era uma autentica Legião Estrangeira, onde, quando aparece um voluntário ninguém pergunta de onde vem. Quem quisesse viver tranquilo, apesar dos antecedentes, teria que ir apresentar-se aos mandões lusitanos, legítimos feudistas que dirigiam setores de serviço. Senão o fizesse “estaria na lista”. Passaria a ser vigiado e policiado para averiguações. Se o fizesse em boa forma, teria que sujeitar-se a fazer tudo que lhe pedissem, inclusive a espionagem o serviço de guarda costas, o falso testemunho, tudo a troco de concessões e de empregos para ter boas graças e bons proventos. O incondicionalismo e a subserviência eram as virtudes da época (ARTIAGA, 1968, 30 jan., p. 6).

Portugal havia exercido, aqui no Brasil, e quiçá em Goiás, uma política totalitária, austera e cruel, pelas mãos de seus delegados que impopularizou a colônia com a metrópole. Foi um feroz regime que dominação, imperialista, do qual ninguém tem saudades. Dos portugueses herdamos a tara do inconformismo contra toda administração, e temos um patriotismo agressivo e insaciável, que tortura-nos a mente; ou faz, de nós outros, uns inconformados ou sofredores de angústias cívicas; que faz de nós, ingratos aos próprios bem feitos. O português deixou de herança, a cada “um de nós, o espírito de oposição a todos os governos, e nos tornamos guardiões espontâneos, da riqueza pública” para atribuir corrupção e incapacidade aos administradores, mais eficientes e, honestos; sem a menor cerimônia (ARTIAGA, 1968, 23 fev., p. 6).

Segundo as leis então em vigor. Portugal havia proibido em Goiás toda e qualquer atividade de lavoura, para não afastar operários da mineração, que era muito do seu interesse. A alimentação, a cada dia subia de preço, porque não havia importação e os estoques estavam se esgotando rapidamente. Os aproveitadores das calamidades acharam-se presentes e absorviam os rendimentos dos garimpos com seus preços escorchantes. A fome começou a torturar também a população de Vila Boa, sem que houvesse providencia alguma para abastecer a cidade. O gado abatido na velha capital tinha que vir da cidade de Barreiras na Bahia tangido através dos Gerais. O povo passou a se alimentar de farinha de emburuçú, mel de abelhas, guariroba, cascudos pescados no Rio Vermelho, muito abundantes e de fácil pescaria, etc. Diante de mais esta calamidade, os garimpeiros foram se dispersando, outros procuraram Mato Grosso, para dedicarem-se a procura de gemas preciosas, abandonando a ilusória e azarenta profissão de faiscador. Assim nasceu a necessidade de fazer roças e de criar gado, cessando, pouco a pouco, o ciclo da mineração de ouro. [...] O principal motivo do colapso do ouro foi o arrôcho fiscal [...] (ARTIAGA, 1968, 24 mar., p. 6).

Goiás havia saído de um feudalismo medieval, remanescente dos extremismos europeu com raízes nos fermentos imperialistas e escravocrata; e não deveria ter esperanças de uma imediata e radical transformação nos costumes políticos ou nos métodos de administração. O povo deveria ainda esperar, por muitos anos, o raiar do “SOL DA LIBERDADE” porque a reima lusitana viria até os tempos atuais, com seus defeitos e vícios, com as formas de corrupção e de hipocrisia, e, contaminando outras gerações por atavismo, até há pouco tempo. Herdamos a tara dos que

aplicavam o feudalismo com rótulo de liberal democracia. Herdamos a praga da demagogia, e encampamos, para uso gozo da política defeitos morais e cívicos que verificamos em acurada observação histórica e psicológica (ARTIAGA, 1968, 04 abr., p. 6).

Ao apropriar-se do discurso anticolonialista de Manoel Bomfim⁷⁶, Zoroastro Artiaga procura dar densidade diversa a seu trabalho de historiador, marcado especialmente pelo imenso zelo em compilar documentos. Noutra direção, o intelectual atualiza a interpretação do atraso da região com base na incorporação de reflexões produzidas nas grandes capitais, especialmente o Rio de Janeiro. Sua interpretação ensaia uma aproximação com elementos do pensamento sociológico, sem, contudo, abandonar o compromisso com sua atividade rotineira de colecionador de efemérides do passado goiano. Essa perspectiva analítica já se apresentara na obra de Alencastre (1864) e ganhara notoriedade na reflexão de Americano do Brasil. Artiaga apresenta a diversidade de modelos de colonização no mundo americano e constata:

Permito-me registrar, nesta obra, que Portugal colonizou Goiás muito diferente do modo pelo qual os E. Unidos foram colonizados pela Inglaterra. Lá, a colonização se fez com homens educados, de estirpe irlandesa, com técnicos agricultores e pecuaristas, que tiveram uma experiência milenar, e aqui, a colonização, foi feita com a escória europeia, da qual desejavam se libertar, tais como ladrões incorrigíveis, prostitutas, ciganos, galés, convictos, e cachaceiros procedendo-se com imperialismo com desamor ao próximo, com inusitada violência, como procederam em Minas também. Não fora a influência do negro e do índio, nossa gente seria pior do que os reprodutores que nos mandaram. Nos E. Unidos logo tiveram bancos em cada corrutela para incentivar as iniciativas; as estradas de ferro do Atlântico ao Pacífico, logo após os primeiros impulsos dos progresso; e aqui tivemos contra nós a topografia do litoral, que impediu a penetração; e tivemos a má vontade de permitirem a entrada do progresso, visto desejarem manter o Centro Oeste escondido, como reserva do futuro. Isto é provado com mapas errados feitos de propósito por ordem régia. Nos E. Unidos, o movimento de entrada dos europeus só foi fraco até o ano de 1820, tornando-se importante logo depois, isto devido à calamidade de fome que assolou a Irlanda entre 1846 e 1848. Receberam a fina flor irlandesa, ao ensejo da descoberta de ouro e mais a massa civilizada dos países europeus, enquanto nos outros, por aqui tínhamos os portos fechados a indústria proibida, e a instrução vedada. Tudo por aqui era “caminho fechado”: lavoura, comércio, educação, criação e abertura de estradas. Goiás comprava de Lisboa e do Porto. Era mercado interdito para outros povos. Livre, só a garimpagem de bateia, depois de satisfeitas as formalidades legais debaixo de uma rigorosa vigilância do fisco reiuno. Tivemos como contrapeso a malária, o tifo rural, e bexiga, a febre amarela litorânea, a peste bubônica, a macutena, a bouba, e tinha, a sarna e a cafobira que foram trazidas pela escória deportada para aqui, sem falarmos na sífilis que de início nos assolava. Os norte-americanos: não lutaram contra a topografia, contra o clima, contra as endemias, nem sofreram de pauperismo na era da colonização porque os bancos e os transportes seguiam os passos do avanço pioneiro. Aqui as terras quase intransponíveis embargaram nossos passos, e o interior ficou ilhado durante séculos. Os rios estavam obstruídos, fechados para a vitalização das faixas interioranas, o que não se dera por lá. Lá, houve bagagens, e o

⁷⁶ Manoel Bomfim é um dos poucos autores ao qual Zoroastro faz menção direta em sua história para tentar explicar as razões do atraso brasileiro e, consequentemente, goiano. Sua citação mais significativa à obra de Bomfim (1996) é feita em um artigo denominado “Imperialismo Colonial”.

progresso teve base cristã; e aqui, imperou o relaxamento e o abandono das ovelhas por parte dos que deveriam acompanhar as massas que aqui aportavam; apavorados com a peste que por aqui fazia vítimas, às centenas, diariamente, com a falta de conforto. E a falta de garantias pessoais. Desta maneira o atraso imperou até a nossa independência (ARTIAGA, 1968, 08 abril, p. 4).

[Os portugueses] colonizaram com o relho ao passo que os norte-americanos colonizaram no sentido de criar uma pátria melhor do que a que deixaram no além-mar, sem restrição as vicissitudes da época. Tudo faziam no sentido do bem estar social e do progresso do seu país. Lá, fizeram duas guerras, apenas, e aqui fizemos duas guerras e 24 revoluções, além dos motins e das badernas de quartéis que foram muitas. Tudo isto atrapalhando o nosso crescimento demográfico. Lá, as terras que foram dadas pela União passaram a produzir rapidamente, de modo que, em 1790, sua população já era de quatro milhões, sendo três de emigrantes europeus. Aqui, as terras ficaram em latifúndios, a lavoura proibida, e as atividades agrícolas vedadas; de modo que, até 1822, o país estava ainda interdito para o exterior, de vez que, a abertura dos portos fora teórica, porque somente alguns países tiveram o privilégio de aqui aportarem por alguns dias, em numerosos portos sujos e perigosos. Nos E. Unidos, logo após a guerra da secessão, houve a recuperação econômica e a reconstrução da área assolada; e aqui, a febre amarela como a peste bubônica afastavam os navios para muito distante. Lá, o progresso era incentivar por todos os meios; de modo que a entrada de estrangeiros elevou-se em 13 milhões, havendo uma concentração em Chicago, durante os 35 anos posteriores à guerra do Sul com o Norte, e, em outras cidades progressistas, possibilitaram a expansão ferroviária para todos os rumos, e ninguém jamais sugeriu a extinção das estradas deficitárias; pelo contrário seus governos davam-lhes ajuda para que não fracassassem; aqui, somente depois de D. Pedro II, foi que tivemos alguns quilômetros de ferrovia, e assim tivemos um atraso de 200 anos! Aqui, havia estradas pequenas, bítolas estreitas, com traçados péssimos acompanhando espigões. Quando na Europa, em 1860, existia nada menos do dobro do que agora temos em trilhos; nos E. Unidos já havia uma rede ferroviária de 200.000 quilômetros. Realizaram lá a famosa transcontinental de N. Iorque e S. Francisco cuja construção foi iniciada durante a guerra do Sul com o Norte. Lá as terras tiveram muito cedo, a sua valorização; aqui somente depois de 1930 foi que a terra começou a ter algum valor e os latifúndios permaneceram até a hora atual com fazendas de invernadas que atingem até de 3 e doze léguas de extensão, propriedade de um só homem. No Sul de Goiás, a terra já está bem subdividida e agricultada; mas, no meio Norte para o Norte, só à beira das rodovias e dos rios, está sendo aproveitada. No litoral brasileiro as terras são estéreis, e só produzem a custa de fertilizantes. Nos E. Unidos, devido assistência técnica foi possível o milagre de se tornar o maior país agro-pastoril; e aqui, o Ministério da Agricultura criado para ser a segurança do país, ainda hoje funciona como repartição burocrática, inoperável, cheia de teorias exóticas que só nos tem oferecido campos fracassados, máquinas quebradas, ao abandono, ao lado das culturas praguejadas. Sei que, nos E. Unidos, jamais faltou o apoio às classes produtoras, e por aqui, os governos só se lembram delas como “vacas de leite”, para imporem-lhe mais tributos e sacrifícios; um exemplo de reima da colonização de que ainda não nos libertamos. Nos E. Unidos depois de duas guerras, quais verteram seu suor e sangue generoso, não impuseram aos conservadores, uma tutela econômica ao cruel que asfixiaram os pulmões da nação. As guerras de que participamos teoricamente, aliás, cem exceção da expedição à Itália, e torpedeamentos, deixaram-nos uma espiral inflacionária que esgota, dia a dia, as energias nacionais, sem que ninguém consiga, estancar a sangria mortal que nos aniquila (ARTIAGA, 1968, 11 abr., p. 4).

Essas longas citações fornecem tanto pistas importantes para se compreender o modo como Zoroastro pensava a história como permitem identificar aspectos que o autor provavelmente valorizava para a formulação de suas interpretações históricas. Assim, ao olhar para o passado, percebe-se que o autor busca nele o sentido para explicar o presente,

hierarquizando, classificando e comparando a colonização do Brasil com a dos Estados Unidos. Partindo de uma perspectiva comparativa, Artiaga elabora sua crítica ao modelo de colonização portuguesa apontando-a como a causa de todos os males do Brasil, demonstrando sua rejeição a esse processo de colonização logo de início. Com o objetivo de delinear o sentido histórico e, conseqüentemente, a inteligibilidade da região, ele compila os fatos principais da história local. Chega, assim, à conclusão de que os males que afligiam a população goiana tinham raízes históricas arraigadas na estrutura do sistema colonial representada pelo espírito português. Para Zoroastro, o modelo político brasileiro ainda não conseguira “acabar com as classes privilegiadas”, herança direta do “nobre povo lusitano” que, para o autor, “impediram o nosso o progresso” (ARTIAGA, 1968, 04 abr., p. 6).

A perspectiva comparativa entre a história do Brasil e a dos Estados Unidos representa uma novidade em toda sua obra, embora a comparação já tivesse se apresentado de modo recorrente entre os intelectuais brasileiros. Segundo Oliveira (1993):

A análise comparativa entre Brasil e Estados Unidos não é propriamente uma novidade, ainda que haja poucos textos acadêmicos recentes sobre o tema. Os Estados Unidos foram referência explícita de vários pensadores que criticaram a República Velha (1889-1930), como Alberto Torres, Oliveira Viana, Azevedo Amaral, conhecidos como formadores de um pensamento autoritário, mas também Monteiro Lobato, Anísio Teixeira e outros, que se fascinaram com o pragmatismo de John Dewey e pensaram um modelo educacional mais democrático para o Brasil (OLIVEIRA, 1993, p. 214).

Em 1905, Manoel Bomfim, em sua obra *América Latina: males de sua origem*, se utiliza desse mesmo tipo de argumento e, mais tarde, Vianna Moog, em *Bandeirantes e Pioneiros* (1955), faz uso da comparação como forma de explicar as diferentes formações sociais na América. Bomfim, em suas interpretações, privilegia um modo de pensar a história compromissado com uma “tarefa, ao mesmo tempo, científica e patriótica, sendo que o compromisso com a verdade histórica identificava-se com o compromisso com a nação” (GONTIJO, 2003, p. 154). Moog (1955), por sua vez, busca no relativismo e nas teorias antropológicas e sociológicas matrizes explicativas para responder a questionamentos ligados às diferenças entre a colonização portuguesa e inglesa. Apesar de Zoroastro não citar explicitamente nenhuma dessas obras, percebemos em seu argumento uma aproximação de sentido com a obra de Bomfim (1905) quando escarnece do processo de colonização portuguesa, fazendo comparações com base em um critério analítico muito próximo das observações apresentadas por Bomfim, como se nota neste excerto:

[...] regime político-administrativo [Portugal], não só antagônico, como ativamente infenso aos interesses das colônias; regime que só tinha um programa – empobrecê-las, e um pensamento exclusivo – obstar que elas progredissem e pudessem, um dia, organizar-se livremente, como nações emancipadas. Não era, como nos Estados Unidos, um regime político espontâneo, inspirado pelas necessidades próprias das sociedades nascentes; não era sequer um regime fictício, artificial, mas lógico, estável, garantidor e progressista, ao qual as nacionalidades em embrião se pudessem moldar com o tempo. Não; era um regime antipático, iníquo, arcaico e incompleto – era o sistema da metrópole, desnaturado o preciso para ser adaptado ao programa parasitário, imposto à colônia (BOMFIM, 1905, p. 103).

Os Estados Unidos aparecem na história de Zoroastro como um modelo a ser seguido tanto no passado como no presente. Nesse sentido, a comparação assume um significado muito preciso no contexto de enfrentamento entre os Estados Unidos e a União Soviética, cuja ressonância no Brasil produziu o alinhamento do país contra o internacionalismo proposto pela URSS. Tal alinhamento é notado nas disputas do tempo presente, no longo trabalho de ordenação da história política administrativa de Goiás, da Colônia à República.

3.2 POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO DO ESTADO DE GOIÁS

O objetivo foi melhor informar a respeito dos acontecimentos históricos, fazendo muita questão da ordem cronológica (ARTIAGA, 1959, p. 278).

TÍTULO	DATA
História de Goiás: Capítulo II – Período Colonial: 2.º General de Goiás D. Marcos de Noronha (Parte I)	03/02/1968
História de Goiás: Capítulo II – Período Colonial: 2.º General de Goiás D. Marcos de Noronha (Parte II)	04/02/1968
História de Goiás: Capítulo II – Período Colonial: 2.º General de Goiás D. Marcos de Noronha (Parte III)	06/02/1968
História de Goiás: Terceiro governador (Conde São Miguel)	07/02/1968
História de Goiás: Quarto Período Governamental (Parte I)	08/02/1968
História de Goiás: Quarto Período Governamental (Parte II)	09/02/1968
História de Goiás: Sexto governador (Governo de D. José de Almeida Vasconcelos Soveral de Carvalho – Visconde da Lapa) – 26 de julho de 1773 a 7 de maio de 1778	10/02/1968
História de Goiás: Junta Governativa (7 de maio de 1778 de outubro de 1778) (Parte I)	11/02/1968
História de Goiás: Junta Governativa (7 de maio de 1778 de outubro de 1778) (Parte II)	13/02/1968
História de Goiás: Junta Governativa (7 de maio de 1778 de outubro de 1778) (Parte III)	14/02/1968
História de Goiás: Junta Governativa (7 de maio de 1778 de outubro de 1778) (Parte IV)	15/02/1968
História de Goiás: Junta Governativa (7 de maio de 1778 de outubro de 1778) (Parte V)	16/02/1968
História de Goiás: Junta Governativa (7 de maio de 1778 de outubro de 1778) (Parte VI)	17/02/1968
História de Goiás: Junta Governativa (7 de maio de 1778 de outubro de 1778) (Parte VII)	18/02/1968
História de Goiás: Junta Governativa (7 de maio de 1778 de outubro de 1778) (Décimo segundo período: governo de Fernando Delgado Freire de Castilhos) (Parte VIII)	20/02/1968
História de Goiás: Junta Governativa (7 de maio de 1778 de outubro de 1778) (Parte IX)	21/02/1968
História de Goiás: Junta Governativa (7 de maio de 1778 de outubro de 1778) (Parte X)	22/02/1968
História de Goiás: Junta Governativa (7 de maio de 1778 de outubro de 1778) (Parte XI)	23/02/1968
História de Goiás: Junta Governativa (7 de maio de 1778 de outubro de 1778) (Parte XII)	24/02/1968
História de Goiás: Junta Governativa (7 de maio de 1778 de outubro de 1778) (Parte XIII)	25/02/1968
História de Goiás: História da nossa luta contra o domínio colonial (1820 a 1822) (Parte I)	27/02/1968
História de Goiás: História da nossa luta contra o domínio colonial (1820 a 1822) (Parte II)	29/02/1968

História de Goiás:	Décimo Terceiro Período Governamental	02/03/1968
História de Goiás:	Revolta generalizada (Parte I)	07/03/1968
História de Goiás:	Revolta generalizada (Parte II)	08/03/1968
História de Goiás:	Revolta generalizada (Parte III)	09/03/1968
História de Goiás:	A separação do Norte – Heroísmo nortense (Parte I)	10/03/1968
História de Goiás:	A separação do Norte – Heroísmo nortense (Parte II)	12/03/1968
História de Goiás:	A separação do Norte – Heroísmo nortense (Parte III)	13/03/1968
História de Goiás:	A queda da tirania (Parte I)	14/03/1968
História de Goiás:	A queda da tirania (Parte II)	15/03/1968
História de Goiás:	A invasão de Pedro Afonso	02/04/1968
História de Goiás:	A bomba atômica e o fim do Primeiro Reinado	03/04/1968
História de Goiás:	Vida política e administrativa de Goiás – Do Imperialismo até a Regência Provisória	04/04/1968
História de Goiás:	Da Regência Provisória até o Segundo Reinado (Parte I)	06/04/1968
História de Goiás:	Da Regência Provisória até o Segundo Reinado (Parte II)	07/04/1968
História de Goiás:	Terceiro Período Governamental (Governo do Padre Bartolomeu Marques)	14/04/1968
História de Goiás:	Quarto Governo Provincial Coronel José Rodrigues Jardim	16/04/1968
História de Goiás:	Quinto Período Governamental – Cônego Luiz Antônio da Silva e Sousa	17/04/1968
História de Goiás:	Sexto Período Governamental	18/04/1968
História de Goiás:	Capítulo V – Segundo Império – Sétimo Período Governamental	19/04/1968
História de Goiás:	Oitavo Período Governamental – Governo de Joaquim Inácio de Ramalho (Barão Ramalho)	20/04/1968
História de Goiás:	Nono Período Governamental (Comendador Antônio de Pádua Fleuri)	21/04/1968
História de Goiás:	Décimo Período Governamental – Eduardo Olímpio Machado (Parte I)	23/04/1968
História de Goiás:	Décimo Período Governamental – Eduardo Olímpio Machado (Parte II)	24/04/1968
História de Goiás:	Décimo Período Governamental – Governo de Joaquim da Silva Gomes	25/04/1968
História de Goiás:	Décimo segundo presidente – Dr. Francisco Mariani	26/04/1968
História de Goiás:	Décimo terceiro presidente – Bacharel Augusto Ferreira da Cunha	27/04/1968
História de Goiás:	Décimo quinto presidente – José Martins Pereira de Alencastre	28/04/1968
História de Goiás:	Décimo sexto presidente – Bacharel Caetano Alves de Souza Rodrigues	30/04/1968
História de Goiás:	Décimo sétimo presidente – General José Vieira Couto Magalhães	01/05/1968
História de Goiás:	Décimo sétimo presidente – General José Vieira Couto Magalhães	03/05/1968
História de Goiás:	Décimo oitavo presidente – Desor. João Bonifácio Gomes de Siqueira	04/05/1968
História de Goiás:	Décimo oitavo presidente – Desor. João Bonifácio Gomes de Siqueira	05/05/1968
História de Goiás:	Vigésimo Período de Governo – Desor. João Bonifácio Gomes de Siqueira	08/05/1968
História de Goiás:	Vigésimo Quarto Período – Dr. Luiz Augusto Crespo	09/05/1968
História de Goiás:	Vigésimo Quarto Período – Dr. Luiz Augusto Crespo	10/05/1968
História de Goiás:	Vigésimo Quinto Período – Dr. Aristides de Sousa Espinola	11/05/1968
História de Goiás:	Vigésimo Oitavo Período – Governo de Antônio Pereira de Abreu Júnior	12/05/1968
História de Goiás:	(3.º TOMO) – História da Primeira República em Goiás (Parte I)	24/05/1968
História de Goiás:	(3.º TOMO) – História da Primeira República em Goiás (Parte II)	26/05/1968
História de Goiás:	(3.º TOMO) – História da Primeira República em Goiás (Parte III)	28/05/1968
História de Goiás:	(3.º TOMO) – História da Primeira República em Goiás (Parte IV)	29/05/1968
História de Goiás:	(3.º TOMO) – História da Primeira República em Goiás (Parte V)	30/05/1968
História de Goiás:	(3.º TOMO) – Proclamação da República em Goiás (Parte I)	31/05/1968
História de Goiás:	(3.º TOMO) – Proclamação da República em Goiás (Parte II)	01/06/1968
História de Goiás:	(3.º TOMO) – Proclamação da República em Goiás (Parte III)	02/06/1968
História de Goiás:	(3.º TOMO) – No regime de exceção – Junta Governativa Provisória	04/06/1968
História de Goiás:	(3.º TOMO) – A constituinte de 1892 (Parte I)	05/06/1968
História de Goiás:	(3.º TOMO) – A constituinte de 1892 (Parte II)	06/06/1968
História de Goiás:	(3.º TOMO) – Acontecimentos de Tocantinópolis	07/06/1968
História de Goiás:	Sexto Período Presidencial	12/06/1968
História de Goiás:	Sexto Período Presidencial	13/06/1968
História de Goiás:	Décimo Quarto Presidente (Parte I)	16/06/1968
História de Goiás:	Décimo Quarto Presidente (Parte II)	18/06/1968
História de Goiás:	Décimo Quarto Presidente (Parte III)	19/06/1968
História de Goiás:	Décimo Quarto Presidente (Parte IV)	20/06/1968
História de Goiás:	Décimo Quarto Presidente (Parte V)	21/06/1968

História de Goiás:	Décimo Quinto Presidente (Parte VI)	22/06/1968
História de Goiás:	Décimo Quinto Presidente (Parte VII)	23/06/1968
História de Goiás:	Décimo Quinto Presidente (Parte VIII)	25/06/1968
História de Goiás:	Décimo Quinto Presidente (Parte IX)	26/06/1968
História de Goiás:	Décimo Quinto Presidente (Parte X)	27/06/1968
História de Goiás:	Décimo Quinto Presidente (Parte XI)	28/06/1968
História de Goiás:	Décimo Quinto Presidente (Parte XII)	29/06/1968
História de Goiás:	Décimo Quinto Presidente (Parte XIII)	30/06/1968
História de Goiás:	Intervenção Federal Fracassada	02/07/1968
História de Goiás:	Governo de Urbano Coelho Gouveia	03/07/1968
História de Goiás:	Governo de Herculano Sousa Lobo	04/07/1968
História de Goiás:	Governo de Olegário Herculano da S. Pinto	05/07/1968
História de Goiás:	Governo de João Alves de Castro	06/07/1968
História de Goiás:	Governo Eugênio Rodrigues Jardim	07/07/1968
História de Goiás:	Governo de Brasil Ramos Caiado	09/07/1968
História de Goiás:	Quarto Tomo – Revolução do Cel. Carvalhinho – Invasão de Goiás por Morbeck	11/07/1968
História de Goiás:	Carvalhinho <i>versus</i> Morbeck	12/07/1968
História de Goiás:	Acontecimentos marcantes da vida goiana: Relato sobre a Coluna Prestes no Brasil e em Goiás (Parte I)	19/07/1968
História de Goiás:	Acontecimentos marcantes da vida goiana: Relato sobre a Coluna Prestes no Brasil e em Goiás (Parte II)	20/07/1968
História de Goiás:	Acontecimentos marcantes da vida goiana: Relato sobre a Coluna Prestes no Brasil e em Goiás (Parte III)	21/07/1968
História de Goiás:	Acontecimentos marcantes da vida goiana: Relato sobre a Coluna Prestes no Brasil e em Goiás. (Parte IV)	23/07/1968
História de Goiás:	Acontecimentos marcantes da vida goiana: Relato sobre a Coluna Prestes no Brasil e em Goiás (Parte V)	24/07/1968
História de Goiás:	Acontecimentos marcantes da vida goiana: Relato sobre a Coluna Prestes no Brasil e em Goiás (Parte VI)	25/07/1968
História de Goiás:	Segundo Período – Governo do General Felipe Xavier de Barros	31/08/1968
História de Goiás:	Quarto Período Governamental	01/09/1968
História de Goiás:	Posse de Coimbra Bueno (Parte I)	03/09/1968
História de Goiás:	Posse de Coimbra Bueno (Parte II)	04/09/1968
História de Goiás:	Governo de Pedro Ludovico Teixeira: 1950-1954	05/09/1968
História de Goiás:	Goiás político de 1895 (Parte I)	08/09/1968
História de Goiás:	Goiás político de 1895 (Parte II)	10/09/1968
História de Goiás:	Goiás político de 1895 (Parte III)	11/09/1968
História de Goiás:	Goiás político de 1895 (Parte IV)	12/09/1968
História de Goiás:	Goiás político de 1895 (Parte V)	13/09/1968
História de Goiás:	Goiás político de 1895 (Parte VI)	14/09/1968

Quadro 2. Política e administração do estado de Goiás

Na mobilização do tema político, a concepção histórica de Zoroastro avança cronologicamente em relação aos estudos de seus contemporâneos no que diz respeito à divisão da história política de Goiás⁷⁷. A ênfase é dada às narrações políticas dos governos de Goiás com descrições breves, que apresentam o que cada governante deixou como legado e contribuição para a construção da região; o fato histórico é articulado partindo do movimento político e dos atos de governo; e o fluxo do tempo é percebido como uma sucessão transitória de ações políticas governamentais. Seu foco persegue uma perspectiva comparativa entre a

⁷⁷ Americano do Brasil (1982) percorre em sua obra o período de 1722-1889; já Colemar Natal e Silva (2002) narra acontecimentos e fatos da história goiana entre o intervalo de 1725-1929. Zoroastro Artiaga explora os períodos de 1722-1949.

história geral do Brasil e a de Portugal no intuito de determinar fatores de causa e consequência para a administração de Goiás. Como ele próprio defende: “Nenhum historiador, poderá descrever o passado, sem esclarecer acontecimentos de Lisboa e de São Paulo, interligados à nossa vida administrativa” (ARTIAGA, 1968, 21 fev., p. 6).

Nessas descrições sumarizadas dos governos goianos, o autor apresenta seu prognóstico, que “implica um diagnóstico capaz de inscrever o passado no futuro” (KOSELLECK, 2006, p. 36).

Foram acontecimentos importantes que se deram no país, durante este período administrativo: 1) O Brasil foi transformado em vice reinado 2) A cidade de Salvador ficou governando a parte setentrional do Brasil; 3) Foi escolhido o Rio de Janeiro, para o governo meridional desde os limites do E. Santo; 4) Pombal extinguiu a organização anterior dando chance a que o Brasil prosperasse. Os sertões, entretanto, ficariam por muitos anos como colônia do litoral, ilhado por fronteiras econômicas intransponíveis, e esquecidos do poder central, o que somente veio alcançar **depois de Getúlio Vargas** (ARTIAGA, 1968, p. 6, grifo nosso).

Nessa citação, Zoroastro compõe uma linha de raciocínio que articula o futuro ao passado sob uma perspectiva do presente, no qual a história é impulsionada como uma sucessão de fatos, que funcionam como um preâmbulo para justificar o Estado Novo varguista. Tal gesto – que aparece também em outras descrições em que o autor procura compilar linearmente toda história política goiana, associando-a às reflexões que aparecem espaçadamente em seu texto – tenta promover uma transposição do sentido do passado para o presente. O recuo em direção a um passado longínquo acaba por fragilizar a construção de sentido histórico para a região. Assim, na concepção histórica proposta por Zoroastro, a ocupação do espaço sertanejo estrutura a percepção do tempo, mas a artificialidade do nexo entre o distante passado bandeirante e as questões do presente salta aos olhos.

A inquietação do autor com questões de governança revela-se com vigor no esforço de escrever uma história que sirva ao presente. Nesse movimento, as reflexões que vez ou outra surgem em meio às fatigantes descrições de governo⁷⁸, selecionadas e registradas para fixar um fato, um evento, têm o intuito de provocar no leitor a ideia de uma história exemplar. Um exemplo dessa perspectiva é sua interessante linha de raciocínio para explicar o conceito revolução, transcrito no excerto a seguir:

⁷⁸ Zoroastro Artiaga em toda sua obra não se preocupa em registrar meticulosamente as fontes consultadas para descrever cada período governamental registrado. Entretanto, enunciados feitos em partes do seu texto indicam que ele fez uso de relatórios de governo e de documentos oficiais para compilar dados como gastos com educação, infraestrutura etc. [...] “As informações que se seguem foram tiradas de um relatório do governador Miguel Lino de Moraes de 1828” (ARTIAGA, 1968, 24 set., p. 6).

[...] As revoluções têm um ciclo traçado pela determinação histórica. Vitoriosa, ela liquida com os seus promotores. Tem saído assim em toda a parte do mundo. A que mais se projetou e que ainda está se projetando foi a francesa. Permito-me descrever em síntese o seu ciclo histórico, para exemplificar e para advertir aos revolucionários do futuro (ARTIAGA, 1968, 03 jul., p. 6).

Nos vários parágrafos subseqüentes a esse texto, o autor procura chamar a atenção do leitor enfatizando os acontecimentos e fatos da Revolução Francesa:

Reporto-me aos acontecimentos dessa página da História da França, justamente para um lembrete a todos os líderes e chefes de revoluções que ignoram ainda que os que as promovem, e nelas tomam parte, são alijados por um determinismo histórico fatal, que não falha a sabedoria popular diz que: “O bom bocado não é para quem o fabrica, e sim para os que o comem”. Os que servem para demolir não servem para a fase de reconstrução (ARTIAGA, 1968, 30 mai., p. 6).

A alusão ao processo revolucionário francês preso a um determinismo fatal certamente relaciona-se à difícil conjuntura da década de 1960, momento de enfrentamento político que mobilizou o país em razão das disputas ideológicas entre liberais e reformistas. O autor, por meio da história da França, pretende alertar para os riscos da ameaça comunista. A comparação enquanto reflexão histórica carece de sentido e está vinculada aos interesses de uma perspectiva conservadora que se instalara em 1964:

Não fora o patriotismo das Forças armadas, seria o deputado Brizolla, o famigerado bolchevista, leninista nesta hora o dono do nosso amado Brasil (ARTIAGA, 1968, 28 ago., p. 10, grifo nosso).

Chegas ao extremo de predominância do suborno, da falsidade, do peculato, da gorjeta, da traição, do desprestígio do judiciário, legalizando contrabandos; da troca de outorgas e franquias, da prática livre da contravenção, da proteção e delinquência, e da prevaricação funcional. **Não fosse o patriotismo das nossas Forças Armadas preservando a Constituição e o regime, estaríamos a esta hora com uma bandeira vermelha tremulando na cúpula dos ministérios** (ARTIAGA, 1968, 24 mai., p. 6, grifo nosso).

Para Zoroastro, a história se apresenta como testemunho de experiências passadas, e o uso dessas experiências – ou até mesmo o abuso – devolve um sentido ao presente, que condiz menos com a verdade e mais com a postura conservadora do cronista. Nesse sentido, em várias passagens de sua narrativa, é possível enxergar o discurso histórico exemplar a serviço de suas convicções políticas. Por exemplo, os ideais políticos professados quando estivera junto ao grupo de Pedro Ludovico aparecem em seu texto como respostas para as questões do presente. O desvelar de seu pensamento se associa à crença no autoritarismo como projeto para desenvolvimento regional.

Diehl (1998), ao refletir sobre o posicionamento político de intelectuais que compunham a estratégia política de Vargas, relata:

[...] os intelectuais mostravam-se concordes quanto à rejeição da democracia representativa, colocando-se ao lado do fortalecimento do Estado, acatando e aderindo [...] a “ideia de que não há outro caminho para o progresso e modernidade senão o que consiste em agir de cima e dar forma à sociedade brasileira” (DIEHL, 1998, p. 19).

Nas ponderações de Zoroastro para a história da Primeira República, esse sentimento fica evidente quando o autor apresenta sua perspectiva sobre o conceito de democracia:

Naqueles dias escabrosos da república velha, a democracia apodreceu tanto que o Brasil retroagiu ao puro feudalismo medieval. A troca de outorgas e de franquias fez do regime o mais corrupto da América, e deu lugar à Revolução de 1930, precedida de outras que perturbaram o progresso e o crescimento do país. **O conceito da democracia** é interpretado como “governo do povo pelo povo”; mas, é comprometido cinicamente, subvertendo-se os postulados republicanos e democráticos, ficando os países governados por uma minoria inteligente e esperta, que conduz as maiorais para onde quer, com um governo que manda no legislativo, e faz suas leis como as quer e deseja (ARTIAGA, 1968, 18 fev., p. 6, grifo nosso).

Ao criticar a ideia de democracia, o autor trabalha efetivamente com o tempo presente, seguindo uma ordem de pensamento em que reforça a ideia de golpe e justifica um poder autoritário. Em outras passagens de sua narrativa, Artiaga busca dar coerência a suas afirmações ao rever, em um longo período, episódios indicadores de rebeliões que desafiaram a estabilidade da nação:

O Brasil tem sede de progresso e quer que os governos resolvam, com ou sem recursos, os problemas vitais da nação. Durante as Regências fizemos as seguintes badernas: 1) Cabanada; 2) Farrapos; 3) Sabinada; 4) Balaiada; 5) Cabanagem; não se falando nos motins de quartéis. Na república quantas fizemos? (ARTIAGA, 1968, 23 fev., p. 6).

Quase todos os países subdesenvolvidos do continente experimentaram o intragável fel das revoluções sangrentas, ostentando, em sua história, páginas tenebrosas de penúria e sofrimento [...] (ARTIAGA, 1968, 29 mai., p. 6).

A escrita de Zoroastro reforça sua perspectiva conservadora de – no afã de manter a ordem – ser a favor de não se titubear em se fazer uso da repressão nas manifestações populares ocorridas em distintas regiões durante o século XIX.

Os sentidos que se erguem no julgamento político do passado mais uma vez se articulam a sua visão conservadora (note que os movimentos regenciais são nomeados como “badernas”). Nesse sentido, o empenho em avaliar o passado tem por objetivo a defesa explícita de um governo ditatorial implantado no Brasil em 1964. Há um sentido pedagógico

em sua escrita conservadora que insiste em reafirmar o argumento de que o autoritarismo era a única solução para nossas mazelas:

[...] faço de novo um retrocesso, decorridos já mais de 70 anos, para analisar, os fatos e os acontecimentos de Goiás e do Brasil, como consequência da república proclamada antes do tempo. Tudo quanto vínhamos sofrendo na monarquia piorou depois dela. Afastaram-se os homens de larga experiência e tirocínio, e convocaram os neófitos para os postos chave; de modo que os políticos profissionais, logo depois, escalavam, de novo, suas exposições, e anularam os efeitos da revolução. Quando chegamos a 1930, foi preciso fazer outra revolução para aleijar os corruptores da democracia (ARTIAGA, 1968, 30 mai., p. 6).

O Brasil em 1930 estava à beira da falência. Culminava uma crise política e ao mesmo tempo uma tremenda crise financeira. O câmbio dia a dia se aviltava e a nossa moeda caía assustadoramente. Como consequência o custo de vida subia e os salários do operariado e do funcionalismo já não dava para sua sustentação. A nação tinha perdido o crédito no exterior, como resultante da falta de probidade nos pagamentos sempre recorrendo às moratórias e protelando os seus restos a pagar do Tesouro Nacional, que já havia suportado a vergonha de uma devassa na sua escrita para fiscalização de emissões e controle dos empréstimos [...] Nossa dignidade de povo livre, nunca foi tão aviltada, tão vilipendiada, tão espezinhada porque interessava-lhes o nosso fracasso, e o desaparecimento da autoridade. O povo brasileiro em desespero até desejava uma revolução [...] **Era preferível uma ditadura do que uma democracia dessa natureza** [...] (ARTIAGA, 1968, 26 de jul., p. 7, grifo nosso).

Refletindo sobre os motivos dos problemas da República Velha, Zoroastro privilegia o olhar dos vencedores. O que está em jogo é apresentar uma inteligibilidade real do passado pela relação entre o poder e o saber. Assim, a proclamação do Estado Novo torna-se princípio regulador de seu discurso histórico, justificando a existência da ditadura. Dessa forma, o golpe de 1964 se apresenta em seu discurso como resposta ao “perigo comunista”, fazendo uso de comparações entre a história do Brasil e de Portugal para reforçar o acerto de sua análise:

Quantas vezes tomamos armas para depor governos, no interesse de um Brasil maior e melhor? Mas, os nossos irmãos de Além-mar fizeram mais. De tal modo o reino foi agitado, que, em 5 de Outubro de 1910, o soberano D. Manuel II, sucessor de Dom Carlos, asilou-se na Inglaterra, juntamente com seu irmão Dom Luiz que ali morreu sem deixar descendentes. No fatídico 10 de Fevereiro de 1908, quando foi assassinado D. Manuel II e, ao ensejo, implantaram a república no país em 5 de Outubro de 1910. De 1910 até 1926, fizeram eles 16 revoluções, e trocaram 43 ministérios. Em Portugal, a pressão contra o clero foi enorme. Sidónio Pais, num dos combates, tombou varado pelas balas assassinas dos terroristas e, ao morrer, disse: “Rapazes, vocês devem salvar a nossa Pátria”. Afonso Costa chegou a dizer que, em duas gerações mais, Portugal desapareceria do mapa liquidado pelo comunismo. Antônio José de Oliveira disse: “Os ministérios governam varados de medo, corroídos pela ‘Formiga Branca’, debaixo do comando do ‘Dente de Ouro’, do ‘Pintor’ e dos agitadores de rua, comunistas profissionais de praça pública, e pichadores de muros de olímpica autoridade”. Estas foram terríveis organizações extremistas que títeres torturaram Portugal, e que tiveram os mais extravagantes nomes de guerra: “Carbonária”, “Filhos da Noite”, “Legião Vermelha” e “Formiga Branca”. Salazar foi então convidado a governar. Era um simples professor de nível

universitário, obscuro, que tinha a seu favor as simpatias do clero e dos estudantes católicos. Para o tempo foi o homem providencial, e fez um bom governo. Era sereno, modesto, sóbrio no falar, culto, arguto, desconfiado, apocalíptico, e profundo conhecedor das origens daquelas instituições terroristas e das fontes que as sustentavam. Pode ter praticado erros; pode ter se desviado para uma ditadura totalitária usando processos austeros e métodos extremistas; mas ele fora o salvador, na hora extrema da democracia lusitana e tirou a nação do caos em que se precipitava com violência. Portugal se encontrava muito pior do que a nossa Pátria **nos dias tenebrosos de Março de 1964**. Foi o homem forte, convocado na hora certa (ARTIAGA, 1968, 23 fev. p. 6, grifo nosso).

Zoroastro propõe um encadeamento de causas particulares e gerais; contudo, tais ilações se afastam do sentido histórico regional traçado pela geração de Americano do Brasil. O discurso histórico se acomoda a um sentimento patriótico voltado para devoção ao Brasil e a Goiás. O recurso emocional ultrapassa os quadros de uma história metódica, mais interessada no acerto entre o argumento e o documento. Nesse sentido, o autor se lança em busca de um passado longínquo e se perde em conexões frágeis entre a história de Portugal, do Brasil e de Goiás. Na leitura dos mais de cem artigos publicados no *Folha de Goiaz*, mobilizados na temática “História política”, é notório esse recurso para indicar, na multidão de acontecimentos desconexos, uma coerência entre o passado e o futuro capaz de convencer o leitor:

Até agora ainda estamos insatisfeitos, desalentados, decepcionados, mudando sempre, trocando ministros, dando golpes, e alterando a lei maior sem conseguirmos liquidar com a espionagem e a traição, que rondam o Brasil para tirar a liberdade dos brasileiros, e escravizar a nação à economia alheia, e torná-los escravos de países totalitários (ARTIAGA, 1968, 28 mai., p. 6).

Em sua atividade de compilador, Zoroastro mobiliza seu olhar para a descrição da administração do estado. Dos 112 artigos escritos acerca da política administrativa de Goiás, 59 tratam do período de 1727 a 1888, enquanto, para o período de 1889 a 1954, o autor dedica 53 artigos. O equilíbrio entre o número de artigos não se coaduna com a diferença temporal entre os dois momentos.

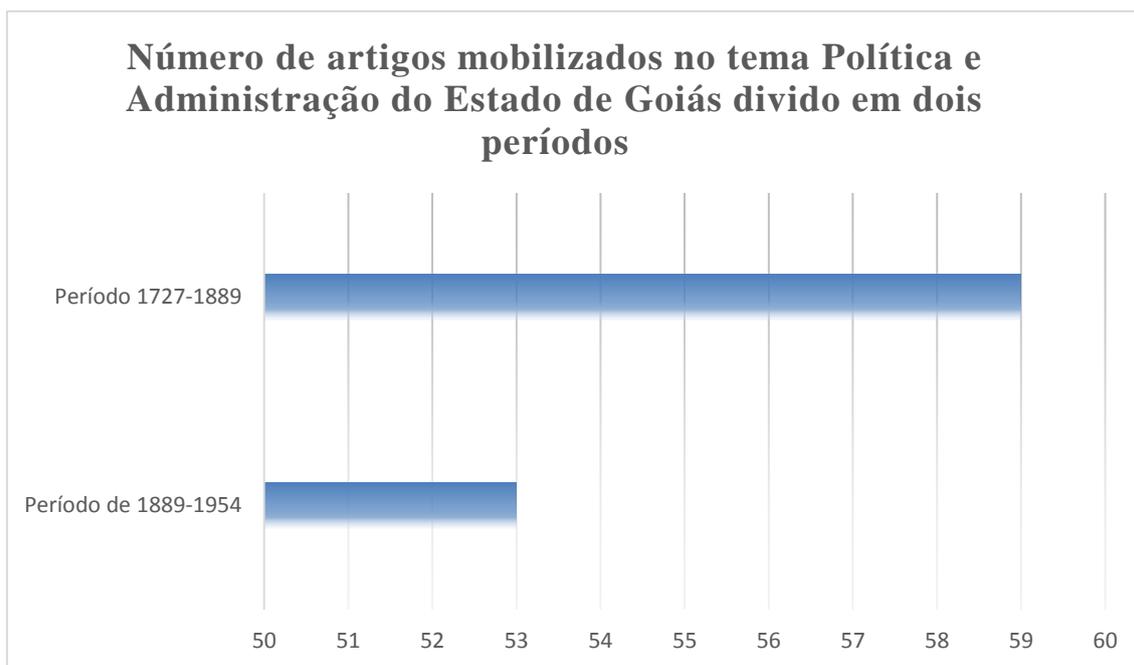


Gráfico 1. Número de artigos mobilizados no tema “Política e Administração do Estado de Goiás”, dividido em dois períodos

É notória a intenção do autor em ordenar o sentido histórico do presente e de um interesse maior, particular, em estudar o período republicano. Assim, além do ato de compilar documentos, Zoroastro acrescenta uma visão própria dos acontecimentos.

Na data marcada Eugênio Jardim fardado de Coronel à frente de dois mil homens marchou do Bacalhau para a cidade, os cavaleiros aos pares, entrando na cidade pela Rua Nova do Presidente, e a população toda acorreu à entrada e acompanhou o préstito, garboso e com aspecto de entrada triunfar na cidade vencida depois de uma guerra. **Jamais assistirei**, um espetáculo tão garboso, pois havia algo de portentoso. O batalhão Policial, que se achava formado à frente do Palácio Conde dos Arcos, acompanhou com a sua banda de música o desfile majestoso pelas principais ruas de Goiás (ARTIAGA, 1968, 30 jun., p. 7, grifo nosso).

A função social da história se transforma, assim, em recurso capaz de aproximar passado e presente no intuito de minimizar as incertezas do presente. É empregada de maneira a legitimar as boas causas e denunciar as más experiências. [...] “É ela [a história] que permite um conhecimento mais realista e racional do presente pela compreensão das raízes do passado. É o conhecimento do passado que garante o sucesso do exercício da cidadania” (ALVEZ, 2009, p. 21).

A função social da história nos textos de Zoroastro Artiaga é um elemento importante que compõe quase todas suas digressões para narrar episódios que não acompanham o simples relato de governo. Ao tratar de um assunto político que envolvia a criação do estado do Tocantins, por exemplo, ele adentra em um passado longínquo em descrições que narram o

patriotismo e o heroísmo do norte de Goiás na conjuntura da independência política do Brasil, em 1822, quando o setentrão goiano promoveu uma revolta que propunha a separação do território do norte goiano:

[...] os rebeldes de Pilar ofereceram um projeto exigindo a navegação do Tocantins. Eram chefes do movimento o padre José Pereira Cabral e João Soares Batista. Como não foram atendidos ligaram-se aos rebeldes do Norte, um movimento de envergadura, destinado a separar o setentrão da província. Em Boa Vista do Tocantins idêntico movimento se fez ostensivamente, tendo à sua frente o líder Teotônio Segurado que em 14 de Setembro de 1821 formou um governo independente do de Goiás, com sede em Cavalcante, Palma ou Arraias o que fosse escolhido para capital. O arraial de S. Felix não concordou e pediu sua união a velha capital. Segurado lançou uma proclamação desligando o Norte do Centro e do Sul de Goiás. Havia a promessa formal de que jamais o Norte voltaria a integrar a capitania de Goiás, nem submeter-se-ia ao Rio de Janeiro (ARTIAGA, 1968, 07 mar., p. 6).

Zoroastro continua sua descrição promovendo a ideia do patriotismo do norte goiano e, ao mesmo tempo, defendendo o projeto de integração nacional. Nota-se, em sua narrativa, o reforço para constatar um registro histórico que legitimasse a separação do norte e a criação do estado do Tocantins. A figura do homem público, que foi tecnocrata do Estado Novo, membro do Conselho Nacional de Geografia e defensor desse projeto, emerge em seu discurso histórico para justificar uma separação territorial:

Os movimentos de Goiás tiveram o arrojo digno dos fortes e dos destemidos. O movimento do Norte estava liderado também pelos patriotas vindos de Pernambuco e de outros pontos do Nordeste. Havia homens capazes de organizarem um bom governo; mas, com as desordens, regressaram aos seus pagos logo depois do 7 de Setembro, e perdemos cérebros (ARTIAGA, 1968, 12 mar., p. 6).

Notoriamente nesse episódio, Zoroastro fornece destaque ao papel do general Cunha Matos e registra:

Cometeria uma grave injustiça se omitisse o nome do general Cunha Matos um dos benfeitores da cultura goiana, que foi uma figura diferente que por aqui andou durante três anos (1823 a 1826). Era militar de curso, mandado para o Brasil-Central para preparar a defesa do nosso território contra possível ataque de forças lusitanas pelo Norte, e interior da Bahia na guerra da Independência (ARTIAGA, 1968, 12 mar., p. 6).

Na tentativa de colocar elementos essenciais que compõem a estrutura esquemática dos marcos episódicos da história goiana segundo sua perspectiva, Zoroastro exprime, em sua narrativa, uma visão de mundo que faz parte de sua geração. Reconstruir a totalidade do passado, sem omitir nenhum nome que pudesse evocar orgulho sob o impulso da necessidade

presente, é um dos objetivos perseguidos para que o seu leitor pudesse recordar sempre o elo com esse passado, não esquecendo e não perdendo a substância da própria vida histórica. Nesse sentido, sua escrita de história empenha-se em reconstituí-la escapando à problematização, aspecto que é bastante evidente quando o autor relaciona os episódios do passado ao presente, como se pode observar em sua abordagem sobre a revolução de 1909. Assim, o olhar do historiador segue os homens envolvidos nas disputas, classificando-os nos papéis de protagonistas, antagonistas e coadjuvantes na descrição de cada episódio narrado. Espectador dos acontecimentos, sua descrição em diversas passagens busca passar a sensação ao leitor das cenas e fatos que sucederam e que ele testemunhou:

O palácio, ao meio dia, enchia-se de filantes do tradicional cafezinho, onde reuniam-se também os políticos e, então, ficava-se sabendo de tudo quanto havia acontecido no dia anterior. A noite, debaixo dos perfumados jasmims do saguão do palácio, trocavam pontos de vista sobre a situação e sobre as possibilidades da organização de uma defesa de emergência. Era ali mesmo que se fazia a caveira dos outros, e destruíam reputações ilibadas. Era a hora dos fuxicos políticos, da informação do “serviço secreto” e das retaliações. Por mera coincidência era ali mesmo que os espiões da revolução recolhiam informações preciosas sobre o que havia sido feito, e onde a “quinta coluna” soube da carta mandada ao Abel Coimbra Ramos, cujo prestígio ia de Rio Verde ao Alemão. Eugênio Jardim morava na Quinta, antigo solar dos Távoras, distante 24 quilômetros do palácio, e sabia de tudo imediatamente pelos positivos a seu serviço presentes à rodinha do saguão. Notícias alarmantes conduziram ao palácio, religiosos e homens prudentes da cidade, para pedirem ao governo proteção e defesa, porque era certa a rebelião, e constava já a notícia que Eugênio tinha marcado a data [...] (ARTIAGA, 1968, 22 jun., p. 8).

Nota-se, nesse excerto, que o objetivo é acentuar, em sua exposição, as virtudes e defeitos dos personagens, reforçando um cenário de intriga em que disputam duas forças. Ao optar por esse tipo de orientação, Zoroastro pouco explora as estruturas de poder que embasavam as famílias dos Caiados e dos Bulhões⁷⁹ e o envolvimento político delas no desenrolar dos fatos. O intuito fulcral é dialogar com o presente conduzindo seu leitor a ir e vir no tempo a fim de estabelecer um elo imediato com o passado, tornando-o presente para justificar seu caráter exemplar:

Esta situação [revolucionária] é aqui incluída e lembrada para que os governos se preparem no tempo de paz e valorizem uma corporação que é destinada a ser o reverbero da lei e manter o prestígio da autoridade. A Força Pública tem sido uma garantia da ordem, e não devemos deixá-la como se achava, porque assim não poderá apresentar eficiência (ARTIAGA, 1968, 25 jun., p. 6).

⁷⁹ Como pesquisado e apresentado por: MORAES, Maria Augusta Sant’Anna. **História de uma oligarquia: os Bulhões**. Goiânia: Oriente, 1974.

Dos 53 artigos mobilizados para tratar da política e administração na história de Goiás no período de 1889-1954, Zoroastro reserva, significativamente, 15 para explicitar o processo revolucionário e o seu caráter exemplar para o presente. Zoroastro sistematiza sua concepção de história utilizando como enredo o episódio político de 1909, em que um governo eleito é deposto do poder à força por supostos revolucionários ligados à oligarquia goiana. Na sua longa descrição, o relato histórico é construído como uma marcha linear e progressiva que articula futuro, presente e passado, evidenciando, com isso, que é essa concepção que possibilitaria a aprendizagem pragmática da experiência pretérita. Por meio da narrativa de um episódio localizado em um passado distante, Zoroastro pretende legitimar uma série de decisões de natureza política, mormente aquelas ligadas às questões do tempo presente, vale dizer, ligadas à ideia de autoritarismo: “O que eles [revolucionários] fizeram poderia ser crime, mas tendo ganho a partida, passaram à categoria de redentores, de salvadores do Estado [...] (ARTIAGA, 1968, 02 jul., p. 7).

Esse mesmo interesse é retomado ao tratar do episódio “Coluna Prestes” em Goiás. Zoroastro dedica seis artigos para descrever o que ele denomina de “Acontecimentos marcantes da vida goiana: relato sobre a Coluna Prestes no Brasil e em Goiás”. Logo no início de sua exposição, ele demarca sua concepção de história ancorada no julgamento e alinhamento político:

A Coluna Prestes em Goiás percorrendo grandes extensões dos nossos sertões. Irei descrever, unicamente, o que concerne ao Estado de Goiás, de vez que esta obra se destina a perpetuar, em letras de forma, os acontecimentos principais da nossa vida pregressa. As razões do fracasso foram patrióticas, isto porque, perceberam os mais prestigiosos, muito a tempo que havia luzes vermelhas nas áreas de atrito, onde pontificava Luiz Carlos Prestes, inteiramente dedicado, e mesmo devotado aos interesses internacionais, como bem declarou, anos depois, no parlamento brasileiro (ARTIAGA, 1968, 19 jul., p. 7).

Este é mais um registro de uma concepção de história que instrumentaliza o passado em função de uma orientação política do presente. Assim, tal perspectiva se distancia dos rastros e representações do passado, e a história se transforma em discurso ideológico embasado na luta contra o comunismo:

Carlos Prestes falava que queria bem ao Brasil, e que se um dia triunfasse a revolução, indenizaria a todos, o que não aconteceu, e até recusou, em 1930, atender a convocação que lhe foi feita para tomar posição. Foi mais tarde Senador, mas, declarou que era marxista, leninista e, se a Rússia brigasse, com o Brasil, ele ficaria com a Rússia. Tal declaração provava que ele não queria bem o Brasil (ARTIAGA, 1968, 24 jul., p. 6).

É muito significativo que um homem público, que registra, em linhas anteriores, uma concepção histórica pautada na neutralidade, posicione-se de forma negativa em relação a figuras políticas e a ideias como democracia, revolução e comunismo:

Nós que estudamos e lecionamos História. Exercemos, sempre que se nos depara uma oportunidade; uma “vingança” apontando políticos e reis que foram austeros conosco à execração pública e ao desprezo dos pósteros, omitindo suas qualidades positivas. Não deixa de ser um ato, de covardia da nossa parte (ARTIAGA, 1968, 24 fev., p. 6).

Portanto, a periodização da história de Goiás nos escritos de Zoroastro Artiaga segue os interesses do presente. Assim, ao se deparar com o passado que ainda pode fragilizar suas relações no presente, muda seu posicionamento de intérprete e recua com seus comentários, retornando à concepção de historiador compilador que se restringe a relatar em poucas linhas o período e os atos de governo. Um exemplo dessa atitude são os relatos curtos dedicados a descrever o período de governança dos Caiados. No conturbado mandato de governador de Goiás de Brasil Ramos Caiado (1925-1929), Zoroastro resume um governo repleto de acontecimentos políticos, em um texto curto sem análise ou reflexões:

O dr. Brasil Ramos Caiado se fez candidato pelo P. Democrata, de que era membro proeminente por insistência de seus amigos, que o assediavam, constantemente, para que se candidatasse à investidura e Goiás assim teria um presidente democrático, dada a sua popularidade, gênio expansivo e médico humanitário da velha capital. Foi eleito e tomou posse na data constitucional, afastando-se uma única vez do exercício, sendo substituído pelo Cel. Castanho, líder democrata de Jaraguá, para ir ao Rio de Janeiro tratar de assuntos ligados ao Estado. Por assumir a presidência, teve que também assumir a responsabilidade de muita coisa errada feita por líderes do seu partido no interior. Tal lealdade aos seus amigos e correligionários, causou-lhe muitos dissabores, respondendo por atos que não autorizou, nem foi consultado pelos que os praticaram. Foram seus secretários Cesar Bastos, Antônio de Oliveira Lisboa, Lincoln Caiado de Castro, Luiz Guedes de Amorim, Constâncio Gomes e Elizeu Taveira. Abriu estradas para o Norte, protegeu a instrução, melhorou o funcionamento de justiça, criou municípios e comarcas e diminuiu impostos cuidou da colonização das terras incultas trazendo alemães, incentivou a navegação do Araguaia fazendo contratos, com Clarindo Moura e Emílio Cleimann, aumentou a força pública do Estado, combateu a revolução restabelecendo a ordem, e praticou outros atos em prol do progresso goiano. Foi eleito senador federal e não tomou, posse por haver sido informado em Uberlândia de que a revolução eclodida no Sul estava já vitoriosa em diversos Estados. Regressou para providenciar a defesa à Goiás. Em 14 de Julho, de 1929 havia deixado o governo por ter completado seu mandato (ARTIAGA, 1968, 30 ago., p. 5).

Zoroastro deixa de explorar os acontecimentos políticos do governo de Brasil Ramos Caiado não por desconhecimento – uma vez que foi espectador e até partícipe de certos fatos

que ocorreram em seu governo, como apresentado no primeiro capítulo desta dissertação – mas, sim, por um “esquecimento induzido” (GELLNER, 2010, p. 148).

Constata-se, com isso, que o pensamento histórico de Zoroastro permeava complexas relações de interesses. Sua escrita de história era mediada pelas paixões políticas. Sua visão esquemática para explicitar o passado inclinava-se a juízos e pretextos de configurar uma imagem da região, e a temática política aparece como fundamental para essa apresentação. Se pensarmos com Goldman (1979) que “uma ideia de obra só recebe sua verdadeira significação quando é integrada ao conjunto de uma vida e de um comportamento”, ficam evidentes as razões de Zoroastro para imprimir seu registro histórico de Goiás. Desse modo, quando ele nos apresenta sua concepção de registrar em “letras de forma” acontecimentos marcantes da vida goiana, ele está definindo o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido e, assim, conferindo sentido ao passado a ser partilhado pela sociedade goiana com base em uma narrativa histórica que assimila interesses e oferece modelos de orientação para o presente. Assim, fundamentado em uma perspectiva didática, Zoroastro Artiaga, em textos curtos dotados de pleno significado, realça a ação dos “grandes homens”. Tal recurso ganha relevo principalmente quando o autor analisa a “Fundação de Goiânia”.

3.3 FUNDAÇÃO DE GOIÂNIA

Como este relato é somente de história, tudo mais foi omitido, porque são acontecimentos de ontem, do conhecimento da população (ARTIAGA, 1967, p. 11).

TITULO	DATA
História de Goiás: História de Campinas	02/04/1968
História de Goiás: O Brasil em 1930	26/07/1968
História de Goiás: A causa da Revolução de 1930	27/07/1968
História de Goiás: Revolução de Outubro em Goiás	28/07/1968
História de Goiás: Milícia política	30/07/1968
História de Goiás: Em perigo a ponte da E. de Ferro entre Anhanguera e Bethout (Parte I)	31/07/1968
História de Goiás: Em perigo a ponte da E. de Ferro entre Anhanguera e Bethout (Parte II)	01/08/1968
História de Goiás: Em perigo a ponte da E. de Ferro entre Anhanguera e Bethout (Parte III)	02/08/1968
História de Goiás: Governo de Pedro Ludovico Teixeira	03/08/1968
História de Goiás: Preparativos para mudança (Parte I)	04/08/1968
História de Goiás: Preparativos para mudança (Parte II)	06/08/1968
História de Goiás: Marcha para constitucionalização (Parte I)	07/08/1968
História de Goiás: Marcha para constitucionalização (Parte II)	08/08/1968
História de Goiás: Marcha para constitucionalização (Parte III)	09/08/1968
História de Goiás: Lançamento da pedra fundamental	25/08/1968
História de Goiás: O Estado Novo em Goiás	27/08/1968
História de Goiás: O Estado Novo em Goiás	28/08/1968
História de Goiás: Ditadura judiciária	29/08/1968
História de Goiás: Batismo cultural da cidade cinco de julho de 1942	30/08/1968

Quadro 3. Fundação de Goiânia

Se considerarmos que a política é a ossatura da narrativa histórica de Zoroastro Artiaga, Goiânia se transforma em tema fundamental. Assim, servindo-se de sua própria experiência individual e enfatizando a perspectiva já trabalhada em seus livros⁸⁰ e no de autores como Monteiro (1938), Teixeira (1966) e Câmara (1967), Zoroastro constrói um discurso fundador em que explicita os motivos políticos e sociais de se construir Goiânia. Palacín (1976) explica que tais argumentos foram expostos pelo próprio governador Pedro Ludovico e que foram repetidos, incansavelmente, pelos homens que o acompanhavam:

Goiás não pode ser capital do Estado – urge, construir nova capital para o progresso do Estado. O requisitório contra Goiás já nos é bem conhecido: o clima e as péssimas condições higiênicas – sem água, sem esgotos, sem espaço vital –, luz e o força caríssimas, as mais caras de toda nação, péssimas comunicações. Uma cidade sem vida própria, parasita vivendo às custas do Estado (PALACÍN, 1976, p. 30).

Conforme já apresentado nesta dissertação, Artiaga teve seu momento de notoriedade no período em que foi aliado ao grupo político de Pedro Ludovico, responsável pelo projeto de integração de Goiás com o Brasil. A experiência oligárquica, narrada por Zoroastro, é, suspeitamente, avaliada como o “fracasso” da experiência republicana em seu nascimento prematuro:

[...] a república chegou aqui antes da hora. É uma planta delicada, medicinal, que arrancada antes do tempo passa a ser tóxica. Não viceja em terra pobre. Nunca floresce, e em vez da natural exuberância torna-se uma simples praga da vida vegetal. Em lugar de flores e frutos, nossa plantinha deu espinhos devido às plantas más que nasceram junto dela, venenosas ou como a ortiga (ARTIAGA, 1968, 09 ago., p. 6).

Desse modo, a Revolução de 1930, na perspectiva do intelectual, foi necessária para o progresso brasileiro, uma vez que incorporara organicamente novas associações do nacional ao regional, revigorando uma ideia de abasileiramento. A Revolução de 1930 e o Estado Novo marcaram, segundo ele, uma nova etapa para a sociedade goiana. Pedro Ludovico aparece, assim, em sua escrita como o herói, o exemplo para a região. Sua conduta e seus feitos são romantizados a fim de que o leitor reconheça na figura o estadista goiano:

Pedro Ludovico, em 1930, apareceu como os antigos espadachins invencíveis de que a História nos fala, [...] veio como missionário munido de armas espirituais das virtudes cívicas e morais, para desmontar uma anquilosada oligarquia que emperrava o progresso e o desenvolvimento de Goiás, colocado em último lugar entre as unidades da federação brasileira (ARTIAGA, 1968, 18 jun., p. 7).

⁸⁰ *Monografia corográfica e histórica da Nova Capital de Goiaz* (1949) e *História de Goiás* (1959; 1961).

[...] posso atestar que Pedro Ludovico não abusou jamais do poder, nem castigou aqueles que o desrespeitaram quando preso na cadeia de sua cidade. Essa atitude mais o elevou na estima e consideração do público (ARTIAGA, 1968, 09 ago., p. 6).

Na descrição da figura do líder que chefiou Goiás “rumo ao progresso” está estampada a ideia de ruptura com o passado e com o tecido cultural antigo, urdido com a velhice retrógada do modelo oligárquico. A construção de Goiânia, sob essa perspectiva, torna-se o marco fundador de um novo Goiás, o símbolo capaz de reorganizar a própria experiência histórica da região.

O regionalismo goiano de Zoroastro Artiaga se vincula, desse modo, a seu compromisso como tecnocrata e publicista a serviço do estado. Esse sentido se destaca no discurso de fundação de Goiânia e no elenco de um repertório de valores e de significações voltadas para a construção do novo marco de referência para a região:

[...] Ninguém poderá ofuscar a sua glória [Pedro Ludovico], nem mesmo empalidecer o brilho de sua atuação progressista, eficiente e humanitária. Encerro aqui este quarto tomo da História de Goiás, abstendo-me de prosseguir no relato dos fatos históricos recentes, que são do conhecimento desta geração. A partir de Pedro Ludovico, compete aos jovens que se preparam atualmente nas universidades descrever o que os outros fizeram, e por certo farão muito melhor do que estou fazendo, por todos os motivos. Meu objetivo com este trabalho é dar aos jovens estudantes, professores e professoras conhecimento dos anais goianos, para que eles tenham aquilo que eu não tive, como estudante das coisas de Goiás (ARTIAGA, 1968, 05 set., p. 10).

Assim, a fundação de Goiânia representaria, para o autor, um evento de maior envergadura, pois que se conecta aos ideais nacionalistas:

[...] Goiânia deu exemplo ao país, e possibilitou a construção de Brasília, provando que um grupo de homens abnegados bem comandados poderia realizar o milagre que ai está. Também deu à nação uma equipe notável de homens trabalhadores competentes e destemidos que, mudando-se para o campo da luta, deram a JK em condições de vitória uma área livre, limpa de obstáculos jurídicos e preparada para a apoteose da transferência. Esta equipe ficou constituída: de José Ludovico, Coimbra Bueno, Altamiro Pacheco, Bernardo Saião, Domingos Juliano, Inácio Bento Segismundo de Meio e outros bravos de Goiás dos quais nos orgulhamos (ARTIAGA, 1968, 11 abr., p. 4).

Entretanto, não é somente o caráter nacionalista que Zoroastro procura demarcar ao abordar o registro histórico da fundação de Goiânia. Em sua descrição exaustiva dos acontecimentos que cercaram sua fundação, ele apresenta um relato focado nas dificuldades sofridas pela equipe de Pedro Ludovico para construir e mudar a capital de Goiás – nota-se, com isso, que ele acompanha os acontecimentos do gabinete do interventor Pedro Ludovico.

Distante de uma postura imparcial, sua história permeia interesses no qual busca consagrar o seu próprio nome no curso da mudança:

Tudo correu maravilhosamente [Fundação de Goiânia]. Foram considerados co-fundadores de Goiânia, todos os que ajudaram no, período de construção da cidade e participaram das lutas que **enfrentamos**, de 1933 até 5 de Julho de 1942: Venerando de Freitas Borges, Colemar Natal e Silva, Solon E. de Almeida, **Zoroastro Artiaga** João Setúbal, Vasco dos Reis Gonçalves [...] (ARTIAGA, 1968, 06 mai., p. 10, grifo nosso).

Zoroastro, que viveu o processo e foi partícipe dele, faz, assim, apologia a todos os atos de governo praticados por Pedro Ludovico, além de citar e referendar os nomes dos que o apoiaram (atitude contrária quando diz respeito a destacar ou enfatizar nomes da oposição, desqualificando-a com isso). Em alguns momentos, aliás, o seu texto se torna uma enorme e sucessiva lista de nomes de personalidades favoráveis a Ludovico. Artiaga tampouco deixa de destacar seu trabalho à frente do museu e incitar uma crítica ao contexto político do presente:

O Interventor pôs logo em dia os pagamentos ao funcionalismo e mandou, dias depois, pagar o abono de Natal, constituindo isso uma alegria geral, dada a penosa situação dos funcionários públicos. Foi também o criador do Departamento Estadual de Cultura, o famoso “DEC”, que tanto fez progredir a cultura do Estado, na sua primeira fase. **Criou o Museu do Estado que foi por muito tempo um orgulho do povo goiano** (ARTIAGA, 1968, 29 ago., p. 10, grifo nosso).

Ao conjugar no pretérito as glórias do museu, Zoroastro dialoga diretamente com o tempo presente. O Museu – como apresentado no primeiro capítulo desta dissertação – foi descrito, em uma reportagem feita pelo jornal *Cinco de Março*, como “abandonado” e em estado de calamidade, e a figura pública de Zoroastro – que durante quase 20 anos fora diretor do museu –, destacada como injustiçada pelo poder público por ter sido demitido de sua função. A frase emprestada de Americano do Brasil – “Apenas teve nos anais da história a moeda falsa que se chama glória” –, citada por Zoroastro em diversas passagens de seus artigos, busca ilustrar uma concepção de história antiga em que competia ao registro histórico documentar as glórias passadas. Todavia, para Zoroastro, a glória tornara-se moeda falsa, uma vez que não fora reconhecida no presente. Por isso sua insistência em afirmar que cabia ao historiador zelar pelo valor dessa moeda especialmente quando nela estivesse cunhada o sentimento nacionalista, conforme ocorreu quando os goianos se mobilizaram em defender a interiorização da capital federal.

3.4 CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA E A TRANSFERÊNCIA DA CAPITAL

Queriam mudar a capital da República para o Triângulo Mineiro, e Brasília só foi possível graças aos bons goianos que tudo fizeram para livrar a República do caos (ARTIAGA, 1968, 06 mai., p. 3).

TÍTULO		DATA
História de Goiás:	Relatório ao Presidente da República (Parte I)	10/08/68
História de Goiás:	Relatório ao Presidente da República (Parte II)	11/08/68
História de Goiás:	Relatório ao Presidente da República (Parte III)	13/08/68
História de Goiás:	Relatório ao Presidente da República (Parte IV)	14/08/68
História de Goiás:	Relatório ao Presidente da República (Parte V)	15/08/68
História de Goiás:	Relatório ao Presidente da República (Parte VI)	16/08/68
História de Goiás:	Relatório ao Presidente da República (Parte VII)	17/08/68
História de Goiás:	Relatório ao Presidente da República (Parte VIII)	18/08/68
História de Goiás:	Conferência por mim feita no Rotary Clube de Goiânia em prol da mudança da capital em 06.08.1953. Relatório ao Presidente da República (Parte I)	20/08/68
História de Goiás:	Conferência por mim feita no Rotary Clube de Goiânia em prol da mudança da capital em 06.08.1953. Relatório ao Presidente da República (Parte II)	21/08/68
História de Goiás:	Conferência por mim feita no Rotary Clube de Goiânia em prol da mudança da capital em 06.08.1953. Relatório ao Presidente da República (Parte III)	22/08/68
História de Goiás:	Conferência por mim feita no Rotary Clube de Goiânia em prol da mudança da capital em 06.08.1953. Relatório ao Presidente da República (Parte IV)	23/08/68
História de Goiás:	Conferência por mim feita no Rotary Clube de Goiânia em prol da mudança da capital em 06.08.1953. Relatório ao Presidente da República (Parte V)	24/08/68

Quadro 4. Construção de Brasília e a transferência da capital

Ao retratar a mudança da capital federal do Brasil e a construção de Brasília, o último marco histórico político relacionado em sua narrativa – porém, não menos importante –, Zoroastro modifica o foco narrativo de terceira para primeira pessoa, registrando na íntegra sua preleção no Rotary Clube de Goiás na década de 1950. A estratégia é recorrer ao seu papel de agente e testemunha do processo de interiorização da capital federal buscando a racionalização de explicações causais em inferências de base histórica. O propósito, sobretudo, é elucidar, exemplificar, trazer imagens, verdades, a impressão do verídico, “empurrando um futuro pela frente que nos dão a sensação de estarmos dentro de uma história de um mundo conhecido” (ORLANDI, 1993, p. 12).

[...] e irei fazer agora uma palestra histórica, confiado na vossa benevolência e na vossa tolerância, porque é o fruto de uma devoção patriótica, de um amor acendrado à nossa terra [...] Fazendo abstração de uma descrição histórica entre a chegada de D. João VI no Brasil e a nomeação da Comissão de 1953, tudo isto no conhecimento da juventude brasileira, que breve terá as responsabilidades de lutar pela efetivação do ideal ao qual estou servindo e convocando-a desde muito, mobilizando a classe universitária brasileira para a arena, a fim de combater e destruir os inimigos da Pátria, irei falar-vos unicamente dos perigos e das cidades que o nosso país está sujeito, assim exposta a capital aos ataques dos eventuais inimigos, que o mundo moderno vem criando para as nações incautas e subdesenvolvidas. Falarei a respeito das vantagens e das consequências da interiorização; bem como sobre a sobrevivência nacional, se pudermos resolver, a tempo e com juízo, os problemas da defesa militar. Analisarei aspectos econômicos, políticos, sociais e morais da

mudança, que considero medida inadiável de salvação nacional. Tais preocupações tiveram as suas raízes no passado, quando a Família Real, obrigada a tomar navios às pressas requisitados a particulares, a fim de fugir da invasão francesa abandonou a capital portuguesa em busca do Brasil, acautelando-se então pela imensidade das distâncias, valendo-se da paisagem, e do espaço geográfico, que fica entre Lisboa e Salvador. [...] Devemos cuidar, sem demora, da interiorização [...] Quando isto, acontecer uma civilização se expandira pelo vasto araxá do Brasil, realizando então a marcha triunfal do progresso através dos sertões e fecundando as vastas faixas que têm atualmente vazios demográficos alarmantes. Até então, a marcha para o Oeste não terá sentido prático, e não terá passado de um belo sonho lançado depois da inauguração de Goiânia, que foi a primeira concretização integral desse plano maravilhoso (ARTIAGA, 1968, 24 ago., p. 7).

Seu discurso dá relevo à participação goiana no processo da transferência da capital, enquanto a documentação⁸¹ oficial relativa à história da mudança omite esse envolvimento, conforme aponta os estudos de Oliveira (2005). No artigo “A contribuição de Goiás na interiorização da capital federal”, Zoroastro Artiaga acentua o relevante papel dos goianos⁸² na construção de Brasília com o claro objetivo de despertar no leitor o sentimento patriótico e o orgulho de que “[...] Goiás muito lutou pelo ideal, e tudo fez para concretizá-lo, como é de meu dever relatar” (ARTIAGA, 1968, 24 ago., p. 7).

Em seus textos, o intelectual incorpora uma percepção individual própria ao relato dos fatos, com base no que viu, ouviu ou que tomou conhecimento pela leitura. Nesse sentido, o historiador organiza o tempo histórico por meio da lógica da inclusão, “que pretendia romper a posição insular do sertão goiano” (SANDES, 2001). É nesse escopo que se organiza uma memória histórica e um sentimento regional que dão corpo a um novo conhecimento coletivo que consiga ser culturalmente conhecido por determinado grupo em certo contexto social:

⁸¹ Coleção Brasília publicada em 18 títulos pelo Serviço de Documentação da Presidência da República entre os anos de 1958-1960 organizados a pedido do próprio presidente Juscelino Kubitschek.

⁸² Importante destacar que, ao lembrar o papel de alguns goianos na transferência da capital federal, Zoroastro esquece o papel de outros; por exemplo, a curiosa história do questionamento do eleitor Toniquinho da cidade Jataí (GO) ao então candidato à Presidência da República, Juscelino Kubitschek, em 4 de abril de 1955. Perguntado pelo respectivo eleitor se, caso eleito, o candidato mudaria a capital para o Planalto Central, como previsto na Constituição, o candidato afirmou que cumpriria na íntegra a Carta Magna, fazendo a mudança da sede do governo construindo a nova capital. Esse episódio de campanha rendeu um envolvimento da imagem do presidente Juscelino Kubitschek com a cidade de Jataí, que é cultuada até hoje pelo monumento “Memorial JK”, criado em 2003 pela prefeitura do município para rememorar os laços de amizade estabelecidos entre a cidade e o “construtor” de Brasília. Acreditamos que o esquecimento de Zoroastro com esse acontecimento deve-se à pouca relevância que teve no contexto político, além, é claro, de ser um fato descontextualizado de todo movimento que os políticos e intelectuais goianos já vinham fazendo desde os entusiasmados textos da revista *A Informação Goyana*. Segundo o historiador Ronaldo Costa Couto (2011), a reação de Juscelino não foi de surpresa, “a decisão já estava tomada. O que houve em Jataí foi o anúncio do histórico compromisso do candidato. [...] político hábil e pragmático, consciente da forte resistência à mudança da capital, principalmente no Rio, preferiu não tomar a iniciativa de revelá-la. Melhor fazê-lo perto do local previsto, ‘surpreendido’ por justa e espontânea cobrança popular. Coisa fácil de combinar ou induzir a decisão de mudar a capital federal já estava tomada quando o então candidato fez seu pronunciamento em Jataí” (COUTO, 2011, p. 130). De certo modo, podemos ainda argumentar que a animada história da decisão de mudar a capital federal ocorrida em Jataí, apesar de grande importância para a memória do município, não favorece o destaque do papel dos goianos na construção de Brasília, ao contrário, o aclamado episódio serviu – e ainda serve – para enaltecer a figura de Juscelino Kubitschek no sucedido.

Lutei com veemência para que usassem nomes históricos dos nossos grandes homens para perpetuarmos as respectivas memórias em estações ferroviárias, uma vez que ainda não conseguimos erguer-lhes monumentos. [...] No Brasil acostumamos a homenagear ídolos de barro, verdadeiros “ilustres” desconhecidos, porque políticos e homens poderosos impuseram mediocridades por parentesco, aquelas imerecidas consagrações. Deixando sempre de lado os grandes valores nossos, a prata de casa esquecendo de os recomendar, aos vindouros e aos chegantes, que nada conhecem dos nossos vultos do passado, para homenagearmos estranhos, que nada fizeram pela nossa terra. Americano do Brasil que foi um dos maiores homens de Goiás, filho ilustre da respeitável de Silvânia, não tem tido entre os goianos, a menor reverência. Ele mesmo escreveu que “os grandes que beneficiaram Goiás estão enterrados no túmulo do esquecimento, na vala comum do soldado desconhecido” Para o Anhanguera, ele dedicou as seguintes palavras como epitáfio: “Apenas teve nos anais da História a moeda falsa que se chama glória” (ARTIAGA, 1968, 24 abr., p. 6).

Zoroastro, ao fazer esse comentário apelativo para um dever de memória⁸³, registra o “anseio prioritário da memória política ou oficial. A aliança entre dominação e memória, característica para esse caso, manifesta-se positivamente no surgimento de formas elaboradas do saber histórico” (ASSMANN, 2011, p. 151). Na negociação com o passado, ele estrutura uma escrita marcada pelo tradicional viés de cultuar os “grandes vultos do passado”, uma vez que, para ele, os mortos “não [tinham] tido entre os goianos a menor reverência”.

3.5 CONSTRUÇÃO BIOGRÁFICA DE GRANDES VULTOS CULTURAIS E POLÍTICOS PARA A HISTÓRIA GOIANA

Os heróis estão sendo esquecidos. Quase ninguém tem tempo para gratidão, usufruindo o benefício, sem se preocupar com o benfeitor (ARTIAGA, 1968, 06 mai., p. 3).

TÍTULO	DATA
História de Goiás: Americano do Brasil	19/01/1968
História de Goiás: História da Dona Damiana da Cunha	12/04/1968
História de Goiás: Biografias	07/05/1968
História de Goiás: Biografia de Goianos ilustres – Félix de Bulhões	08/06/1968
História de Goiás: Goianos na Revolução de 1894 (Parte I)	09/06/1968
História de Goiás: Goianos na Revolução de 1894 (Parte II)	11/06/1968
História de Goiás: Biografia de José Leopoldo de Bulhões	15/06/1968
História de Goiás: Doutor Borges dos Santos	13/07/1968
História de Goiás: Matias Joaquim da Gama e Silva (Parte I)	14/07/1968
História de Goiás: Matias Joaquim da Gama e Silva (Parte II)	16/07/1968
História de Goiás: Matias Joaquim da Gama e Silva (Parte III)	17/07/1968
História de Goiás: Matias Joaquim da Gama e Silva (Parte IV)	18/07/1968
História de Goiás: Homens importantes de Goiás	19/10/1968

⁸³ Nesse caso, a ideia de dever de memória está sendo empregada por Zoroastro como uma ação na qual ele procura afirmar suas memórias individuais no espaço público, como pressuposto de “efeitos concretos nos domínios da política e da justiça” (HEYMANN, 2007, p. 20).

História de Goiás:	Honestino Guimarães	20/10/1968
História de Goiás:	Joaquim Bonifácio de Siqueira	22/10/1968
História de Goiás:	Pioneiros Goianos: Mestre Osório (Parte I)	31/10/1968
História de Goiás:	Pioneiros Goianos: Mestre Osório (Parte II)	01/11/1968
História de Goiás:	Pioneiros Goianos Ernesto Batista de Magalhães	02/11/1968
História de Goiás:	Pioneiros de Goianésia	26/11/1968
História de Goiás:	Pioneiros de Rio Verde	03/12/1968
História de Goiás:	Pioneiros de Anicuns	06/12/1968
História de Goiás:	Pioneiros de Tocantinópolis	10/12/1968
História de Goiás:	Pioneiros e Protetores de Aruanã	11/12/1968
História de Goiás:	Pioneiros de Iporá	12/12/1968
História de Goiás:	Pioneiros de Iporá	13/12/1968
História de Goiás:	Corumbá de Goiás: Dr. Alfredo Augusto Curado Fleuri	17/12/1968
História de Goiás:	Pioneiros de Aloândia	19/12/1968
História de Goiás:	Pioneiros de Amaro Leite	20/12/1968

Quadro 5. Construção biográfica de grandes vultos culturais e políticos para a história goiana

A geração de Zoroastro Artiaga considerava a história da nação um aglomerado de lições úteis para o presente e para o futuro do país. Desse modo, destacam uma coleção de exemplos que mereciam ser lembrados e, talvez, até imitados. Ao fazer os breves relatos biográficos de cada personagem, Zoroastro expõe ao leitor os agentes históricos de acordo com sua perspectiva da história. Em outras palavras, nas relações dos feitos e dos trabalhos desses personagens, o autor busca assegurar uma construção subjetiva na composição de um quadro de protagonistas da história goiana. Tal modelo de história tem raiz no projeto historiográfico do IHGB. Segundo Oliveira (2010):

O culto dos grandes homens no contexto oitocentista implicava, portanto, a nacionalização da figura do herói, ou seja, os varões distintos seriam eleitos, antes de tudo, como grandes patriotas, valorosos por terem escrito uma página gloriosa da biografia da nação. Tal perspectiva foi notadamente explicitada pelos letrados do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro desde o momento de formulação de seu projeto historiográfico (OLIVEIRA, 2010, p. 285).

Zoroastro filiava-se a esse modelo na medida em que, para sua história ser completa, era preciso que a nação, a região, conservasse as “indelévels” imagens e figuras de seus membros mais distintos. A história, nessa concepção, tinha de cumprir o papel de louvar e dignificar a memória dos homens que, no delinear de suas vidas, desempenharam ações para o progresso do estado. Esse tipo de história que contempla protagonistas e tem caráter biográfico, é verificado também, de maneira flagrante, nos trabalhos de seus conterrâneos Americano do Brasil, Colemar Natal e Silva e Joaquim Bonifácio de Siqueira. Assim, tal como seus predecessores, Zoroastro, em diversos pontos, associa os episódios particulares de determinados indivíduos tidos como protagonistas com o próprio processo histórico.

Nesse sentido, a história, considerada como o “último livro da evolução social” (ARTIAGA, 1968, 19 jan., p. 6), tem o compromisso de lembrar o nome daqueles que

compõem a comunhão de um passado que perdura através do tempo, explorando e ilustrando a excelência do homem comum, o sujeito “benévolo”, um intelectual, jurista, médico, político que, ao mesmo tempo, é um pai de família:

Mestre Osório Raimundo de Lima, de Paraúna, uma figura respeitável de homem patriota do interior, que a tantos vem beneficiando, desde sua mocidade, tendo residido em diversas localidades do Oeste goiano, e do Centro Oeste, onde constituiu família e prestou relevantes serviços à coletividade. [...] Mestre Osório Raimundo de Lima sempre foi um exemplar pai de família, um cidadão desprendido e afeito exclusivamente ao próximo, tudo fazendo pela paz e harmonia da família goiana e dos que procuraram Goiás, vindos de outras paragens para viverem a nossa vida em comum (ARTIAGA, 1968, 31 out., p. 6).

Por essa razão, na construção dessas biografias, Zoroastro evita o uso de polêmicas para descrever seu protagonista. Cada nome era meticulosamente selecionado no movimento de lembrar e esquecer, seguindo a direção do caráter nacionalista de sua história. Suas biografias carregam subjetivamente a ideia de promover a educação pelo exemplo. Nesse aspecto, a narrativa de Zoroastro ia ao encontro dos valores do regime implantado com o golpe de 1964, onde a história fora oportunamente mobilizada para apregoar lições patrióticas:

[...] Os pioneiros fundadores incentivadores e descobridores, como era uso falar no tempo dos descobrimentos, devem ser lembrados para serem homenageados nas escolas nos ginásios, os Grupos escolares, nas placas que denominam ruas e avenidas, nos livros que ensinam a História e a Geografia, porque é um dos maiores deveres cívicos e prova de cultura por parte de uma mocidade. Tolstói sempre repetia que todo homem deve amar a sua terra, deve descrevê-la e deve pinta-la. Os jovens de Goiás também deve conhecer os pioneiros de suas cidades, e guardar deles uma lembrança respeitosa (ARTIAGA, 1968, 10 dez., p. 6).

A geração atual desconhece a maior partes dos nomes de homens ilustres do nosso Estado, que tanto honraram e dignificaram à nossa cultura e engrandeceram à nossa sociedade. Ainda não vi a menor demonstração, por parte dos responsáveis pelo zelo da História de Goiânia, de reconhecimento público para homenagear ou recomendar, dos pósteres ilustres, os efeitos gloriosos que praticaram em nosso Estado, destacando seus nomes perante a mocidade atual, que não estuda a nossa vida pregressa. Por isso mesmo tenho me devotado a divulgação das coisas não só da antiga capital como do interior [...] (ARTIAGA, 1968, 17 dez., p. 6).

Ao registrar as contribuições dos grandes goianos do passado, Artiaga apresenta uma história interessada, que, por um lado, fazia-se necessária em virtude de suas vinculações políticas e de suas inclinações práticas, e, por outro, porque, por intermédio dessas biografias, comprovava-se a conduta de exemplo do patriotismo e regionalismo, marcas que se fazem presentes em todo contorno de sua narrativa. O texto histórico em sua perspectiva tem, assim, o dever de efetuar o registro dos grandes vultos e a “função análoga ou senão idêntica à do túmulo e aos dos ritos de recordação” (CATROGA, 2001, p. 44). Conforme explicita Certeau

(1982), a convocação discursiva procurando a racionalidade sobre o dever de evocar o ausente assume o papel de marcar um passado e dar, como no cemitério, “um lugar aos mortos e permitir às sociedades situarem-se simbolicamente no tempo; mas é, também, um modo subliminar de redistribuir o espaço dos possíveis e indicar um sentido para a vida dos vivos” (CERTEAU, 1982, p. 107).

A escrita da história, dessa forma, cumpre a tarefa de honrar e pagar as dívidas do presente em relação ao que já não é. O que lhe permite desempenhar um papel contra o esquecimento e, por conseguinte, contra a degradação dos valores morais e cívicos que os grandes vultos representam. Assim, como traço fecundo de todo movimento de imaginar a região, as biografias desses homens traziam quase sempre um elemento em comum, os valores cristãos. E é tratando desse tema que Zoroastro mobiliza sua escrita de história para relatar a trajetória e a importância da Igreja Católica na formação dos valores morais e cívicos dos goianos.

3.6 HISTÓRIA DA IGREJA CATÓLICA EM GOIÁS

A História de Goiás está cheia de acontecimentos em que tiveram participação integral os membros da Igreja, em todas as coisas, quando éramos, ainda, um mundo bárbaro primário (ARTIAGA, 1951, p. 81).

TÍTULO	DATA
História de Goiás: Padre Bartolomeu Marques (Parte I)	03/03/1968
História de Goiás: Padre Bartolomeu Marques (Parte II)	05/03/1968
História de Goiás: Padre Bartolomeu Marques (Parte III)	06/03/1968
História de Goiás: Dominicanos benfeitores de Goiás: ação civilizadora da Igreja e do Clero	06/09/1968
História de Goiás: Padres pioneiros dos primórdios de Goiás	24/09/1968
História de Goiás: Como os religiosos encontraram o norte julgado – De natividade e julgado de Porto Nacional (Real)	25/09/1968
História de Goiás: Bispados de Goiás	26/09/1968
História de Goiás: Governo de Dom Domingos Quirino de Sousa (Parte I)	27/09/1968
História de Goiás: Governo de Dom Domingos Quirino de Sousa (Parte II)	28/09/1968
História de Goiás: Governo de Dom Domingos Quirino de Sousa (Parte III)	29/09/1968
História de Goiás: Via Sacra, visita pastoral e excursões	01/10/1968
História de Goiás: História da Igreja em Goiás	02/10/1968
História de Goiás: Romaria de Barro Preto Sacrilégio (Parte I)	03/10/1968
História de Goiás: Romaria de Barro Preto Sacrilégio (Parte II)	04/10/1968
História de Goiás: Fato Virgem e Goiás	05/10/1968
História de Goiás: Preparativos para uma chacina	06/10/1968
História de Goiás: Visita pastoral ao Norte (Parte I)	08/10/1968
História de Goiás: Visita pastoral ao Norte (Parte II)	09/10/1968
História de Goiás: D. Eduardo no Araguaia e depois em Roma (Parte I)	10/10/1968
História de Goiás: D. Eduardo no Araguaia e depois em Roma (Parte II)	11/10/1968
História de Goiás: D. Prudêncio Gomes Silva (Parte I)	12/10/1968
História de Goiás: D. Prudêncio Gomes Silva (Parte II)	15/10/1968
História de Goiás: D. Prudêncio Gomes Silva (Parte III)	16/10/1968
História de Goiás: Dominicanos em Goiás	17/10/1968
História de Goiás: A ação do clero na cultura goiana	18/10/1968

Quadro 6. História da Igreja Católica em Goiás

Na geração de Zoroastro Artiaga, não era incomum o aparecimento de valores cristãos como preceitos para explicar a razão de ser brasileiro ou ser goiano. Americano do Brasil e Colemar Natal e Silva, por exemplo, incluem a dimensão religiosa como recurso para a explicação do passado goiano. Tal procedimento está presente também entre os intelectuais do IHGB, como Varnhagen, autor de *História Geral do Brasil* (1854-1857), que, além de uma “concepção providencialista e metafórica da história, exaltou a contribuição da religião como um instrumento civilizador” (HRUBY, 2009, p. 59). E se avançarmos até o início do século XX, veremos, na obra de Serafim Leite, *História da Companhia de Jesus na província do Brasil* (1938-1949), esse mesmo contorno realçando o sentido valorativo para a questão religiosa na escrita da história. Em Goiás, antecedendo Zoroastro Artiaga, o cônego José Trindade da Fonseca e Silva, em sua obra *Lugares e pessoas: subsídios eclesiásticos para a história de Goiás*, primeira edição em 1948, utiliza o mesmo recurso ao associar o catolicismo à história de Goiás. Dando sequência a essa tradição, Zoroastro Artiaga exalta:

Os sacerdotes católicos prestaram relevantes serviços à coletividade na formação moral e social de Goiás, nos princípios da nossa terra, e muitos deles foram sacrificados no sacratíssimo cumprimento de seus deveres cristãos. Por essa razão é dever de todo historiador destacar as suas atividades na formação goiana, como elemento civilizador.[...] Muito interessante é o registro para conhecimento dos homens do futuro das atividades religiosas dos primórdios de Goiás; e por isso mesmo, transplanto para este trabalho, como era Natividade e Porto Nacional, por volta de 1828, quando a mineração empolgava o aventureiro nordestino, e os frades jesuítas foram os primeiros a levarem a palavra de Jesus ao setentrião de Goiás [...] (ARTIAGA, 1968, 24 set., p. 6).

Ao destacar, em sua narrativa, a organização da Igreja Católica no território goiano, Artiaga pretende mobilizar um sentimento de gratidão pela presença do catolicismo em terras goianas como sinal de um destino. A perspectiva religiosa em sua obra pode ser relacionada, ainda, ao próprio veículo em que publicava seus artigos. Certamente, os leitores que acompanhavam a sua coluna estavam associados ao sentimento religioso presente na região. Assim, a escrita da história de Goiás cumpriria o papel de reforçar o zelo pela tradição histórica associada à devoção pela Igreja Católica.

Nesse sentido, sua escrita atende a duas direções: a primeira, que visa à elaboração de uma história total – premissa apontada pelo próprio Artiaga quando se coloca no papel de preencher as lacunas deixadas pelos seus predecessores, incluindo, nesse caso, o próprio Silva (1948); e a segunda, que se insere no contexto político do nacionalismo que domina o presente.

Note que, no conjunto de toda sua escrita de história, é a primeira vez que o tema religioso aparece como questão para conjecturar o passado. O foco de Zoroastro em apresentar a história da Igreja Católica em Goiás concentra-se em descrever o papel que esta teve na pacificação dos índios, bem como na tarefa evangelizadora e na educação dos goianos. Além disso, Zoroastro procura destacar as tradições das festividades religiosas presentes na região, como a romaria de Trindade, e realçar a figura dos grandes eclesiásticos que passaram pela terra goiana. Todo esse preâmbulo que sacraliza o religioso nas marcas fundacionais da história goiana postula um gesto de advertir o presente para o “perigo vermelho”. No trecho a seguir, ao relatar a saga de D. Eduardo e descrever as decepções que o eclesiástico sofreu no território, Zoroastro denota que:

[...] D. Eduardo sofreu uma decepção, isto porque os mais convidaram-no foram os que se esquivaram quando S. Excia. para ali se transferiu. O que lhe valeu foi o Triângulo em geral e os frades dominicanos que tiveram Uberaba como suas província. Foi muito culpado disto o escrito irreverente e materialista de Cunha Matos, que era positivista, e foi um dos agressores do padre Perestrelo sem cogitar da sua ação moralizadora, com riscos de vida e prisão, por profligar a incontinência desregrada e escandalosa dos líderes que viviam em Vila Boa. Tais escritos estavam imbuídos das ideias novas espalhadas na velha Europa, contida na exótica doutrina do culto à deusa da razão, pregando à mocidade por Chaumette, sendo que em Paris na ocasião, fizeram procissões conduzindo em andor uma mulher despida representando a citada deusa. Outras doutrinas de importação mal compreendidas e mal difundidas, exaltavam o materialismo histórico. **São lamentáveis que a História registre os desatinos praticados na igreja de Notre Dame após a queda da Bastilha, onde entronaram a deusa da razão.** Não é pois de se estranhar que, em Goiás quem acompanhava pela vinculação espiritual e cultural importada pela literatura da época houvesse fatos deprimentes dessa ordem. Desse enciclopedismo que tanto inflamou a mocidade goiana quiçá à intelectualidade brasileira, **tal como está acontecendo atualmente em toda a terra**, filosofias que apaixonam e fazem fanáticos, tal como fizeram em Paris, em 4 de Maio de 1791, quando fora quebrada a ampola de azeite com que se ungiam os reis sendo queimado o retrato de S. S. O Papa em frente ao palácio real como demonstração de hostilidade à realeza, ao clero e à nobreza. Em 1871 vimos triunfante em parte a Comuna de Paris que queria quebrar o regime e implantar o comunismo, logo após a sangrenta revolução quando terminou o cerco da cidade com fuzilamento do Arcebispo de Paris. Simão Mever **ergueu a primeira bandeira vermelha a mesma que tremula em vários países europeus e asiáticos, sem religião e com base no materialismo histórico de Karl Marx** (ARTIAGA, 1968, 11 out., p. 6, grifo nosso).

Mais uma vez, Zoroastro Artiaga enquadra os acontecimentos do passado em sua conservadora visão do presente; para ele, a defesa do “patriotismo cristão católico” deve se contrapor à “bandeira vermelha sem religião”. O Estado, nessa concepção, deixa de ser laico para, juntamente com a religião cristã católica, repugnar o “ateísmo comunista”.

Essa abordagem de Zoroastro reproduz o discurso integralista⁸⁴ atualizado pelas demandas do regime militar instalado em 1964. Sua leitura precisa do passado que busca ordenar o presente se apresenta nos temas históricos mobilizados para escrever a história de Goiás. Seu esforço em reconstituir cenários e imagens da história de Goiás funciona como uma ficção-diretriz⁸⁵ dos destinos da terra goiana. Assim, a viagem e os motivos de Bartolomeu Bueno no movimento bandeirante, os governos e governantes da Província, a Fundação de Goiânia e as biografias dos grandes goianos e história da Igreja Católica em Goiás são balizas para se pensar e escrever sobre o passado. Os enunciados sublinham os sentidos sobre o que dizer da história de Goiás no período colonial, no período republicano e alcançando o Estado Novo de Vargas.

3.7 ZOROASTRO ARTIAGA: VISÃO DE HISTÓRIA E LEGADO HISTÓRICO

Nos escritos de Zoroastro Artiaga é notória a reação do autor à visão negativa acerca da região presente na percepção dos cronistas do século XIX ao selecionar fatos e vultos capazes de devolver aos goianos o sentimento de orgulho em relação a sua terra. Assim, o trabalho de pesquisa e propaganda sobre Goiás, nessa concepção de história, pode ser considerado como um (re)descobrimto da terra, à qual o autor dedicava um profundo sentimento de amor, associado ao dever patriótico. Em outras palavras, ao reconstituir um conhecimento sobre o passado de Goiás, Zoroastro evidencia a defesa da região goiana como um projeto que inscreve a noção de progresso a se instalar no coração do país.

Rubia-Mar Nunes Pinto (2009), ao trabalhar o impacto da geração de Zoroastro na idealização de Goiás, descreve uma significativa faceta desse papel e associa que os discursos produzidos por essa geração estavam pareados a um movimento nacional em que diversos outros estados refletiam sobre seu próprio processo histórico:

⁸⁴ Segundo Pierucci (1999), algumas das características do pensamento integralista são: “a defesa de valores religiosos ameaçados de decomposição pelos efeitos da modernidade; [...] a modernidade, por conseguinte, é pensada como síndrome antagônica à tradição que se quer preservar; [...] para a restauração de uma sociedade integralmente cristã, ou seja, confessional em seu conjunto, é indispensável a manipulação ou o exercício do poder político (PIERUCCI, 1990, p. 150)”.

⁸⁵ O conceito utilizado por Shumway (2008) para explicar o sentido das narrativas nacionais parece-nos feliz para argumentar sobre a escrita de história de Zoroastro Artiaga. Para Shumway (2008), as ficções-diretrizes são “as mitologias nacionais criadas ou revividas e divulgadas com um entusiasmo evangélico, sempre com o objetivo de criar um sentido de nacionalidade e de destino nacional. [...] as ficções-diretrizes das nações tornam-se mitologias que estimulam os franceses a ser franceses; os ingleses a ser ingleses; os alemães a serem alemães” (SHUMWAY, 2008, p. 24). Fazendo uma analogia ao pensamento do autor, as ficções-diretrizes denotadas na escrita de história de Zoroastro Artiaga procuram unir a população de Goiás sob uma bandeira comum legitimada na ideia de um único passado goiano de orgulho e glória.

Penso que foi esta geração que formulou, de maneira persistente e contínua, os primeiros discursos sobre a importância de Goiás para a grandeza do Brasil. Não estavam sozinhos nisso: por quase todo o país, as diferentes unidades federativas iniciavam ou consolidavam um processo de reflexão sobre si próprias, buscando inventar tradições, identidades, vocações, potenciais. E faziam no, concomitantemente, a propaganda de suas possibilidades naturais, de seus tipos humanos, de sua história, de sua geografia. [...] Considero possível afirmar que aqueles intelectuais queriam, de fato, educar as elites políticas, econômicas e intelectuais regionais e nacionais e convencê-las a participar de outro tipo de relação entre centro e periferia ou entre nação e região (PINTO, 2009, p. 128;132).

Por enfatizar acentuadamente o sentimento nacionalista na composição de história, a geração de Zoroastro não encontra ressonância de sentido entre o grupo de historiadores goianos formados pelos critérios acadêmicos. Modesto Gomes, historiador acadêmico que foi professor na Universidade Federal de Goiás, é contundente a apontar sua visão para os registros feitos pela geração de Americano do Brasil:

[...] É considerada urgentemente que a verdadeira História de Goiás ainda está por se publicar. É claro que contamos já com contribuições que não podem ser obscurecidas, sobretudo pelo que representam como esforço e como preocupação no sentido do levantamento de nossas origens mais ignotas. Ninguém que esteja em dia com o desenvolvimento da cultura goiana ignora a obra dos cronistas primitivos, particularmente de Silva e Sousa, Alencastre e Cunha Matos. Americano do Brasil, Sebastião Fleuri Curado, Colemar Natal e Silva e Zoroastro Artiaga também palmilharam caminhos que desvendaram vários aspectos da realidade de nosso passado. Mas todos eles, realizando trabalho pioneiro e efetivado com dificuldade sem conta, não dispuseram de condições para elaboração da obra definitiva, embora, de qualquer maneira, se constituem em fontes indispensáveis de consultas. O historiador de hoje, em nenhuma hipótese, realizará qualquer trabalho sério se não arrolá-los como fontes bibliográficas de primeira linha. Falta-nos, não há como negar, uma história que se detenha vigorosamente no esforço interpretativo, penetrando decididamente no espírito contemporâneo dos fatos ocorridos (GOMES, 1971, p. 1).

A história interpretativa reivindicada por Modesto Gomes era uma história amparada por conceitos da história nova francesa. Conforme sua própria fala, para o historiador científico era necessário:

[...] compreender aspectos do passado – compreender e não propriamente julgar, conforme estabelece Marc Bloch. [...] O documento sempre dirá alguma coisa, cabendo por certo ao historiador fazê-lo falar convenientemente. Os tempos que estamos vivendo marcam o primado da pesquisa. A História respaldada por caprichada linguagem literária já não tem razão de ser (GOMES, 1971, p. 1).

Na visão de Gomes (1971), há um emprego metodológico que precisava ser posto em regra para se escrever a história goiana. Elementos afetivos e o estilo literário fortemente

presente nas obras da geração de Zoroastro não respondem a uma demanda rigorosa de pesquisa historiográfica. Assim, para o historiador acadêmico, o valor dessas obras se restringia ao aspecto de fonte. O afastamento da história acadêmica e a perda de sentido das obras escritas pela geração de Zoroastro Artiaga emergem novamente nas palavras de Modesto Gomes quando o historiador em entrevista é indagado:

- Goiás tem História, Modesto Gomes? Uma história com seus lances e com sua verdade?
- Claro que tem.
- E quem a escreveu?
- Eu disse que Goiás tem história. Contudo, não me referi a historiadores.
- Quer se explicar.
- Perfeitamente. Goiás tem sua história. Aqui ocorreram fatos, apareceram mudanças, modificações, aqui viveram pessoas que lutaram, que amaram, que sonharam, que construíram. Fizeram História. Agora falta alguém para escrevê-la.
- E o professor Zoroastro Artiaga: não fez ele uma História de Goiás?
- Claro que fez. Eu não negaria de forma alguma, que existe um livro, com título de “História de Goiás”, escrito pelo Professor Zoroastro Artiaga. Preciso ressaltar, entretanto, que Zoroastro não escreveu a História de que necessitávamos. Nem ele nem qualquer outro ainda a escreveu.
- Como assim?
- Zoroastro, com a pressa que escreveu e produziu quantitativamente muito, cometeu vários senões que provocam desconfiças. Além do mais nunca se preocupou em fazer trabalho de interpretação ou de explicação (GOMES, 1979, p. 23).

Fica evidente, na exposição do historiador, que o intuito e os objetivos apresentados no conjunto de obras da geração de Zoroastro não encontram receptividade e coerência no modelo de escrita de história acadêmica. Modesto Gomes é enfático ao expressar que Goiás tem história, contudo, não tem historiadores. Tal posição, explica, de certo modo, o porquê de esses autores não terem sido elencados no rol dos quadros da história acadêmica.

A interpretação da história goiana feita pela geração de Zoroastro centra-se em uma experiência histórica definida pela instância político-administrativa. No gráfico a seguir, é possível observar a ênfase dada a essa abordagem por esses autores:

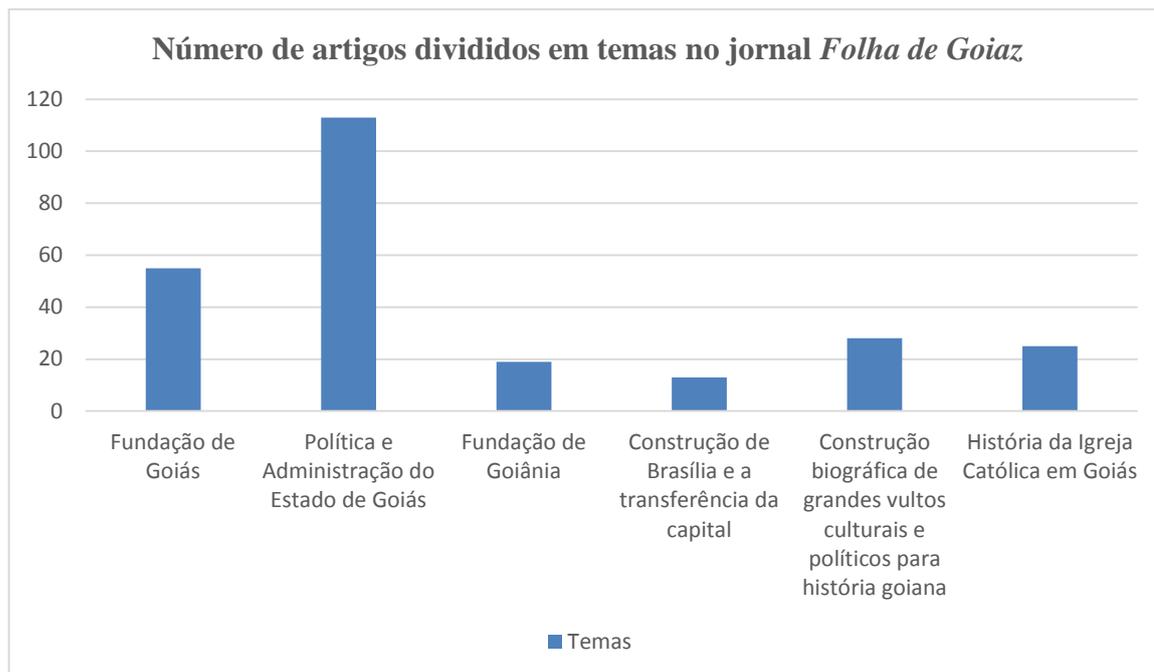


Gráfico 2. Número de artigos divididos em temas no jornal *Folha de Goiaz*

Nota-se, claramente, que mais de 50% dos artigos de Zoroastro Artiaga trata especificamente da política como mola propulsora da história. E, mesmo quando o autor vai explanar sobre outros temas, é forte a presença da questão política como raiz explicativa de todo seu argumento. A explicação para essa postura sustenta-se na articulação em que a política é apresentada como chave de explicação da passagem do homem no tempo. Essa marca política se apresenta com uma forma específica que define os contornos da nação e da região, construtos definidos pela clara seleção do que deve ser lembrado como história.

Entendemos que a recepção dos seus textos é uma tarefa complexa e torna-se ainda mais difícil pelo fato de o jornal *Folha de Goiaz* não dispor de uma seção de cartas. Entretanto, alguns aspectos representativos da coluna “História de Goiás” sugerem o restrito público a quem o autor buscava alcançar: pessoas com certo grau de erudição ou com alguma curiosidade acerca do passado goiano. Entre elas, podemos destacar a historiadora Amália Hermano Teixeira, que, em seu arquivo pessoal doado ao IHGG, manteve diversos desses artigos de Zoroastro Artiaga publicados no *Folha de Goiaz*, além de ter feito citações desses escritos em sua obra póstuma *História de Goiás* (2011)⁸⁶. Há, ainda, inúmeras outras obras sobre Goiás que citam e referenciam o conjunto de seus argumentos para o estudo da região. Entre outras, podemos citar:

- a) *Os antecedentes a repercussão da independência em Goiás*, de Regina Lacerda, publicada em 1970;

⁸⁶ A obra organizada sob a tutela do IHGG após a doação do arquivo pessoal da autora veio a público em 2011.

- b) *Aspectos da cultura goiana*, obra organizada por Ático Vilas Boas da Mota e publicada em 1971 em dois volumes;
- c) *Levantamento histórico e econômico dos municípios goianos*, organizado pela Secretaria da Indústria e Comércio do Estado de Goiás e publicada em 1973;
- d) *A mulher, a história e Goiás*, de Célia Coutinho S. Brito, publicada em 1974;
- e) *Estudos de história de Goiás*, de Modesto Gomes, publicada em 1974;
- f) *Goiás 1722-1822: Estrutura e conjuntura numa capitania de Minas*, de Luis Palacín, publicada em 1972;
- g) *Colônia agrícola nacional de Goiás: análise de uma política de colonização na expansão para o Oeste*, dissertação de Mestrado defendida por Eliane Garcindo Dayrell no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás, em 1975;
- h) *Formação econômica de Goiás*, de Paulo Bertran, publicada em 1978;
- i) *A sociedade colonial goiana*, de Marivone Matos Chaim, publicada em 1978.

Essa amostra reduzida de títulos que pensaram o passado de Goiás fazendo uso do conjunto de argumentos de Zoroastro Artiaga expressa, de certa forma, o valor simbólico do alcance de seu discurso fundador como fonte para se pensar a história de Goiás. Sergio Paulo Moreira (1971) reforça esse papel ao fazer uma resenha do livro *História do Brasil, geral e regional: grande oeste: Goiás, Mato Grosso*, de Ernani Silva Bruno, publicada em 1967. Ao comentá-la, Moreira (1971) tece a seguinte crítica à ausência de fontes utilizadas nessa obra, particularmente a de algumas obras de Zoroastro e a de outros autores de sua geração:

[...] Começando pelas fontes utilizadas teríamos que fazer algumas observações à margem do assunto, para que se pudesse focar corretamente o problema que representa hoje um estudo profundo da História de Goiás. [...] Nunca houve um estudo sistemático da História de Goiás, e a bibliografia é bastante restrita. E pelas fontes bibliográficas enumeradas pelo autor no fim do volume, verificamos que nem mesmo uma décima parte dessa bibliografia restrita foi utilizada como fonte de consultas. [...] Entre as fontes de cunho claramente histórica deixaram de ser citadas, e conseqüentemente consultadas, as melhores obras do professor Zoroastro Artiaga (*História de Goiás, Geografia econômica histórica e descritiva do est. de Goiás, Síntese da história e da geografia de Goiás*), a *História de Goiás* do Professor Colemar Natal e Silva, a *Súmula de história de Goiás* de Americano do Brasil (MOREIRA, 1971, p. 37-38).

Com base nos argumentos de Moreira (1971), podemos inferir que, pelo menos em tese, qualquer escrita sobre a história de Goiás naquele contexto deveria passar pela consulta, a qual ele denomina de “bibliografia restrita” do tema, representada, em sua análise, pelas obras de Americano do Brasil, Colemar Natal e Silva e Zoroastro Artiaga. Esse é um caminho plausível para se pensar como a história de Zoroastro Artiaga foi lida e interpretada como

fonte para se revisitar o passado e articular novas reflexões. Seu trabalho cria, dessa forma, valores e pontos de referências⁸⁷ para identidade goiana.

Pensando as formas de recepção de sua obra no âmbito institucional, reproduzimos o registro de um Ofício encaminhado pelo governador de Goiás Jeronymo Coimbra Bueno (1947-1950) a Zoroastro, datado em 1.º de março de 1948, em que o representante político faz o seguinte requerimento:

Exmo. Senhor Doutor Zoroastro Artiaga. Vimos pelo presente solicitar de V. Excia a organização de um “dossier” completo sobre a história da navegação dos rios goianos, com todos os folhetos, plantas, mapas, relatórios, etc. sobre o assunto disponíveis, selecionando os elementos que tiverem valor informativo e técnico, que sirvam de subsídios ao atual plano do Governo de aproveitamento das nossas aquavias de valor econômico (Ofício do gabinete do Governador de Goiás, s.n. de 1.º mar. 1948. Fonte: Arquivo Pessoal de Zoroastro Artiaga depositado no Museu Estadual Professor Zoroastro Artiaga).

Em outra correspondência redigida pelo 1.º Secretário da Assembleia Legislativa de Goiás, o deputado estadual de Goiás pelo PTB, Luiz Ângelo Milazzo (1951-1955), com data de 5 de setembro de 1951, dirigida a Zoroastro Artiaga, então diretor do Museu Estadual de Goiás, apresenta o seguinte conteúdo:

Interpretando o teor de um requerimento da Sra. Deputada Berenice Artiaga, aprovado na sessão de ontem, encarecemos a V. Excia. a imperiosa necessidade de fomentar, cada vez com mais ardor, a ideia da mudança da capital federal para o Planalto Central do Brasil, na região norte de Goiás. V. Excia., através de seu acurado espírito de observação, ao lado de seu acendrado amor ao Brasil, deve ter observado como a ideia avoluma-se dia a dia e o que a mesma representa para os futuros destinos da pátria. [...] À guiza de indicação, tomamos a liberdade de aconselhar o livro de vossa autoria intitulado Geografia Econômica, Histórica e Descritiva de Goiás, que traz em seu bojo farta documentação do assunto (Ofício do 1.º Secretário da Assembleia Legislativa de Goiás, n. 237 de 5 set. 1951. Fonte: Arquivo Pessoal de Zoroastro Artiaga depositado no Museu Estadual Professor Zoroastro Artiaga).

Ainda pensando as formas de recepção de sua obra no âmbito institucional, temos uma correspondência encaminhada pela Grã Ordem Maçônica do Estado de Goiás a Zoroastro

⁸⁷ O periódico *O Popular*, de 29 de julho de 1958, em uma matéria em homenagem a Zoroastro Artiaga pelos 40 anos dedicados à vida pública disserta: “O grande Zoroastro Artiaga – nome que pertence ao Patrimônio Goiano – retrai-se agora em seu lar depois de mais de quarenta anos dedicados ao Serviço Público. Mas o Serviço que Zoroastro presta à cultura de Goiás jamais cessará. Ele continuará atento, ao mostrar Goiás – a ajudar outros povos a conhecer e valorizar o nosso Estado ainda mais... Zoroastro Artiaga, que é o goiano mais lido e mais apreciado no estrangeiro pela coletânea de livros históricos de que é autor, conta sempre com a nossa viva admiração (*O POPULAR*, 1958, p. 4).

Artiaga para parabenizá-lo sobre um escrito seu no jornal *Folha de Goiás*, no ano de 1969, no qual esboça uma pequena história da maçonaria:

Ao Eminente Irmão, Zoroastro Artiaga. Em nome da Maçonaria de Goiás, O Grão Mestre Estadual o cumprimenta fraternalmente pelo oportuno trabalho que publicou no *Folha de Goiás*, de 12 do corrente, sob o título de “Contribuição para História da Maçonaria”. O trabalho publicado causou a melhor das impressões entre os maçons que, esperam que não seja o último, pois, os ensinamentos transmitidos são valiosos. A oportunidade o Grão Mestre convida o ilustre irmão e amigo para, em data a ser designada deleitar os maçons desta capital, com uma conferência. Esperando que o eminente irmão continue as suas publicações e aceite o convite (Correspondência da Grã Ordem Maçônica de Goiás, n.424/69 de 14 ago. 1969. Fonte: Arquivo Pessoal de Zoroastro Artiaga depositado no Museu Estadual Professor Zoroastro Artiaga).

Apesar de nenhuma das considerações acima remeterem aos artigos de história de Goiás de Zoroastro Artiaga publicados no jornal *Folha de Goiás* de 1968, eles dão a impressão de que o alcance de sua obra nas respectivas remissões de sentido pode ser redimensionado.

Zoroastro foi partícipe da construção de Goiânia e desfrutava do prestígio de uma geração de políticos e intelectuais que reconheciam, em sua obra, os valores culturais goianos. As manifestações de cuidado e respeito para com seu legado, formuladas por políticos, imprensa e intelectuais após seu falecimento, enaltecem a figura do grande goiano, patriota que dedicou a vida pelo “amor” a sua terra. A construção da imagem de Zoroastro como “grande vulto goiano” que já existia em vida aparece estampada nos principais jornais da capital após a sua morte. Na edição de 27 de fevereiro de 1972 do *Folha Goiás*, em matéria intitulada “Zoroastro morreu, mas sua obra permanece como legado de glória”, a equipe editorial do periódico registra:

Todos nós perdemos um grande amigo, conselheiro e colaborador. Principalmente nós, da *Folha de Goiás* que tivemos, **durante mais de vinte anos o prazer de ler, com muita frequência, os artigos de Zoroastro Artiaga** que agora nos deixa, aos 81 anos de idade, provocando enorme vazio no mundo das letras, da pesquisa, da ciência e da sociedade de Goiás [...]. Durante longos anos foi colaborador assíduo deste matutino, principalmente quando surgia alguma dúvida relacionada com ciência ou fatos históricos. Durante semanas a fio ele se utilizava do espaço da *Folha de Goiás* e dissecava o assunto até que todos ficassem realmente inteirados. [...] Esse era Zoroastro Artiaga, revisto em cinco minutos dentro de limitações de espaço. Sua vida e sua obra dariam para encher numerosos volumes. De fundador da Associação Goiana de Imprensa a Diretor do Museu de Goiás, Zoroastro Artiaga advogado formado que nunca seguiu carreira das leis e político de bastidores, mas que nunca disputou cadeira alguma e prestou com seus bem vividos oitenta e um anos de vida, inestimáveis serviços à causa pública (*FOLHA DE GOIAZ*, 1972, p. 3, grifo nosso).

O jornal *O Popular*, acompanhando o cortejo de elogios, também prestou sua homenagem ao autor discorrendo: “Goiás perdeu ontem seu mais apaixonado divulgador [...] praticamente não existe uma só publicação, revista ou jornal da terra, nos últimos 40 anos, que não tenha, em um ou vários números, o fulgor da pena do mais apaixonado dos goianos (*O POPULAR*, 1972, p. 8).

Filho ilustre do *hinterland*, a morte de Zoroastro mobilizou discursos de personalidades políticas e intelectuais⁸⁸ que argumentavam o valor de seu trabalho e de sua obra para constituição e progresso da região. Batista Custódio, o proprietário do polêmico jornal *Cinco de Março*⁸⁹, escreve na ocasião de sua morte:

O tema era outro, o governo já estava sobre a mesa, mas Zoroastro Artiaga morreu, com o trabalho suando o rosto e o idealismo dos 20 anos fundindo o coração octogenário. [...] Acima do historiador, do pesquisador, do mestre e cientista, crescia na personalidade de Zoroastro a figura do grande contestador, o eterno panfletário que não se acomodou no remanso dos anos e se renovava na ânsia das gerações. Da admiração de Pedro Ludovico ao reconhecimento de Leonino Caiado, ele atravessou de arrepião governos e revoluções [...] (CUSTÓDIO, 1972, p. 4).

Reafirmando a imagem do benfeitor, do herói patriota, que não reconhece lados em busca do ideal, o nome de Zoroastro é aclamado e registrado como grande personalidade goiana. Sua obra que lega à região a afeição pelas coisas da terra é ovacionada e celebrada nos discursos que sucedem seu falecimento. O trabalho de lembrança é permeado pela reverência às figuras dos “goianos ilustres”, e, tal como argumentado por ele mesmo quando escrevia as biografias dos “grandes vultos goianos”, seu nome é evocado para denotar o papel que exerceu para a glória e progresso do estado de Goiás.

⁸⁸ Na edição de 18 de abril de 1972, o jornal *Cinco de Março* registra o discurso do deputado José Freire (MDB-Goiás) na Câmara Federal para esboçar o necrológio de Zoroastro Artiaga citado como “provado patriota” (*CINCO DE MARÇO*, 1972, p. 3). O *Folha de Goiaz* de 29 de fevereiro de 1972 também registra a homenagem feita pela Câmara Municipal de Goiânia, no dia 28 de fevereiro de 1972, por meio das palavras do presidente da Câmara Pedro Xavier Teixeira: “Zoroastro Artiaga pela sua expressão moral, intelectual e humana merece homenagem póstuma deste legislativo. Foi ele um incansável lutador pelo desenvolvimento do Estado que nasceu. Durante toda a sua vida dedicou-se à pesquisa, levando com isso para os longínquos pontos do país a história e as riquezas de Goiás (*FOLHA DE GOIAZ*, 1972, p. 5). *O Popular* de 25 de junho de 1972, ao fazer a cobertura da sessão solene organizada pela Academia Goiana de Letras em homenagem a Zoroastro Artiaga, assinala as palavras do vice-governador de Goiás, Ursulino Leão, que “reconhece em Zoroastro Artiaga, uma das maiores expressões de cultura do nosso Estado, ao qual dedicou obras imperecíveis” (*O POPULAR*, 1972, p. 8).

⁸⁹ De acordo com o registro de Vaz & Ramalho (2008), o periódico *Cinco de Março*, durante os anos da ditadura militar, “tinha grande crítica na parte política, incomodava a Deus e todo mundo, o que gerava medo nos políticos” (VAZ&RAMALHO, 2008, p. 13).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão em torno dos sentidos imbuídos nos artigos de Zoroastro Artiaga no *Folha de Goiaz* decorreu da relativa invisibilidade do autor no atual estado da historiografia goiana. Os textos reunidos e publicados no jornal *Folha de Goiaz* sob a autoria de Artiaga que tratam da matéria “História de Goiás” incidem em pontos cruciais para se compreender o fazer histórico em sua geração, assinalando questões práticas, afirmações e desafios enfrentados pelos homens de seu tempo.

A análise de seus textos permite entrever que Zoroastro Artiaga considera que o passado permite compreender o presente, e o presente lança interrogações que exigem perscrutar o passado. Nessa direção, o relativo “esquecimento” de sua reflexão sobre o passado goiano merecia uma investigação mais cuidadosa. Foi esse o propósito de nosso empreendimento investigativo. As crônicas acerca da história da região publicadas no jornal *Folha de Goiaz* ainda não tinham sido alvo de qualquer investigação por parte dos historiadores. Certamente, sua concepção de história voltada para a propensão ao julgamento e para a compilação de documentos se afasta, e muito, de uma história compreensiva, capaz de problematizar o passado. De algum modo, sua percepção valoriza a crônica dos acontecimentos, com destaque para as personalidades que movimentaram a vida social de Goiás.

Apesar de Zoroastro procurar referendar seu discurso histórico pautado em pesquisa, há uma confusa noção de objetividade permeada por um desejo de neutralidade que se revela frágil, diante do constante uso que faz do passado como justificativa para ações e situações do presente. O estímulo que conduz sua escrita de história de Goiás e as situações que o levaram a escrevê-la se baseiam em carências de orientação do presente, questões de seu tempo que o levaram a investigar os antecedentes históricos de sua terra. Tempo este do qual o autor participa e se posiciona e que orienta, de modo pragmático, a percepção conservadora com a qual mira o passado que investiga e sobre o qual escreve. O passado é, então, identificado, selecionado e refletido na relação com a conjuntura social e cultural de sua geração. Assim, sua história não se desenvolve exclusivamente em virtude dos vazios, dos silêncios sobre o passado goiano. Com procedimentos associados ao pensamento histórico instituído pelo IHGB, e tendo guarida institucional do IHGG, Artiaga conduz uma forma de escrita de história disciplinar, na qual o passado é reescrito de maneira a oferecer inteligibilidade ao presente.

Zoroastro, bem como quase toda a geração participante do IHGG, nas décadas de 1930 a 1960, que oportunamente tem o prédio localizado em frente ao Palácio de Governo de Goiás, facilitando o intercâmbio e o movimento de informações, tinha um compromisso político com a organização da sociedade goiana. O interesse de historiar alimentado pelos homens de sua geração é, assim, menos pelo passado e mais pelo presente, sustentado na expectativa de um futuro; nesse sentido, a história aparece como recurso para explicar as angústias geradas de um processo de apresentar Goiás para o Brasil e para o mundo. Desse modo, refletir sobre o passado se torna uma questão fundamental para esses homens, pois importa mais reter a dimensão política envolvida na fixação da memória pública capaz de enaltecer os feitos dos filhos da terra goiana em uma região pobre e isolada, o Brasil Central.

A formação de uma memória pública de Goiás por parte de Zoroastro Artiaga tinha o claro objetivo de reapresentar Goiás para o Brasil isento de qualquer ideia de atraso. Interessava redimensionar a potencialidade econômica da região. Em outras palavras, sua proposta quer revelar uma região pobre de recursos financeiros, mas aberta para exploração de seus recursos naturais.

O atraso da região foi o resultado do legado da colonização portuguesa. Essa questão assumiu um papel fundamental na compreensão do passado tanto de Goiás como do Brasil, na perspectiva de Zoroastro Artiaga que buscava relacionar a história local e a nacional, sem perder de vista as conexões globais decorrentes do movimento de colonização.

Contudo, a ênfase nos males da colonização portuguesa como argumento fundamental para compreender o atraso regional retirou de cena a especificidade da ação política dos goianos em momentos significativos como a vinda da família real para o Brasil em 1808 ou a Independência do país em 1822 e a Proclamação da República em 1889. E até mesmo conflitos internos, como a deposição de um governador em 1909, são apresentados sem a clara elucidação do sentido interno derivados das tensões de um quadro político construído pela própria elite política goiana.

Se nos fixarmos na construção da relação presente-passado-futuro em sua escrita de história, é possível observar o modo como seu pensamento histórico se associava ao interesse em ordenar a sua imagem de homem público. Tal perspectiva orientou sua preferência a certos nomes, acontecimentos, fatos e datas. Desafiado pelo lampejo do futuro, sua história de Goiás busca, no passado, modelos propícios de ação política, agregando ao presente a inteligibilidade do passado a fim de favorecer o encontro entre a região e suas potencialidades – ou, em outras palavras, para inscrever a região nos fluxos da economia nacional.

Nesse aspecto, a história é também concebida como uma tarefa de manter viva a recordação de acontecimentos importantes segundo critérios que conservam na memória coletiva a imagem, bem como a legitimidade, de governos, políticas, pessoas e de instituições, bem como valores e símbolos que forneçam cabedal para a formação de uma memória compartilhada socialmente, ou seja, de um passado capaz de conferir sentido identitário aos goianos. Essa é a base da memória histórica de Zoroastro Artiaga: a confiança numa verdade histórica completa capaz de ser celebrada eternamente. Uma história organizada como uma coleção de fatos exemplares de situações e modelos cuja compreensão prepara os indivíduos para a vida coletiva, uma história como guia mestra das ações.

Zoroastro acreditava que sua história deveria fornecer um conjunto coerente de narrativas que mitigassem a imagem da decadência de Goiás, presente nas obras de viajantes, cronistas e governantes desde o século XIX. Assim, preza por uma estrutura de escrita de história envolvida pelos atos políticos, em que o interesse é assegurar uma narrativa de desenvolvimento e progresso da região. Contornando datas e eventos, demarcando símbolos e personalidades, apresentando exemplos, a história feita por Zoroastro sublinha a relação entre nação e região em textos cuja apresentação busca provocar no leitor uma sensação de solidez para a história de Goiás. Esse grau de amadurecimento da narrativa sobre a história de Goiás é o resultado de estratégias em que o sentido de causalidade decorre da concatenação da história de Portugal, de São Paulo e de Goiás.

Zoroastro pode ser considerado um historiador – no sentido que, já em sua época, era atribuído a autores como Americano do Brasil, Colemar Natal e Silva e outros – e a garantia dessa identidade se vinculava, em pleno regime ditatorial, não apenas pela sua experiência no trato com as fontes documentais em arquivos, mas sim pelo seu compromisso com a defesa da pátria, valor fundamental para as elites políticas após o golpe de 1937.

Se escreveu cotidianamente em uma coluna de jornal foi porque existia no espaço da imprensa um campo intelectual que formava uma rede de sociabilidade que estimulou sua atividade e lhe ofereceu autoridade e legitimidade a seu saber. E também porque existia um público leitor que lhe outorgava o poder de ensinar e de aconselhar. E, como um intelectual que pensou a história de seu estado em um contexto marcado por paixões nacionalistas, supõe-se que sua produção apresente elementos que contribuem significativamente para a compreensão do ofício de historiador em Goiás na primeira metade do século XX.

Zoroastro Artiaga, com as ferramentas que conseguia operar, pretendeu escrever uma história de Goiás que, em sua percepção, estava focada na determinação do documento como detentor da verdade. Nesse sentido, na procura pela verdade histórica, Zoroastro não consegue

alcançar uma perspectiva de análise e crítica consistente que problematizasse a própria realidade que busca reconstituir. Assim, como agente histórico da história que escreveu, faltou-lhe a crítica para perceber o que viu, mas, por em função de compromissos políticos, não quis registrar.

De todos os homens de sua geração que se dedicaram a escrever a história de Goiás, Zoroastro, pela sua trajetória como jornalista, tecnocrata e historiador, foi o que talvez tivesse mais condições de apresentar uma história rica em detalhes do modelo oligárquico que viveu e de fazer uma avaliação menos passional e mais criteriosa sobre a Revolução de 1930 e o Estado Novo em Goiás, bem como sobre o golpe militar da Ditadura instalada em 1964. Espectador de todos esses períodos e prestigiado no ramo da história goiana, sua escrita, entretanto, não privilegiou uma reflexão acurada dos contextos em que viveu. Sua história persistiu em uma tarefa de ordenar os acontecimentos e seus protagonistas, acompanhando, descrevendo e explicando o processo do movimento do tempo, cujas sentenças são formuladas com base em critérios morais, nacionalistas e partidários. A força de seu discurso histórico buscou conduzir seu leitor aos pressupostos explicativos de expor as relações de causas e consequências impostas pelo movimento político do desenvolvimento histórico do Brasil.

A história de Goiás de Zoroastro Artiaga reclama, portanto, uma consciência de pertencimento e dialoga diretamente com os sentimentos nacionalistas de identificação e integração. A fundação de Goiás, o governo e seus líderes, Goiânia, Brasília e a sucessão das pequenas biografias de ilustres goianos reforçam a ideia de uma história mestra da vida, não só porque dita normas ou conselhos, mas porque oferece um receituário comportamental prático, ensinando, por meio de exemplos concretos, como ser um ilustre patriota goiano.

Para Zoroastro, o conhecimento histórico se estabelece na forma de interrogar o passado e sua relação com o presente, bem como nos pontos de conexões que articulam a compreensão e a representação do passado. É, pois, nessa articulação, que o autor inscreve sua própria trajetória, na narrativa acerca da história de Goiás. Assim, a forma pela Zoroastro Artiaga representa o passado goiano também revela as contingências que envolveram o próprio autor. Contingências que se vinculam ao quadro de produção de conhecimento histórico de Goiás resultantes do esforço de uma geração que lutou por uma nova imagem de Goiás, distante da propagada imagem da decadência, do isolamento e da pobreza publicada por quase todo século XIX.

FONTES

100 MIL imigrantes para cultivar terras goianas. **O Globo**, Rio de Janeiro, p.10, 03 ago. 1945.

A CAPITAL e o planalto: a mudança uma ficção constitucional. **Novo Horizonte**, Catalão, 21 mar. p.1, 1926.

A INFORMAÇÃO GOYANA. Rio de Janeiro, p.1, vol.1, n.1, 15 ago. 1917.

ARTIAGA, Virgílio. A pedido. **Goyaz: órgão democrata**, Goyaz, p.4, 04 jun, 1910

ARTIAGA, Zoroastro. História de Goiás: Décimo Período Governamental: Eduardo Olímpio Machado. **Folha de Goiaz**, Goiânia, p. 6. 24 abr. 1968.

_____. **Geografia Econômica, Histórica e Descritiva do Estado de Goiás**: t. 1. Uberaba: [s.n], 1951.

_____. A benção do sofrimento. **O Popular**, Goiânia, 16 dez., p.12, 1966.

_____. Apoiar o Presidente da Academia a criação do Departamento Cultural da Prefeitura. **Jornal de Notícias**, Goiânia, 05 jan. p.3, 1958.

_____. As cachoeiras de Goiaz: uma garantia do nosso futuro. **Oeste: revista**, Goiânia, ano 3, n.16 p.25-26, 1944.

_____. Contribuição para história da maçonaria. **Folha de Goiaz**, Goiânia, p. 6, 14 ago., 1969.

_____. **Contribuição para história de Goiaz**. Goiânia: Departamento Estadual de Cultura, 1947.

_____. Economia e não personalismo. **Oeste: revista**, Goiânia, ano 2, n.8 p.15-16, 1943b.

_____. Economia goiana. **Oeste: revista**, Goiânia, ano 1, n.1 p.21-22, 1942.

_____. Fundação de Goiás. **Folha de Goiaz**, Goiânia, p. 6. 30 mar. 1968.

_____. **Geografia Econômica, Histórica e Descritiva do Estado de Goiás**: t. 2. Uberaba: [s.n], 1955.

_____. **Historia de Goiás**: relato de acontecimentos históricos goianos de 1592 a 1946. t. 2. Goiânia: [s.n.], 1961.

_____. **Historia de Goiás**: Síntese dos acontecimentos da política e da administração pública de Goiás, de 1592 até 1935. t. 1. Goiânia: [s.n.], 1959.

_____. História de Goiás: Honestino Guimarães. **Folha de Goiaz**, Goiânia, p. 6, 20 out. 1968.

_____. História de Goiás: 3º tomo: História da primeira república em Goiás: (15 de Novembro de 1889 a 27 de outubro 1930). **Folha de Goiaz**, Goiânia, p. 6. 30 mai. 1968.

_____. História de Goiás: 3º tomo: História da primeira república em Goiás: (15 de Novembro de 1889 a 27 de outubro 1930). **Folha de Goiaz**, Goiânia, p. 6. 28 mai. 1968.

_____. História de Goiás: 3º tomo: História da primeira república em Goiás: (15 de Novembro de 1889 a 27 de outubro 1930). **Folha de Goiaz**, Goiânia, p. 6. 24 mai. 1968.

_____. História de Goiás: D. Eduardo no Araguaia e depois em Roma. **Folha de Goiaz**, Goiânia, p.6, 11 out. 1968.

_____. História de Goiás: Décimo Quarto Presidente. **Folha de Goiaz**, Goiânia, p. 7. 18 jun. 1968.

_____. História de Goiás: Décimo Quinto Presidente. **Folha de Goiaz**, Goiânia, p. 6. 20 jun. 1968.

_____. História de Goiás: Décimo Quinto Presidente. **Folha de Goiaz**, Goiânia, p. 7. 30 jun. 1968.

_____. História de Goiás: Décimo Quinto Presidente. **Folha de Goiaz**, Goiânia, p. 8. 22 jun. 1968.

_____. História de Goiás: Décimo Quinto Presidente. **Folha de Goiaz**, Goiânia, p. 6. 25 jun. 1968.

_____. História de Goiás: Ditadura Judiciária. **Folha de Goiaz**, Goiânia, p. 10. 29 ago. 1968.

_____. História de Goiás: Governo de Brasil Ramos Caiado. **Folha de Goiaz**, Goiânia, p. 5. 09 jul. 1968.

_____. História de Goiás: Governo de Pedro Ludovico Teixeira: Os primeiros - Quatro anos do Interventor. **Folha de Goiaz**, Goiânia, p. 6. 03 ago. 1968.

_____. História de Goiás: Governo de Urbano Coêlho de Gouveia. **Folha de Goiaz**, Goiânia, p. 5. 03 jul. 1968.

_____. História de Goiás: história da primeira república em Goiás: (15 de Novembro de 1889 a 27 de outubro 1930). **Folha de Goiaz**, Goiânia, p. 4. 26 mai. 1968.

_____. História de Goiás: Imperialismo Colonial. **Folha de Goiaz**, Goiânia, p. 6. 01 mar. 1968.

_____. História de Goiás: Intervenção federal fracassada. **Folha de Goiaz**, Goiânia, p. 7. 02 jul. 1968.

_____. História de Goiás: Junta Governativa. **Folha de Goiaz**, Goiânia, p. 4. 18 fev. 1968.

_____. História de Goiás: Junta Governativa: (7 de Maio de 1778 a 17 de Outubro de 1778). **Folha de Goiaz**, Goiânia, p. 6. 21 fev. 1968.

_____. História de Goiás: Junta Governativa: (7 de Maio de 1778 a 17 de Outubro de 1778). **Folha de Goiaz**, Goiânia, p. 6. 24 fev. 1968.

_____. História de Goiás: Junta Governativa: (7 de Maio de 1778 a 17 de Outubro de 1778). **Folha de Goiaz**, Goiânia, p. 6. 23 fev. 1968.

_____. História de Goiás: lançamento da pedra fundamental. **Folha de Goiaz**, Goiânia, p. 4. 25 ago. 1968.

_____. História de Goiás: Marcha para a constitucionalização. **Folha de Goiaz**, Goiânia, p.6. 09 ago. 1968.

_____. História de Goiás: o Brasil em 1930. **Folha de Goiaz**, Goiânia, p. 7. 26 jul. 1968.

_____. História de Goiás: o colapso do ouro. **Folha de Goiaz**, Goiânia, p. 6. 24 mar. 1968.

_____. História de Goiás: o Estado Novo em Goiás. **Folha de Goiaz**, Goiânia, p. 9. 27 ago. 1968.

_____. História de Goiás: o Estado Novo em Goiás. **Folha de Goiaz, Goiânia**, p. 10. 28 ago. 1968.

_____. História de Goiás: os emboabas- Movimentos de nativismo. **Folha de Goiaz**, Goiânia, p. 6. 26 jan. 1968.

_____. História de Goiás: Padres pioneiros dos primórdios de Goiás. **Folha de Goiaz**, Goiânia, p. 6. 24 set. 1968.

_____. História de Goiás: Partida da Bandeira. **Folha de Goiaz**, Goiânia, p.06. 06 jan. 1968.

_____. História de Goiás: Período de administração do Anhanguera – 1727 -1737. **Folha de Goiaz**, Goiânia, p. 6. 02 fev. 1968.

_____. História de Goiás: Péssima colonização. **Folha de Goiaz**, Goiânia, p. 4. 08 abr. 1968.

_____. História de Goiás: Pioneiros de Iporá. **Folha de Goiaz**, Goiânia, p.6, 12 dez. de 1968.

_____. História de Goiás: Pioneiros de Tocantinópolis. **Folha de Goiaz**, Goiânia, p.6, 10 dez. 1968.

_____. História de Goiás: pioneiros goianos: Mestre Osório. **Folha de Goiaz**, Goiânia, p. 6, 31 out. 1968.

_____. História de Goiás: Quarto Período governamental. **Folha de Goiaz**, Goiânia, p. 10. 05 set. 1968.

- _____. História de Goiás: Relatório ao Presidente da República. **Folha de Goiaz**, Goiânia, p. 4. 18 ago. 1968.
- _____. História de Goiás: Relatório ao Presidente da República. **Folha de Goiaz**, Goiânia, p. 7. 11 ago. 1968.
- _____. História de Goiás: Revolta Generalizada. **Folha de Goiaz**, Goiânia, p. 6. 08 mar. 1968.
- _____. História de Goiás: Revolta Generalizada. **Folha de Goiaz**, Goiânia, p. 6. 07 mar. 1968.
- _____. História de Goiás: Um confronto. **Folha de Goiaz**, Goiânia, p. 4. 11 abr. 1968.
- _____. História de Goiás: Vida política e Administrativa de Goiás do 1º Império até a Regência Provisória (07-09-1822 A 07-04-1827). **Folha de Goiaz**, Goiânia, p. 6. 04 abr. 1968.
- _____. Impressões. **A Imprensa**, Goyaz, p. 02, 07 mai, 1910.
- _____. **Monografia corográfica do Estado de Goiás**. Goiânia: [s.n], 1949.
- _____. Não acredito no reflorestamento de Mogno. **Jornal de Notícias**, Goiânia, 12 dez., p.1-2, 1958.
- _____. O museu virou múmia: a mancada de Juca. **Cinco de Março**, Goiânia, 18 mar., p.1, 1968.
- _____. O sr. Getúlio Vargas e o trabalhador nacional. **Oeste**: revista, Goiânia, ano 2, n.4 p.36-37, 1943a
- _____. Os heróis estão sendo esquecidos. **Cinco de Março**, Goiânia, 06 mai., p.3, 1968.
- _____. Perseguição e morte do Anhanguera. **Cinco de Março**, Goiânia, 10 jan., p.24, 1972.
- _____. Sinal dos tempos. **O Popular**, Goiânia, Caderno Suplemento Literário, 27 dez., p.1, 1970.
- _____. **Síntese da Geografia e da História do Estado de Goiás**. Goiânia, [s.n], 1958.
- _____. Viação Goiana. **Informação Goyana**, Rio de Janeiro, v.18, n.9, p.12, 1934.
- _____. História de Goiás: A separação do Norte: heroísmo dos nortenses. **Folha de Goiaz**, Goiânia, p. 6. 12 mar. 1968.
- _____. História de Goiás: Influência de Minas Gerais na Colonização de Goiás. **Folha de Goiaz**, Goiânia, p. 4. 27 mar. 1968.

_____. História de Goiás: (3º tomo): No regime de exceção: Junta Governativa provisória. **Folha de Goiaz**, Goiânia, p. 6. 04 jun. 1968.

_____. História de Goiás: (3º tomo): História da primeira república em Goiás: (15 de Novembro de 1889 a 27 de outubro 1930). **Folha de Goiaz**, Goiânia, p. 6. 29 mai. 1968.

_____. História de Goiás: A Hibernação da Bandeira. **Folha de Goiaz**, Goiânia, p. 6. 18 jan. 1968.

_____. História de Goiás: A influência de Minas Gerais na colonização de Goiás. **Folha de Goiaz**, Goiânia, p. 6. 24 jan. 1968.

_____. História de Goiás: Acontecimentos marcantes da vida goiana. **Folha de Goiaz**, Goiânia, p. 7. 19 jul. 1968.

_____. História de Goiás: Acontecimentos marcantes da vida goiana. **Folha de Goiaz**, Goiânia, p. 6. 24 jul. 1968.

_____. História de Goiás: Americano do Brasil. **Folha de Goiaz**. Goiânia, p.6. 19 jan. 1968.

_____. História de Goiás: Bandeira de Bartolomeu Bueno (Pai). **Folha de Goiaz**, Goiânia, p.6. 16 jan. 1968.

_____. História de Goiás: Batismo Cultural da Cidade. **Folha de Goiaz**, Goiânia, p. 10. 30 ago. 1968.

_____. História de Goiás: Caldeira Pimentel: Perseguição aos Bandeirantes. **Folha de Goiaz**, Goiânia, p. 4. 28 jan. 1968.

_____. História de Goiás: Capítulo III: A dupla Caldeira Pimentel e Sebastião Fernando - (1737 até 1831). **Folha de Goiaz**, Goiânia, p. 6. 30 jan. 1968.

_____. História de Goiás: Conferência por mim feita no Rotary Clube de Goiânia, em prol da mudança da capital, em 6-8-53. **Folha de Goiaz**, Goiânia, p. 7. 24 ago. 1968.

_____. História de Goiás: Corumbá de Goiás: Dr. Alfredo Augusto Curado Fleuri. **Folha de Goiaz**, Goiânia, p.6, 17 dez. 1968.

AUTORIDADES federais confirmaram denúncias do Prof. Zoroastro sobre contrabando de minérios atômicos. **Cinco de Março**, Goiânia, p.5, 20 mai., 1968.

AZEVEDO, Francisco Ferreira dos Santos. Goiaz e sua história. **Folha de Goiaz**, Goiaz, 24, p.1, nov.,1935.

BRAGA SOBRINHO, Francisco. Seção Cartas. **O Popular**, Goiânia, p.2, 01 nov., 1984.

BRAGA, Ana. Deputados homenagearam Rosarita e Zoroastro. **O Popular**, Goiânia, 11 de set. p.1, 1959.

BRASIL, Americano. Pobre História de Goiás. **Informação Goyana**, Rio de Janeiro, v.8, n.8, p. 59, 1925.

BRASILEIRO, José. Iconoclastia. **Novo Horizonte**, Catalão, p.1, 20 dez., 1925.

CAMPOS, Randolpho. Na brecha. **Novo Horizonte**, Catalão, 27 de janeiro 1929.

CARTA de Getúlio Vaz ao senador Antônio Ramos Caiado em 11 de dezembro de 1929. Museu Pedro Ludovico Teixeira, Documentos avulsos do arquivo pessoal Pedro Ludovico, pasta 3.

CARTA enviada por Zoroastro Artiaga ao senador Antônio Ramos Caiado em 26 de abril de 1930. Museu Pedro Ludovico Teixeira, Documentos avulsos do arquivo pessoal de Pedro Ludovico, pasta 3, p.168.

CASTRO, Derval Alves de. **Annaes da Comarca do Rio das Pedras**. São Paulo: Casa Duprat, 1933.

CUSTÓDIO, Batista. Onde vão dormir as gerações. **Cinco de Março**, Goiânia, p.4., 28 fev. 1972.

DEPUTADO da Arena critica Ato da Pasta da Educação. **O Popular**, Goiânia, 26 mai., p.3, 1972.

ECONOMIA e finanças: minas de radium em Goiás: importantes declarações do economista Artiaga. *Gazeta de notícias*. Rio de Janeiro, 30 de set., p.11, 1943.

ENALTECIDA na Câmara Federal a memória de Zoroastro Artiaga. **Cinco de Março**, Goiânia, p.3,18 mar., 1972.

ESCRITÓRIOS eleitorais do PSD. **Folha de Goiás**, Goiânia, p.3, 16 ago., 1945.

ESTRADA de Ferro Central do Brasil: Pirapora – Formosa: trabalhemos pelo prosseguimento. **Novo Horizonte**, Catalão, p.1, 14/02/1926.

FOLHA DE GOIAZ, Goiânia, p.1, 14 jul. 1946.

FOLHA DE GOIAZ. Goiânia, p.5, 29 fev. 1972.

FOLHA DO SUL. Bella Vista, nº 90, p.1, 15 jun, 1907.

FREIRE, José. Zoroastro Artiaga. **O Popular**, Goiânia, p.4, 18 abril, 1972.

GAZETA DE NOTICIAS. Petróleo em Goiás: assinalados esquistos betuminosos nos baixios do rio Araguaia. Rio de Janeiro, 04 mai., p.4, 1944.

GOIANO recebe comenda em B. Horizonte. **O Popular**, Goiânia, p.17, 1970.

GOIÁS perdeu ontem seu mais apaixonado divulgador. **O Popular**, Goiânia, 27 fev. 1972.

GOMES, Modesto. A hora e a vez da pesquisa. **O Popular**, Goiânia, Caderno Suplemento Literário, p.1, 24 mar., 1971.

_____. Entrevista ao Folha de Goiaz. **Folha de Goiaz**, Goiânia, p.23, 02 dez., 1979.

GOYAZ: a semana ruralista que se realizará em janeiro. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p.12, 26 out., 1935.

GOYAZ: cresce o movimento de exploração de minas no estado, **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p.12, 26 fev., 1936.

GOYAZ: o problema da produção do trigo em Goyaz. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p.13, 16 mai., 1936.

IMPRESA. Norte de Goyaz. Porto Nacional, p.1, 30 de abril de 1908.

INFORMAÇÃO GOYANA. Rio de Janeiro, ano 9, vol.10, n.4, 1926.

KONDER, Alexandre. Panorama. **Ilustração Brasileira**, Rio de Janeiro, ano 15, n.169, p.6, maio, 1949.

MELO, Waldemar Gomes de. **Goiás: imprensa que vivi e política**. Goiânia: Rio Branco, 1985.

MINEIRO, João. Passado: a nossa história: a necessidade de arquivo publico: annaes goyano. **Novo Horizonte**, Catalão, p.1, 12 dez., 1926.

MOMENTO Político. **O Popular**, Goiânia, 16 ago., p.1, 1945.

MOMENTO Político. **O Popular**, Goiânia, 27 fev., p.1, 1953.

NOVO HORIZONTE. A capital e o planalto: a mudança uma ficção constitucional. **Informação Goyana**, Rio de Janeiro, v.9, n.9, abril, 1926.

NOVO HORIZONTE. As nossas riquezas. **Informação Goyana**, Rio de Janeiro, v.8, n.2, p.14-15, 1924.

O POPULAR, Goiânia, 05 set. 1965.

O POPULAR, Goiânia, 06 nov. 1971.

O POPULAR, Goiânia, 17, p.7, ago. 1984.

O POPULAR, Goiânia, 30 jan. 1971.

O POPULAR, Goiânia, 31 mai. 1991.

O POPULAR, Goiânia, p.4, 1958.

O POPULAR, Goiânia, p.8, 25 jun., 1972.

ONDE existe radium no Brasil. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.5, 04 mar., 1944.

PENHOR da boa fé. Rio de Janeiro, **Diário Carioca**, p.6, 23 set., 1933.

PINHEIRO, Antônio César Caldas. **Escorço Genealógico da Família Lima e Artiaga de Itaberaí**. Pasta Zoroastro Artiaga. Itaberaí: Arquivo da Academia Itaberina de Letras e Artes, 2012. 12 p.

REIS, Gelmire. Palavras de agradecimento. **O Popular**, Suplemento Literário, Goiânia, p.17, 22 de dezembro de 1968

SANTANA, Moisés. A pedido. **Goiás**, Goyaz: órgão democrata, 11/06/1910

SANTANA, Moisés. A pedido. **Goiás**, Goyaz: órgão democrata, 28/05/1910

SILVA, Henrique. A escolha do local para a futura nova Capital da União. **Informação Goyana**, Rio de Janeiro, ano 9, vol.10, n.3, p.23, 1926.

STANDARD OF COMPANY BRAZIL. Mensagem de honra ao mérito a Zoroastro Artiaga. Rio de Janeiro: [s.n], 1952. Documento disponível no Arquivo Pessoal de Zoroastro Artiaga, depositado no Museu Zoroastro Artiaga.

TELEGRAMMAS. **Correio Oficial do Estado de Goyaz**, Goias, p.3, 20 jul. 1921.

TELES, Gilberto Mendonça. Curso de Estudos Goianos. **O Popular**, Goiânia, 15 nov. p.13, 1964.

ZOROASTRO Artiaga com modéstia. **O Popular**, Caderno Suplemento Literário. Goiânia, 06 dez., p.1, 1970.

ZOROASTRO morreu, mas sua obra permanece como legado de glória. Folha de Goiaz, Goiânia, p.3, 26 fev. 1972.

REFERÊNCIAS

ALENCASTRE, José Martins P. **Anais da Província de Goiás 1863**. Goiânia: s.n, 1979.

ALENCASTRE, José Martins Pereira de. Annaes da Província de Goyaz. **Revista Trimensal do Instituto Histórico, Geographico e Ethnographico do Brasil**, Rio de Janeiro, t. 27 p. 229-349, 1864. Disponível em: <http://www.ihgb.org.br/rihgb.php>. Acesso em: 15 jan. 2015.

ALVEZ, Luís Alberto Marques. A função social da história. **E-Fabulações**, Porto, n.5, p. dez., p.18-22, 2009. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7245.pdf> Acesso em: 15 jun. 2015.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARAÚJO, Nelton. **Imprensa e poder nos anos 1930: uma análise historiográfica**. In: CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 6., 2008, Niterói. Anais...-Niterói: [s.n], 2008

ARRAIS, C. P. A. **Mobilidade discursiva: o periodismo político em Goiás**. Goiânia: UFG, 2013.

ASMAR, José. **Câmara Filho: o revoltoso que promoveu Goiás**. Goiânia: O Popular, 1989.

ASSOCIAÇÃO GOIANA DE IMPRENSA. **Imprensa goiana: depoimentos para sua história**. Goiânia: CERNE, 1980.

AVELAR, Alexandre de Sá. A formação de um pensamento técnico-industrial no exército durante o Primeiro Governo Vargas: o círculo de técnicos militares. **Revista Eletrônica de História do Brasil**, Juiz de Fora, volume 9, número 1, jan-jun, 2007.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2007**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BARRETO, Antonio Valter Santos; GONÇALVES, Cláudio do Carmo. Diário da tarde: o jornal na construção e preservação da memória. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUAGENS E REPRESENTAÇÕES: LINGUAGENS E LEITURAS, 1., 2009, Ilhéus. **Anais...-Ilhéus** : [s.n], 2009.

BERTRAN, Paulo. **Formação Econômica de Goiás**. Goiânia: Oriente, 1978.

BERTRAN, Paulo. **História da terra e do homem no Planalto Central: eco-história do Distrito Federal**. 3.ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2011.

BERTRAN, Paulo. **História de Niquelândia: do julgado de Traíras ao Lago de Serra da Mesa** 3.ed. Brasília: Verano Editora e Comunicação, 2002.

BEZERRIL, Simone de Paula. Imprensa: objeto de pesquisa para a história política. In:

SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA-ANPUH, 16.,2011,São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2011

BITTENCOURT, José Luiz. Zoroastro Artiaga: uma vida de sábio a serviço de Goiás. **Revista da Academia Goiana de Letras**, Goiânia, nº 13, p. 23-32. 1992.

BOMFIM, M. **O Brasil nação**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

BOMFIM, Manoel. **A América Latina**: males de origem. Rio de Janeiro/Paris: Garnier, 1905.

BORGES, Humberto Crispim. **Americano do Brasil**: vida e obra. Goiânia : Ed. Roriz, 1982.

BORGES, Humberto Crispim. **Retrato da academia Goiana de Letras história, bibliografias, apresentações**. Goiânia : Oriente, 1977.

BORGES, Rosana Maria Ribeiro Borges, LIMA, Angelita Pereira de. História da imprensa goiana: dos velhos tempos da Colônia à modernidade. Goiânia, **Revista UFG**, v.5 n.5, p.68-86, Dezembro 2008.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996. p.183-191.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BRASIL, Americano do. **Súmula de história de Goiás**. 3.ed. Goiania : Unigraf, 1982.

BRASIL, Antônio Americano do. **No convívio com as traças**. Goiás: Tipografia Alves Pinto, 1920.

BRITTO, Célia Coutinho Seixo de. **A mulher, A história e Goiás**.. Goiânia: Departamento de Educação e Cultura, 1974.

CÂMARA, Marcelo Barbosa. **Cultura Política**: Revista Mensal de Estudos Brasileiros (1941 a 1945): um voo panorâmico sobre o ideário político do Estado Novo. 2010. 206 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

CAMPOS, Maria das Dores "**Catalão**" estudo histórico e geográfico. Goiânia: Bandeirante, 1976

CAMPOS, Maria das Dores. **Gente nossa**. Goiânia: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado, 1985.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e historia do Brasil**. São Paulo: Contexto : : EDUSP,

1988.

CARVALHO, José Murilo de. História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura. Rio de Janeiro, **Topoi**: revista de história. v. 1, p.123-152, 2000.

CATROGA, Fernando. Memória e história. In: PESAVENTO, Sandra Jathay (Org). **Fronteiras do milênio**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001. p.43-70.

CERTEAU, Michel de. Operação historiográfica. In: _____. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p. 65-109.

CHAIM, Marivone Matos. **A Sociedade Colonial Goiana**. Goiânia: Editora Oriente, 1978.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa, Difel, 1990.

CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história**: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

CHAUL, N. F. Parte II. In: PALACIN, Luiz; CHAUL, Nasr N. Fayad; BARBOSA, Juarez Costa. **História política de Catalão**. Goiana: Ed. UFG, 1994.

CHAUL, Nars. **Caminhos de Goiás**: da construção da decadência aos limites da modernidade. 3. Ed. Goiânia: editora da UFG. 2010.

CHAUL, Nasr Nagib Fayad. Prefácio a 3 edição. In: SILVA, Colemar Natal e. **História de Goiás**. Goiânia: IGL: AGEPEL, 2002.

CODATO, Adriano Nervo. **Elites e instituições no Brasil**: uma análise contextual do Estado Novo. 440 f. Tese (Doutorado em Ciência Política). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2008.

COSTA, Cristiano Henriques. **Escritores jornalistas no Brasil**: 1904/2004.2004. 390 f. Tese (Doutorado em Jornalismo) – Escola de Comunicação, Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

COSTA, Maria Beatriz Ribeiro. **A Revolução de 30 e a Revista Oeste na consolidação de Goiânia**: do bandeirantismo utópico à concretização do discurso. 1994. 196 f. Dissertação (Mestrado em História) –Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1994.

COSTA, Odorico. Em homenagem a um amigo. In: _____.**História de Goiás**: síntese dos acontecimentos da política e da administração pública de Goiás, de 1592 até 1935. Goiânia: Ed. Autor, 1959.

CRISPIM SOBRINHO, Declieux. Defende-se a cultura até de arma na mão: a grande paixão do Professor Zoroastro. **Jornal Óio**, Goiânia, ano.1, v.7, p.1-2,1957.

CURADO, Sebastião Fleury. **Tres memórias históricas**. São Paulo: Typographia Siqueira, 1936.

DIEHL, Astor Antônio. **A cultura historiográfica brasileira: do IHGB aos anos 1930**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 1998.

ENDERS, Armelle. **Os vultos da nação: fábrica de heróis e formação dos brasileiros**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.

FÉLIX, Loiva Otero. **História e Memória: a problemática da pesquisa**. Passo Fundo: Ediupf, 1998.

FIGUEIREDO, Paulo de. **Aspectos ideológicos do Estado Novo**. Brasília: Senado Federal, 1984.

FRANÇA, Basileu Toledo. Entrevista. In: ASSOCIAÇÃO GOIANA DE IMPRENSA. **Imprensa goiana: depoimentos para sua história**. Goiânia: CERNE, 1980. p.133-138

FRANÇA, Basileu Toledo. **Poetisa Leodegária de Jesus : traços biográficos e edição crítica dos seus versos**. Goiânia: Kelps, 1996.

FREITAS, Lena Castello Branco Ferreira. **Poder e Paixão: a saga dos Caiado**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2009. 2.v.

FREITAS, Lena Castello Branco Ferreira; SILVA, Nancy Ribeiro de Araújo e. Sobre as fontes documentais para a história de Goiás. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás**, Goiânia, n.12, p.91-112, 1989.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. Sao Paulo : Global, 2006.

GELLNER, Ernest. O advento do nacionalismo e sua interpretação: os mitos da nação e da classe. In: **Um mapa da questão nacional**. Balakrishnan, Gopal. (Org.). Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. p.107-154

GODINHO, Javier. **A imprensa amordaçada: contribuição à história da censura no Brasil, 1964-1984**.Goiânia, Contato Comunicação, 2004.

GOIÁS. Secretaria da Indústria e Comércio. **Levantamento Histórico e Econômico dos Municípios Goianos**. 3ªed. Goiânia, 1973.

GOLDMANN, Lucien. **Dialética e cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GOMES, Ângela Maria de Castro. **História e Historiadores**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996.

GOMES, Horieste. Zoroastro Artiaga: pioneiro da geografia de Goiás. **Rev. Inst. Hist. e Geog. de Goiás**, Goiânia, v.14, nº1. P-84-88, 1994.

GOMES, Modesto. **Entrevista**. In: ASSOCIAÇÃO GOIANA DE IMPRENSA. **Imprensa goiana: depoimentos para sua história**. Goiânia: CERNE, 1980. p.283-288

GOMES, Modesto. **Estudos de História de Goiás**. Goiânia: Oriente, 1974.

GONTIJO, Rebeca. Manoel Bomfim: "pensador da história" na Primeira República. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, vol.23, n.45, p. 129-154, 2003.

GOULART, Tiago Martins. **As histórias marginais: os memorialistas e a produção de conhecimento histórico no interior do Rio Grande do Sul**. 2007. 230 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2007.

GOYANO, Augusto Jesus Mene; CATELAN, Álvaro. **Súmulas da literatura goiana Goiania** : Brasil Central, [1970].

GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. Primeiro Congresso de História Nacional: breve balanço da atividade historiográfica no alvorecer do século XX". **Tempo**, Rio de Janeiro, 2005, n. 18, p. 147-170.

GUIMARÃES, Manoel L. S. Origens do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro: ideias filosóficas e sociais e estruturas de poder no segundo reinado. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, p. 21-42, 1989.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HEYMANN, Luciana Quillet. "O dever de mémoire na França contemporânea: entre memória, história, legislação e direitos". In: GOMES, Ângela de Castro (coord.). **Direitos e cidadania: memória, política e cultura**. Rio de Janeiro: FGV, 2007. p. 15-43.

HOBBSAWM, Eric J. **Sobre a História**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

HRUBY, Hugo. O templo das sagradas escrituras: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a escrita da história do Brasil (1889-1912). **História da Historiografia**, Rio de Janeiro, n.2, p.50-56, mar., 2009.

JEANNENEY, Jean-Noel. A mídia. In: REMOND, Rene. **Por uma história política**. 2 Ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. 213-230.

JESUS, Leodegária de. **Coroa de lyrios: versos**. Campinas, SP: Livro Azul, 1906.

JESUS, Leodegaria de. **Orchideas poesias**. São Paulo: Admin. da Ave Maria, 1928.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

LE GOFF, J et al. (Orgs). **A nova história**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

LUÍS, Washington. **A capitania de São Paulo: governo de D. Rodrigo César**

Menezes. São Paulo: Casa Tipográfica Garreaou, 1918.

MACEDO, Joaquim Manuel de. **Anno Biographico Brasileiro**.v.2. Rio de Janeiro: Typographia e Lithographia do Imperial Instituto Artistico, 1876. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/01064420#page/1/mode/1up> Acesso em: 14 de nov. 2014.

MACHADO, Ironita Policarpo. **Cultura historiográfica regional e identidade: uma possibilidade de análise (1980-1995)**. 2001.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.

MARTINS, Mário Ribeiro. **Dicionário Bibliográfico de membros da Academia Goiana de Letras**. Goiânia. Kelps, 2007

MARTINS, Wilson. **História da inteligência brasileira**. São Paulo, Cultrix/USP, 1978.

MATTOS, Raymundo José da Cunha. Chorographia histórica da Provincia de Goyaz. **Revista trimestral do Instituto Historico e Geographico Brasileiro**, Rio de Janeiro, t.38, 1875. Disponível em: <http://www.ihgb.org.br/rihgb.php>. Acesso em: 15 jan. 2015.

MATTOS, Raymundo Jose da Cunha. **Chorographia histórica da provinvia de Goyaz**. Goiânia: Líder, 1979.

MELO, Waldemar Gomes de. **Goiás: imprensa que vivi e política**. Goiânia: Rio Branco, 1985.

MICELI, Sergio. **Intelectuais a brasileira**. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

MONTEIRO, Ofélia Sócrates do Nascimento. **Goiaz: coração do Brasil**. Brasília: Gráfica do Senado Federal, 1934.

MOOG, Vianna. **Bandeirantes e pioneiros: paralelo entre duas culturas**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1955.

MOREIRA, Sergio Paulo. História de Goiás em pauta. In: MOTA, Ático Vilas Boas da; GOMES, Modesto. (Orgs). **Aspectos da cultura goiana: antologia de artigo**. Goiânia: Gráfica Oriente, 1971. V.2

MOTA, Atico Vilas-Boas da. **Estrela editorial dos irmãos Taylor e José Oriente**. Goiânia, GO : Kelps, 2002.

NEPOMUCENO, M. de A. A Informação Goyana: seus intelectuais, a história e a política em Goiás. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2, 2002, Natal. *Anais...* Natal : Núcleo de Arte e Cultura da UFRN, 2002. p. 218-219.

OLIVEIRA, Luci Lippi. Bandeirantes e pioneiros: as fronteiras no Brasil e nos Estados Unidos. **Novos Estudos**, São Paulo, n.37, p.214-224, 1993.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. 1982. “As raízes da ordem: os intelectuais, a cultura e o Estado”. In: **A Revolução de 30**. Seminário Internacional. Coleção Temas Brasileiros, volume 54. Brasília: Editora da UNB.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta & GOMES, Ângela Maria de Castro (Orgs.). **Estado Novo: Ideologia e Poder**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

OLIVEIRA, Maria da Glória de. Brasileiros ilustres no tribunal da posteridade biografia, memória e experiência da história no Brasil oitocentista. **Varia História**, Belo Horizonte, vol. 26, nº 43: p.283-298, jan/jun 2010.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. Vão surgindo sentidos. In: _____(Org). **Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional**. Campinas: Pontes, 1993. p.11-26.

PALACÍN, Luiz. **Fundação de Goiânia e desenvolvimento de Goiás**. Goiânia: Ed. Oriente, 1976.

PALACÍN, Luiz. **Goiás 1722/1822: Estrutura e Conjuntura Numa capitania de Minas**. Goiânia: Oriente, 1972.

PALACÍN, Luiz. **Quatro Tempos de Ideologia em Goiás**. Goiânia: Cerne, 1986.

PAULA, Gabriel. **Bernardo Élis: de Corumbá de Goiás ao mar**. 2014. f. 130. Dissertação (Mestrado - História)- Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História, Goiânia, 2014.

PÉCAUT, Daniel. **Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação**. São Paulo: Editora Ática, 1990.

PEREIRA, Roberto Mendes Ramos. Os desafios da história (política) do tempo presente. **Opis**, Catalão, v.7, n. 9, p.151-165, jul./dez. 2007.

PIERUCCI, Antônio Flávio de Oliveira. Fundamentalismo e Integrismo: o nome e as coisas. **Revista da USP**, São Paulo, N. 13, 144-156, 1999.

PINA FILHO, Braz W. Pompêo de. **Goiás: história da imprensa**. Goiânia: Departamento Estadual de Cultura, 1971.

PINTO, Rubia-Mar Nunes. Entre o silêncio e o esquecimento: a questão das fontes e dos métodos na história da educação em Goiás. **Roteiro**, Joaçaba, p. 127-152, 2013.

PINTO, Rubia-Mar Nunes. **Goiânia, no coração do Brasil (1937-1945): a cidade e a escola reinventando a nação**. 2009. 364 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história**. Belo Horizonte : Autêntica, 2008.

RAMOS, Cornélio. **Catalão de ontem e de hoje: curiosos fragmentos de nossa história**. Catalão: Distribuidora Kalil, 1984.

RAMOS, Victor de Carvalho. **Letras goianas: esboço histórico**. Goiânia: Instituto Goiano do Livro, 1968.

RAMOS, Victor de Carvalho. **O descobrimento de Goiaz e o seu bi-centenário: notícia histórica**. Uberaba: Offs Jardim, 1925.

REIS, Vasco dos. **Pelo Estado Novo**. Rio de Janeiro: Emiel Editora, 1943?.

REVEL, Jacques. O fardo da memória. In: ___**História e Historiografia: exercícios Críticos**. Curitiba: Edufpr, 2011.

REZENDE, Iris. **64 anos do jornal o popular: testemunha ocular da história**. Brasília: Senado Federal, Secretaria Especial de Editoração e Publicações, 2002.

RODRIGUES, José Honório. **A Pesquisa histórica no Brasil**. 4ª. Ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1982.

ROSA, Joaquim. A imprensa goiana: jornais e jornalistas de Goiás. Goiânia, **Caderno de pesquisa do ICHL/UFG**, n.4, 1992.

ROSA, Joaquim. **De Totó Caiado a Pedro Ludovico**. Goiânia: Oriente, 1980.

ROSA, Joaquim. **Por esse Goiás afora** Goiânia: Cultura Goiana, 1974.

ROSSI, Paolo. **Naufrágios sem espectador: a idéia de progresso**. São Paulo: Unesp, 2000.

RÜSEN, Jorn. **Razão Histórica**. Brasília: UnB, 2001.

SABINO JUNIOR, Oscar. Entrevista. In: ASSOCIAÇÃO GOIANA DE IMPRENSA. **Imprensa goiana: depoimentos para sua história**. Goiânia: CERNE, 1980. p.291-300

SABINO, Oscar. Aspectos da imprensa de Goiás. In: CONGRESSO NACIONAL DE JORNALISTAS, 7., 1957, Rio de Janeiro. **Anais....** - Rio de Janeiro : [s.n.], 1957. v.2. p.412-433

SANDES, Freire. **O tempo revolucionário e outros tempos: o jornalista Costa Rego e a representação do passado (1930-1937)**. Goiânia: Ed. UFG/CEGRAF, 2012.

SANDES, Noé Freire. A invenção de Goiás. In: AIRES, Aidenor; BRITO, Elizabeth Caldeira; FREITAS, Lena Castelo Branco Ferreira (Org.). **Formação de Goiás contemporâneo: identidade histórico0-geográfica e política-cultural**. Goiânia: Kelps, 2012. p.53-68

SANDES, Noé Freire. Marcos de fundação: identidade regional e historiografia. **Educação & Mudança**, Anápolis, v. 11/12, p. 23-40, 2003.

SANDES, Noé Freire. Memória e história da primeira República. In: MUNIZ, Diva do Couto Gontijo e SENA, Ernesto Cerveira de (orgs.). **Nação, civilização e história: leituras sertanejas**. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2011.

SANDES, Noé Freire. Memória e história de Goiás. In: _____. (Org). **Memória e Região**. Brasília: Universidade Federal de Goiás, 2002. p.17-36.

SANDES, Noé Freire. Memória nação e região: a identidade. In: CHAUL, Nasr Fayad; RIBEIRO, Paulo Rodrigues. (Org). **Goiás: identidade: paisagem e tradição**. Goiânia: Editora da UCG, 2001. p.17-23.

SCHWAB, Mariana de Castro. **Os intelectuais no Estado Novo (1937-1945)** : a trajetória de Paulo Figueiredo e as Revistas Cultura Política e Oeste. 119 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História, 2010.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Imaginar é difícil: porém, necessário. In: ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p.9-19.

SHUMWAY, Nicolas **A invenção da Argentina** história de uma ideia Sao Paulo; Brasília: Ed. UnB, 2008.

SILVA, Ana Paula Ribeiro. Escrita da história, unidade e integração nacional nas primeiras décadas republicanas (1889-1931). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013, Natal. Anais... Natal: Anpuh, 2013. p.1-15. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364582720_ARQUIVO_TrabcompletoAnpuh2013.pdf Acesso em: 15 jan. 2015.

SILVA, Colemar Natal e. **História de Goiás**. Goiânia: IGL: AGEPEL, 2002.

SILVA, Cônego José Trindade da Fonseca e. **Lugares e pessoas: subsídios eclesiásticos para a história de Goiás**. 2. ed. Goiânia: Editora da UCG, 2006.

SILVA, Dinair Andrade. **Um intelectual e a história: Antônio Americano do Brasil**. Brasília: 1982.

SILVA, Henrique. Bandeira do Ananguera. A bandeira do Ananguera a Goyaz em 1723. **Informação Goyana**, Rio de Janeiro, vol, 2, n.8, ano 2, p.42, 1918.

SILVA, Henrique. **Memória justificativa dos limites de Goiás com os Estados de Mato Grosso, Minas Gerais, Pará e Baía**. Rio de Janeiro: Tipografia Leuzinger, 1920.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2009.

SILVA, Rogério Chaves da. **O jesuíta e o historiador: a produção historiográfica de Luis Palacín sob o prisma da Matriz Disciplinar de Jörn Rüsen**. 2006. 197 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História, 2006.

SIMMEL, Georg. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

SIQUEIRA, Joaquim Bonifácio de. **A descoberta de Goyaz**. Goyaz: Typ. Do Jornal de Goyaz, 1921.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Ed. FGV, 2003.

SMITH, Anthony D. **A identidade nacional**. Lisboa: Gradiva, 1997.

SMITH, Anthony D. **Myths and memories of the nation**. New York : Oxford University Press, 1999.

SODRÉ, Néelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4.ed. Rio de Janeiro : Mauad, 1999.

SOUSA, Francisco Gouvea de. **Proclamação e revolta: recepções da República pelos sócios do IHGB e a vida da cidade, 1880-1900**. 2012. f. 233. Tese (Doutorado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SOUSA, João Gonçalves de. (Org) **Goiás: uma nova fronteira humana**. Rio de Janeiro: Conselho de Imigração e Colonização, 1949.

SOUZA, Luiz Antonio da Silva e. **O descobrimento da capitania de Goiaz**. Goiania : UFG, 1967.

TAUNAY, Afonso de E. **Os primeiros anos de Goiás: 1722-1748**. São Paulo: Imprensa Oficial, 1950.

TAVARES, Giovana Galvão. **Zoroastro Artiaga: o divulgador do sertão goiano (1930-1970)**. 2010. f. 205. Tese (Doutorado em Geociências)- Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, 2010.

TAVARES, Giovanna Galvão. **A trajetória de uma "Casa de Saber" : o Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (1930-1970)**. 200. 165 f. Dissertação (Mestrado em Geociências) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, 2000.

TEIXEIRA, Amália Hermano. **História de Goiás**. Goiânia: Kelps, 2011

TEIXEIRA, Pedro Ludovico. **Memórias**. Goiânia: Oriente, 1973

TELES, Gilberto Mendonça. Entrevista. In: ASSOCIAÇÃO GOIANA DE IMPRENSA. **Imprensa goiana: depoimentos para sua história**. Goiânia: CERNE, 1980. p.199-204

TELES, Jose Mendonça. **A imprensa Matutina: ensaio**. Goiânia: CERNE, 1989.

TELES, Jose Mendonça. **Dicionário do Escritor Goiano**. 3.ed.Goiânia: Kelps, 2006.

TELES, José Mendonça. **Vida e obra de Silva e Souza**. Goiânia : Oriente, 1978.

VARNHAGEN, F.A. de. **História Geral do Brasil**. 5 Tomos. 7. Ed. São Paulo: Melhoramentos, 1962.

VAZ, Coelho. **Vultos catalanos**. 2.ed. Goiás : [s.n.], 1984.

VAZ, Daniela Rezende; RAMALHO, Rosimeire. O lendário jornal Cinco de Março. In: **Anais** do evento Comunicação, Democracia e Novas Tecnologias: 200 anos de imprensa no Brasil, 40 anos do curso de Jornalismo Facomb/UFG, Semana Magnífica Múndi. Goiânia: Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia: Universidade Federal de Goiás, 12-16 jun. 2008

VEYNE, Paul. Tudo é histórico, portanto a história não existe. In: SILVA, Maria Beatriz Nizza da. **Teoria da história**. São Paulo: Editora Cultrix, 1976.p.45-55.